
Entrelaçados
ANNE HOLT MULLER

PERIGOSAS

Entrelaçados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Verflucht, vol. 6

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Entrelaçados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ANNE HOLT MULLER

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Título original: *Intertwined*

Copyright© 2017 por Anne Holt Muller

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Tradução e notas de rodapé por Anne Holt Muller.

Imagem na capa: Natalia Drepina, todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados. A duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quais quer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia ou outros), sem a autorização por escrito do autor é proibida e constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.360/98).

Dados Internacionais para Catalogação na publicação (CIP):

M958 Muller, Anne Holt, 1999 —
ENTRELAÇADOS/Anne Holt Muller — Rio de Janeiro: Amazon; 2017

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

345p. — (Verflucht, v. 6); 14x21 cm
Tradução de: Intertwined

1. Romance. II. Fantasia. III. Ficção. IV. Título. V. Série

CDD: B869
CDU: 821.134.3(81)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

“Aquilo que se faz amor está sempre acima do bem e do mal”. Friedrich

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Nietzche.

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

Parte 1 — Eu serei livre e eu ficarei bem

Por entre a tempestade eu não consegui
te alcançar
Nós temos uma história juntos
Eu enviei um homem à guerra e ele
retornou
Ele disse ter visto o meu inimigo
Disse que ele se parecia exatamente

como eu
Pequeno fantasma, você está ouvindo?
Você vê a verdade
Minha jovem alma é vendida ao seu velho coração
Apenas me rasgue, me deixe mal
De manhã ainda estarei com você, mas será de um jeito diferente

Parte 1

Eu serei livre e eu ficarei bem[1]

Por entre a tempestade eu não consegui te alcançar[2]

FOI COM DIFICULDADE QUE CONSEGUI ME LEVANTAR, ainda muito chocada e abalada com o que acontecera no mundo prisão. Cedrico me ajudou a levantar quando viu que eu estava machucada; deveria estar curada, mas não estava. Sentei-me no sofá em pânico, com lágrimas de pânico nos olhos enquanto Cassandra avaliava meu tornozelo com um olhar preciso e atento.

— Juliette, o que aconteceu? Você o encontrou? — ela perguntou aflita e ignorei a dor intensa e

crescente no meu pé para secar o rosto, tentar me recompor para conseguir falar.

— Sim, ele estava lá, mas…

— O que aconteceu com você? — um suspiro escapou por entre os lábios de Cassandra quando ela se sentou ao meu lado — Pelo amor de Deus, o que aconteceu? Meu irmão está bem?

— Ele não está, Cass — balancei a cabeça e empertiguei os ombros — Ele não estava sozinho, também.

— O quê? — ela fungou e respirou fundo — Isso não é possível…

— Mas estava — retorci o rosto e movi o pé com cuidado conforme ele começava um lento e doloroso processo de cura — Com Jeremy. Ele tentou me matar e Rafael não provavelmente não está nem um pouco melhor.

— Jeremy? Não… — ela balançou a cabeça e inclinou-se para trás quando olhei para Lauren, que estava do outro lado da sala.

— Onde o colar esteve por todo esse tempo? — eu não tinha certeza se fora com ela, mas também não podia falar se não.

— Com Joseph — usei as mãos apoiadas no sofá para me ajeitar, encolhendo meus ombros enquanto

procurava por uma conexão na minha mente. Mas aquilo não fazia sentido, não depois de tudo o que acontecera depois de Malcolm, depois de *nós dois*. Eu não podia acreditar que *ele* trancara Jeremy lá. Tinha que ter uma explicação razoável que não envolvesse. Lauren tinha os braços em volta de si quando se aproximou com um passo hesitante — Olha, eu não sei por quê ele queria o colar, mas depois de usá-lo para trazer seu avô e Izabel de volta, ele me pediu para ficar um pouco mais com ele — ela ergueu os ombros, exasperada, mas tão surpresa quanto todos nós — Eu não sabia porquê ele o queria e, sinceramente, não dei muita importância.

— Isso não pode estar acontecendo — cobri a boca com a mão direita, em choque. Eu queria que Joseph estivesse diante de mim naquele momento para que pudesse me dar explicações, pois o que começava a se formar na minha mente me assustava e, junto ao que estava acontecendo de verdade, voltei a ouvir aqueles mesmos sussurros a minha volta.

Vozes indistintas, uma magia poderosa a minha volta.

— Talvez ele quisesse vingança — escutei a voz

de Renée se distanciar, sua imagem se tornar borrada e trêmula enquanto eu tremia e enfiava o rosto entre os joelhos, apertando os olhos para tentar bloquear coisas que estavam na minha mente, em meu coração, me perturbando e tirando de mim toda a paz e sanidade — Depois de descobrirmos sobre Freya e a verdade sobre a morte de Amelia, ninguém nunca *falou* sobre isso, como se nunca tivesse acontecido.

— *Você não pode me alcançar, estou longe demais agora* — inconscientemente, em minha agonia, agarrei a pedra em meu pescoço. Não era o colar que Rafael me dera naquela cerimônia, e sim, o presente de Joseph. Apertei-o com força com os antebraços sobre os joelhos e o rosto baixo, a voz se fazendo distinta e alta na minha cabeça — *Não finja como se não pudesse me ouvir.* Você *fez isso comigo quando tudo o que eu fiz foi amar. A você e a Harriet* — e era a voz de Joseph. Alta e clara na minha cabeça como se fosse ele quem falasse, substituindo a voz de Renée, que desaparecera por completo enquanto ela falava com Cedrico e Lauren — *Isso é tudo* sua *culpa, Juliette. Você fez tudo isso*.

— Saia da minha cabeça! — levantei-me

sobressaltada e arranquei o cordão do meu pescoço, lançando-o do outro lado da sala. Ele passou por Lauren, que deu um passo para o lado com o olhar arregalado quando fiz meu caminho para fora daquele lugar antes que alguém pudesse me dirigir a palavra.

— Markos! Markos, você está aqui? — ao menos ali, não tinham vozes ou sussurros na minha cabeça, mas meu tornozelo ainda doía como o inferno e, como se não fosse o suficiente, estava chovendo do lado de fora. Chovera por todo o caminho até ali, onde não precisei me esgueirar, pois a porta estava aberta quando cheguei, com os braços cruzados no peito e o corpo trêmulo.

Onde quer que Markos estivesse, não seria capaz de me ouvir na altura que minha voz estabelecera e estava escuro o suficiente enquanto eu arrastava meus pés doloridos.

— Juliette, o que aconteceu com você? — eu tremia tanto que mal era capaz de sentir minha pele ou qualquer parte minha. Mas vi Alaric surgir em meio a escuridão na qual sua academia estava mergulhada e ele me agarrou pela cintura em um movimento rápido quando meus joelhos se

dobraram — Você está bem? — Alaric me ajudou a ficar de pé e tirou do meu rosto o cabelo que grudava nele.

— Eu não sei — em um ágil movimento, antes que eu pudesse protestar, Alaric me agarrou antes que eu caísse.

— Não se preocupe, eu te peguei — pisquei, sentindo-me tão fragilizada quanto humana enquanto Ric me levava para dentro.

Tudo estava girando quando despertei, envolta em lençóis de cetim em uma enorme cama de pé baixo, em um quarto de estilo antigo, com tijolos e tudo, e a iluminação constituída somente pela lareira acesa do meu lado direito. A única coisa quente naquele quarto, que procurei descobrir onde era.

Não que eu não soubesse o que acontecera, mas como eu tinha chegado ali? Aquela parte era um borrão na minha cabeça enquanto eu me levantava, levando a mão à têmpora. Uma dor de cabeça abominável tomava conta de mim e só quando coloquei o pé esquerdo no chão, me dei conta de que a) eu não tinha me curado, mesmo depois de tanto tempo e b) eu estava seminua sob os lençóis.

— *Scheisse*... — murmurei e apertei segurei o

lençol na altura do peito com a mão esquerda, esquadrinhando o local em busca das minhas roupas, mas havia apenas uma mesa de bebidas, um aparador com livros antigos, um *closet*, banheiro e, do lado esquerdo da cama, um sofá de couro preto; do lado direito, ao lado do criado-mudo, outra poltrona e de frente para ela, a lareira crepitante.

Onde diabos eu me metera, não fazia a menor ideia. Só sabia que precisava colocar a cabeça no lugar, e bem rápido, para dar logo o fora dali.

— Você ainda está aqui — pulei para o lado quando vi Alaric entrar através da porta aberta e arregalei os olhos, perturbada e confusa. Claro, fazia todo o sentido.

Eu tinha ido falar com Markos e ele estava lá, naquele momento, entrando no quarto de modo casual, com roupas confortáveis, descalço e com os cabelos molhados, os fios jogados casualmente para trás como se a temperatura naquele lugar não fosse negativa. Abri a boca para enchê-lo de perguntas, como, por que eu estava sem roupas, não fechei-a, inclinando o rosto.

As vozes perturbadoras tinham sumido depois que eu saíra da mansão e não voltaram, me fazendo presumir que o problema não fosse exatamente

comigo, e sim, com aquele lugar amaldiçoado: — Você está bem?

— Não — respondi com sincera objetividade, apertando o lençol no peito conforme ele se aproximava com o passo leve, tendo seu rosto tomado de uma estranha preocupação. Relaxei meus olhos e engoli seco quando Alaric parou diante de mim; expirei devagar e ergui o queixo com cuidado — Rafael morreu — só de falar aquilo, de verbalizar aquele fato, parecia que eu o tornava definitivo e doloroso, fazendo meu coração afundar no peito lágrimas embaçarem a minha visão.

— Eu sinto muito — seus ombros caíram e anuí, afastando meus olhos dos meus por um segundo e guiando-o ao chão.

— Mas… — engoli em seco e recompus-me e inflei o peito — Ele não está *mesmo* morto, então… Eu preciso encontrar um modo de salvá-lo antes que ele morra de verdade, por isso vim procurar Markos, mas… — inclinei ligeiramente o rosto — Ao invés disso, estou sem roupas.

— Primeiro, você não pode ajudar ninguém nesse estado —Alaric se sentou na poltrona e me olhou com mais leveza depois de eu falar que Rafael

estava morto, mas *não* estava — E segundo, eu não ia te colocar na minha cama com aquelas roupas molhadas.

— *Sua cama?* — olhei em volta com o olhar arregalado e voltei a olhar Ric, que tinha um sorriso presunçoso antes de, por fim, se inclinar ligeiramente mais sério.

— No que você precisa do meu irmão? — Alaric entrelaçou os dedos e apertei o lençol entre meus dedos com ainda mais força, nunca tendo desejado roupas com tanto desespero.

— Eu… — na verdade, eu não tinha pensado muito naquilo. Eu só tinha fugido e ido até meu único amigo. Eu poderia precisar de ajuda, mas nenhuma que ele, muito menos Alaric, pudessem me prover — Eu só queria falar com ele — balancei a cabeça com perturbação — Onde estão as minhas roupas?

— Eu as coloquei para secar — mordi o lábio e assenti.

— *Onde?*

Enfiei-me na calça seca e com cheiro de amaciante para saí do quarto para encontrar Alaric no corredor, ainda um bocado envergonhada com tudo

o que tinha acontecido ali, mas determinada a voltar para a mansão e continuar minha procura, mesmo sem saber por onde continuar. Ou por onde começar.

Mordi o lábio e segui-o pelo longo, mal iluminado e estreito corredor; lâmpadas amarelas nas paredes, a cada metro e acima da minha cabeça, era a única fonte de iluminação ali. No fim do corredor, dobrado à direita e saímos na enorme sala, que tinha a lareira apagada e atmosfera assustadora diante daquele frio e do escuro parcial. Passei os braços a minha volta e, sem dizer uma palavra, continuei seguindo Alaric, que se aproximou da mesa de bebidas e serviu-se de um gole de uísque, virando-o de uma vez e se virando para me oferecer uma, que aceitei ao parar ao seu lado.

— Eu tenho uma pergunta — meus braços estavam gelados quando estiquei a mão, apenas o suficiente para pegar o copo, e ele se concentrou em mim — Você acha que o seu irmão pode conhecer uma bala esquisita…

Alaric tomou um gole da sua segunda dose de uísque sem tirar os olhos dos meus, permitindo que eu notasse um anel em seu anelar: de prata e com a

marca em revelo de um dragão.

— Esquisita, como?

— Eu não sei bem, só que é algum feitiço — procurei lembrar enquanto tomava um gole mínimo do uísque, que tinha o gosto forte demais, despertando-me e queimando-me por dentro — É verde… — ergui os dedos e tentei gesticular, olhando para o copo enquanto buscava as memórias na minha cabeça de quando a Cedrico; inclinei a cabeça — Meio brilhante, florescente.

— Markos não conhece — Alaric matou seu uísque de uma vez e colocou o copo sobre a mesa, erguendo o queixo bem sério — Mas eu, sim — abri a boca para falar, irracionalmente, permitindo-me ter um pouquinho de esperança por um momento antes de começar a pensar e enxergar os empecilhos que eu tinha diante de mim.

— Você *conhece*? — quase tremendo, virei todo o conteúdo do meu copo e fixei meus olhos nele — Então você também… Conhece uma cura, por acaso? — perguntei com cuidado, temendo a pergunta com um arrepio percorrendo o meu corpo. Temia sua resposta, mas a expectativa também me dava esperanças. Como diabos eu não tivera a ideia de ir falar com Markos antes?

— Quero que venha a um lugar comigo — ele se afastou e dei um pulinho para ir atrás dele, largando o copo sobre a mesa.

— Ric, espera! — ele seguiu por aquele corredor até o fim dele, que dava em uma bifurcação. À direita, eu podia ver a cozinha, enorme e escura, com os eletrodomésticos de inox e um toque elegante, porém masculino e frio. À esquerda, contudo, o corredor se alargava e conduzia a mais portas e foi onde Ric parou, esperando que eu o seguisse — Que lugar é esse? Para onde quer que eu vá com você?

— Não se preocupe — ele abaixou os olhos para que ficassem na altura dos meus, mesmo que estivéssemos a dois metros um do outro — Eu vou te dar as respostas que você quer — ele gesticulou que eu seguisse por aquele corredor e pigarreei. Tive que respirar fundo antes de passar por ele e seguir pelo longo e largo corredor, com várias portas num caminho que não parecia ter fim, até que chegamos à distinta porta. De madeira pesada e escura, diferente da simplicidade do resto.

Parei e esperei por Alaric, fitando os entalhes elegantes da porta, guiando meus olhos à aldrava que ficava acima da altura a que meus olhos

alcançavam. Cruzei os dedos e esperei que ele estendesse o braço e abrisse a porta para entrar, seguida por ele, que acendeu a luz e fechou a porta.

Diante de mim, estava um enorme cômodo. Enorme *mesmo*, do tamanho da minha casa, em Langley, com o teto tão alto que tive que erguer o queixo para olhar para ele e passar os braços em torno do meu corpo para olhar para todos os lados, para todas as prateleiras que cobriam as paredes, do chão ao teto, com milhares de livro de todos os tamanhos e cores. A porta por onde entráramos ficava à esquerda, e no fundo da sala, que era recoberta por um tapete aparentemente antigo e caro, tinha uma mesa de madeira pesada, ampla e com papeis e livros largados sobre ela, assim como uma luminária, um computador e um notebook fechado.

Como o resto, não havia janelas, apenas uma lareira no extremo oposto, de frente para a mesa. Complementando a decoração, dois enormes sofás ficavam um de frente para o outro no meio da sala, separados por uma mesa de centro com tampo de vidro temperado. Alaric passou por mim, que fiquei parada, observando ainda as duas poltronas escuras e de espaldar alto, uma de frente para a outra, nas

laterais da lareira que desejei que estivesse acesa, pois meus ombros tremiam enquanto eu, inutilmente esfregando meus braços.

— Alaric…

— Sente-se — gesticulou enquanto se sentava no sofá para que eu fizesse o mesmo, o que fiz, desesperada para sair dali o mais rápido possível; ansiava desesperadamente por alguma fonte de calor inexistente quando tomei o lugar ao lado de Ric, toda encolhida e tremendo. Ele, por outro lado, limitou-se a me lançar um olhar de curiosidade — Não sabia que vampiros sentiam frio.

— Eu sinto e está muito frio aqui, então, se você…

— Está bem, eu vou direto ao ponto — ele se ajeitou, desconfortável — A verdade é… Leonard e eu temos uma *história*, por assim dizer, ele já usou esses mesmo artifícios contra a minha família.

— A bala? Ele *matou* alguém da sua família? — murmurei, sem fôlego e encolhendo-me cada vez mais.

— Não, Markos está bem vivo — passei de frio para surpresa. Então, sim, ele sabia como curar aquilo; era o que aquela conversa significava, certo? Mesmo mal sentindo minha pele, que sentia

que estava anestesiada, permiti-me suspirar todo o ar preso em meu e ter esperança ao imaginar que eu teria um modo para trazer Rafael de volta, mas sem deixar de me preocupar em como ele estaria, preso naquele inferno com o diabo.

Era praticamente como se estivesse preso com uma cópia de Friedrich: — Então você conhece uma cura. O que é?

— Esse é o problema, Juliette — Alaric me olhou com mais intensidade, tenso e perturbado, e parei com o vai e vem das minhas mãos em meus braços, sentindo minhas tolas esperanças escorregando pelos meus dedos enquanto eu tentava agarrar. Mas parecia água — Eu *sei* a cura, em algum lugar, eu conheço essa cura. Usei-a para salvar o meu irmão, mas isso foi há quase quatrocentos anos… — ele suspirou e abri a boca, sem entender. Se ele sabia, por que o tempo seria o problema?

— Então, o quê? Qual o problema? — minha voz soou desesperada.

— Quatrocentos anos entre o mundo em que eu precisei usá-la e agora — frustrado, mas não tanto quanto eu, Alaric deixou o braço direito cair — Eu me esqueci.

— Você, o quê? — estava simplesmente

abismada, sem conseguir falar nada mais coerente. Como? Alguém no universo só podia nos odiar, só pode. Como a provável única pessoa no mundo disposta a ajudar tinha simplesmente *esquecido* da formula mágica da cura? abri a boca para falar duas vezes, mas nada saiu.

— Mas tem um jeito… — falou com cuidado. Eu tinha certeza de que o que estaria por vir não seria nada agradável para nenhum de nós, mas estava muito mais do que disposta a escutar e fazer, fosse o que fosse — Três, na verdade — ele se endireitou, olhando-me cuidadosamente nos olhos para se certificar que eu entenderia tudo antes de, precipitadamente, concordar.

— Eu estou escutando, Ric — falei apressada quando ele demorou mais de cinco segundos para continuar.

— A primeira, e obviamente a mais perigosa, encontrar Leonard e obrigá-lo a nos contar, o que pode ser potencialmente perigoso… A segunda, aqui. Em algum lugar desta biblioteca foi onde eu anotei o que era necessário, o que nos leva à última possibilidade… Na minha cabeça, eu sei.

— Eu não… — inclinei o rosto, gaguejando ao falar — Não sei se entendi o que você quis dizer…

— Quero que vasculhe a minha mente e encontre o que é preciso para curar o feitiço — abri a boca diversas vezes, sustentando o olhar pesado de Ric sem ter certeza.

Não sabia nem se tinha entendido. Ele queria mesmo que eu *invadisse* a cabeça dele?

Nós temos uma história juntos[3]

JOSEPH

TOSSI, SENTINDO MEUS OLHOS ARDEREM EM CHOQUE contra a luz branca e forte bem no meu rosto quando tomei certa consciência e apertei os olhos, fechando-o e abrindo-o várias vezes para me acostumar e olhar em volta, porém, de maneira limitada. Apenas pude virar a cabeça de um lado a outro algumas vezes, letárgico, vendo tudo branco a minha volta por conta da luz, como a de uma luminária cirúrgica, com todos aqueles LEDs fortes em meu rosto.

Era um enorme espaço, com teto alto, parecia-se com um galpão, e pude ver que estava deitado em

uma maca, usando roupas brancas e leves de algodão e tinha os pulsos presos por fivelas, bem firmes nas laterais da maca, assim como meus pés; ou foi o que concluí quando os movi. Não sabia há quanto tempo estava naquele lugar, ou por quanto tempo teria estado sem consciência; sabia apenas que tinha que sair dali o quanto antes, pois, pelo que eu sabia, poderia ter sido duas horas, ou dois dias.

Ou dois anos.

Com mais alguns movimentos desordenados, percebi, então, que havia agulhas em meus braços. Uma de cada lado e deixei a cabeça cair na maca, calculando um possível escape enquanto uma delas drenava o meu sangue e a outra injetava em mim um soro que estava em um suporte a minha direita, ao lado da luz cegante que ofuscava boa parte da minha visão. Tive que fechar os olhos firmemente ao me sentir tonto, sem forças o suficiente para me mover, começando a pensar que a ideia de escapar dali era uma ilusão distante.

— Já estava começando a achar que você não ia mais acordar — abri os olhos, vendo uma silhueta caminhar em minha direção, mas com a visão embaçada demais para ver quem era. Mas, em

algum lugar da minha mente, eu conhecia aquela voz, aquela risada de escárnio e pessoas que fariam algo como me prender em uma maca e drenar meu sangue. Eu sabia que conhecia, mas estava dopado demais para conseguir me lembrar quem era o inimigo.

Tudo era um borrão sem contornos sólidos quando tentei erguer a cabeça, com uma imensa dor atrás do pescoço me forçando a permanecer na horizontal.

— Ei, não se preocupe, amigo — o homem sorriu suavemente e deu um tapinha amigável em meu rosto quando deixei que minha cabeça recaísse novamente sobre a maca — Apenas relaxe…

— Seu desgraçado… — praguejei sem forças, agitando meus braços de modo lerdo, como eu conseguia fazê-lo, assim como tentava focar no homem diante de mim — Bastardo desgraçado, o que você…

— Calma, calma — ele puxou um banquinho, arrastando-o para se sentar diante de mim, apagando a luminária. Ao fazê-lo, o alívio foi imenso e fechei os olhos por um longuíssimo segundo, permitindo que todo o ar que pressionava meu peito saísse em um longo e exausto suspiro —

Você dormiu por um bom tempo, mas tive que acordá-lo — a imagem estava melhor, mas ainda se movimentava da esquerda para a direita como se eu tivesse girado sem parar por dias; junto das imagens embaçadas, sentia-me ligeiramente enjoado, tonto, fraco — Talvez o medicamento que eu usei para lhe acordar te deixe assim por algumas horas — o homem se inclinou ligeiramente para me olhar, inspecionando meu rosto com cuidado como se eu fosse um doente mental e ele, um psiquiatra, com a mão no queixo em busca de um bom prognostico.

Com a proximidade, vi apenas que tinha cabelos escuros e seus traços pareciam europeus, além das suas roupas de algodão claro, quase branco. Apertei os olhos com mais força e por mais tempo, permitindo-me capturar seus traços. Fitar cuidadosamente seus cabelos castanhos e escuros, seus lábios de traços elegantes e finos, como que primorosamente desenhados, sua barba por fazer e os sinais em seu rosto quando ele retorceu-o em um tímido sorriso.

Ao fazê-lo novamente, fechar os olhos e conseguir adaptar meus olhos e luminosidade fraca a qual o homem estava exposto, lembrei-me,

capturei seus olhos. Azuis, profundos como o oceano e tão escuro e abissal quanto ele; estes, ao contrário do seu rosto levemente sarcástico, eram sempre muito sérios, calculistas e contidos, de modo que não precisei de muito tempo após fitá-los para determinar a quem pertenciam.

Balancei a cabeça em movimentos lerdos e abri a boca para falar qualquer coisa, porém, o homem estendeu a mão e mantive-me em silêncio por um longo momento, acalmando o choque que tomou conta do meu corpo e dos meus pensamentos, minando qualquer possível pensamento de fuga impossível.

— Também é bom te ver, velho amigo — franzi minimamente as sobrancelhas.

O que estava acontecendo ali era um absurdo, um claro sintoma de que nada ia bem ali e de que nada estaria indo no lado externo, fosse onde fosse aquele lugar.

— Seu desgraçado… Se você machucá-la, ou a minha filha, eu vou te matar — a cada vez em que eu falava, minhas mãos se moviam, fazendo com que as fivelas machucassem meus pulsos e as agulhas, à minha pele.

— Shh… — em clara harmonia, ele fechou os

olhos com calma, completamente pacífico — Estamos entre amigos aqui, Joseph — em seguida, riu e cruzou os braços enquanto olhava para mim por inteiro, em minha posição fragilizada — Mas não podemos esquecer que você fez uma coisa ruim a mim — ele pontuou com cuidado, erguendo o indicador enquanto eu estreitava os olhos para fuzilá-lo — E quanto a sua *linda* mulher, ainda não tenho certeza do que fazer com ela, mas eu não me preocuparia se fosse você — ele balançou a cabeça com um meio sorriso — *Tsc, tsc, tsc. Se* eu fosse você, estaria preocupado com seus *outros* filhos.

— Meus filhos estão muito longe daqui — falei com toda a propriedade do mundo, com toda a certeza de que nenhum deles seria idiota o suficiente para voltar àquela vida. Para sair do conforto da vida comum deles, completamente separados e praticamente sem contato uns com os outros, para arriscarem suas vidas. Por isso, ao ver aquele antigo conhecido, minha única preocupação fora Juliette e Harriet.

— Certeza? — Leo ergueu as sobrancelhas, quase que desafiando-me e respirei, mantendo a calma. Perdê-la não me levaria a nada diante daquela situação; eu precisava somente pensar em um modo

de escapar, sem dar bola às provocações sem fundamento de Leonard.

— *Sim,* eu tenho certeza.

— Então por que será que… — confortavelmente, ele descruzou os braços e suspirou dramaticamente, olhando para o alto com um sorriso presunçoso antes de voltar-se mais uma vez para mim — Cedrico é um vampiro e Rafael está morto?

Ele estava blefando, é claro que estava. Mas o que queria arrancar de mim com mentiras infundadas? Foi a minha vez de sorrir e balançar a cabeça.

— Você está mentindo, Leonard — falei com toda a convicção que eu tinha em meu corpo naquele momento, porém, por somente um milésimo de segundo, uma dúvida atravessou meu corpo e fez com que meu corpo se acelerasse por conta dela — Eles estão perfeitamente bem em suas vidas, eu tenho certeza disso — a convicção já não soara tão firme, mas era acreditável.

Leonard suspirou baixo e se inclinou um pouco para me olhar nos olhos com cuidado.

— Eu sinto muito te dizer isso, mas… Não estou. E tem mais. Eu tenho boa e má notícia. Qual você quer ouvir primeiro? — meu maxilar enrijeceu e mantive meus olhos fixos nos dele, com nossos

rostos bem perto — Tudo bem, boas primeiros. Rafael está morto, *mas* Juliette foi esperta o suficiente para prendê-lo por tempo o bastante enquanto procura um modo de salvá-lo — Leonard se afastou sem tirar os olhos dos meus — A má notícia é que ele não poderá salvá-lo no estado em que se encontra.

— Do que você está falando?

— Ora, amigo, ela é uma necromante. Mesmo com aquele rostinho de dezoito, devo calcular que ela tenha… — em tom sarcástico, ele girou os olhos enquanto ria e contava nos dedos, começando a me encher de preocupação. Eu precisava fazer alguma coisa — *Vinte e cinco…?* — falou em tom arrastado e abaixou os braços, abandonando seu sorriso como se aquilo fosse importante para ele. Cuidadosamente, Leonard inclinou o rosto — Não é nessa idade quando as necromantes começam a ouvir vozes e ficam loucas?

Então eu enviei um homem à guerra e ele retornou[4]

— RIC? — CHAMEI-O, TREMENDO. GOSTARIA DE PARECER controlada, ou conseguir me controlar para fazer aquilo direito. Mas, primeiro, meus pensamentos estavam voltados para Rafael e Jeremy e o mundo prisão e segundo, eu não conseguia me controlar. Alaric estava sentado no sofá e eu me posicionara estrategicamente atrás dele, com as mãos estendidas em sua direção, mas algo me deteve antes que eu pudesse tocá-lo.

— Sim? Está tudo bem? — ele se virou e me olhou, percebendo que eu estava tremendo e

surtando, o que era mais do que visível.

— Eu… Não posso fazer isso — abaixei os braços e dei um passo para trás — Desculpe, Alaric, eu… — balançando a cabeça, fui dando lerdos passos para trás enquanto Alaric se colocava de pé para dar a volta no sofá e ir em minha direção — Eu quero ajudar Rafael, é claro, mas eu… Não posso… Não posso…

— Ei… — quando abaixei os olhos para o chão, balançando a cabeça com veemência, Alaric agarrou meus ombros e me fez olhar para ele — Você está nervosa, eu entendo. Mas olhe para mim — respirei fundo e fiz o que ele disse — Você consegue, está bem? Apenas concentre-se, você consegue. Você pode fazer qualquer coisa — Alaric me olhou bem, transmitindo-me a confiança que eu necessitava, sem, contudo, aplacar todos os meus medos crescentes, a minha paranoia incessante e tudo o mais que se formava dentro de mim como um tsunami.

— Está bem — ele me soltou e fiz que sim debilmente — Você pode me explicar o que eu devo fazer de novo?

Ric assentiu e deu um passo ao me olhar, talvez pelo repentino pensamento de que estávamos

próximos demais enquanto eu retorcia meus dedos.

— A lembrança está em algum lugar no ano de 1692, aqui em Salém. Eu vou tentar deixá-la acessível e você irá despertá-la em mim. Talvez você veja imagens, ou acompanhe o que aconteceu, eu não tenho certeza. Nunca deixei ninguém invadir minha cabeça desse jeito, mas tenho um pressentimento de que pode funcionar se você fizer direito — envolvi os braços protetoramente a minha volta, inconscientemente para me proteger também.

— E se eu não conseguir?

— Ao menos tente — fiz que sim.

Eu não podia me dar muito ao luxo de duvidar de mim mesma naquele momento, afinal, aquela poderia ser a única chance que eu teria para salvar Rafael e resgatá-lo daquele inferno para, finalmente, poder destruir aquele colar. Concordei com Alaric e ele se sentou, permitindo que eu me concentrasse e pousasse minhas mãos em sua testa, fechando os olhos e me concentrando. Sentia que ele me deixava entrar, mas mesmo assim, havia uma barreira suave que tive de penetrar antes de acessar sua mente.

Salém, Janeiro de 1692

Quando abri meus olhos, eu estava ainda na biblioteca do bunker e comecei a girar, pensando que não tinha funcionado, mas algo me parou. Vozes, sons muito distantes, e na direção segui em que eles que eles vinham, saindo da biblioteca para o corredor até chegar à bifurcação, na direção da cozinha, que era completamente diferente. Três homens vestido elegantemente de preto, riam e conversavam enquanto comiam e bebiam diante de uma longa mesa retangular repleta de mais comida e bebida do que os três seriam capazes de comer até os dias atuais.

Alaric estava sentado à cabeceira da mesa, com um sobretudo de gola alta e os cabelos maiores do que eu estava acostumada a ver, mais ondulados, também, com um lindo e genuíno sorriso no rosto, o que me fez parar ao lado dele, boquiaberta ao fitá-lo, deslocando meu rosto para os que estavam sentados ao lado dele. Do lado direito, perto de mim, Markos estava uma camisa folgada de algodão, bebendo vinho em um cálice de prata enquanto sorria de algo que seu irmão tinha acabado de dizer.

Seguindo a moda da época, seus cabelos negros estavam maiores, caindo pela sua testa em um cacho sensual; seus olhos negros estavam felizes, com uma alegria vivaz que eu nunca tinha presenciado. Comigo, ele sempre parecera reservado demais, contido, nunca demonstrava emoções e sua expressão era sempre muito fechada, mas ali, com seu irmão e seu amigo, ele ria com vontade e parei por um momento para observá-lo, notar o modo como ele parecia feliz antes que meus olhos passassem pela mesa, por toda a comida e os cantis de vinho, até o terceiro homem.

De cabelos incrivelmente loiros e bem penteados, embora em cacho suave caísse pela sua testa enquanto seus olhos sorriam agradavelmente, contidos, mas de modo que não pude deixar de notar. Ao contrário dos dois irmãos, que riam alto enquanto bebiam vinho, Joseph sorria calmamente, com os ombros tão enrijecidos que poderia ser o caso de uma rigidez cadavérica, ele olhava para os dois e falava quando a ocasião exigia tanto dele.

Eu, por outro lado, usava um vestido branco e leve, de tecido e fino; uma camisola naquela época, provavelmente, e tinha a clara noção de que era

apenas uma expectadora ali, que não podia ser vista.

"Bem, Joseph…", dei um passo para trás quando Markos se levantou e mordeu os lábios, levemente avermelhados pelo vinho, me parecendo estranhamente… Sensual e bonito. Expirei e balancei a cabeça, parando ao lado de Alaric, que ergueu os olhos para o irmão. "Foi uma boa visita, mas eu vou visitar Maria. Espero que se divirta com o meu irmão enfadonho", ele riu, matou o restante do seu vinho e pegou seu casaco que estava sobre a cadeira ao lado para sair rapidamente da cozinha, sem esperar que nenhum dos dois respondesse, como se encontrar a mulher fosse a coisa mais importante que ele precisasse fazer pelo resto da sua vida.

Rapidamente, Joseph também se levantou, ajeitando seu casaco escuro e longo com uma expressão de quem estava em alguma espécie de reunião oficial, não em um encontro com os amigos, o que julguei que aquilo fosse.

"Precisamos conversar", falou sério quando achei que fosse anunciar que estava indo embora, ao que Alaric ficou extremamente sério e colocou-se de pé.

"Vamos falar na biblioteca", e terminou seu vinho sem tirar os olhos de Joseph antes de seguir na direção da biblioteca. Fui atrás deles, que caminharam em silêncio até a biblioteca escurecida, onde Alaric ergueu a mão e fez surgir do nada uma bola de fogo, que lançou na lareira e o fogo rapidamente queimou a lenha que estava lá, proporcionando aos dois luz o suficiente para que Joseph tomasse lugar na poltrona diante da lareira e Alaric pegasse uma bebida para os dois.

"Não sei por que ainda me impressiono com suas habilidades", Joseph ajeitou seu casaco e tomou um gole da bebida enquanto Ric se sentava diante dele. Parada ao lado de Joseph, fitando-o com cuidado, sentindo algo inominável. Saudades, com certeza. Um suspiro escapou dos meus lábios e sentei-me com cuidado no braço da poltrona observando Ric, que olhava com atenção para o fogo ao tomar seu rum. "Precisamos lidar com as ameaças", ele prosseguiu enquanto girava o cálice, que pendia entre os dedos anelar e médio. "E precisamos nos livrar daquela bruxa…".

"Da Maria? Acha que meu irmão irá concordar com isso?", ele manteve o olhar de Joseph de maneira intensa, quase que desafiando-o. "Acha

mesmo?”.

“Acha que eu me importo com as paixões dele?”, friamente, Joseph prosseguiu, erguendo o queixo e deixando claro que não se importava.

“Acho que ele *se importa e não podemos armar coisas pelas costas dele…”.*

“Já estamos *armando coisas pelas costas dele, Ric”, ele ergueu sutilmente a voz. “Caso você ainda não tenha se dado conta, o fato de você ter concordado em me encontrar longe dos olhos dele significa que* nós dois *estamos fazendo coisas que ele não aprovaria”.*

“O que acha que meu irmão iria achar se eu contasse a ele que você quer se livrar da mulher que ele ama porque essa é a via mais fácil?”.

Joseph lançou-se para frente, irritado como se Alaric tivesse acabado de ofendê-lo profundamente: “Acho que ele não poderá pensar em muita coisa se estiver morto”.

“Qual o seu plano?”, os dois se encararam e Joseph quebrou o contato visual ao virar seu rum. Por um longo momento, o único barulho que se fez ouvir em toda a biblioteca foi o crepitar do fogo, que crescia pouco a pouco.

“Capturar aquele homem”.

"E matá-lo? Não acha que isso chamaria atenção? Que ninguém seria inteligente o suficiente para investigar e descobrir que…".

"Não, vamos fazer algo pior que a morte, para que ele aprenda no caminho de quem não deve se meter", ao ouvi-lo falar aquelas coisas e permitindo que Jeremy retornasse a meus pensamentos, eu mal conhecia aquele homem. Um arrepio lento percorreu o meu corpo e minha garganta de fechou enquanto meus ombros se tornavam tão rígidos quanto poderiam ficar.

"Como o quê?", Alaric perguntou com cautela e esperei, ansiando, mas ao mesmo tempo, temendo a resposta de Joseph, como se me desse conta de que não o conhecia nem de longe perto do suficiente.

"Eu sou um xamã, não sou?!", ele se levantou com um sorriso alegre e entregou o cálice a Ric, ajeitando seu casaco diante do fogo. "Temos que encontrar alguém agora, conversamos depois".

"Não tente nada contra Maria…", o tom de Alaric sugeriu alerta, mas ao fitar seus olhos eu já não podia dizer se ele realmente se importava. Joseph limitou-se a um aceno antes de passar por mim e ir embora, deixando para trás um vazio tão intenso dentro de mim, que passei os braços a mi-

nha volta e comprimi os lábios, olhando para a porta pela qual ele saíra.

Disse ter visto o meu inimigo[5]

Levei um tempo para conseguir respirar tranquilamente, assim como Alaric. Dei a volta no sofá e me sentei para me acalmar e para ter tempo de processar o que eu tinha acabado de ver, pois, mesmo depois de já ter visto tanta coisa, estava em choque. Alaric e Joseph conspirando contra um Markos que eu nunca tinha visto tão feliz antes para tirar dele a mulher que ele amava.

— Você descobriu? — Alaric buscou meus olhos, mas minha cabeça estava baixa e eu, boquiaberta, incapaz de falar durante um longo segundo.

— Alaric… — ergui os olhos para ele e consertei meu cabelo detrás da orelha — Quem é Maria? E o

que aconteceu com ela? — durante um segundo, ele ficou em silêncio e sua expressão evidenciou a sua surpresa.

— O que aconteceu, exatamente?

— Eu vi… Você e Joseph, aqui, falando sobre essa Maria. Ela era… A namorada do Markos? — foi o que pude deduzir e esperei que ele confirmasse, mas Alaric tinha a cara de culpa, de quem não sabia como responder aquilo, e tensão.

— Mais ou menos isso — ergui-me de repente e passei as mãos pelos braços arrepiados.

— É melhor eu ir…

— Espere — ele se levantou também e ficou de frente para mim, mas sua mandíbula estava tensa e ele não disse nada, apenas me encarou, como se dissesse que eu não queria que eu fosse, mas não tinha argumentos para me fazer ficar ali — Nós ainda não descobrimos nada — levou vários segundos para dizer.

— Eu sei, mas… — limpei a garganta e tentei de novo, erguendo o queixo e apertando os braços a minha volta na tentativa de me aquecer — Eu preciso voltar para a mansão, eu saí praticamente correndo de lá e eu tenho que… — coloquei a mecha do cabelo úmido detrás da orelha de novo,

nervosa e trêmula.

— Está bem.

— Aliás, onde Markos está?

— Ele foi em Langley, resolver alguma coisa no trabalho. Algo assim — anuí languidamente — Vamos, eu vou te dar uma carona.

— Jesus Cristo, onde você estava? — Cassandra deu um pulo do sofá e me surpreendi ao ver que Alex estava sentado diante dela, no outro sofá que tinha sido cuidadosamente arrumado depois do círculo que fizéramos poucas horas antes.

Eu não tinha nenhum relógio, nem nada que me apontasse a hora, mas podia afirmar que era madrugada quando a gêmea de Rafael foi até mim e me abraçou, surpreendendo-me e deixando-me desconsertada.

— Eu estou bem — abracei-a meio sem jeito e ela se afastou quando Ric entrou, devagar e sem aquela presunção toda que lhe era habitual — Cassandra… — eu não tinha certeza do que dizer quando ela passou por mim para ir até Alaric, abraçando-o com força, muito mais baixa que ele.

— Você está bem? — ele perguntou e afagou os cabelos dela.

— Não realmente — falou em tom choroso, apertando-o, com os braços em torno dele, como uma criança enquanto eu me apoiava precariamente no salto da minha bota e mexia em minhas mãos, sem saber o que dizer ou fazer. Só me sentia exausta e queria cair em algum lugar para dormir por umas dez horas, pelo menos, e só depois disso seria capaz de pensar, de conseguir voltar a imaginar soluções. Ou criá-las — O que vocês… — Cassandra se virou para mim e alternou o olhar confuso entre nós dois — estão fazendo juntos?

— Ric me deu… — passei os braços a minha volta, com tanto sono que tinha dificuldade em formar frase que fizessem algum sentido — uma carona, só isso.

— Não sabia que vocês se conheciam…

— Isso não é importante. Eu preciso dormir um pouco, posso ficar aqui?

— Mas é claro, o quarto de hóspedes…

— Obrigada — interrompi-a com um sorriso amarelo e agradável, voltando-me para Alaric — Obrigada por tudo — ele acenou e virei-me, ao que meu olhar encontrou um preocupado Alex sentado no sofá com cara de quem tinha acabado de chegar, mas que sabia o quão mal as coisas iam.

Eu gostaria de falar com ele, mas em outro momento, quando eu não me sentisse tão emocional e fisicamente exausta e pudéssemos realmente conversar. Sem aquela bagagem toda, sem que passássemos dez minutos discutindo sobre como a minha vida tinha dado tão mal quando parecia tão mal.

Por isso, apertei os braços a minha volta e passei por detrás do sofá, evitando-o e desaparecendo rapidamente escada acima.

Disse que ele se parecia exatamente como eu[6]

— Dormindo bem, meu amor? — ergui o cobertor, sentindo que o sol começava a penetrar através da janela, desde que a cortina estava aberta e eu mal tinha pegado no sono por cinco minutos. Virei-me de costas, não para a janela, e sim, para Rafael, que estava ao meu lado — Pare de me evitar — continuou quando cobri parte do meu rosto, rezando para que ele desaparecesse; assim, fechei os olhos com força, concluindo que minhas preces não eram o suficiente.

— Vá embora. Você está morto, só está na minha cabeça.

— E quanto a mim? — abri os olhos de repente

ao abrir os olhos assustados e ver Joseph diante de mim, com seus lindos cabelos loiros parecendo mais claros contra os primeiros raios da manhã, assim como seus olhos azuis — Eu também estou morto? — ele estava casualmente apoiado em seu cotovelo direito, virado para mim com um imenso sorriso enquanto eu podia ouvir com perfeição a respiração de Rafael atrás de mim. Meu coração acelerou e larguei o cobertor, descendo-o, piscando para que eles sumissem.

Para que aquela alucinação desaparecesse.

— Não… — falei lentamente, me virando e sentando na cama, apoiada nos travesseiros — Não, não, não… — balancei a cabeça e alternei o olhar entre os dois, que sorriam para mim de maneira perversa — Vocês dois estão mortos, isso não está acontecendo. *Só* na minha cabeça. Eu estou imaginando isso, eu sei — olhei para os dois, continuando a balançar a cabeça, a negar.

— Só estamos aqui porque você quer que estejamos — Rafael falou e balancei a cabeça, apavorada — Porque se sente sozinha e precisa de alguém que te conheça — ele olhou para Joseph por cima de mim, que começava a enlouquecer; ele falou bem sério, enfático e convicto: — Alguém

como *eu*.

— Desculpe, mas acho que alguém aqui está se superestimando — Joseph se consertou e abri a boca, mas permaneci em silêncio — Não foi comigo que ela ficou comigo esse tempo todo?

— É a mim que ela está ligada, seu idiota. Você é apenas um xamã detestável e, ao contrário de mim, está morto de verdade. *Para sempre*.

— Parem com isso, por favor — fechei os olhos e inspirei profundamente, esperando com todas as minhas forças que eles desaparecessem quando eu os abrisse. Para meu azar, infelizmente, quando o fiz, eles ainda estavam lá, me encarando como se esperassem por algumas palavras: — Saiam da minha cabeça — desci da cama pelo lado de Joseph e engoli em seco.

Era aquela casa, só podia ser. Quando eu não estava ali, não havia vozes ou pessoas mortas me perseguindo, eu não via coisas que não estavam realmente lá. Só podia ser aquela maldita casa, o que só queria dizer que eu precisava sair dali e voltar para a minha casa, perfeitamente segura e livre daquele clima pesado, daquela magia carregada e fantasmas. Enfiei-me em minhas botas e os dois se levantaram para me seguir.

— Fiquem onde estão — estendi a mão, parada atrás da porta.

— Nós vamos onde você for, não é exatamente algo que possa ser discutido — respirei fundo e inclinei o rosto, pensando em um modo de como me livrar dos dois ao me virar e abri a porta.

— Isso é uma ilusão, você está na minha cabeça e desde que eu saiba disso, você não pode me machucar. Você só está na minha cabeça — repeti enquanto caminhava lentamente pelo corredor, com os braços firmes a minha volta.

— Quem está na sua cabeça? — Rafael se colocou a minha frente e Joseph desapareceu, o que me fez tomar um susto e parar diante dele, que parecia bem real para o fantasma de um homem morto.

— Você está na minha cabeça, eu quero que você desapareça — falei um pouquinho mais alto, mas sem me descontrolar completamente — O que vocês querem, ahn? Me deixar louca? — dei um passo para trás — Eu estou ficando, parabéns.

— *Vocês?* Não tem mais ninguém aqui — Rafael deu um passo na minha direção e Joseph surgiu atrás de mim do nada, me dando um enorme susto e me fazendo girar completamente para fitá-lo.

— Você tem razão, você está ficando louca. E adivinhe quem está proporcionando a diversão toda? *Você* — ele deu um passo na minha direção, o que me obrigou a dar um passo para trás, para mais perto de Rafael, deixando-me entre os dois como um coelhinho — Você só está vendo o que quer ver.

— Não. Não — balancei a cabeça — Eu quero que você desapareça, saia de perto de mim.

— Isso não cabe mais a você — abri a boca, porém, incapaz de falar.

— Você está bem? — foi Rafael quem perguntou e girei novamente para encará-lo.

— Eu vou ficar no momento em que você parar de me fazer ver coisas…

— Você nos chamou até aqui, meu amor — Joseph murmurou no meu ouvido e expirei com força.

— Então acho que eu é que terei que mandá-los de volta — Rafael abriu a boca para falar, mas não lhe dei tempo, pois quebrei seu pescoço, esperando que fosse o suficiente para que eles parassem de me atormentar.

Contudo, para a minha surpresa, não foi exatamente o que aconteceu, pois quando ele caiu,

Rafael desapareceu, sendo substituído por Cedrico:
— Ah, meu Deus… — ajoelhei-me e fitei-o, sem conseguir entender mais nada, tremendo ao tocar seu ombro para buscar por apoio. Na extremidade oposta do seu corpo, Joseph agachou com uma expressão cínica, olhando para Cedrico caído no chão por um longo momento com pesar antes de erguer seus olhos para mim.

— Não é uma sorte que meu querido sobrinho seja um vampiro? Imagine só se fosse com Cassandra ou Renée? Ou com seu amiguinho Alex — ele balançou a cabeça. Meu lábio estava tremendo e deixei meus braços caírem sobre minhas coxas, além de qualquer reação. Simplesmente esperando que ele acordasse e que pudesse me desculpar por ter quebrado o seu pescoço, mas aquilo poderia levar um tempo — E nem vamos falar na pobre Harriet…

— Cale a boca! — gritei fora de mim e Joseph sorriu. Abaixei os olhos novamente para Cedrico, mas somente por dois segundos, pois quando os ergui mais uma vez, Joseph já não estava mais lá. Ele fora rapidamente substituído pela minha mãe — Não, não… Já chega — cobri os olhos com as palmas, em pânico, com a sensação de que co-

meçara a sufocar, sem saber mais o que fazer para aquilo parar — O que você quer de mim?

— Eu quero você — falou com a voz de serpente enquanto eu desabava — Do jeito que você está agora. Sem saber o que é real e o que não é e quando machucar de verdade alguém com quem você se importa, vai se dar conta de que o problema não é ninguém — abri os olhos para encarar quem quer que fosse que tivesse tomado a forma da minha mãe. Ou quem que fosse por detrás dela — *Você* é o seu próprio inimigo.

— Juliette! — quando ergui os olhos para ver Cassandra subir as escadas, minha mãe desapareceu — O que aconteceu?

— Eu… Eu… — gaguejei e, por fim, fechei a boca, sem ter nada concreto a dizer. Cass ajoelhou-se ao lado de Cedrico — Ele vai ficar bem… — murmurei, mais para mim do que para ela, que ergueu os olhos assustados para mim.

— Ele vai, mas e quanto a você? O que está acontecendo com você, Juliette?

— Eu não sei.

— O que aconteceu aqui?

— Eu não sei — pontuei cada palavra, aumentando ligeiramente o tom da minha voz ao

me colocar rapidamente de pé — Eu sinto muito, eu… Eu tenho que sair daqui — não a esperei falar mais nada, pois quando Cassandra abriu a boca, eu já estava me afastando o mais rápido que podia.

Pequeno fantasma, você está ouvindo?[7]

Meia hora depois, eu estava perdida. Não exatamente *perdida,* mas perambulando pelo centro sem ter certeza do lugar para onde estava indo, até que vi um bar/restaurante e entrei nele. Era impressionante como as pessoas podiam estar em um antes das oito, mas havia meia dúzia de homens bebendo enquanto um homem secava um copo detrás do balcão.

— Uísque, por favor — o homem me olhou de cima a baixo quando me sentei no bar com uma expressão cansada. Ergui as sobrancelhas, indagando se ele ia ficar parado me olhando.

— Claro — ele demorou um segundo para

responder e se virar. Mordi o lábio. Durante aquele momento, houve tranquilidade, calma e silêncio na minha cabeça. Os mortos permaneceram onde deveriam e bebi o uísque a goles curtos e lerdos, uma dose depois da outra — Mais uma? — o homem detrás do balcão indagou com uma sobrancelha arqueada quando estendi o copo para que ele continuasse a enchê-lo; apoiei o cotovelo direito no balcão, inclinada sobre ele.

— Duas, três… Quanto tempo você precisa para fazer isso? — ergui as sobrancelhas. Na minha cabeça, eu estava completamente sóbria, mas não conseguia me lembrar de quantas doses já tinha tomado ou quanto tempo tinha se passado.

O homem, que aparentava ter quarenta anos, usava barba e tinha os cabelos castanhos bem penteados, apoiou o cotovelo no balcão e se inclinou na minha direção para falar baixo: — Acho que você precisa de um táxi, não de mais uísque, moça… — lentamente, coloquei o copo sobre o balcão e engoli em seco. Meus olhos se moveram pelo seu rosto, concentrando-se em seus olhos verde-escuros, nos detalhes do seu rosto tenso e em uma cicatriz mínima acima da sua sobrancelha direita.

Por fim, concentrei-me em seus lindos olhos e apertei os lábios. — Você não sabe do que eu preciso, então volte a me servir — dei um leve toque no copo para fazê-lo deslizar cinco centímetros mais perto de onde seu cotovelo estava repousado — ao invés de achar que sabe do que eu preciso. *Por favor*… — arrastei a voz carregada pelo sotaque.

— Moça… — ele sorriu gentilmente enquanto eu fazia o mesmo — Você está bêbada e não pode me compelir.

— O que você é, barman misterioso? — sorri, como se ele tivesse dito algo engraçado, e apoiei o cotovelo em minha mão.

— Nada que vá interessar a uma vampira — ele se afastou e se virou.

— Juliette? — me virei lentamente, ainda sorrindo, ligeiramente intrigada com aquele homem, que tinha acabado de ficar interessante, para ver Cedrico parado atrás de mim — Vamos embora.

Abri a boca para falar, colocando ambas as mãos no banquinho para girar infantilmente. Não, eu não queria ir embora, e também não queria ter que encará-lo para que tivéssemos uma conversa es-

tranha e séria sobre o por quê de eu estar falando sozinha antes de quebrar o pescoço dele. Como uma maluca, o que era como eu estava me sentindo antes de um pouco daquela bebida mágica.

— Eu quero mais uma bebida — ergui o queixo e continuei girando no banco alto, alternando o olhar entre o barman e um seriíssimo Cedrico — Mas esse cara simpático não quer me servir e eu não posso compeli-lo — exibi um sorriso para o homem, como se dissesse que não era nada pessoal e olhei para Cedrico: — Você conhece alguma palavra mágica para isso? — estendi as mãos na direção do homem, que estava tão sério que parecia capaz de implodir — *Abracadabra*.

— Juliette, pare com isso — Cedrico me puxou pelo braço e me fez levantar para parar ao lado dele — Nós temos que conversar — ele pegou a carteira e jogou algumas notas de cinquenta sobre o balcão, mais do que era preciso para pagar todas as bebidas que eu consumisse se aquele homem, impossível de irritar e ler, continuasse a me servir durante todo o dia — Eu lamento o transtorno — falou de modo formal.

— Está bem, vamos conversar — falei séria e caminhei ao lado de Cedrico até a porta, onde um

lustroso Honda Accord estava estacionado ao meio-fio — Como você me achou? — abri a porta e fitei Cedrico do outro lado do carro, apoiando-me nela para me manter naqueles saltos.

— Eu pedi a Cassandra para fazer um feitiço de localização com o colar que você atirou na Lauren antes de sair correndo ontem à noite — abri a boca para falar, mas acabei por estreitar os olhos e ficar quieta. Sabia que aquela conversa seria longa, talvez chata, mas entrei no carro e tentei me recompor.

Convenci Cedrico a me levar para a minha casa, não para a mansão assombrada, e ele concordou sem relutar. Quando chegamos, entramos e me sentei no sofá, esperando que ele fizesse o mesmo: — O que aconteceu com você mais cedo?

— Cedrico… — por mais que Cedrico fosse o meu melhor amigo, a pessoa a quem eu, potencialmente, contaria tudo o que estivesse acontecendo de ruim comigo, explicar aquilo era confuso demais até para mim — Eu não quero falar sobre isso… — comecei a mexer nos meus dedos, encarando-o de frente para mim.

— Julies, olha… Eu sei que desde que Joseph se

foi… — ele falou com cuidado, escolhendo bem suas palavras e pronunciando-as muito lentamente — as coisas têm se complicados. E agora, Rafael está preso com o maluco do meu pai e Harriet está longe de você, eu entendo que essas coisas estejam mexendo com a sua cabeça, está mexendo com a minha também…

— Não é isso, Cedrico… — desviei os olhos dele e eles vagaram pelo chão até meu colo.

— Ele só quer te ajudar, querida — dei um pulo para o lado quando escutei a voz de Joseph perto da minha orelha. Arregalei os olhos, crente de que estar fora da mansão faria aquelas alucinações pararem, mas os fantasmas continuaram me seguindo. E temi que continuariam, não importando para onde eu fosse. Para onde eu *fugisse*.

Arquejei e apoiei as mãos no sofá ao lado do meu corpo, completamente voltada para ele e com o olhar arregalado: — Mas o que diabos… O que você está fazendo aqui?

— Julies… Com quem você está falando? — girei o pescoço minimamente para olhar para Cedrico, que me olhava como se eu tivesse pirado e eu nem podia falar nada, afinal, para todos os efeitos, eu estava falando sozinha e nem podia colocar a culpa

no álcool, porque não conseguia ficar bêbada, por mais que tentasse.

Deixei o ar sair lentamente e voltei os olhos bem abertos para o meu marido morto, que tinha os cotovelos apoiados no sofá e uma expressão angelical, como ele se parecia quando estava vivo. Usando uma camisa azul com dois botões abertos e tinha os cabelos bem penteados, bem lisos, com uma mecha caindo do lado direito em sua testa.

— Conte para ele — Joseph sorriu e deu um soco de leve no meu ombro direito, incentivando-me enquanto eu mal podia respirar; lutava para fazê-lo — Qual é, amor! Cedrico sempre foi o meu favorito e ele, claramente, se importa com você…

— Cale a boca!

— Juliette! — Cedrico se levantou e parou diante de mim. Mordi o lábio e empertiguei os ombros na tentativa de manter alguma compostura — Com quem você está falando? — ele pontuou cada palavra com uma cuidadosa ênfase.

— Com Joseph — falei tão baixo que ele só pode escutar por conta da sua audição vampira, e aquilo o perturbou de maneira óbvia.

— *Com Joseph?!* — ele repetiu, perplexo e se sentou na ponta do sofá, suficientemente longe de

mim, olhando em volta em busca do meu querido fantasma — O Joseph que está *morto*?

— Eu sei que ele está morto — murmurei. Meus olhos passaram por Joseph, que sorria com toda a confusão no rosto de Cedrico, e pousaram nele — Mas… Ele tem aparecido, como Rafael e a minha mãe… Por isso eu quebrei o seu pescoço hoje, me desculpe. Eu sinto muito… — comecei a atropelar as palavras, que saíam descontroladas da minha boca — E eu saí de lá porque… *Minha mãe* me fez perceber que eu não posso ficar perto de ninguém enquanto não achar uma solução para isso. Podia ter sido Alex ou as suas irmãs.

— Achar uma solução? — Joseph falou, magoado, enquanto Cedrico processava a informação e relaxava os ombros — Você quer se livrar do seu marido assim tão rápido só porque reencontrou Rafael? Ótimo! — ele ficou de pé, completamente ereto, e deixou os braços caírem ao lado do corpo. Estranhamente, seu bom humor de espírito desaparecera e fora rapidamente substituído por decepção e desapontamento — Faça bom proveito dele, eu vou deixar vocês dois sozinhos…

— O que você…

— Ele ainda está aqui? — Cedrico perguntou

quando olhei por sob o espaldar do sofá, observando Joseph se afastar.

— Ele… — abaixei a minha voz, surpresa pelo fantasminha camarada ter ido embora tão cedo — Foi embora — murmurei quando Joseph desapareceu no ar.

— Para sempre? — olhei para Cedrico e demorei a negar.

— Eu não sei. Provavelmente, não.

— Meu pai não sabe exatamente *quando* largar o osso — virei a cabeça para o lado oposto para onde estivera olhando para encontrar Rafael sentado sobre a mesa de centro, inclinado e com os cotovelos apoiados nos joelhos, com uma plácida expressão, porém, exibindo uma vitória contida.

— Vocês não vão me deixar em paz? O que eu tenho que fazer…

— Ei… — voltei-me para Cedrico.

— Desculpe — dei-me conta de que estava gritando e olhei para ele, decidida a me acalmar e ignorá-los — Rafael está aqui.

— Mas que droga é essa, Juliette? Foi algum feitiço daquele bruxo maluco? Leonard?

Virei-me para Cedrico e ignorei Rafael completamente, fingi que ele não estava lá mesmo

quando ele começou a assobiar *Patience*; tive que extrair tudo de mim para não surtar e começar a gritar.

— Quando *essa coisa* se transformou na minha mãe, ela disse que tudo isso que está na minha cabeça, está sendo criado por mim — coloquei uma mecha do cabelo para trás da orelha e inspirei devagar.

— Eu já falei que prefiro você morena? — Rafael se jogou para trás e jogou-se para trás, apoiando-se nos cotovelos, completamente relaxado: — Não que você não seja igualmente gostosa loira, mas esse tom de preto é mais a sua cara. O seu charme, se é que me entende.

— *Ela disse alguma coisa* — ergui ligeiramente a voz para que ele percebesse que eu não o deixaria me dominar daquele jeito — sobre *eu* ser o meu próprio inimigo.

— Acha que isso pode ser algum enigma? Uma pegadinha ou… — ele inclinou ligeiramente o rosto, movendo seus olhos pelo meu rosto enquanto pensava — Uma dica para que descubramos a origem dessas alucinações?

— Sem *nós* — Rafael falou sério e ficou ereto, mas captei seus movimentos com a visão periférica,

pois continuava determinada a fingir que ele não estava lá. E estava ficando cada vez mais difícil e eu sabia que não melhoraria com o passar do tempo; a situação era insustentável — Diga a ele que você precisa descobrir sozinha, sem ajuda de ninguém.

Enrijeci os ombros e comprimi os lábios.

— O que ele está dizendo? — Cedrico lia muito bem o meu rosto, sabia que Rafael estava me importunando como um carrapato.

— Ele disse que eu preciso descobrir sozinha…

— Carrapato, Juliette? — falou irritado, agitando a cabeça em desaprovação — Achei que eu fosse o amor da sua vida — ele finalmente conseguiu fazer com que eu me virasse para ele.

— Você também pode ler meus pensamentos?

— Eu sou você. Eu sou o que você quer que eu seja e estou dentro da sua cabeça. Achei que já tivesse entendido isso.

Rafael revirou os lindos olhos e apertei os lábios com força, girando para encará-lo.

— Eu quero que você desapareça — falei um pouco mais alto e ele balançou a cabeça.

— Não é assim. Eu estou aqui para te ajudar, você não sabe, mas vai precisar de mim…

— Só… Cale a porra da boca. Cedrico… Acho melhor para mim que eu fique sozinha agora. Para você, também, eu posso te machucar de novo — minha voz saiu carregada de culpa pelo que eu tinha feito com ele mais cedo.

— Nós vamos resolver isso, eu prometo — fiz que sim com a cabeça sem acreditar muito nele, mas, mesmo assim, dei um sorriso torto.

— Vamos apenas… Nos concentrarmos em trazer Rafael de volta — Cedrico assentiu. Vi em seus olhos que ele queria falar mais alguma coisa, mas se levantou e deu a volta no sofá.

— Você vai ficar bem?

— Eu sempre estou bem.

Você vê a verdade[8]

Fechei os olhos, com dificuldade para bloquear Rafael na minha mente quando me deitei na minha cama e cobri parte do rosto com o braço direito: — Essa cama enorme me faz lembrar que… — seus dedos começaram a passear pelo meu braço esquerdo, subindo da minha mão até meu ombro muito lentamente.

De qualquer modo, recusei-me a abrir os olhos e olhá-lo, pois parecia que, a cada momento, ele se tornava mais real. Sua respiração era real, seu toque era real, seu peso enquanto ele se movia ao meu lado era definitivamente real e aquilo era inegável.

— Nós ainda não tivemos tempo para a nossa noite de núpcias.

— Pare… — murmurei, exausta.

— Como foi com o meu pai? Ou vocês pularam essa parte?

— Pare, mas que merda… — movi o braço e abri os olhos, começando a me irritar — Pare com essa merda sem sentido. O que você ainda está fazendo aqui além de falar coisas sem sentido algum o tempo inteiro, hm? Tem algo… — consertei o braço para que minha cabeça ficasse mais alta. Rafael estava de bruços e parecia bem vivo enquanto me olhava com atenção — Tem alguma coisa real que você precise me dizer? Ou que precisa que eu faça? Porque…

— Juliette, eu sou você. Nesse momento, enquanto você não me trouxer de volta, eu só existo na sua cabeça — ele pegou gentilmente minha mão entre as suas e ergueu-a para depositar um beijo muito real na parte de cima da minha mão enquanto traçava círculos nela — Mas existe magia. Existem coisas acontecendo que vão muito além… Da minha vontade de estar aqui, com você. Você precisa descobrir sozinha.

— Se você sabe — sentei e puxei minha mão de modo abrupto —, então por que não me conta de uma vez? Porque todo esse mistério?

— Eu não sei, é apenas magia. Coisa de bruxo.

Mas você precisa descobrir o que está acontecendo — não falei nada, apenas mantive o seu olhar. Eu estava conversando com alguém que estava morto, e se alguém me visse naquele momento, teria a mesma certeza que eu: eu tinha enlouquecido há muito tempo e ainda me dera conta.

— Procure pelo seu amigo dragão, ele vai te ajudar.

— Espere… — ergui-me ligeiramente, mas antes que pudesse estender a mão, ele já tinha desaparecido — *Scheisse!* — praguejei e me levantei. Talvez ele estivesse certo, por isso, peguei meu telefone e digitei os números de Markos, andando de um lado a outro no meu quarto.

— Merda, merda… — sem cumprimentos iniciais, pragas em alemão foram o que recebi quando ele atendeu. Ao menos era ele e finalmente poderíamos nos falar, por isso suspirei de alívio — Não escutou nenhuma das minhas mensagens? Onde diabos você esteve?

— Com o seu irmão… — gaguejei.

— É, eu sei, ele me falou o que aconteceu. Eu estava em Langley e te liguei mais cedo quando cheguei — Markos se deu a chance de respirar e expirou pesadamente — Eu… Eu sinto muito,

Julies. Lamento mesmo.

— Markos, eu… Preciso da sua ajuda se ainda quiser me ajudar.

— Sim, claro. Do que você precisa?

— Eu não sei. Rafael me disse alguma coisa sobre *coisas estarem acontecendo* e você poder me ajudar, mas eu não faço a menor ideia do que ele estava falando, só espero poder descobrir antes que tudo… Entre em colapso, sei lá… — terminei de falar e me sentei na borda da cama, olhando pela janela.

— Está bem, mas se for atrás de respostas, precisa saber por onde começar, querida — mordi o lábio, enfiei meus dedos no tecido suave do cobertor sobre minha cama e deixei o ar sair tranquilamente.

— Podemos… Nos encontrar? — hesitei em concluir enquanto os acontecimentos da longa manhã passavam pela minha cabeça — Eu estou em casa, se puder vir aqui… Seria melhor do que falar por telefone.

— Claro. Dez minutos — ele desligou.

Markos me abraçou firmemente, antes mesmo de colocar os dois pés na casa, o que me fez envolvê-lo também. Nunca tivéramos aquela proximidade

emocional tão forte quanto naquelas semanas em Salém, apenas costumávamos confiar um no outro para não acabarmos mortos, o que não passara de uma ilusão na qual nos apegáramos, claro. Mas naquele momento, enquanto ele me abraçava com toda a sua força, realmente soube o quanto poderia confiar nele.

De verdade, fora da CIA e dentro daquela loucura toda. Ele poderia ter fugido, mas ficou e eu podia apostar que não fazia a menor ideia do que aquilo significava para mim. Ele era meu melhor amigo, talvez o único que conseguia me entender de verdade quando me soltou, segurou meu rosto e olhou em meus olhos.

— Você está bem?

— Acho que sim — por dentro, eu não tinha certeza.

Ele se virou para fechar a porta e resumi o que acontecera com Alaric até minhas alucinações, meus fantasmas que me perseguiam, enquanto procurava algo para comer.

— Mal são dez da manhã, você precisa parar — girei com um pote de biscoitos, a única coisa descente para comer ali e onde abracei meu braço direito como se temesse que fosse fugir de mim —

Você não pode salvar o mundo se não conseguisse salvar a si mesma.

— Encorajador, Markos — sentei-me ao seu lado e coloquei o pote de vidro no balcão entre nós — Mas eu ainda não sei como salvar Rafael e o tempo está passando. Deus é quem sabe o que está acontecendo com ele agora, nas mãos daquele maluco…

— Rafael sabe se defender, precisamos lidar com você e essa visões — ele comeu um biscoito sem tirar os olhos dos meus, me dando tempo para analisar a questão mesmo sendo veementemente contra ela.

— Eu vou poder me concentrar nisso quando Rafael estiver seguro de novo. Comigo. Não posso deixá-lo lá enquanto lido com isso, Markos, não dá.

— Então… Tudo bem — ele deixou escapar uma longa e exasperada respiração, deixando que não concordava comigo — Precisamos ver o meu irmão.

— Ele te contou… — comecei, mas parei ao fitar seu rosto.

— Contou — havia pura tensão em sua voz e rigidez em meus ombros; a respiração em minha garganta se recusava a sair — É por isso que temos

que vê-lo, Juliette. Temos que descobrir a verdade sobre o que aconteceu naquela noite e só Alaric pode nos contar isso — ele se levantou e me estendeu a mão — Você vem?

Era a terceira vez que eu ia até aquele lugar e parecia que ficava menos assustador a cada vez e mais *quente.* Quando entrei, tendo vestido uma pesada blusa de lã ao imaginar o quão frio o lugar estaria, fui surpreendida por uma lufada de ar quente.

A lareira estava acesa, mas não era ela quem aquecia o lugar sozinha. Alaric saiu do corredor com os cabelos molhados e apertei os braços que eu tinha a minha volta, ciente de que Markos estava atrás de mim perto da saída e que eu não conseguia expirar o ar do meu peito enquanto o irmão misterioso ia na minha direção.

— Você já sabe o que fazer? — abri a boca muito lentamente, girando para olhar para Markos e, repentinamente, me sentindo um tanto pequena entre os dois.

— Fazer? Fazer, o quê? — ele olhou para Markos, estranha e incomodamente sério, o que só me fez apertar os braços com mais força a minha

volta. Minha garganta se fechou enquanto eles se entreolhavam de um jeito esquisito, com olhares de que sabiam algo e eu, não — O quê? O que está acontecendo?

Finalmente consegui capturar o olhar dos dois, que me olharam ao mesmo tempo em que franzi o cenho cuidadosamente: — Joseph apagou alguma coisa da minha cabeça.

— Ele… O quê? — aquilo parecia ser um tremendo absurdo. Eu queria balançar a cabeça e dizer que não, que ele estava errado, que eu conhecia Joseph e que sabia que ele jamais faria aquilo, mas depois de tudo, depois do que eu vira na mente de Alaric na noite anterior, não podia mais afirmar, por isso, dei um ligeiro passo para trás — Por que acha disso?

— Depois de ontem à noite, alguns fragmentos voltaram à minha cabeça. Eu pude ver o que você viu e… — ele trocou de peso e levou um segundo para continuar, mantendo meu olhar com sagacidade — Acontece, Juliette, que memórias não desaparecerem assim. Elas estão escondidas em algum lugar na minha cabeça e preciso de você para desbloqueá-las. Se quiser mesmo essas respostas para salvar Rafael, preciso que esteja

pronta para ver coisas que não vai gostar — balancei a cabeça, confusa.

— Isso não faz sentido. Por que Joseph mexeria com as suas memórias sobre a noite em que você curou o seu irmão? Para você não saber qual a cura?

Ric fez que não e retorceu os lábios, claramente descontente com relação ao rumo daquela conversa e com o fato de precisar dar explicações a mim enquanto Markos nos observava em silêncio. A sombra de Maria parecia ser uma sombra pairando entre nós três, cada uma levando seu peso em conta.

— Muita coisa aconteceu naquela noite. Com Maria — Ric falou o nome dela com receio e em tom reduzido —, com Markos e entre Leonard e Joseph. Coisas aconteceram… — ele balançou a cabeça, perturbado — Eu não sei exatamente o quê, mas… — o olhar de Alaric amenizou, tornou-se suave — Você não vai gostar do que vai encontrar.

Ergui o queixo e obriguei-me a respirar fundo: — Se essas lembranças forem o único modo de ter uma cura, para salvar Rafael, eu acho que consigo estar pronta para qualquer coisa.

— Mesmo que isso signifique dizer adeus ao

homem com quem passou os últimos sete anos? — Markos finalmente falou e me virei para ele, tensa, recebendo de volta um olhar que eu não consegui interpretar. Sombrio, talvez.

— O que você quer dizer?

— Quando você vive tanto, Juliette — seu rosto foi retorcido pela dor das lembranças que suas próprias palavras lhe causavam, fazendo meu peito doer —, você se torna algo que não conhece. Transforma-se de novo e de novo. Eu não sei sob que circunstâncias você e Joseph se conheceram, mas sei que você não o conhece por completo. O que você vai ver mudará tudo.

— Já mudou. Estou ciente do que posso ver; preparada, não, mas disposta a enfrentar isso — dei um passo para mais perto dele — Eu não pude salvá-lo, mas posso fazer isso por Rafael. Eu sei que nunca o verei de novo e parte de mim se culpa por isso, mas também… — respirei fundo e apertei os lábios por um segundo breve — Rafael uma vez me disse… Que todos nós temos sangue em nossas mãos. Eu tenho e nunca serei tão boa quanto Joseph foi para mim. Então… Se ele tiver feito ruim, não poderei mudar o passado, apenas perdoá-lo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Minha jovem alma é vendida ao seu velho coração[9]

SALÉM, FEVEREIRO DE 1692

Daquela vez, quando me sentei em posição de lótus diante da lareira e peguei as mãos de Alaric, caí no centro de uma antiga e desconhecida Salém. Caí literalmente de cara no chão de terra enquanto as pessoas passavam por mim usando roupas que estavam fora de moda há quase quatrocentos anos.

Imaginei que fosse parar exatamente onde Ric estava, mas ao me levantar e bater a terra do vestido branco e simples, porém enorme e pesado, não o vi em lugar nenhum. Olhei em volta

enquanto segurava aquele amontoado de tecido para conseguir andar. Era uma rua longa de terra batida onde funcionava uma espécie de mercado aberto ou feira, não estava certa de como aquele tipo de comercio era chamado naquela época, só tive certeza que Ric não estava lá. Mas, então, onde diabos ele estaria e o que eu estava fazendo naquele lugar?

O sol não era tão quente e o dia já se transformava em noite. Quando parei de girar e olhar em volta para retomar meu fôlego mortal, meus olhos foram diretamente para um homem bem vestido que pagava com moedas de prata por algumas frutas. Maçãs, talvez. Ele estava de perfil para mim quando segurou uma das maçãs e, sorrindo, deu-lhe uma deliciosa mordida antes de se virar um pouco mais.

Aproximei-me lentamente, apertando entre meus dedos as várias camadas do vestido. Sim, eu conhecia aquele homem, embora, naquele momento, ele tivesse um ar educado e ingênuo, não cínico como quando nos conhecêramos; de fato, parecia-se com outra pessoa. E como não podia me ver, parei bem perto dele para fitar a leveza em seu rosto, o oposto de como era no presente, seu

sorriso tranquilo e despreocupado, sua conversa boba com a mulher que lhe vendera as maçãs, a cadência dos seus movimentos rápidos e até o modo como a comia.

"Eu tenho... Coisas que precisam ser feitas", ele pegou as maçãs, respondendo a alguma coisa que a mulher dissera, mas que não eu escutara, e sorri-lhe, ligeiramente mais tenso. "Tenho a impressão de que nos veremos em breve".

Leonard passou por mim e me virei ao mesmo tempo em que ele, pronta para segui-lo rua abaixo até o fim daquele mercado, quando ele parou após cinco passos. Parei bem atrás dele e passei para o seu lado para seguir seu olhar até uma bela mulher. Uma linda mulher que estava com Markos. Concluí imediatamente que aquela fosse a Maria da qual se falava tanto e observei seus traços bem feitos, seu sorriso doce e descontraído, mordendo o lábio ao mover meu olhar dela para Markos, que estava atrás dela.

Eu nunca vira seu rosto daquele jeito. O modo como ele sorria por nada, simplesmente por estar ali com ela e por ela sorrir; relaxei meus ombros. Eu já sabia bem o fim daquela história, já sabia que ela morreria e que aquilo arrasaria o coração

dele, já sabia que seria pelas mãos de Leonard e imaginei como fora para ele por tudo o que ele tinha me dito quando falara sobre a ligação, mesmo que, na prática, eles não estivessem ligados, de fato. Eles estavam ligados pelo amor, aquela era a única certeza que eu tinha.

Maria usava um vestido branco e de mangas curtas com detalhes em azul. A saia era cheia e pesada como o do que eu usava e como todas aquelas pessoas, seus cabelos negros caíam em lindos cachos pelas suas costas, tão lindos que nem pareciam naturais. Markos usava uma camisa branca e folgada, parecida com a que usara na última visão. Embora eu não tivesse certeza de quanto tempo se passara, Markos, claramente, não compartilhava das mesmas preocupações de Joseph e Alaric, pois estava feliz e eu simplesmente gostava daquela felicidade e daquela alegria estampadas em seu rosto.

Gostaria que ela tivesse durado, mas sabia que acabaria em breve.

"Guardas, prendam essa mulher!", Leonard gritou bem alto, o que fez com que todos se voltassem para ele, que estendeu o braço na direção de Maria e, muito embora eu não estivesse

vendo nenhum guarda ali, eles saíram de detrás das barracas, talvez até de dentro das casas, eu não saberia dizer.

Markos empurrou Maria para colocá-la detrás dele com um hábil movimento e envolveu-a com o braço. Cinco homens com cara de durões o cercaram e Maria saiu de detrás dele, erguendo seu delicado queixo e ficando completamente de frente para Leonard, consequentemente para mim. Em um último movimento, ela girou o pescoço para olhar para Markos.

"Está tudo bem", ela murmurou a ele, que enrijeceu os ombros, e se virou para Leonard. Os homens chegaram mais perto e dois agarraram os braços de Markos, imobilizando, assim, seus movimentos e dois deles seguraram Maria, que não ofereceu nenhuma resistência enquanto Markos lutava. Por que ele não usava aquele mesmo truque com fogo que Alaric me mostrara e transformava aqueles brutamontes em cinzas?

O quinto homem, que parecia ser o líder dos guardas, e tinha uma arma em um estranho coldre na cintura, foi até Leonard, que ainda estava parado ao meu lado. Aquela era a coisa dele. Mandar e ficar parado enquanto o circo pegava fogo e

pessoas inocentes de machucavam. Segurei o vestido com mais força, com uma tremendo indignação percorrendo o meu corpo enquanto meus olhos se deslocavam entre Leonard e os homens que puxaram Markos, que lutava com todas as forças de um humano, e empurraram Maria para um estreito espaço entre duas casas.

"O que fazemos agora?", o homem falou baixo, não queria atenção.

"Vamos lidar com isso rápido e sem chamar atenção", ele deu um tapinha no ombro do homem ao passar por ele, que fez um movimento com a cabeça e Leonard seguiu na mesmo direção para a qual os homens levaram Markos e Maria. Segui-o pelo espaço estreito e saímos em uma grande praça de formato redondo e cercada de casas; exceto por um lado, onde, bem de frente para nós, ficava uma igreja.

Era impossível não notar enquanto eu seguia um inflexível Leonard até lá, pois havia uma grande cruz na parte de cima da imponente construção de madeira escura. A porta tinha sido aberta e lá dentro, os homens arrastaram Markos para um lugar onde eu não podia mais vê-lo. Eu queria muito fazer alguma coisa, queria ter o poder de

impedir aquilo, de parar aquelas atrocidades, pois o que acontecera naquela cidade naquele ano, aqueles massacres nunca tinham importado tanto para mim, nunca me fizeram querer fazer alguma coisa, até aquelas visões.

Mas além do meu afetado senso de justiça, também tinha a consciência de que eu era apenas uma espectadora, de que estava ali apenas para descobrir como iria salvar Rafael e me concentrei nele quando entrei na igreja, seguindo Leonard. Ele se transformara desde o momento em que era apenas um homem comprando maçãs com um sorriso despreocupado, até o momento em que entravamos ali. Transformara-se completamente e me assustava a ideia do que ele poderia vir a fazer com Maria e Markos.

O que eu não conseguia entender era: se aquelas eram as memórias de Ric, porque ele não estava ali? Por que eu estava vendo todas aquelas coisas horríveis acontecendo e onde ele estava quando o irmão e a namorada precisavam dele e de Joseph?

Nos corredores da igreja, a noite caía e somente um óculo deixava entrar uma tímida fresta de luz no ambiente escuro e perturbador. Caminhei atrás de Leonard por entre as duas fileiras de bancos até

uma porta bem escondida do lado ao altar, por onde passamos e ele deixou escancarada; seus passos pesados e apressados ecoaram pelo corredor estreito e escuro por onde ele seguiu.

"Senhor?", um homem chamou quando a claridade atingiu o rosto de Leonard. Era uma sala muito pequena, toda de madeira escura como a igreja e vi Markos acorrentado ao chão do lado oposto onde Maria estava. Os guardas brutamontes ficaram no meio da sala, entre os dois enquanto um, o que tinha a aparência mais civilizada, apoiou as mãos nos quadris ao ficar de frente para Leonard, que estava impassível.

"Sim?".

"Não devemos fazer sem os julgamentos apropriados, todos nos viram prendê-los e isso levantará conversas. Além disso...", o homem fez uma breve pausa para olhar de relance para Markos, que lutava desesperadamente para se soltar das corretes que prendiam seus pulsos. "Esse homem tem amigos", seu sotaque era acentuado, mas eu não podia determinar exatamente de onde vinha. "Joseph King é um homem poderoso, assim como o irmão".

Leonard transformou seu olhar para algo mais

suave, porém endurecido. Algo que indicava ao homem que aquela era a coisa certa a se fazer, mesmo que parecesse errado no momento, e pousou a mão em seu ombro, muito perto dele para transmitir confiança em seu olhar. Leonard reduziu o tom da sua voz para que somente aquele guarda escutasse.

"Henry, nós fazemos o que precisamos fazer com esses monstros, não importando as consequências ou as influências que eles possuem. Fazemos o que é *certo", ele enfatizou a sua fala de tal modo que até eu acreditaria em seus ideais deturpados; quando deu um amigável aperto no ombro do tal Henry, ele assentiu e Leonard se afastou para puxar a lapela de seu pesado casaco e tirar de lá uma arma.*

"Ora, ora…", virei-me surpresa ao ver Joseph surgir na porta com um sorriso cínico e bater em seu pesado e chique casaco. "Se não nos encontramos de novo".

Leonard não hesitou em girar em seus calcanhares para erguer a arma e apontar para Joseph. Contudo, ao invés de temer ou tomar qualquer atitude que fosse, potencialmente, salvar sua vida da arma que estava a poucos centímetros

do seu rosto, Joseph riu. Parecia um sádico em meio a toda aquela situação, rindo; Leonard permaneceu onde estava, mal respirando, meio chocado com a reação de Joseph. E eu achando que ele fosse entrar ali e salvar o dia!, mesmo sabendo que Maria iria morrer e Markos, quase isso.

"Não é legal apontar uma arma para um amigo, Leo", ele ajeitou o casaco e olhou em volta, girando e passando bem perto de mim para se aproximar de Markos, mas não de maneira muito brusca e sem demonstrar se importar muito com ele ou com Maria. "Eis o que vai acontecer…", ele inclinou o rosto, claramente irritado com todo o desperdício de tempo que Leonard estava causando. Em seu rosto havia somente frieza e cinismo e por mais que eu tentasse, que procurasse com afinco, não encontrava nenhum único traço do homem que eu conhecia tão bem. "Eu vou levar o meu amigo e você vai nos deixar ir sem mais problemas", sua voz saiu carregada pelo sotaque sulista meio misturado com algo mais europeu e refinado; talvez o de alguém que passara tempo demais falando francês ou vivendo na Inglaterra.

"Lamento, senhor King, mas isso não vai

acontecer", Leonard, habilmente, engatilhou a arma com o polegar. Aquela coisa parecia muito antiga, mas, mesmo assim, extremamente capaz e potencialmente letal. "Eu digo o que eu sei e o que vai acontecer…", ele deu um passo na direção de Joseph. Leonard deixara-se intimidar inicialmente, mas havia quatro homens atrás dele e uma arma em sua mão, por isso, ele deixou um sorriso de escárnio dominar o seu rosto. "Eu acho que o senhor não é idiota. Presunçoso e audacioso, sim, mas não idiota. Não viria aqui", ele deu um passo a frente com a intenção de que Joseph fizesse o mesmo para trás até que ficasse contra a parede, mas Joseph o encarou seriamente e não se moveu e nem se deixou abalar com o tom de Leonard que conseguia arrepiar todo o meu corpo e me deixar com medo mesmo ali. "sozinho e desarmado para resgatar o seu amigo se não estivesse certo do seu potencial. Eu não sei o que você é. Se é um bruxo ou um demônio mascarado na pele de cordeiro e bem feitor, mas sei que não é humano e por isso", ele apontou a arma para o peito de Joseph, daquela vez, mirando-o, de fato, e com a intenção de atirar a qualquer momento.

"Você não quer fazer isso…", Joseph sorriu.

“Sabe o que tem aqui, senhor King?”, Leonard franziu os lábios com raiva e repudio ao continuar olhar para Joseph. Seu indicador estava no gatilho e parecia trêmulo ao se dar conta de que realmente poderia atirar. Não estava certa se ele, de fato, queria fazer aquilo; ou se achava que Joseph era um demônio que precisava ser detido ou se simplesmente não gostava dele. “Balas feitas de uma matéria especial. Pode matar um bruxo ou qualquer demônio que você seja”.

“Você não quer puxar esse gatilho, Leo”, ao invés de temer, ele simplesmente se abaixou, colocou um dos joelhos no chão enquanto Leo ainda o mantinha sob a mira da arma e os outros quatro guardas esperavam por algum sinal dele para atacar, e Joseph puxou as correntes como se fossem de plástico e arrancou-as.

Os quatro homens deram passos para trás, morrendo de medo. Leonard também estava, mas tentava mascarar bem, tentava manter a posição de quem ainda estava no controle enquanto Markos se levantava precariamente e arrastava-se até onde Maria estava. De onde eu estava, Leonard ficou entre ele e eu. Joseph ergueu os ombros diante de caçador, ou fosse o que fosse naquela época.

"Você vai atirar em mim agora ou só vai ficar balançando essa coisa como se fosse um brinquedo?", ele abriu o casaco, puxando junto sua camisa e expondo seu peito bem onde seu coração batia, oferecendo-se.

Eu estava boquiaberta, completamente confusa com o que estava acontecendo ali, ouvindo o som das correntes sendo mexidas enquanto Markos tentava soltar Maria e o som das preces dos homens que oravam pelas suas vidas depois de verem o que Joseph fizera com as correntes. Mas nada daquilo parecia real ou até mesmo coerente. Joseph já havia soltado Markos, eles poderiam fugir, tentar a sorte, então por que ele estava ali, desafiando um homem que podia matá-lo e claramente queria fazê-lo.

"Você é o próprio Diabo", Leonard murmurou com os olhos ligeiramente mais abertos ao calcular para trás um passo que não deu.

*"*Atire*, Leonard. Você me quer morto", foi Joseph caminhou e pressionou seu peito contra o cano da arma enquanto meu queixo caía. "Mas eu garanto que eu não vou ficar morto por muito tempo. E quando eu voltar... Eu vou estar* muito *irritado com você", um profundo olhar e um denso*

momento se seguiu enquanto os dois se encaravam. Eu tinha sérias dúvidas sobre a capacidade de Leonard em atirar em Joseph; antes, ele parecera um verdadeiro líder, assumindo o controle, dando ordens e fazendo o que precisava ser feito*, mas com toda aquela conversa de Diabo, e eu sabia que ele acreditava em suas próprias palavras, sabia que ele não conseguiria.*

"Se você é o Diabo", ele balançou a cabeça e engoliu em seco, extremamente perturbado; suas palmas suavam e seu dedo que estava no gatilho tremia. "Eu não posso te matar de verdade. Você vai continuar aqui, assombrando essa pobre cidade...".

"Quando foi que eu assombrei *Salém? Eu* ajudei *essa cidade", Leonard balançava a cabeça com os olhos arregalados ao dar um passo para trás. Markos finalmente conseguiu libertar Maria e ela, por entre lágrimas, ergueu-se minimamente para abraçar seu amor, envolvendo-o com força. Markos envolveu-a em seus braços e aninhou o rosto dela em seu peito, como se aquele abraço fosse o modo dele de dizer-lhe que a amava e que tudo ficaria bem. E, muito embora eu não pudesse ver o rosto dela, que estava oculto pelo corpo de*

Markos, sentia sua dor em suas lágrimas.

Mas com um rápido movimento, Leonard afastou a arma do peito de Joseph e, sem calcular muito bem ou esperar muito, ele disparou. O som do tiro explodiu por toda a sala como se fosse uma bomba e tivesse me atingido; foi alto e preencheu meus ouvidos quando vi que o tiro acertava Markos e Maria. Uma dor profunda e inexplicável, junto ao choque que anestesiou e dominou o meu corpo, atravessou-me e cobri a boca com ambas as mãos. Antes que eu notasse que estavam lá, as lágrimas embaçaram a minha visão e a visão se tornou um denso borrão com formas indistinguíveis.

Apenas me rasgue, me deixe mal[10]

Mas foi como se tivesse me acertado, direto no coração, pois do outro lado, fora daquela visão, diante da lareira do bunker onde eu realmente estava quando o som do tipo explodiu em meus ouvidos, eu caí no chão como se alguém tivesse roubado de mim todas as minhas forças e extraído a minha magia, desmembrado minhas forças.

Pisquei com força na tentativa de me recuperar de tudo o que tinha acontecido e me habituar ao lugar onde eu estava naquele momento. Vi Ric primeiro, pois ele estava diante de mim, mas não foram os braços dele atrás de mim que me envolveram e me ajudaram a sentar.

— Juliette, você está bem? — Markos estava agachado a minha frente e deu a volta, pousando o joelho direito no chão e com os braços me segurando firme. Tentei responder, mas, por um momento, o mundo girava descontroladamente a minha volta e eu não encontrava um jeito de fazê-lo parar. Meu corpo foi para frente contra os meus comandos, depois para trás e fechei os olhos.

Ric se recuperou daquele transe sinistro mais rápido que eu e Markos me soltou para olhar para o irmão.

— Essa foi uma ideia de merda — Alaric murmurou e enfiou a mão no bolso da jaqueta de Markos com extrema habilidade para pegar um belo lenço branco e me entregar; inicialmente, não entendi porquê, apenas o peguei, então o levei instintivamente ao nariz e depois olhei para o sangue no lenço que saía dele.

— Eu vou sobreviver — murmurei com um suspiro para tranquilizá-los, pois eles me olhavam como se eu estivesse morrendo. Limpei cuidadosamente o nariz com o lenço, mas ainda tinha aquela sensação no meu peito, em meu coração e estava demorando a passar. Mesmo assim, mesmo extremamente abalada, tive que me

forçar a erguer o rosto para Alaric, que se sentou diante de mim ao mesmo tempo em que seu irmão se sentava ao meu lado — Você viu o mesmo que eu? — ele fez que sim — O que aconteceu? Você não estava lá, como pode… — engoli em seco. Começara a falar muito rápido e minha cabeça doía demais.

Alaric balançou a cabeça e apoiou os antebraços sobre os joelhos erguidos, parecendo meio confuso: — O que vocês viram? — Markos olhou para nós dois, mas ficou claro em menos de dois segundos que nenhum de nós queria falar.

Retorci os lábios.

— Na visão, você estava…

— Foi sobre aquela noite — Alaric me interrompeu quando gaguejei, olhando o irmão com um olhar pesaroso antes de se voltar para mim, pragmático — Isso ainda não explica por que você foi parar lá. São as minhas lembranças.

— Onde você estava, então? — arqueei uma sobrancelha. Markos ficou muito quieto ao meu lado e mesmo sabendo o motivo, eu queria poder fazer alguma coisa a respeito.

— Eu não sei. Talvez em casa, eu não sabia o que estava acontecendo com o meu irmão era Joseph

trazê-lo para cá, disso eu me lembro.

Balancei a cabeça com um suspiro e voltei-me para o fogo.

— Isso não faz sentido e também não explica como eu vou trazer Rafael de volta. Talvez precisemos avançar um pouco mais até o momento em que você descobriu como salvá-lo — falei baixo, sem olhar para nenhum dos dois, apenas observando o fogo crepitar por um longo minuto. Nenhum dos dois falou nada, mas observei-os de soslaio e vi o modo como se entreolhavam.

Algo me dizia que tinha algo que eles não estavam me contando.

— O que foi? — virei a cabeça apenas o suficiente para olhar para Ric, que desviou o olhar do meu, tenso demais. Markos se levantou sem dizer uma palavra e desapareceu pelo corredor atrás do sofá, deixando que o som dos seus passos pesados preenchesse o ambiente e quando não puderam mais ser ouvidos, o fogo crepitante na lareira se encarregou da tarefa. Alaric manteve meu olhar com uma intensidade rascante por um longo momento antes de balançar a cabeça e olhar para a lareira.

— Isso pode ficar sentimental para o meu irmão,

sabe? — ele não esperava uma resposta de mim, por isso não falei nada, mas eu certamente podia entender o sentimento e sabia que aquilo também não era fácil para ele. Alaric respirou fundo e me olhou — Mas temos que pensar racionalmente aqui, Juliette — ele expirou e balançou a cabeça, retorcendo os lábios com seus próprios pensamentos.

— No que você está vendo?

— Eu não podia me lembrar do que acabamos de ver e agora só consigo pensar nisso. Eu não sei se estava lá em algum lugar ou… — ele me lançou um olhar perturbado — Escuta, fui só eu ou você também achou Joseph bem estranho? Quero dizer… — Ric estava desconcertado quando se virou completamente para a lareira e balançou a cabeça com os olhos estreitados antes de me olhar de novo — Quem mandaria outra pessoa atirar em si se pudesse morrer?

— O que você está sugerindo, Ric? — perguntou em um murmúrio trêmulo.

— Que se ele mandou Leonard atirar nele é porque tinha alguma garantia. Você o ouviu, ele disse que iria *voltar* irritado — entreolhamo-nos, dizendo coisas que não poderiam ser ditas com

palavras. Arquejei e mordi o lábio.

— Por um segundo, eu pensei o mesmo, mas… Não. Joseph está morto agora, talvez ele só estivesse blefando na tentativa de conseguir escapar e salvar o seu irmão — Ric anuiu com a conclusão que eu acabara de ter. Aquilo não tinha, de fato, passado pela minha. Tinha me perturbado também, mas não quis admitir — Não deveríamos voltar lá?

— Não — ele fez que não e começou a se levantar — Isso extraiu boa parte da sua magia, você vai ter que se recuperar antes de tentarmos de novo.

Por um momento, olhei para cima para manter os olhos nos seus e pensei em algum protesto que pudesse fazer, que não podíamos desistir agora que estávamos tão momento, que precisávamos fazer aquilo para salvar Rafael e tirá-lo do mundo prisão, mas eu estava tão cansada que só pude concordar. Daquela vez, o mergulho na cabeça de Alaric tinha sido fundo demais até para mim e levara minhas forças, minha magia parecia-se com uma lâmpada apagada naquele momento.

A fome era suportável, mas crescia, e eu estava fraca até mesmo para me levantar de onde estava.

— Vem comigo, comer alguma coisa vai ajudá-la

a se recuperar — ele estendeu a mão. De algum modo, parecia dividido, como se não estivesse certo se deveria fazer aquilo ao mesmo tempo em que queria.

Anuí e peguei sua mão, apoiando-me completamente nele para me colocar de pé: — Wow… — ele me segurou quando meus joelhos se dobraram ligeiramente e tentei manter a compostura, mas levantar fez com que tudo girasse de novo; abaixei a cabeça e fechei os olhos, pressionando a testa contra o peito de Alaric enquanto ele envolvia a minha cintura e me mantinha de pé — Tem certeza de que você está bem? Precisa de alguma coisa? O que eu posso fazer?

— Não… Eu estou bem — engoli em seco e empertiguei os ombros — Acho que só preciso de tempo para recuperar as energias — quando abri os olhos e ergui o queixo, Alaric manteve-o com seriedade e mais algumas emoções desconhecidas atravessando o seu rosto. Dei um passo para trás e ele me soltou após ter certeza de que eu podia fazer aquilo sozinha — Eu estou bem — murmurei.

— Você não está nem um pouco bem, precisa

descansar. Venha — Alaric me ajudou a andar enquanto seguíamos pelo corredor.

— Vai tirar a minha roupa e me colocar na sua cama de novo? Não, obrigada — como eu podia fazer piada diante daquela situação? Meu Deus, havia algo muito errado comigo, sem sombra de dúvidas.

— *Não*, Juliette — Alaric respondeu muito sério — Eu já disse que você estava toda molhada? — quando passamos por muitas portas, ele parou na porta do quarto dele e me olhou bem nos olhos sem me soltar, pois eu poderia desabar no chão se ele o fizesse; limitei-me a manter seu olhar duro e engoli em seco.

— Tem muitos quartos aqui — murmurei com um nó inexplicável na garganta.

— Não estão exatamente prontos para receber hóspedes, estão uma enorme bagunça, então seja boazinha e se deite, por favor — ele me fez dar um passo para trás.

Sua enorme *king size* estava como eu me lembrava, assim como o resto do quarto assustador, porém aquecido e convidativo. O lençol de cetim negro na cama estava quase me chamando quando caminhei até lá e me sentei na borda; Alaric estava

certo, tudo em mim doía e eu certamente precisava descansar um pouco para recuperar as energias. Mas eu estava cheia de adrenalina e queria ter respostas o mais rápido possível.

— Vou trazer alguma coisa para você comer. O que prefere? — corri os dedos pelo lençol liso sem tirar os olhos dele ao deslizar a língua pelos lábios secos.

— Eu quero ver Markos, onde ele está? — tentei me levantar, mas como num passe de mágica, Ric já estava diante de mim e colocou a mão direita em meu ombro para me forçar a continuar sentada — Eu preciso falar com ele… Ele… Ele parecia machucado, magoado, você não se importa com isso? — ergui as sobrancelhas e ele manteve meu olhar brevemente. Por fim, Alaric afastou sua mão, mas não se moveu.

— Eu já me conformei com o fato de que não consigo proteger o meu irmão de todos os males e de que não posso salvar o mundo, você deveria fazer o mesmo. Agora fique quietinha aí enquanto eu cozinho alguma coisa — exalei um ar pesado, mas não protestei. Observei Alaric se afastar e apertei o lençol entre os dedos; talvez Ric estivesse certo e conhecesse seu irmão melhor do que eu.

Talvez soubesse que, no fim das contas, ele só precisasse ficar um pouco sozinho.

Afinal, embora eu estivesse descobrindo tudo tão rápido, tudo aquilo, toda aquela tragédia, acontecera há mais de trezentos anos. Se ele não tinha superado o seu amor por ela durante todo aquele tempo e aquela não fosse apenas uma memória triste, peguei-me imaginando se algum dia ele estaria inteiro e aberto a amar de novo, a entregar seu coração mais uma vez mesmo diante da possibilidade de que ele pudesse ser partido. De novo.

De manhã estarei com você, mas será de um jeito diferente[11]

Provei a sopa de Alaric, buscando na minha cabeça quando eu tinha comido algo tão bom. Talvez eu estivesse com tanta fome que uma simples sopa tivesse o gosto de uma divina ambrosia, mas estava mesmo muito boa.

— Obrigada — ele não me ofereceu nada além de um aceno tranquilo enquanto se levantava da cama e deixava a bandeja no meu colo enquanto eu comia — Ric? — ele sentou na poltrona ao lado do criado-mudo e virei a cabeça para olhá-lo — Por que você é tão… *Gentil* comigo? — a pergunta era

idiota? Sim, completamente, e pegou-o, sem sombra de dúvidas, desprevenido. Afinal, o que havia de errado comigo?

Pousei lentamente a colher ao lado da tigela de sopa e ele ergueu o queixo: — Porque eu gosto de você. Preciso de mais algum motivo?

— E por que você gostaria de mim, exatamente? — perguntei com cuidado. Eu mesma não sabia por onde estava guiando aquela conversa, mas depois de ter feito a pergunta, estava ansiosa pela sua resposta — Quero dizer… — tentei reformular e fechei os olhos por meio segundo — Eu só te trouxe os meus problemas, nunca te dei nenhum motivo para se importar com nenhum deles, nem tampouco para *gostar* de mim.

Ele me observou por longuíssimos segundos, sem dizer uma única palavra, apenas me encarou e estreitou os olhos com cuidado, entrelaçando os dedos em seu colo: — Eu não sei o que você quer que eu responda.

— A verdade, obviamente — Alaric deu de ombros.

— Eu não tenho outros motivos, Juliette. Eu quis te ajudar, ainda quero. Se eu não me importasse, não teria te deixado entrar na minha mente para te

ajudar, então não sei o que você quer que eu diga, mas essa é a única resposta que eu tenho a oferecer — antes que eu pudesse perguntar, quando abri a boca, ele já estava de pé. Foi só piscar e Ric desaparecera como mágica.

Terminei de comer e tentei me concentrar um pouco, testar minhas forças, mas minha magia estava fora do ar e meu corpo ainda doía. Assim, deitei-me e achei melhor poupá-las com uma soneca rápida.

Quando acordei, não podia precisar quanto tempo se passara, já que o lugar não tinha janelas ou portas, então me levantei e saí dali na direção da sala, que era o lugar menos sombrio e assustador. Encontrei Markos tomando uísque de costas para mim. Toda a sua postura denunciava sua tensa; sua mão esquerda estava no bolso de sua calça cara e sob medida enquanto meu amigo dava um gole na bebida e observava o fogo da lareira que parecia nunca apagar.

— Vai ficar aí o dia inteiro, Juliette? — eu estava praticamente oculta pela parede do corredor e Markos estava de costas, então como me *vira* ali? Markos se virou e saí de lá para ir na direção dele,

dando cada passo com cautela.

— Você está bem? — perguntei com cuidado.

Markos deu de ombros e se sentou enquanto eu dava a volta no sofá para me sentar ao lado dele, mas não perto demais. Sem responder, ele deu um gole em sua bebida.

— Tem algo que eu possa fazer?

— Dificilmente — ele terminou o uísque sem olhar para mim quando afundou no sofá — Se sente melhor?

— Sim — olhei para trás como uma tonta, como se ele estivesse atrás de mim, depois, olhei para Markos de novo — Onde está o seu irmão?

— Não sei — ele não parecia estar muito a fim de conversa, mas o que eu podia fazer? Se eu não fizesse aquelas perguntas idiotas, não saberia como estava, se eu podia ajudá-lo de alguma forma. Mordi o lábio e entrelacei os dedos em meu colo — Espero que encontre o que procura, Juliette — ergui os olhos para ele, tentando interpretar suas palavras enigmáticas.

— O que você quer dizer?

Markos se virou para mim e balançou a cabeça brevemente.

— Que espero que encontre na mente do Ric as

respostas para trazer de volta o homem que você ama — engoli em seco e me aproximei dele, mexendo na manga da minha blusa.

— Eu sinto muito. Pela Maria. Sinto muito — ele anuiu dolorosamente. Imaginava como devia ser difícil para ele relembrar de tudo aquilo, de sentir toda aquela dor de novo — Ela era uma bruxa? — perguntei com cuidado, embora com curiosidade.

— Ela era — ele murmurou e se levantou para ir na direção da mesa de bebidas — Você precisa de uma bebida. Só então estará pronta para mais do que você pode ver na mente do meu irmão.

Ele se serviu mais uma dose dupla e fez o mesmo com outro copo, que me entregou ao se sentar novamente ao meu lado.

— Obrigada — não tinha certeza se aquele era o momento mais apropriado para beber, mas um pouco de uísque mais ajudava do que fazia mal — Markos… — segurei o copo firmemente entre as duas mãos e esperei que ele me olhasse, deixando claro que eu tinha a sua completa atenção — Eu sei que na nossa amizade… Eu tenho exigido muito mais de você do que tenho dado e que… Eu tenho *preciso* de você sem parar durante muito tempo para me importar com o que você precisa, mas…

— respirei profunda e longamente — Eu estou. Se você precisa, eu estou aqui. Eu não sei se você tem alguém com quem falar sobre isso ou se pode fazer isso com Ric, mas eu me importo com você…

— Não quero falar, Julies — ele se virou e bebeu seu uísque.

Ric apareceu na sala pouco depois e concluí que fosse o momento para acabar com o clima estranho entre Markos e eu e para continuar nossa aventura dentro de suas confusas memórias. Nós três terminamos nossas bebidas e nos sentamos no chão, só que daquela vez em um círculo, pois Markos pegou mão de Ric, deixando claro que não queria mais ficar de fora com meias informações, e estendeu a esquerda para mim.

— Você se importa? — ergui o queixo, preparando-me para responder quando Ric o fez primeiro, fazendo com que nós dois olhássemos para ele.

— Acho melhor não — Markos ergueu uma sobrancelha com cuidado e fiquei em silêncio — Juliette não é forte o suficiente para mandar vocês dois para lá, você viu o que aconteceu mais cedo…

— Eu posso canalizar de você — Markos moveu

os olhos de um contrariado Alaric para mim — Não posso? Se eu canalizar de você, posso manter nós dois lá sem mais interrupções.

— Claro, você pode canalizar de mim — ele pegou a minha mão e mordi o lábio. Meus olhar de voltou para Ric, que estava diante de mim, e meus pensamentos para o que ele dissera mais cedo sobre não poder proteger o irmão de tudo nem salvar o mundo.

Talvez ele até estivesse certo em se opor a ida de Markos àquele lugar da mente dele sem saber o que nos aguardava. Ele sabia tanto quando eu que faria o irmão sofrer ao reviver tudo de novo, mas ele precisava ver tudo aquilo talvez para superar e seguir em frente.

Alaric me olhou, contrariado, e fechamos os olhos; involuntariamente, meus dedos se fecharam com mais força e mergulhei tão fundo que perdi o fôlego.

Salém, fevereiro de 1692

Alaric estava certo. Colocar nós dois lá exigiu demais de mim, mais do que das outras vezes e eu não tinha certeza de por quanto seria capaz de

manter aquele feitiço. Ao abrir meus olhos na sala de estar do bunker, respirei tão fundo que meu peito doeu, meus pulmões inflaram tanto que foi como se meu peito fosse implodir, mas Markos me segurou e me manteve de pé.

Ao menos podíamos ver e tocar um ao outro.

"Tudo bem?", eu estava com o mesmo vestido pesado e incômodo de mais cedo, assim como ele vestia as roupas características da época ao me soltar. Fiz que sim e nos voltamos para o que acontecia ali.

Estávamos na frente da lareira, de frente para o sofá onde Markos estava deitado e Alaric estava sentado ao lado do irmão. Mordi o lábio com a expressão meio perturbada ao mover meus olhos para Joseph, detrás do sofá. Markos parecia em algum lugar entre a consciência plena e alguma alucinação, sentindo dor pura e intensa; franzi a testa, desejando poder fazer alguma coisa quando eu sabia que não podia. Ao menos eu sabia que ele ficaria bem ao fim de tudo aquilo, mas não podia evitar aquela agonia em meu peito.

"O que nós fazemos?", Alaric ergueu os olhos para Joseph, que estendeu a mão e tocou a testa de Markos. Com apenas simples toque, o corpo arque-

ado em agonia do meu amigo relaxou e seus olhos se fecharam. A perturbadora dor abandonou seu rosto e Markos ficou quieto, parecendo sonhar. "O que você fez?", Ric falou um pouco mais alto, suas mãos agarrando os ombros do irmão e chacoalhando-o.

"Não se preocupe", Joseph se levantou e deu uma lenta volta em torno do sofá até estar de frente para Alaric. "Ele só está dormindo", ele fez um gesto de desdém e expirou, em seguida, caminhou lentamente até a mesa de bebidas para se servir de uma dose de uísque ou qualquer coisa parecida. "Preciso da sua ajuda", ele bebeu um gole da bebida e voltou-se novamente para Alaric, que empertigou os ombros.

"Eu preciso ajudar o meu irmão…".

"Sim, eu sei. É o que faremos", ele tomou mais da bebida sem tirar os olhos de Ric, que começou a exibir uma expressão perturbada, beirando o desespero, enquanto seus cabelos castanho-claros caíam bagunçados pela sua testa.

"Do que você precisa?".

"Preciso de uma bruxa para que façamos um feitiço", Alaric retorceu os lábios com o cenho franzido e, por fim, agitou a cabeça em um gesto

negativo, tendo o rosto tomado pela angustia diante da possibilidade de perder o irmão.

"Eu ainda não entendo. Você conhece a cura para... Isso*, não conhece? Então por que precisamos de uma bruxa?".*

"Para um feitiço de localização. Precisamos encontrar aquele bastardo", ele fez um gesto como se não se lembrasse qual era exatamente o nome dele quando já estava bastante familiarizado: "Leonard! É isso que precisamos, Alaric, e, só então, poderemos fazer alguma coisa sobre Markos", ele gesticulou para o corpo de Markos como se o fizesse na direção de um peso de porta que não servia mais.

Ric colocou-se de pé em um gesto habilidoso e, já completamente livre de seu choque inicial, voltou a ser o Alaric que eu conhecia. Audacioso e pragmático, fazendo o que precisava ser feito, ficando de frente para Joseph como se vociferasse uma ameaça: "Eu posso conseguir uma bruxa quando você me disser no que um feitiço de localização vai ajudar o meu irmão", falou com toda a raiva que poderia haver em seu corpo.

"Primeiro, localizamos Leonard. Segundo, usamos o sangue dele em um feitiço para curar o

seu irmão", Joseph falou entre dentes. Estava muito mais do que claro que ele não curtia muito a ideia de ser questionado em suas palavras ou atitudes, mesmo que não fizessem sentido para ninguém. Mas o que importava ali era somente o fato de que ele estava agindo para salvar Markos e nos daria a resposta para salvar Rafael. Agora eu sabia que era um feitiço e que precisaríamos do sangue de Leonard. "Você acha *que pode fazer isso?".*

"Maria. Ela certamente faria qualquer coisa para salvar o meu irmão", Joseph anuiu e eles se afastaram um do outro, prontos para agir.

Soltei as mãos de Markos e Ric ao mesmo tempo para levá-las ao meu peito, onde uma enorme dor latejava e se alastrava; ao invés os olhos, uma vez que eu estava de volta ao mundo dos vivos, só consegui apertá-los ainda mais, entreabrindo os lábios em reação a dor, mas sem exprimir nenhum ruído. Apenas minha respiração ofegante e trôpega podia ser ouvida na sala, além do crepitar do fogo que nunca se apagava.

— Juliette, ei! — escutei a voz de Markos e senti seus dedos tocarem meu pulso. De algum modo, a

dor começou a desaparecer e relaxei os ombros — Tudo bem?

— Isso é culpa sua — ouvi a voz de Ric ao abrir os olhos. Tudo que fiz durante alguns segundos foi retomar meu fôlego — Eu disse que ela não podia manter o feitiço se vocês dois estivessem lá…

— Eu estou bem, Ric. Isso é só… Passageiro — balancei a cabeça como se quisesse me certificar que eu sabia daquilo, se eu sabia o que estava dizendo a ele — Mas você está certo. Eu estou fraca, vamos precisar de ajuda — Markos se afastou e respirei bem fundo, movendo meu olhar entre os dois. Ambos tinham um semblante preocupado.

— Que tipo de ajuda?

— Canalizar de uma criatura poderosa o suficiente para nos manter lá — balancei a cabeça — Até o fim. Estamos ficando sem tempo.

— E que tipo de criatura você sugere ter essa força?

Fiquei com o ar preso na minha garganta, olhando para os dois por um longo e tenso segundo antes de ter meus lábios entre dentes e poder formar as palavras concentras na minha mente e pronunciá-las.

PERIGOSAS

— Uma sereia.

Sumário

Parte 2 — Talvez não essa noite

Não estou te chamando de mentiroso
Apenas não minta para mim
Não estou te chamando de fantasma
Apenas pare de me assombrar
E eu te amo tanto que o deixarei me matar
Eu o carregarei comigo
Até vê-lo novamente
Eu fui à floresta

PERIGOSAS

Desviando pela floresta o caminho para o inferno
Livra-me

NACIONAIS - ACHERON

Parte 2

Talvez não esta noite[12]

Não estou te chamando de mentiroso[13]

Suspirei quando terminei de falar e Lauren me encarou com os braços cruzados, como se não tivesse certeza se eu tinha plena consciência para pedir a ela uma coisa daquelas depois de tudo o que tinha se passado entre nós.

Já era noite, suficientemente tarde, e estávamos na sala de estar dos Hamilton e Ric e Markos estavam um de cada lado no sofá. No meio deles, eu podia olhar para Lauren enquanto esperava por uma resposta dela, que afundou no sofá e relaxou os braços quando Cassandra entrou na sala como uma boa anfitriã, levando café.

— Obrigada — Markos aceitou o café

educadamente, mas com uma expressão fechada ao fitar Lauren. Cassie se juntou a ela de frente para nós e achei melhor tomar um pouco de café também, afinal, eu precisaria de um pouco mais de forças do que eu já tinha para lidar com todo aquele drama.

— Está bem. Se for para ajudar Rafael, eu faço — movi meus olhos até Alaric, do meu lado direito. Ele encarava Lauren com certa curiosidade e tive uma rápida impressão de que ele podia ler seus pensamentos.

Por um momento, desejei que Cedrico estivesse lá comigo, porque me sentia um tanto enfraquecida e seria bom ter seu apoio moral, sentir sua presença, mas Cassandra dissera que ele saíra com Eva para fazer Deus sabe o quê. Antes, eles não se davam muito bem e sob aquelas circunstâncias, eles se falavam, mas eu não podia imaginar o que estariam fazendo juntos. Sozinhos.

— Está certo — retornei a xícara à bandeja e levantei-me — Vamos fazer isso logo.

Salém, fevereiro de 1692

Com Lauren era muito mais fácil manter o feitiço.

Daquela vez, Markos e eu fomos levados até uma modesta casa quase no fim da cidade, feita de madeira e iluminada por algumas velas grossas. Havia um cômodo somente onde duas mulheres se encontravam. Uma, a mais jovem, estava deitada em uma cama estreita de solteiro encostada a parede e parecia sofrer. Ela estava seminua e eu podia ver o sangue no lençol abaixo dela que escorria do ferimento na altura de suas costelas. Joseph e Alaric pararam perto da porta, a dois ou três metros da cama, e Markos e eu fizemos o mesmo ao lado dos dois.

A segunda mulher era velha, talvez mais velha do que qualquer mortal conseguia ser, e usava roupas escuras, ao contrário de Maria, a quem ajudava com uma espécie de fogo mítico azul que saía de suas mãos. Naquele ponto, eu não podia dizer se ela era uma bruxa, pois nunca tinha visto nada como aquilo no mundo. Contudo, a esfera de luz, que foi aumentando ao se aproximar do ferimento, calou os gemidos de Maria e fizeram-na relaxar e deitar sua cabeça no travesseiro com um suspiro de alívio. A velha mulher colocou uma faixa em torno de seu abdome e cobria-a com uma colcha antes de se levantar e permitir que os dois se

aproximassem dela.

"Precisamos da sua ajuda", Ric falou primeiro enquanto ela se sentava. Sua voz sugeria desespero e ficou explicito que a relação deles não era muito boa. E que ele não estaria recorrendo a ela se tivesse qualquer outra pessoa a quem fazê-lo. Maria lutou para estabilizar sua respiração e consertou seu longo e espesso cabelo, que caía em seu rosto.

"Eu pareço em condições de ajudar alguém, Alaric?", ela murmurou quase sem fôlego, lutando para não parecer tão mal quanto realmente estava. Olhei rapidamente para Markos, para checar como ele estava, como tudo aquilo soava para ele, mas seus olhos deixaram claro que ver Maria significava muito mais para ele do que poderia dizer, pois isso evitei a estupidez da minha pergunta. "O que você quer?", Joseph passou por ele e ficou diante dela, assumindo o controle da situação e tirando um lenço branco, porém sujo, do bolso interno de seu casaco.

"Precisamos de um feitiço localizador", ele estendeu o tecido e ela o pegou com desconfiança.

"De quem é?".

"Leonard", ela engoliu em seco. Era visível o

modo como o nome a afetava e, a julgar pelo que eu vira Leonard fazer, imaginei que aquela perseguição tinha sido muito mais do que eu tinha visto. "Existe um feitiço que irá salvar você e Markos, mas preciso do sangue daquele maldito", ele se sentou ao lado dela, apelando para o lado emocional de uma maneira horrível e que nem tentou esconder com preocupação com ela ao fazê-lo e olhá-la profundamente nos olhos. "Precisamos disso para salvar vocês dois", nos profundos olhos negros de Maria, vi algo parecido com hesitação, mas eles também ficaram cheios de lágrimas.

Ela apertou o tecido entre os dedos e ergueu o queixo.

"Eu faço", ela balançou a cabeça e afastou as lágrimas. "Eu faço qualquer coisa para salvá-lo, só preciso ir para casa, onde tem tudo o que eu preciso", Joseph assentiu e se levantou, maneando a cabeça na direção de Ric para que ele o seguisse para o lado de fora.

Contudo, ao que Joseph fechou a porta, sua conversa se tornou indistinta e a visão enevoada, ao que fomos levados a outro lugar, arrastados pela memória de Ric. Daquela vez, estávamos em uma grande casa, onde Maria estava ajoelhada

diante de uma mesa de centro, perto de uma lareira acesa. Joseph e Alaric estavam sentados no sofá, esperando por ela, que tinha os olhos fechados e estava firmemente focada no feitiço, com o lenço que dera a ela para encontrar Leonard.

Mantive-me concentrada em Markos por um momento, vendo como ele olhava em volta daquele lugar. Eu poderia afirmar que ele já estivera ali pelo seu olhar pesado em cada centímetro do lugar: "Markos...", murmurei e pousei a mão em seu ombro, fazendo-o girar em seus calcanhares para me olhar. "Você está bem?".

Ele piscou para afastar os pensamentos, mas eles pareceram se tornar mais densos quando seus olhos se moveram até Maria, e então novamente para mim: "Eu estou bem", falou de modo ríspido, como que para enfatizar que estava mesmo, mas era possível notar em seu rosto que suas palavras saíam da boca para fora.

Mordi o lábio e me afastei, dando a ele espaço o suficiente. Maria abriu os olhos e relaxou sua postura, sentando-se no chão com uma expressão de dor. O lenço escorregou da sua mão direita para encontrar o chão ao mesmo tempo em que a esquerda apoiava seu peso no chão, direção na

qual ela se curvou. Alaric e Joseph levantaram-se imediatamente e Ric ajudou-a a se sentar, contudo, sua dor parecia piorar, se alastrar por todo o seu corpo; ela pareceu agonizar nos braços de Ric, que estava trás dela e segurava-a firmemente. Joseph pousou o joelho direito no chão perto da mesa e de costa para nós.

"Eu não posso…", ela falou quase sem forças e a beira das lágrimas. "Eu quero muito ajudá-lo, mas eu não consigo…", ela arquejou e apoiou-se completamente em Ric. "Eu não sou forte o suficiente e estou fraca".

Joseph estendeu a mão e tocou o braço dela, que respirou fundo.

"Isso vai ajudar com a dor e te dar mais tempo. Mas você precisa tentar, Maria, é a nossa única chance", Maria se afastou devagar de Alaric, que trocou olhares malévolos com Joseph atrás dela.

"Só você pode salvá-lo, Maria", Alaric falou friamente, de algum modo, completamente ciente de que ela não conseguiria.

"Eu sei, eu vou…", ela balançou a cabeça e pegou o lenço do chão. "Eu vou tentar de novo", ela inflou o peito e os dois se afastaram.

Novamente, as coisas desapareceram em um fade

e quando reapareceram, Alaric pressionou a pedra acima da lareira na mesma sala em que estivéramos antes, guiando Maria para dentro da lareira que se abriu, ao que concluí que aquela fosse a sala que abrigava o bunker antes de ser uma academia. Joseph ficou parado, observando os dois com uma das mãos em seu casaco: "Ainda temos algum tempo", falou olhando para Alaric, que concordou em um breve aceno. "Eu vou encontrar Leonard".

"Eu vou com você", Alaric deu alguns passos a frente, permitindo que Joseph calculasse friamente sua proposta. "Você vai precisar de ajuda", Ric abaixou o tom da sua voz. "E eles ficarão bem por enquanto".

Joseph anuiu, parecendo meio contrariado: "Está bem, leve Maria até o bunker, eu irei esperá-lo", Alaric concordou rapidamente e voltou-se para Maria, levando até o bunker, através daquele labirinto escuro e assustador, provavelmente para que ela não se perdesse no caminho, e retornou rapidamente para sair com Joseph.

Eu estava começando a ficar confusa com os cortes *nas memórias de Ric, mas não era difícil acompanhar, pois na cena seguinte, estávamos em*

um bordel onde mulheres seminuas desfilavam e onde eu podia ouvir sons*, digamos sons que eu não gostaria de ouvir, assim como não gostaria de estar naquele lugar. Markos e eu nos entreolhamos, evidenciando que ele não entendia o motivo de estarmos ali tanto quanto eu, mas rapidamente, em meio a tantas mulheres, encontramos Joseph e Alaric no exato segundo em que elas deram gritos agudos e voltaram-se para eles; Joseph dera um chute em uma das portas e Markos e eu rapidamente os seguimos quando ele e Ric adentraram o quarto parcialmente escurecido, cada um com a sua expressão de poucos amigos.*

"Fique onde está", quando estava dentro do quarto, pude ver Leonard, que de tão surpreso que caíra no chão, e uma ruiva de longos cabelos cacheados ajoelhada no chão, puxando parte do lençol para cobrir-se, boquiaberta e assustada.

"Você está louco?", a mulher disparou em tom agudo. Mesmo com suas palavras desafiadoras, ela estava tremendo de medo enquanto Alaric atravessava o quarto até o outro lado da cama, onde pegou a calça de Leonard e jogou para ele.

Leonard se vestiu em rápidos movimentos e fixou seus olhos em Joseph, que abriu um pouco mais a

porta e gesticulou para fora, convidando a mulher a se retirar: "Por favor, senhorita", ela se enrolou firmemente no lençol e levantou-se, saindo pouco antes de Joseph bater a porta de modo sonoro.

"O que está fazendo atrás de mim, Diabo?".

Joseph se aproximou ameacadoramente dele com um sorriso sarcástico.

"Eu não sou o Diabo, Leonard, sou um xamã e neste momento, eu preciso de um pouco do seu sangue. Podemos fazer isso por bem", seus passos se tornaram ainda mais ameaçadores e ele ficou sério, encurralando Leonard contra a parede. Eu já não podia dizer se o caçador bruxo estava com medo ou se estava disposto a enfrentar o Diabo. *"Ou podemos fazer por mal, você decide".*

"Acredita que serei tolo para lhe entregar minha alma de bom grado? Terá que tirá-la de mim a força", ele vociferou. Joseph se virou e fez um sinal para Ric, dando um passo para trás. A alguns metros de Leonard, Alaric ergueu a mão com a palma virada para cima e uma tímida esfera de fogo surgiu em sua palma, crescendo lentamente até ter o tamanho de uma bola de tênis, quando ele a lançou sobre Leonard, queimando seu antebraço esquerdo e fazendo-o escorregar pela parede até se

sentar no chão.

"Seu sangue, Leonard, estamos sem tempo", Leonard limitou-se a mover seus olhos da queimadura em seu braço para Alaric, depois para Joseph. Em seguida, Joseph tirou uma seringa de seu bolso. Era metálica e diferente de qualquer coisa que eu já tivesse visto, somente em filmes distópicos e futuristas. Ele jogou aos pés de Leonard, que olhou para ela. "Eu sei que você é um bruxo e que não quer estar aqui em meio a essa guerra. Então, se não quiser que saibam, colabore*", ele falou entre dentes e Leonard pegou a seringa. Contra a sua vontade e com o maxilar rígido, ele enfiou a seringa, que não tinha aquela coisa para puxar o sangue, e tirou pouco depois, estendendo na direção de Joseph.*

"Vocês todos irão pagar", seu tom sugeriu uma ameaça. Não parecia mais o homem que acreditava em Diabo e tinha medo do inferno, e sim, alguém bastante seguro do que estava dizendo. Da ameaça que fazia ao deslocar seus olhos amedrontadores entre Ric e Joseph. "Vocês podem dominar o fogo, mas queimarão através deles".

Joseph, ao invés de sentir medo daquela ameaça como eu sentia, agachou-se com seus bons modos e

toda a sua etiqueta, e fitou Leonard. Seus olhos azuis pareciam enxergar a alma de Leonard e ele ficou paralisado, certamente pelo medo. "Você sabe o que ser um xamã significa?", ele não esperou que Leonard dissesse que não, pois ficara mais do que explicito com um olhar que não fazia ideia do que aquilo significava. "Eu sou esclarecer isso para você", algo em seu tom arrepiou minha pele e paralisou meus ossos, me fazendo envolver meu corpo com os braços, completamente paralisada. "Significa que eu jogo pragas, crio maldições. E que quando você cruzou o caminho dos meus amigos, você fez a sua própria sorte e agora, Leonard", a raiva foi crescendo em sua voz e Joseph cerrou o maxilar com irritação, as palavras mal saindo da sua boca; ele estreitou os olhos: "E estou me sentindo criativo", ele deu um sorriso sádico. "Para você, Leonard, eu vou te oferecer a eternidade. Você vai viver para sempre nessa guerra. Você irá caçá-los, irá caçar sua própria espécie e isso será mais forte do que a sua própria vontade". E com isso, ele se levantou e se voltou para Alaric, que esperava com sua própria expressão de poucos amigos à direita da porta, esperando que Joseph terminasse com suas

ameaças e pragas.

"Você não tem esse poder", Leonard se levantou e Joseph se virou para olhá-lo a meio caminho da porta. "Nem se fosse um bruxo muito poderoso".

Joseph riu e balançou a cabeça, como se dissesse "como é tolo".

"Eu sou mais do que um bruxo poderoso, Leo. Estou te dando a imortalidade para queimar no inferno; espero que aproveite-a", Alaric abriu a porta e os dois ganharam a noite.

Apenas não minta para mim[14]

Alaric entregou o sangue para Maria enquanto ela moía algumas ervas em uma tigela de pedra. Markos parecia-se com um cadáver deitado no sofá e Maria parecia pior que ele, embora lutasse para manter suas forças e terminar o feitiço. Mantive minha atenção no que ela usava ao terminar e erguer as mãos acima da tigela sob os olhares de Joseph e Alaric, que estavam detrás do sofá, cada um com a tensão estampada em seus rostos.

Maria engoliu em seco e foi impossível não notar, com o tom branco como a neve da sua pele, quando o sangue escorreu pelo seu nariz: "Maria...", Alaric fez a menção em dar a volta no sofá,

contudo, Joseph o impediu com a mão em seu antebraço, com os olhos fixos em Markos, em seguida, em Maria.

Ric pareceu ter entendido o que ele quisera dizer, pois refreou seus movimentos. Olhei para o Markos que estava no sofá, ainda adormecido, mas em uma espécie de sonho, talvez, depois, guiei meu olhar para o Markos que estava ao meu lado, completamente consciente do que se passava ali e sua expressão denunciava seu entendimento diante daquela situação. Eu tinha a impressão de que, quando ele acordara, a versão que ele obtivera sobre o que acontecera não fora exatamente o que estávamos vendo aquilo, por isso, contive minhas palavras de consolo e impedi-me de perguntar se estava tudo bem com ele. Deixei-o que processasse tudo a seu tempo enquanto escutávamos ao palavras de Maria e eu as memorizava.

As velas que estavam acesas, uma em cada ponta da mesa, acenderam e cresceram rapidamente enquanto o peito dela subia e descia. Sua pele tornava-se ainda mais pálida do que já era e algo parecia consumi-la por dentro.

"Ela não consegue", Joseph murmurou baixo o suficiente para que somente Ric escutasse. Eles se

entreolharam e pareceram se entender daquele jeito. "Precisamos de uma bruxa que consiga…".

Sua fala foi interrompida por um grito agonizado de Maria. As velas se apagaram de uma vez, assim como o fogo da lareira, o que fez um arrepio paralisante percorrer minha espinha, e ela caiu desacordada no chão. Alaric e Joseph se moveram ao mesmo tempo. Ric ajoelhou ao lado de Maria para checar seus batimentos e lançou fogo para acender a lareira mais uma vez e iluminar a sala. Joseph, ao mesmo tempo, pegou um copo e colocou metade da mistura de ervas com o sangue de Leonard, ligados pelo feitiço de Maria, e fez Markos beber.

Ric balançou a cabeça como se aquele fosse apenas um efeito colateral que pudesse ser previsto, mas que não fosse aceitável *e pegou o segundo copo que Joseph colocara sobre a mesa, colocou o conteúdo da tigela de pedra e ergueu Maria habilmente na tentativa de lhe dar aquela mistura; de salvá-la.*

*"Droga!", Joseph praguejou ao olhar para ela. Seu rosto estava pálido como o de um cadáver e ele a alcançou rapidamente para checar seus batimentos ao tocar seu pulso. "*Merda!*" , falou*

como se aquela não fosse uma vida perdida, e sim, algo desagradável, que não significasse muito.

Ao menos para ele, não, não significava. Mas para o homem ao meu lado, aquela bruxa nos braços do seu irmão significava o mundo. Olhei para ele por meio segundo antes de captar os movimentos do Markos do passado e me voltar para ele. Markos se sentou ainda confuso e Joseph virou a cabeça, meio irritado. Ao ver o corpo de Maria nos braços do irmão, Markos pareceu recuperar as forças rapidamente para dar um pulo do sofá e ir até onde ela estava.

"Não, não, não... Me diga que ela...", *ele pegou a mão esquerda dela e segurou-a enquanto sua mão direita tocava seu rosto. Joseph se afastou com um olhar de quem não queria ter de lidar com a parte emocional da coisa e Markos ergueu o olhar para Ric. "Diga que ela vai acordar"*, *embora ele estivesse somente parcialmente virado para mim, podia dizer o quanto aquilo o tinha afetado pelo modo como a sua voz saíra rouca, sua respiração trôpega e seus joelhos se dobraram ainda mais. Ele parecia prestes a cair a qualquer momento. "Ela vai acordar..."*.

"Juliette...", *foi o Markos que estava ao meu*

lado quem falou o meu nome e só quando me virei para olhá-lo, quando sua voz quebrou a hipnose que aquela cena exercera sobre mim, que me dei conta de que meus olhos estavam cheios de lágrimas. Arqueei os ombros e abri a boca, sem ter o que dizer. "Você já tem o que precisa, me leve de volta. Nos leve de volta, não posso mais ficar aqui". Diante do tom da sua voz, limitei-me a balançar a cabeça concordar.

Pisquei algumas vezes ao estar de volta. Markos, porém, não teve o mesmo problema que eu para se recompor, pois quando o meu olhar encontrou o de Alaric e ele soltou a minha mão, Markos se colocou de pé em um hábil pulo. Ric fez o mesmo sem tirar os olhos do irmão, como se temesse a sua reação.

Ergui os olhos para eles, preparando-me para falar alguma coisa para acalmar meu amigo, mas ele foi mais rápido que eu: — Seu desgraçado, maldito… — ele se lançou sobre Alaric e deu-lhe um soco que o jogou ao chão sem dificuldade. Naquele caso, ele caiu nos degraus. Sua boca sangrava, assim como o seu nariz enquanto eu me apoiava no chão para conseguir me levantar, debilitada — Bastardo desgraçado! Você a matou e mentiu para mim —

ele foi para cima de Alaric e pisou no segundo degrau para agarrar a sua camisa e socá-lo repetidas vezes no rosto.

Cassandra observava a tudo horrorizada. Lauren parecia não estar muito melhor do que eu depois de eu ter mantido Markos e eu naquele feitiço por tanto tempo. Markos parou de esmurrar o irmão e agarrou sua camisa com força, batendo sua cabeça contra o degrau da escada.

— Markos, pare, já chega — falei, tentando descobrir como usar minha voz de novo; meu sotaque acabou saindo mais carregado do que eu o planejado.

— Me diz o por quê! — ele gritou e olhei rapidamente para Alaric — Me diga, seu desgraçado… — ele esmurrou Alaric mais uma vez, que, por sua vez, simplesmente se deixou apanhar. Talvez pela culpa que sentia com relação ao que tínhamos acabado de ver em sua mente, contudo, seu rosto estava completamente ensanguentado quando coloquei a mão no ombro de Markos e, com a força que me restava naquele estado, empurrei para longe.

— Eu disse que já chega! — vociferei entre dentes ao fazê-lo deslizar pela sala de estar, mas

não fora com força o suficiente para que ele caísse, pois Markos se equilibrou de maneira habilidosa e sem tirar os olhos dos meus, me odiando naquele momento. Meu peito subiu e desceu e só após longos segundos foi que me dei conta de que meus olhos tinham ficado pretos e tratei de voltar ao normal.

Ele inspirou profundamente e quando permiti-me relaxar os ombros para tentar me acalmar e falar qualquer coisa, ele desapareceu como mágica e só pude escutar o som da porta se fechando atrás dele.

— Oh, céus… Isso está horrível — tive a impressão de que Cassandra pudesse começar a chorar ao lado de Alaric no sofá, limpando seu rosto com um pano, extremamente cuidadosa em sua tarefa, pois ele contorcia seu rosto a cada vez em que ela o tocava minimamente que fosse — Desculpe.

— O que mais aconteceu lá que também seja um segredo ou uma mentira, Alaric? — estivera andando de um lado a outro na sala de estar depois de Lauren ter saído dali, contudo, naquele momento me virei para ele e apoiei as mãos na altura dos quadris para ficar de frente para ele com o rosto

tomado pela… *Raiva*, talvez. Nem eu sabia bem o que se passava ali. Tinha conseguido as respostas pelas quais ansiava tanto, mas me metera em algo maior ali e não podia simplesmente cair fora — Sobre o que mais estava mentindo para o Markos?

— Nada — ele cerrou o maxilar diante da dor. Ele estava horrível; ensanguentado e machucado, mas ficaria bem cedo ou tarde — E não sei se posso chamar isso de… *Mentir*.

— Vocês poderia tê-la impedido — falei rápido demais, sem ter certeza, contudo, sem conseguir me calar diante da sua alegação. Falsa, claro. Entendia exatamente o modo como Markos se sentia, entendia-o e naquele momento, odiava Alaric tanto quanto assim. Assim como Joseph — Poderiam ter procurado outro meio. Poderiam… — coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha e simplesmente me calei. Tentar apresentar soluções não iria trazer Maria de volta, de qualquer maneira.

Comprimi os lábios um contra o outro e desviei os olhos de Ric, que permanecia cético.

— Eu vou atrás dele.

— Não vai encontrá-lo — ele falou quando eu me virei para ir na direção da porta. Apertei os lábios e deixei os braços caírem ao lado do corpo como se

admitisse a derrota ao me virar para Ric, de quem Cassie se afastou para se levantar e sair, deixando-nos a sós — Eu tive uma escolha, Juliette. É, talvez aos seus olhos e aos olhos do meu irmão tenha sido a escolha errada, mas essa *escolha errada* o salvou no fim das contas. Não havia alternativa.

— *Sempre* há alternativa — ele desviou o olhar do meu, descrente — Você se dá conta ao menos do que fez com ele? — inconscientemente dei dois passos na sua direção, querendo que ele me olhasse nos olhos. Quando não respondeu, aumentei o tom da minha voz: — Mais de trezentos anos e ele continua magoando, culpado e amando essa mulher — Alaric finalmente me olhou, permitindo-me vislumbrar algo parecido a arrependimento em seus olhos — Você acha que o salvou?

Não estou te chamando de fantasma[15]

Peguei as chaves do Honda Accord de Cedrico e dirigi na direção do centro, mesmo sem ter nenhuma noção de onde Markos. Talvez eu devesse ter sido mais esperta para usar a cabeça e fazer um feitiço localizador, mas naquele carro eu só tinha a tecnologia a minha disposição, assim, esperei que ele atendesse quando liguei para ele, dirigindo pela estrada escura com cautela e um tanto de impaciência.

— O que você quer? — meu celular estava no viva-voz em um suporte do luxuoso sedan e quando ele atendeu, sua voz soou por todo o carro.

— Você está bem? — tentei soar desinteressada, mas tinha a impressão de que aquela era a única pergunta que eu fazia nos últimos dias e que sua resposta era sempre evasiva, sem dizer ao certo se estava.

— Juliette, me poupe. Eu quero ficar sozinho. Você já tem o feitiço do qual precisava, me deixe em paz…

— Não — falei incrédula e apertei o volante com força — Eu não vou *te deixar em paz*. Você é meu amigo e eu tenho o direito de me importar com você, principalmente agora, então, onde você está? — ele expirou com força.

— Julies, por favor… — algo em seu tom suavizou-se e mordi o lábio. E esperei — Olha, eu não sou uma boa companhia agora, está bem? Só quero ficar só e pensar sobre tudo isso — não sabia se deveria insistir ou deixar aquilo como estava para me concentrar em reunir o que eu precisava para curar Rafael.

Mas de algum modo, eu sabia que não conseguiria dar as costas para aquela situação nem se quisesse. O que acontecera na CIA era irrelevante, pois o pouco tempo que passáramos juntos ali fora o suficiente para constituir laços de

uma amizade muito mais profunda do que eu poderia cultivar naquela inteligência de merda: — Markos, eu sou uma bruxa. Se não me disser onde você está, eu vou fazer um feitiço localizador e vou te achar — olhei para o celular com expectativa ao adentrar o centro da cidade que estava cheio de vida — Última chance.

— Está certo. Vou te mandar o endereço — desliguei e liguei para Cassandra, pedindo a ela rapidamente que arranjasse os ingredientes dos quais precisaríamos para acordar Rafael.

Depois de desligar, segui para o endereço que Markos me enviara.

O mesmo bar onde eu me *embriagara* pela manhã. Ele estava sentado em um banquinho no bar, vazio àquela hora, e pensei que aquela seria uma boa ocasião para comermos alguma coisa, talvez até para conversarmos. Não sabia até que ponto eu poderia me envolver ou até que ponto Markos achava que eu era sua amiga; ou até mesmo *se* eu era sua amiga como ele era meu. Era uma incógnita indecifrável para mim, que já tinha tanta coisa na cabeça quando decidi empurrar a porta e me juntar a ele. Dei a volta por ele e me sentei ao seu lado direito, no fim do bar, onde estávamos

afastados do resto das pessoas de ambos os lados, mesmo que mais próximos da cozinha.

— Por favor, não me pergunte se eu estou bem — ele nem ao menos me olhou nos olhos enquanto falava, simplesmente terminou sua bebida e inspirei profundamente.

— Eu não vou — confortei-o, ou ao menos tentei, pois não pareceu ter dado muito certo — Só não queria que ficasse sozinho, sabe? — ele gesticulou para a bartender, que serviu-lhe mais uma dose, colocando mais um copo no balcão a meu pedido — Você não quer falar? Sobre… *Nada*? — franzi o cenho e umedeci os lábios antes de pressionar o copo contra meu lábio inferior, sentindo o gosto do uísque sem, contudo, bebê-lo, de fato.

— Como, o quê, Juliette? — ele girou de maneira abrupta e pousou copo sobre o balcão com o cenho franzido — Sobre a mulher que eu amava ter morrido por *minha* causa? Para me salvar. Ou o fato do meu irmão e do cara que eu considerava como meu melhor amigo terem visto isso e terem deixado acontecer? Não, eu não quero sentar em um bar para discutir um passado imutável com a mulher desse *melhor amigo* — larguei o copo sobre o balcão com uma decepção em meu rosto que não

pude disfarçar, assim como o fato de ele ter me magoado enquanto me encarava de maneira dura.

— Está bem, eu entendi — balancei a cabeça de maneira automática e desviei o olhar do seu para não tornar aquilo mais emocional, teatral e dramático, apenas coloquei uma nota de cinquenta dólares ao lado da minha bebida intocada e olhei-o por uma última vez — Eu entendi — repeti mais para mim mesma, como que para me certificar dos motivos concretos que eu tinha para deixá-lo sozinho daquele jeito e lhe dei as costas sem olhar para trás.

Apenas pare de me assombrar[16]

Dirigia de volta para a mansão e tentava redirecionar todos os meus pensamentos para o feitiço, embora não conseguisse tirar aquela trama toda da cabeça. Menos ainda Maria. Apertei o volante e balancei a cabeça. Rafael era tudo o que me importava e tirá-lo do mundo prisão, embora obter o sangue de Leonard não fosse ser tão fácil quanto Joseph fizera parecer e me peguei pensando no motivo de ele ter *amaldiçoado* Leonard.

Poderia simplesmente tê-lo deixado viver sua vida mortal, talvez matá-lo fosse ser menos pior do que amaldiçoá-lo para que ele, séculos depois, estivesse vivo o suficiente para nos caçar e para tirar Joseph

de mim. Fez-nos nos reunir novamente e por causa dele, Rafael e eu estávamos *juntos* de novo. Não que, na minha cabeça, aquilo fosse bom, claro que não, mas enquanto eu voltava para a mansão, preparando-me mentalmente para enfrentar o que quer que fosse, sentia-me cada vez mais desprotegida. Como se meu mundo começasse a se despedaçar com cada novo fragmento de informação que eu tinha sobre o homem com quem me casara.

Não a pessoa doce e altruísta, mas o que não se importava com quem morreria em troca de que obtivesse o que queria, o homem vingativo que colocara Jeremy no mundo prisão e que fizera Deus sabe mais quantas atrocidades durante sua longa vida. Respirei profundamente e ergui o queixo.

— Está ouvindo alguma coisa? — tomei um susto ao escutar aquela voz e me virei para ver Rafael sentado no banco ao meu lado e expirei devagar. Já sabia que tentar ignorá-lo não funcionava bem e me passou pela cabeça que trazer o verdadeiro Rafael de volta talvez fosse fazer aquela cópia vagabunda e fajuta desaparecer.

— O que você quer?

— Shh… — ele se inclinou ligeiramente para

frente, mas tive que desviar o olhar do dele para prestar atenção na estrada — Tem alguém tentando falar com você, mas a conexão é tênue, como se a magia… — ele se interrompeu e quando fiz a curva, encontrando-me em uma estrada reta que me levaria até a mansão, olhei para fantasma ao meu lado.

— Como assim? Como se a magia, o quê?

Ele balançou a cabeça e me olhou, em seguida, deu de ombros sutilmente, mas estava sério como não costumava ser. Ao menos nas vezes em que nos *encontráramos*. Respirei fundo e apertei o volante. Não, eu não ia começar a dar ouvidos a um fantasma que estava na minha cabeça.

— Você é uma bruxa muito burra, Juliette — foi a vez dele de expirar, exausto e fitei-o boquiaberta.

— E você está morto. Na verdade, você não existe porque não é o Rafael…

— Me poupe das suas descobertas infantis — ele estava mesmo sério. Sem piadas, sem risadas sarcásticas ou indiretas, ou distrações. Talvez eu tivesse mesmo cruzado uma tênue linha entre a sanidade e um ponto sem retorno, mas talvez ele realmente tivesse algo a me dizer daquela vez.

— Tudo bem. Quem está tentando *falar* comigo?

— Como eu disse, não sei. No caso, você não sabe porque é burra e faltou as suas aulas de magia. *Eu* não sei porque não é um bruxo e parece estar fraco demais para enviar algo mais concreto — parei o carro diante da mansão, que estava quase que completamente iluminada.

— E como eu descubro?

Rafael balançou a cabeça: — Você pode tentar adivinhar quem é, afinal, não há uma lista muito grande de seres sobrenaturais que poderiam querer contatá-la, depois, use algum objeto marcado com magia de quem você imagine ser. É o que eu faria — ele me olhou de modo intenso e me perguntei por um momento o que diabos eu estava fazendo dando ouvidos a minha própria mente. Conversando sozinha ao invés de ignorar aquela aparição indesejada.

Contudo, como ele dissera antes, estava ali para me ajudar em algum momento. Talvez fosse aquele. Voltei-me completamente para ele, erguendo o queixo e pesando suas palavras com cuidado.

— Se você sou eu, como pode estar me sugerindo fazer coisas que eu não sei? — foi a coisa mais racional que consegui dizer, desafiando-o a uma

explicação inteligente, porém óbvia.

— Ora, Juliette, você sabe. Você é uma bruxa, como… O Rafael real. Você só não descobriu como acessar essa parte, mas ela está aí, dentro de você — com um sorriso encorajador, o fantasma desapareceu, mas deixou para trás uma coisa estranha e confusa.

Esperança.

Ao entrar na mansão, surpreendi-me ao ver Eva e Cedrico na sala. A conversa cessou quando coloquei a mão na maçaneta e os dois me olharam. Alaric ainda estava lá, por algum motivo, mas aquilo era bom.

— Oi — falei em um estranho tom arrastado, olhando em volta como se esperasse que o restante deles fosse aparecer como pipoca, mas nada assim aconteceu. Tudo estava silencioso — Onde está tudo bem?

— Eu acabei de chegar, trouxe alguns dos ingredientes — Cedrico esclareceu e vi algumas ervas em um saco de papel sobre a mesa de centro, o que me fez erguer o queixo ao avistar tanta eficiência quando minha saída não resultara em *quase* nada. Afinal, não com quem eu fora ver —

Cass e Renée foram até Lawrence conseguir o restante delas — mordi o lábio e me aproximei, sentindo-me estranhamente observada por todos eles.

— Ric, você pode… Vir comigo, por favor? — ele estranhou, mas aceitou me seguir até o escritório, onde fechei as portas e me virei para Alaric, que ficou parado perto de mim e esperou que eu falasse. Depois de lavar o rosto, ele não parecia estar tão mal como parecera trinta minutos antes.

— Você falou com o meu irmão?

— Não exatamente, eu… Ele não estava muito falante. Mas não é sobre ele que eu quero falar e eu ainda não superei tudo o que eu vi — cruzei os braços na altura do peito e suspirei, como se quisesse me proteger dele. Não sabia ao certo o motivo — Eu precisava falar com alguém que tivesse visto tudo o que eu vi para entender que se eu estou ou não louca. Porque acho que isso não é mais coisa da minha cabeça — um junco suave se formou entre minhas sobrancelhas e mordi o lábio, prendendo o fôlego.

— Do que você está falando exatamente? — Alaric perguntou, confuso.

Abri a boca duas vezes para falar, mas me impedi. E precisei respirar fundo para conseguir fazer com que aquelas palavras saíssem da minha boca e parecia muito irreal para mim, nem mesmo dizendo aquilo eu sentia como se pudesse ser verdade.

— Depois do que conversamos, você acha mesmo que Joseph pode estar vivo? Ou isso é só… — ergui os ombros mínima e involuntariamente — Coisa da minha cabeça? — diminuí minha voz.

— De verdade? Eu não sei. Por um lado, foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça naquele momento e até depois, mas… Vocês viram o corpo dele, o enterraram. É impossível que esteja — ele retorceu os lábios que tinham um leve roxo no canto deles — Talvez você estivesse certa e ele estivesse blefando para soar confiante, sei lá.

— Eu nunca vi o corpo — murmurei, mais para mim mesma do que para ele, mas Ric ergueu os olhos até os meus, atento.

— Achei que você…

— Não — ergui o queixo e encontrei o seu olhar, começando a raciocinar — Cedrico viu. Eu saí de Langley para proteger Harriet e depois, saí de Charlotte para me proteger de mim mesma antes do enterro — ele inclinou o rosto sem entender — Eu

desliguei a minha humanidade — murmurei.

— Mesmo assim — ele balançou a cabeça e desviei o olhar do seu. Não, ele estava certo. Eu estava criando desculpas na minha cabeça, só isso.

— Acho que você está certo — instintivamente, ergui a mão direita e pousei-a em meu peito, logo abaixo das clavículas — Eu preciso pegar uma coisa de volta — e saí dali sem mais nem menos. Meu colar. Era o que estava faltando e fui até a sala de estar, posicionando-me detrás do sofá para atrair o olhar de Cedrico, que estava de frente para mim no outro sofá, sentado ao lado de uma pacifica Eva — Onde está o meu colar?

— *O quê?* — por um segundo, ele pareceu confuso, como se não soubesse a que eu me referia.

— O *meu colar* — minha voz saiu estranhamente desesperada — Você disse que Cassandra fez um feitiço localizador com ele mais cedo. Eu *preciso* dele. Cedrico…

Não foi o som da porta que me interrompeu, ele apenas me fez parar e respirar fundo e me dei conta do qual perturbada eu estava quando cruzei os braços na altura do peito. Cassandra e Renée entraram pela porta ao lado de Alex no momento em que cruzei meus braços na altura do peito,

encolhendo os meus ombros; eles tremiam.

Alex parecia ser o mais centrado e humano ali, por isso, atravessou a sala, claramente deslocado e desconfortável naquele lugar. Apenas olhei em seus olhos para perceber o quanto ele odiava estar ali, sobretudo, odiava que sua mulher estivesse ali em meio àquela confusão toda para ajudar sua família. Surpreendi-me quando ele deu a volta no sofá para ficar de frente para mim. Finalmente ele usava seus cabelos maiores, não exatamente como eu me lembrava de quando o vira há tantos anos antes dali; pareciam mais claros e estavam bem penteados. Sua camisa azul social não tinha um único amassado sequer e estava para fora da sua calça quando ele parou diante de mim.

— Como você está? — mordi o lábio sem conseguir responder e soltei meus braços para ficar na ponta dos pés e envolvê-lo firmemente.

— Senti sua falta — murmurei e fechei os olhos. Algo ainda me irritava por dentro e eu não sabia se era a sede por sangue, se eram as alucinações, se era a falta que eu sentia de Rafael e dos seus braços a minha volta — Senti muito a sua falta.

— Também senti a sua falta, querida — ele correu os dedos pelos meus cabelos e me apertou

com a mesma força que eu usava ao pressionar meu corpo com toda a minha força humana contra o dele. Arquejei ao me afastar e funguei, fitei seus olhos e ensaiei um sorriso que me pareceu estranho, um bocado falso — Como você está?

— Estou pronta. Para trazer Rafael de volta — olhei por cima do seu ombro e fitei Cassandra, que parecia apreensiva. Seu olhar se deslocou de Cedrico e Eva para mim — Aconteceu alguma coisa? — inclinei o rosto e cruzei os braços quase que automaticamente.

— Não, tudo bem — ela desceu o degrau e ergueu o queixo — Eu trouxe o que precisamos para o feitiço. Só falta… — ela parou de falar ao parar na ponta do sofá. Alex e eu demos a volta e nos sentamos os três no sofá diante de Cedrico e Eva, a quem Renée se juntou com uma evidente tensão em seu olhar.

— Se alguém tem um plano, agora é a hora de dizer — Renée passou os olhos por cada um de nós e passei as mãos pelos braços, esfregando-os afundada no sofá e em silêncio. Todos caíram em silêncio por um longo momento.

— Eu tenho — Eva falou e empertigou os ombros, passando os olhos por Cedrico como eu

teria feito, como se esperasse que ele concordasse com ela para que pudesse continuar.

Na verdade, observando por aquele ângulo, eu podia ver como eles dois estavam próximos. Como pareciam íntimos. Ela usava um vestido branco de renda que ia até a altura das suas coxas, seus lindos e invejáveis cabelos loiros estavam soltos e caíam em belas cascatas pelos seus ombros. Seu rosto delicado e bem desenhado era bastante atraente e ao mover meus olhos para Cedrico, para o modo como ele olhava para ela quando repuxou os lábios em uma espécie contida de aprovação, ela mordeu o lábio por um segundo e Eva se voltou-se para nós com os dedos entrelaçados em seu colo.

Eu poderia estar vendo coisas, é claro, poderia estar com tanta fome e ficando tão louca com aquelas alucinações paranoicas que coisas não existiam começavam a pipocar na minha cabeça do nada. Cedrico e Eva? Definitivamente, não. Balancei a cabeça diante da minha própria conclusão insana.

Eu só estava completamente louca.

E aquilo era menos grave.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

E eu te amo tanto que o deixarei me matar[17]

Gentil e docemente, Eva ergueu o queixo. Claro que eu não podia me esquecer de que Rafael já a tinha *namorado*. Sabia que era bobo, muito ridículo e me fazia sentir insegura, pois Eva parecia ainda mais linda após todos aqueles anos e o breve envolvimento deles fora há muito tempo. Eu já tinha esquecido, inclusive, que ela me envenenara uma vez, o que só servira para aproximar Rafael e eu.

— Eu sugiro um feitiço de localização — ela falou como se fosse uma bruxa ou com a propriedade de uma loba que entendia sobre feitiços tanto quanto — Podemos localizar esse

bruxo e eu coloco a minha matilha para vigiá-lo, assim, o conheceremos o suficiente para ter um bom plano e pegá-los desprevenidos.

— Você tem uma matilha? — a pergunta saiu da minha boca.

— É uma longa história, mas, sim — ela ergueu o queixo e estreitei os olhos, mas os de Eva se deslocaram pelos demais, ignorando o olhar que viu em meu rosto — O que acham?

— É perfeito — Cassandra foi quem falou, na outra ponta do sofá, e movi meus olhos para ela, sem falar nada. Pensava, apenas, e deixei que os outros tomassem as decisões difíceis.

Cedrico se levantou do nada no meio da conversa e fez um movimento para que eu o seguisse, o que o fiz prontamente sob um rápido olhar de Eva, que parou de falar somente por dois segundos quando passei por ela, como se quisesse dizer que ela não permitiria que eu a afetasse. Segui Cedrico até a cozinha, onde ele parou de costas para mim e se sentou à mesa; dei a volta e me sentei do outro lado da mesa, perto o bastante que eu pudesse ver seu rosto suficientemente bem e a névoa que pairava sobre ele.

— Você está bem?

Ele deu de ombros como se aquilo não tivesse muita importância naquele momento, enfiou a mão no bolso interno da jaqueta e pegou o meu colar de lá, estendendo-o na minha direção: — Aqui. Eu mandei consertar o fecho — peguei-o sem um traço de hesitação em meu corpo, habilmente colocando-o em meu pescoço, de onde nunca deveria ter saído.

E por fim, ofereci um calmo sorriso a Cedrico, jogando meu cabelo por cima dos ombros para ajeitá-lo.

— Muito obrigada — ele maneou a cabeça e ao invés de deixá-lo ir, o que senti que estava prestes a fazer, estendi os braços e envolvi seu pescoço e suspirei audivelmente, claramente relaxada em seus braços quando ele me abraçou de volta. Fechei meus olhos e inspirei seu perfume; o toque de Cedrico era suave e reconfortante, mas somente seus dedos tocavam as minhas costas com cuidado.

Seus lábios estavam úmidos e tocavam o meu pescoço de uma maneira inexplicável que, completa e absurdamente contra a minha vontade, me excitava. Foi quando comecei a ficar mais ligada que decidi que seria prudente me afastar: — O que foi isso? — ainda estávamos perto demais e seus braços lentamente me soltaram enquanto seus

olhos sorriam para mim. E não pude evitar que um sorriso se formasse em meus lábios.

— O que você quer dizer? — afastamo-nos completamente, mas tirar os olhos daquele verde era impossível; quebrar o contato visual poderia ser até um pecado.

— Isso foi estranho — concordei com um aceno tímido quando Cedrico se afastou ainda mais de mim — Você não está a fim de *me usar* de novo, está? — ele falou aquilo com um toque de bom humor que ninguém mais conseguiria ter em uma situação como aquela, e que me fez sorrir, mas que, ao mesmo tempo, deixava claro não se trata de uma pergunta retórica.

Assim, empertiguei meus ombros e me sentei na cadeira tão ereta quando poderia estar, sentindo a pedra em minha pele como se fosse uma chama pequena me aquecendo.

— Primeiro, eu nunca *te usei*, senhor Hamilton. E segundo… — expirei e relaxei os ombros, livrando-me da sutil presunção em minha voz ao dar continuidade em minha linha de pensamentos: — Rafael e eu estamos meio que *juntos* — falei com cuidado e ele sorriu.

— Você não sabe como fico feliz em ouvir isso

— quando notei que estava sendo sincero, retribuí seu sorriso de maneira genuína — Sempre tive um pouquinho de fé que vocês voltassem a pensar claramente e percebessem que não podiam ficar um sem o outro.

— E quanto… — inclinei o rosto e umedeci os lábios, cruzando os braços na altura do peito de maneira quase protetora, mas eu temia verdadeiramente minhas palavras ou a respostas que poderia obter a partir delas — O que está havendo entre Eva e você?

— É complicado — foi tudo o que ele disse, girando os ombros. Mordi o lábio e fitei-o com ainda mais cuidado. Bem, ele não negara e eu entendia complicação. Entendia como era perder alguém e como podia ser complicado se arriscar de novo.

E eu estava *tentando* com Rafael, o que só me lembrava de novo da possibilidade de Joseph estar vivo e era o suficiente para arrepiar meus pelos; sua imagem invadiu meus pensamentos de maneira furtiva, infiltrando-se com destreza. De um momento para o outro, eu estava presa em Joseph, pensando nele, lembrando dele, desejando que talvez aquilo fosse verdade mesmo ser estar certa

se deveria.

Eu deveria estar pensando em um plano para salvar Rafael.

— Ei… — Cedrico chamou a minha atenção mais uma vez e empertigou seus ombros para se inclinar e ficar mais perto de mim; suas sobrancelhas estavam ligeiramente franzidas e seu olhar para mim foi intrigado, movendo-se pelo meu peito rapidamente até meu rosto. Preocupado. Não era difícil dizer — Essa coisa deveria mesmo estar… Brilhando? — abaixei meus olhos para o colar em meu pescoço e abri a boca, mas não para falar, e sim, porque ficara simples e completamente surpresa pelo fato da pedra estar brilhando.

Inicialmente, seu brilho era opaco, mas foi aumentando gradualmente e esquentando. Fora inofensivo quando eu sentira, mas depois de Cedrico ter denunciado o brilho, a coisa começou a esquentar de verdade até se transformar em uma brasa de fogo e foi muito rápido. Gritei em reação automática a dor e, ao contrário do que fizera da última vez, ergui os dedos e abri o fecho, retirando o colar do meu pescoço com tranquilidade, embora tivesse deixado uma queimadura em meu peito.

— Isso sempre acontece com você? — agora ele

estava assustado. De verdade. Cedrico concentrou-se no brilho do colar quando o repousei sobre a mesa, mas conforme os segundos transcorriam, seu brilho cegante foi apagando devagar, como uma lâmpada.

— Nem sempre — devolvi em uma voz que eu nem reconhecia. Tomada pelo medo e assustada com o desconhecido bem diante de mim.

Eu o carregarei comigo[18]

Se eu estava com medo do meu colar que tinha, magicamente, começado a brilhar e me queimado? Talvez um pouco, mas, ciente de que não brilhara e emitira calor a toa, eu estava disposta a descobrir os motivos.

Peguei o colar em minhas mãos quando ele esfriou, cinco minutos depois, e olhei a minha volta como se esperasse que Joseph fosse se teletransportar até mim quando sabia que não iria. Respirei fundo e mordi o lábio, sabendo o quão louco aquilo soaria, mas sabia que Cedrico não me julgaria se o quesito fosse loucura. Todos nós tínhamos um pouco daquilo; era quase como se

estivesse no sangue.

— Rafael? Você está por aqui? — tentei não soar como uma bruxa conjurando um fantasma, mas continuei olhando em volta na esperança de que ele pudesse realmente aparecer, mas nada aconteceu. Houve apenas silêncio enquanto eu esmagava o colar entre meus dedos e escutava, *humanamente*, as conversas indistintas na sala — Eu preciso da sua ajuda — foi a minha última tentativa desesperada antes que eu girasse meus ombros para encarar Cedrico mais uma vez, assim como o fato de que eu tinha perdido alguns limites sanos ali.

— Eu estou na sua mente — quando encontrei os olhos de Cedrico, me virei para a esquerda e vi Rafael com o cotovelo apoiado na bancada, olhando para suas unhas. Um segundo depois, passado o meu choque, ele me olhou, sério: — Isso significa que não precisa *me chamar*. Sério, Julies — ele se desencostou da bancada e se aproximou a passos deliberadamente lerdos — Não precisa se passar por louca. Apenas pense em mim com as suas forças — ele piscou para mim e tratei de fechar a boca para tentar recuperar minha compostura.

— Desculpe — havia um tímido escárnio em meu

tom — Não estou exatamente familiarizada com o procedimento.

— Ele está aqui? — Cedrico atraiu o meu olhar e fiz que sim, engolindo em seco. Se eu o tinha escolhido para contar minhas loucuras e ele ainda estava ali, talvez fosse quem podia suportá-la — *Ele* falou alguma coisa sobre o colar?

— Não — concentrei-me em Cedrico — Geralmente, ele não fala coisa com coisa — e me voltei para Rafael, que parou atrás de Cedrico e apoiou a mão na parte de trás da cadeira, perto do ombro dele — O que eu faço agora?

— Eu sou o seu alter-ego inteligente, e não o seu consultor. Por que não pergunta a Dahlia? Ela é uma bruxa inteligente — fiz que não e relaxei minha postura, mexendo meu pé incontrolada e impacientemente.

— Sem Dahlia. Eu vou descobrir isso sozinha. Com ou *sem* a sua ajuda — Rafael fez um gesto de desdém que encarei como um desafio.

— Você quer saber se Joseph está vivo por puro capricho, não porque espera que ele esteja porque o ama e se importa com ele. Quer que ele esteja morto para ter a consciência aliviada quando for para a cama com o seu adorado filho — daquela

vez ele tinha ido longe demais.

— Já chega. Se não vai me ajudar, volte para o lugar de onde veio, seu desgraçado — soltei o ar pesadamente.

Rafael, ou o fantasma que eu não sabia mais como chamar, deu uma piscada e sumiu.

— Não muito produtivo, eu presumo — fiz que não e expirei, sentindo-me derrotada por cinco segundos. Por fim, fixei bem meu olhar no de Cedrico, buscando alguma coisa neles para continuar.

— Cedrico… Preciso que me diga uma coisa — ele anuiu suavemente e esperou — Quando nos reencontramos, na minha casa, em Langley, foi você quem me disse que Joseph estava morto — estranhamente, mas não fora das minhas expectativas, minha voz se tornou demasiada emotiva e não me preocupei em tentar ocultá-la de mim, afinal, pensar em Joseph me fazia sentir emotiva, de qualquer maneira — Você o *viu*?

— É claro que sim. Eu teria procurado por ele e não teria afirmado com tanta convicção se não estivesse certo — ele se inclinou com curiosidade para me olhar mais de perto e colocou os cotovelos sobre a mesa ao fazê-lo, e eu apertei o colar entre

meus dedos, aflita; conflituosa com todas aquelas novas e antigas informações que rondavam e permeavam minha cabeça — Por que voltar nisso agora?

— Porque… — olhei para o colar e brinquei com a peça metálica que sustentava a pedra e unia-a ao colar. Pensei em Joseph de novo ao olhar para aquela pedra, me lembrando do momento em que ele me dera aquilo e da última vez em que o vira antes de criar coragem para olhar Cedrico nos olhos e falar — Porque acho que ele não está morto, Cedrico. Acho que ele tem tentado falar comigo — ele girou os ombros e, com os olhos semiarregalados, sentou-se ereto novamente, quase parecendo assustado com a quantidade de coisas que não faziam sentido que eu conseguia falar. Balancei a cabeça e funguei — Eu sei que isso pode soar… *Louco*, mas eu *sinto* isso e depois de tudo o que eu vi nas memórias do Ric sobre Joseph… — continuei balançando a cabeça, sem possuir a capacidade de afirmar se estaria ainda falando com Cedrico ou se o estaria fazendo a mim mesma. Apenas falava e esperava que alguém escutasse. Que alguém concordasse comigo e me dissesse que eu não estava louca.

— Você tem razão — Cedrico apoiou o cotovelo direito na borda da mesa, examinando bem o meu rosto, cuidadosamente como que em busca de algo que deixara passar antes. E quase me permitir ter esperança, contudo, sem tom mudou bruscamente e ele estreitou os olhos: — Eu nunca escutei um absurdo maior, Juliette. Lamento, mas ele está morto. De verdade — ele voltou a sua posição anterior, estabelecendo uma distância segura entre nós enquanto meu lábio inferior tremia e eu fechava meus dedos com cada vez mais intensidade e energia dentro da minha mão gelada — Você precisa superar isso.

— Superar? — aquilo sim, parecia-se com um absurdo. Balancei a cabeça e soltei um riso nervoso e irônico — Ele era o meu marido, alguém importante para mim. Não dá para piscar e seguir em frente.

— O que diabos você estava fazendo com Rafael então? — ele não falou no mesmo tom acusatório que eu, nem tampouco defensivo, apenas curioso, intrigado — Está com ele enquanto alimenta fantasias sobre Joseph ainda estar vivo? Porque isso é quase doentio e você deveria repensar a situação em que os está colocando.

PERIGOSAS

— Não é isso — balancei com veemência e busquei pelas palavras certas. Parecia que quanto mais eu tentasse me explicar, mais louca pareceria; tanto com relação a Rafael quanto a minhas especulações *infundadas*. Respirei fundo e tentei de novo, quase debilitada enquanto meu coração batia forte no peito e a ansiedade dominava o meu corpo. Por que era tão difícil para ele acreditar em mim depois de tudo pelo que passáramos? — Não estou falando isso porque o amo e porque o quero de volto, eu só falei… — o tom da minha voz mudou no meio da frase de explicativo para magoado e ofendido e aumentou um pouco: — Só falei com o meu amigo sobre algo que estava na minha cabeça. Eu *não sou* louca, eu tenho motivos para acreditar que ele está vivo.

— Juliette, por quê você não se acalma um pouco? — ele falou com a voz propositalmente arrastada, como se falasse com uma criança tola, o que me irritou. Enrolei o cordão em minha mão em um movimento rápido e hábil enquanto me colocava de pé ainda mais, sem, contudo, tirar meus olhos dos de Cedrico, apenas permitindo que a centelha de raiva e irritação que percorriam o meu corpo o incendiasse.

NACIONAIS - ACHERON

— Quer saber? Esqueça essa conversa — ele também se levantou quando escutou o tom da minha voz e dei dois rápidos passos para trás — Você nem mesmo é meu amigo ou faz questão de ser.

— Você estava falando com… *Aparições* — ele fez a colocação com cuidado, estendeu a mão e tentou se aproximar — Eu estou preocupado, e é claro que somos amigos, você deve me contar tudo, porque você *confia* em mim.

Fiz que não e mordi o lábio com força, sentindo o contorno da quina do balcão contra minha coluna, ao que inspirei profundamente, sentindo que uma onda de ar fresco invadia meus pulmões doloridos e cansados, no entanto, não era capaz por si só de me acalmar, de me fazer lembrar quem eu era ou no motivo de eu estar falando coisas desconexas a Cedrico.

— Você acha que eu sou louca, assim como todo mundo.

— Não acho — ele franziu as sobrancelhas, denotando alguma emoção em seu rosto ao fazê-lo e inclinar o rosto — Olhe para mim… — olhei para ele, mas a agitação em mim era crescente — Vem comigo — ele girou a palma que mantivera a minha

frente, como se pedisse calma a um cão ou tentasse convencer um assassino a entregar a arma e se render e estendeu-me sua mão; talvez tivesse aprendido alguma coisa na escola de medicina, afinal. Convidava-me a aceitá-la enquanto eu arrastava meus pés para trás, indo para a parte interna da cozinha — Vem comigo, por favor… — ele reduziu a sua voz a um murmúrio.

Meus olhos foram dele a Eva quando ouvi o som dos seus passos leves dela, que manteve distância. Cedrico também notou que ela estava ali e demonstrou aquele entendimento ao dar um passo na minha direção, porém ainda cauteloso. Expirei com cautela e ofereci-lhe minha mão, a que eu não segurava o cordão, e ele me guiou fácil, porém lentamente até ele. Quando eu estava em seus braços, sentindo-me completamente segura e livre das visões imaginativas, Cedrico envolveu minha cintura com o braço direito, como se me acolhesse antes de me esfaquear pelas costas, arrancando meu anel do dia com a maior facilidade do mundo.

Ele me girou mais do que rapidamente e passou o braço em torno do meu pescoço com o outro estrategicamente posicionado próximo à minhas

costelas, imobilizando-me por completo. Retorci os lábios, perguntando-me como ele conseguira fazer aquilo tão rápido, além disso, como pudera se aproveitar da minha extensa confiança nele para me fazer de idiota? Do modo como ele me virara, Eva estava no corredor de frente para mim, observando aquela cena com um brilho estranho em seus olhos que indicava que alguém ali entendia que éramos todos loucos.

— Foi no Paquistão que você aprendeu a apunhalar seus amigos pelas costas, Cedrico?

— O que diabos há de errado com você, Juliette? — ele apertou meu pescoço com mais força quando lutei para me soltar. Sua mão esquerda agarrou meu pulso e torceu meu braço para posicioná-lo atrás do meu corpo.

— Comigo? — virei a cabeça minimamente para olhá-lo, então me voltei para Eva. Não era possível dizer o que se passava naquela linda cabecinha, apenas que seu olhar exalava determinação, astucia e uma ligeira confusão. Como se ela não soubesse o que fazer, mas também não tivesse certeza do que ainda fazia ali — E a ela que você tem que fazer essa pergunta… — aquilo o intrigou, pude sentir no modo como me tocava que Eva era o seu novo

brinquedinho e que eu não deveria brincar com ela. Apesar de que ela não parecia ser uma mocinha em busca de um herói para defendê-la — Você deveria fugir enquanto pode, Evinha.

"Qual é, não me diga que ainda notou o padrão — repuxei os lábios e ri com escárnio, sentindo um prazer que eu não queria ao dizer coisas que não desejava; dentro de mim, queria poder me calar, mas a sensação era de que algum ser, algo mais forte do que eu, falava por mim e tomava o controle do meu corpo sem que eu conseguisse lutar contra. Por dentro estava gritando para que alguém me ouvisse, mas por fora exalava veneno — Namoradas Mortas do Cedrico — estreitei os olhos e fiz uma carinha piedosa — Brie, *eu*, Jessica… É praticamente um padrão, querida.

— Cale a porra da boca… — Cedrico vociferou e umedeci os lábios.

— Ou, o quê? — olhei para o lado esquerdo, fitando o lado de fora da mansão e o modo como o sol começava a nascer lentamente por detrás das árvores — Ela tem que saber, Cedrico — voltei meus olhos para a conversa, não conseguindo vê-lo, mas relaxei em seus braços e parei de tentar me soltar.

— Ou irei jogá-la no porão e me livrar das chaves. Mas que merda, Juliette! — praguejou. No fundo, sabia que ele não queria fazer aquilo, que queria que estivéssemos *juntos* para enfrentarmos o que enfrentaríamos, mas o deixaria sem mais opções. O demônio dentro de mim sorriu de modo lascivo, ciente da presença de Eva ali, ainda mais. Para ela.

Minha mão livre subiu pelo sua barriga, sentindo seu abdome bem esculpido e rijo, *sentindo-o*, antes de erguer minha perna direita e chutá-lo. Naturalmente, não fora o suficiente para fazê-lo me largar, mas mordi seu antebraço com tanta força que Cedrico foi obrigá-lo a fazê-lo e me libertei, girando em meus calcanhares; de costas para Eva, mas de frente para ele, que começou a se curar e foi na minha direção.

— Eu não quero te machucar, Juliette — ele me fez rir com tanta vontade que cheguei a balançar os ombros, inclinando-me em posição de ataque ao sentir o peso feroz e irado do olhar de Cedrico sobre mim. Meu colar ainda estava firme em minha mão e poderia ficar ali enquanto eu acabava com ele.

— Me machucar? Eu sou mais velha que você.

— Você está pálida e faminta — estreitei os olhos e fui cega em sua direção. Cedrico bloqueou meus golpes por puro reflexo, agarrando meus antebraços e fazendo com que eu tivesse que chutá-lo com toda a minha força na altura do peito, mandando-o pelos ares contra a parede a quatro metros atrás dele, ao lado do corredor que levava a porta que, por sua vez, guiava à entrada do porão.

E, apesar de ter destruído boa parte da parede, quando fui até ele com o passo decidido, Cedrico não parecia estar nem arranhado, pois me agarrou pelo pescoço mais rápido do que eu conseguira prever e agarrou meu pescoço para me jogar ao chão, caindo sobre mim com força. Atrás de mim, eu tinha a ciência de que tínhamos uma pequena plateia formada por Cassandra, Renée, Alex e Eva e nenhum deles ousaria nos interromper em nosso pequeno desentendimento, mas tinham em seus rostos expressão de completo choque.

— Me dê isso, Juliette — ele tentou arrancar o cordão das minhas mãos, mas estava bem entrelaçado em meus dedos para que conseguisse fazê-lo com tanta facilidade como pegara meu anel do dia, assim, enquanto tentava tirava o colar da minha mão, expus minhas presas e me transformei

por completo, como se aquilo fosse me dar mais forças do que eu tinha, de fato, e deu, pois nem eu poderia dizer como me livrara de sua mão em meu pescoço para colocar de pé com um quase rosnado e um olhar mortífero.

Rolei para longe dele e nos colocamos de pé ao mesmo tempo. Cedrico com mais graça e força que eu; meus cabelos foram para frente, bagunçados e joguei-os para trás: — Mas o que diabos… — Eva murmurou muito baixo ao olhar para algum detalhe em mim, porém, não me ative a ela, somente a meu *querido amigo* diante de mim; somente um metro nos separava.

— Já desistiu? — provoquei-o quando ele não me atacou.

— Você não vai a lugar algum sem isso — ele ergueu o delicado anel do dia que Rafael fizera para mim. Assim como Eva, olhava com precisão nos detalhes para o meu rosto, mas não pude pensar muito, apenas expirar com força.

— É o que vamos ver — e com minha velocidade vampira, passei por todos eles e deixei a mansão mais rápido que um piscar de olhos.

Ninguém esperava por aquilo.

CEDRICO

Não pensei ou pisquei, nem tampouco pude respirar. Apenas a segui para fora da mansão. Passei pela porta que fora aberta somente meio segundo antes e parei ao vê-la de costas para mim no centro do espaço que ficava diante da mansão, com os braços abertos enquanto o sol nascia timidamente por detrás das árvores e começava a atingir aquela parte especifica. Mesmo com blusa de manga, assim que o sol a atingiu, sua pele começou a queimar. Seus braços e mãos, pelo que eu podia ver, e as roupas ficaram chamuscadas, em seguida, chamas brotaram dela, começando a incendiá-la.

Achei que estivesse tentando mostrar seu peito ao queimar a ponta dos dedos, talvez o ponto de que eu nunca a machucaria de verdade, talvez ela até tivesse surtado e desligado de novo, afinal, Juliette podia ficar um pouco *desequilibrada* quando perdia alguém com quem se importava tanto a ponto de uma loucura como desligar os sentimentos. Como Joseph ou Rafael. Quando ela não saiu dali, tive que agir, e rápido. Alcancei-a e empurrei-a para a direita, para dentro da floresta onde as copas das

árvores eram densas o suficiente para cobrirem o sol naquela posição em que estava.

Caímos no chão, eu por cima dela, que parecia ligeiramente debilitada enquanto tossia e eu apagava o fogo dela. Sua blusa já era e só então foi que vi que ela estava só com um top abaixo de mim. Meus joelhos estavam nas laterais do seu corpo na altura de seus quadris e tratei de me afastar e me recompor quando pude me certificar que ela não estava queimando em nenhum lugar. Depois de tudo aquilo, enquanto ela tossia copiosamente ao meu lado, também caí deitado ao seu lado.

Juliette usava um top preto e sua calça estava queimada em alguns locais, seus cabelos chamuscados e ela estava coberta de queimaduras. Felizmente, no entanto, já estava se curando e me aproveitei de sua fragilidade para tirar aquele colar desgraçado da sua mão, ao qual ela ainda tentou segurar e acabou por agarrar minha mão, mas ao menos daquela vez, era a Juliette que eu conhecia.

Por um segundo, seus olhos estiveram fechados e ela tossiu antes de abri-los, fitando-me docemente com aqueles olhos verdes culpados, algumas queimaduras curando em seu rosto e os cabelos

completamente bagunçados: — Não é o colar — ela murmurou, quase sem conseguiu respirar; saiu dela com dificuldade — *Sou eu.*

Até vê-lo novamente[19]

Seus olhos pareciam mais verdes e mais brilhantes do que eu me lembrava, mas também mais confusos. Juliette não parecia a mesma que tinha me atacado quando ergueu a cabeça com cuidado do travesseiro, analisando tudo ao seu redor, assustada. Eu não podia dizer ainda o que diabos havia de errado com ela, mas iria descobrir e não precisava ser um bruxo para sentir algo de ruim naquele colar.

Ela se sentou meio desajeitada e olhou para baixo, avaliando o que vestia: uma camisa azul de botões de Rafael que eu a tinha feito vestir depois de a sua ter queimado. Os dedos dela foram de maneira instintiva em seu peito, deslizando desde a base do seu pescoço com uma expressão angustiada.

— Onde está o meu colar? — em seus olhos, eu podia ver algo estranho, uma fragilidade e vulnerabilidade, como se Julies não pudesse, de fato ficar sem ele.

— Está comigo — falei simplesmente ao encontrar seus olhos, que se ergueram até os meus, me implorando. De alguma maneira, aquilo a causava alguma dor, a que eu via em seu olhar, mas de jeito nenhum a devolveria aquilo. Não sem antes saber o que estava errado com aquela coisa.

— Cedrico… — ela inclinou-se para frente e franziu as sobrancelhas — Eu *preciso* do meu colar. Cedrico, por favor. Me devolva, por favor.

— Claro que não — sua insistência em ter aquele maldito objeto de volta me intrigava — Talvez não se lembre de tudo o que aconteceu mais cedo. Depois, você apagou. Achei até que estivesse morta ou dissecando de fome…

— Desculpe por aquilo, eu não era… *Eu mesma* — ela se livrou do cobertor e jogou as pernas nuas para fora da cama, aparentando estar exausta e faminta, pois sua pele era mais branca que papel naquele momento e Juliette estava fraca — Você pode, por favor, devolver o meu colar?

— Por que quer tanto aquela coisa de volta? —

ela virou a cabeça e ficou me olhando, como se não soubesse exatamente como contra-argumentar, apenas *precisava* dele. Precisava a ponto de me atacar e me machucar, aquele tipo de necessidade
— Como pode saber que não é isso que está causando as alucinações?

— Eu sei. Eu já disse, Joseph está tentando falar alguma coisa, eu não estou louca, eu posso provar, apenas me dê. Você disse… — ela balançou a cabeça e jogou uma mecha de seu cabelo para trás do ombro — Que é meu amigo, que posso te contar qualquer coisa, então, por favor, confie em mim. Eu posso sentir que tem alguma coisa ali e se me deixar, irei te mostrar — não falei nada por um longo minuto, apenas avaliei-a — Eu preciso ter certeza. Não vou conseguir me concentrar em mais nada, nem em Rafael, se não souber se ele está realmente morto. Olhe para mim, você consegue me imobilizar sem nem usar as duas mãos.

Mesmo sem estar completamente certo do que ela dizia, parecia tão perturbada que acabei concordando e tirei o colar do meu bolso, colocando com cuidado na palma da sua mão. Quando afastei a minha, ela a agarrou entre as suas:
— Eu tenho quase certeza que algo não está certo

aqui, Cedrico — Juliette murmurou e fiquei quieto, olhando para ela sem saber exatamente o que dizer ou como desencorajá-la; não o faria. Ele estava morto e seria melhor se ela visse por si mesma.

Abri a boca para falar algo esperançoso quando o colar começou a brilhar entre nossas mãos e Juliette puxou sua mão. Fiz menção em tirar a minha que estava por sobre sua mão esquerda, contudo, quando o fiz, imagens desordenadas e confusas surgiram a nossa frente. Talvez Juliette não tivesse pirado, no fim das contas.

Juliette

Fechei meus olhos com força e as imagens começaram a surgir. Não eram desconexas, afinal. Cedrico e eu aparecemos em um grande galpão de teto alto e enorme, parcialmente escurecido e vazio. Dois grandes homens guardavam uma porta, que foi por onde seguimos, atravessando a porta e encontrando-nos em um corredor estreito e curto, que nos levou a uma segunda sala. Lá, era onde Leonard estava, sentada em um banco de madeira com o ar de uma cínica desolação e arrependimento.

Cedrico, de alguma forma, ficara mais em choque do que eu e ficou parado quando andei pela enorme sala e cobri a boca com ambas as mãos. Mesmo sabendo que aquilo não era exatamente real, ver o que estava bem diante de mim era difícil, partia o meu coração. A minha frente, Joseph estava sentado em uma cadeira ao lado de Leonard, com os pulsos e os tornozelos amarrados e o rosto ensanguentado e machucado. As lágrimas se formaram em meu rosto enquanto eu seguia com o passo leve na direção dos dois, em choque, com uma dor inexplicável e culpada em meu peito.

As lágrimas que escorreram pelo meu rosto eram bastante reais quando vi o sangue lentamente escorrer do seu rosto para tingir de vermelho a camisa branca que ele usava. Seus cabelos estavam maiores do que eu me lembrava, seus olhos mais azuis e mais ferozes também, assim como sua pele mais pálida, diferente do tom bronzeado e saudável que eu tinha na minha mente.

Eu também não conseguiria dizer quando o tinha visto tão... Humano. Irado. Ferido. E assustado. Por mais que eu visse o quanto lutava para permanecer frio e com o semblante inalterado, ele estava sendo torturado, seu olho direito tinha o

tom entre roxo e preto e estava parcialmente fechado, assim como o seu queixo e havia um corte minúsculo em seu lábio, que também estava roxo e outro corte na maça da sua bochecha do lado esquerdo.

Senti as mãos de Cedrico e vi-o atrás de mim. Minha pele se arrepiou e todo o meu corpo entrou em choque. Eu não queria mais ver aquilo, não conseguia, não tinha estômago para tanto. Tudo dentro de mim se revirava e as lágrimas escorriam silenciosamente pelo meu rosto; eu precisava tirá-lo dali, mas não fazia a menor ideia de como. Não sabia o que fazer assim como nem ao menos sabia onde diabos ficava aquele lugar.

"Joseph…", Leonard entrelaçou os dedos e olhou bem para Joseph, que enrijeceu ainda mais seus ombros ao manter o olhar daquele desgraçado. "Eu realmente pretendo te matar se você não me der as informações que eu quero".

"Eu vou te matar assim que eu estiver livre", ele falou entre dentes.

"Vamos fazer um acordo…", Leonard jogou os ombros para trás e ergueu o queixo. "Você me conta o que eu quero saber e eu esqueço a Harriet. Afinal, ela nem é filha da Juliette, não me

interessa. Além disso, eu deixo seus filhos em paz, todos eles".

Joseph lentamente fechou as mãos em punhos firmes e enrijeceu seu maxilar, a ponto de implodir internamente enquanto eu olhava em volta por breves segundos na tentativa de tentar identificar onde ficava aquele local.

"Você vai ter que me matar, então, porque se espera que eu entregue Juliette a você, nossa conversa a partir daqui será uma enorme decepção para você. Eu nunca *vou fazer isso, Leonard", Joseph relaxou seus ombros e ergueu o queixo na mesma altura dos olhos de Leonard, que ficou mais sério e enfurecido. "Pode me matar".*

"Não... Não, não, não! Joseph...", Cedrico deu um aperto suave em meus ombros e me impediu de ir até Joseph. Só então foi que me ative ao fato de que ele não podia, ninguém podia e eu não conseguia fazer nada para salvá-lo.

Leonard riu e balançou a cabeça: "Eu não vou te matar. Acha que eu sou idiota, Joseph? Você volta, mais forte, *e acaba comigo?", ele fez que não. "Tsc, tsc, tsc, nem pensar, amigo. Vamos fazer assim...", ele se levantou e alcançou em uma mesinha um pano branco para limpar o sangue de*

suas mãos. "Eu vou te deixar aqui, para você pensar um pouco", ele devolveu o pano a mesa e deu um tapinha amigável em seu ombro com um sorriso malicioso. "Quando eu voltar, preciso de um método eficiente para neutralizar a magia dela. É mais poderosa do que qualquer coisa que eu conheça".

"Ela é *forte. Mais do que qualquer coisa que você conheça…", seu tom soou quase orgulhoso e algo me dizia que ele e Leonard referiam-se a mim, o que espalhou um arrepio que percorreu toda a minha espinha e paralisou o meu corpo.*

"Eu tenho mais atualizações sobre a sua querida esposa para você, amigo", Leonard deu um aperto suave no ombro de Joseph e inclinou-se para que os olhos deles ficassem na mesma altura.

"Eu não quero saber", Joseph vociferou em tom contido, fuzilando Leonard com o olhar, que sorriu suavemente.

"Mas vou te contar de qualquer jeito. Você acreditaria em mim se eu te dissesse que sua querida *Juliette não precisou nem de dois meses para te esquecer e seguir em frente?", o semblante de Leonard alternou entre um olhar cínico para algo sério, como se ele se importasse com Joseph e*

sentisse por ele quando era quem lhe infligia dor, não somente física, afinal. "Não estou dizendo isso para te atingir, estou dizendo como alguém… Como um amigo de longa data que está te aconselhando que aquela mulher não se importa com você como você se importa com ela".

"Vai se foder, Leonard", Joseph chacoalhou o ombro e Leonard retirou a mão dele com uma expressão de "ao menos eu tentei" e deu dois passos para trás.

"Sua lealdade é invejável, companheiro".

Respirei tão fundo que quase engasguei com o ar, que ficou preso em minha garganta. Meus olhos estavam cheios de lágrimas e meus lábios entreabertos, meu corpo tão intensamente dominado pelo choque que abri a mão e deixei meu colar cair no chão, apagando por completo. Um calafrio assustador atravessou meu corpo e fiquei parada, incapaz de me mover e sentindo dor até no movimento mais ínfimo, como respirar. Pisquei e mordi o lábio na tentativa de me recuperar antes de virar a cabeça devagar.

— Você está bem? — Cedrico me perguntou, preocupado.

Fiz que não. Eu não podia ter certeza e me sentia anestesiada, sem fala: — Eu sinto muito por ter acreditado em você — anuí. Não tinha certeza se aquela conversa era importante naquele momento, ou até mesmo necessária.

E eu não conseguia falar nem encontrar forças dentro de mim, assim, puxei minhas pernas para a cama e apoiei meus pés na borda de maneira precária, enfiando o rosto entre minhas mãos e deixando que tudo saísse de dentro de mim com as lágrimas e os soluços. A porta se abriu, mas não me importei em olhar quem era, apenas soube quando Cedrico se levantou pelo movimento do colchão ao meu lado e caminhou até a porta, pelo som dos seus passos contra o assoalho que eu não conseguia ignorar.

— Dê um tempo a ela… — escutei Cedrico falar muito baixo, mas quem quer que fosse, caminhou na minha direção e se sentou ao meu lado, obrigando-me a limpar meu rosto com as costas das mãos na melhor maneira que pude. Rafael estava certo, eu deveria parar de ser tão chorona e começar a ser um pouco mais pragmática.

— Juliette — funguei e ergui os olhos para Cassandra, que pousou a mão em meu ombro.

— Ele não está morto, Cass — as palavras saíram da minha boca sem que eu tivesse total controle sobre elas. Mesmo sem entender completamente o que eu dizia, Cassandra me ofereceu um abraço.

Eu fui à floresta[20]

Levei muito tempo para conseguir me acalmar e, entre o momento em que eu estivera parcialmente ensandecida até as visões que Cedrico e eu tivéramos até aquele ponto, boa parte do dia passara-se. A única que conseguia pensar ali era Eva, quem saíra e dissera que tomaria suas providências para que Leonard fosse encontrado.

Todos nós sabíamos que não havia clima nenhum, mas como a maior parte de nós era humana, sentamo-nos em um círculo íngreme em torno da mesa de centro e pedimos comida chinesa quando escureceu. Alex, Cassandra e Renée estavam de um lado e Cedrico e eu de frente para eles quando a comida chegou e Renée se levantou prontamente para atender a porta.

Em seguida, pegamos nossas caixinhas de comida e começamos a comer. Me sentia um bocado enjoada, mas estava fraca e precisava me alimentar, por isso forcei-me a comer ao menos a metade do yakisoba; odiava comida asiática, mas aquilo teria que servir: — Nós iremos encontrar aquele bruxo desgraçado e vamos trazer Rafael e o nosso pai de volta — Cassandra pareceu mais estar fazendo uma promessa a si mesma do que falando com qualquer um de nós, afinal.

— Algum de vocês tem algum plano? — finalmente falei e fiz com que todos voltassem os olhos na minha direção, pois eu estivera quieta como um cadáver desde a manhã.

— Eu tenho — Renée foi quem falou, mas pareceu fazê-lo com cautela. Ergui as sobrancelhas e segurei a caixinha, apoiando-a em meu joelho e ignorando-a por completo para ouvir o que ela tinha a dizer — Acho que com os lobos do nosso lado, tudo vai ficar mais fácil — eu tinha contado a ela sobre minha visão, inclusive a parte dos caçadores brutamontes guardando o local. Eu tinha visto dois, mas duvidava que aquele fosse o número total — Quando o encontrarmos, eles atacam primeiro e usamos sálvia para conseguirmos atacar

esse bruxo, Leonard…

— Não concordo com isso — pousei a comida sobre a mesa de centro e ajeitei a manga da camisa de Rafael em meu corpo, mordendo o lábio ao fitar Cedrico, que parecia tão sério quanto poderia ficar ao encarar Renée — Não devemos envolver mais gente nisso, menos ainda lobos — Renée franziu as sobrancelhas e desloquei meus olhos de Cedrico para ela, analisando a questão silenciosa e cuidadosamente.

— Talvez você tenha se esquecido em tão pouco tempo como um vampiro, mas sem magia, somos apenas mortais correndo em círculos, *e se houver magia*, não podemos com aquele bruxo, ele já deu provas do quão poderoso ele é.

— Ela está certa — falei no tom mais imparcial possível. Eu não simpatizava com a ideia de Renée estar certa ou de eu concordando com ela, mas, no fim das contas, não precisávamos ser amigas, estávamos todos reunidos ali por um objetivo em comum — Eva nos ofereceu ajuda, nos ofereceu o bando dela, e não seria prudente recusar. Os lobisomens não são criaturas indefesas, são animais selvagens e ferozes e temos mais a ganhar do que perder nos aliando a eles — eu mal podia

reconhecer aquele tom que usara, aquela confiança que exalava em minha voz e que transmitia a ideia de que eu sabia exatamente o que estava falando — Você está preocupado com Eva…

— Eu não tenho esse direito? — ele me interrompeu de modo brusco e ergui o queixo para sustentar seu olhar pesado sobre o meu; ele estava começando a se irritar enquanto eu mantinha a postura mais fria e racional que conseguia — Ela já se machucou ao ficar do nosso lado antes e levou dias até se curar completamente — milimetricamente, ele se arrastou para longe de mim enquanto falava — Mas para você é assim, não importa quem vai se machucar no processo, desde que consiga tudo o que você quer.

— Você está sendo cruel, Cedrico. Você sabe que não sou desse jeito — meu tom saiu rápido e defensivo. Ele me olhou de modo cortante e por um momento, não falou nada quando eu esperava que fosse concordar comigo — Eu me importo com a Eva, é claro, e também *devo* muito a ela. Ela salvou a nossa vida em Nova Orleans, mas precisamos ser pragmáticos. Leonard certamente vai explorar cada fraqueza que enxergar em nós.

— Você pode demonstrar isso a deixando fora

disso — sem mais nem menos, sem esperar que eu pudesse me explicar ou contradizê-lo de qualquer forma, Cedrico praticamente atirou a caixa de comida sobre a mesa de centro e desapareceu no ar.

— Deixe-o ir — Cassandra falou quando fiquei olhando para o lugar onde ele estivera por mais tempo que o tempo, hesitando entre ir atrás dele e manter a minha posição. Lentamente me voltei para ela para ver que não era só eu, nenhum de nós estava comendo. Ela tinha o braço em torno do de Alex, que me olhava atentamente, ao que me virei para Renée, do outro lado de Cassandra.

— É complicado gostar de alguém em meio a isso, você acaba misturando as coisas — Renée falou. Seu tom suavizado me surpreendeu e fiquei quieta por um momento, pensativa.

— Cedrico não está fazendo nada além do que *nós* estamos fazendo. Tentando proteger alguém com quem ele se importa — foi mais uma anotação mental do que algo que devesse ser relevado em conta, de fato, de modo que Renée anuiu em entendimento.

Um estranho silêncio tomou conta da sala, envolvendo a todos nós de modo denso e perturbador. Limpei a garganta e as imagens

começaram a voltar à minha cabeça. Joseph preso naquele lugar com aquele maluco, seu rosto machucado e todo aquele sangue, a conversa entre os dois e o modo como, mesmo sem deixar transparecer, ficara magoado com a ideia que Leonard lhe apresentara sobre eu ter seguido em frente e tê-lo *esquecido* tão rápido. Pudera ver aquela dor em seus olhos e aquilo partira meu coração mais do que qualquer coisa.

Era insustentável imaginar que eu estivera com Rafael enquanto ele sofria, deliberadamente negando-se ao direito de ter sua dor aliviada para me proteger. Inspirei profundamente e escutei um toque de telefone, porém não me movi, ainda absorta em pensamentos antes de me dar conta de que era o meu, que se encontrava no bolso detrás da calça que eu usava. Balancei a cabeça ao girar e alcançá-lo, vendo o número de Eva na tela.

Não imaginei que ela fosse me ligar para batermos papo, por isso atendi tão rápido quanto pude deslizar meu polegar sobre a tela: — Eva? Está tudo bem? — não obtive resposta durante dois segundos, apenas senti uma coisa estranha, algo parecido com a sensação de que alguma coisa não ia bem, ampliada conforme os olhares dos três se

tornavam mais intenso e eu podia ouvir rosnados ao fundo do outro lado da linha.

— Eu preciso da sua ajuda — escutei a voz de Eva, desesperada e a beira do pânico, das lágrimas e de uma dor intensa e indecifrável; algo que eu não poderia descrever com tão poucas palavras e sem saber o que houvera. Porém, instantaneamente, meu corpo entrou em estado de alerta e mordi o lábio. Ela continuou sem delongas: — Preciso *muito* da sua ajuda, por favor…

— Calma. Onde você está? O que aconteceu?

— Na floresta — senti a dor física e o esgotamento emocional no tom da sua voz, ao que me coloquei rapidamente de pé e fui na direção da porta — Eu… Encontrei alguns caçadores. Quero dizer… — ela engoliu o evidente descontrole e tentou falar de modo que eu entendesse — Eles nos encontraram. Eu não sei o que fazer — por mais que tentasse não demonstrar, ela estava chorando e estava machucada — Estou a uns dois quilômetros da mansão — Eva se acalmou o suficiente para explicar e me virei para ver Cedrico descer as escadas a uma velocidade vertiginosa. Abri a boca para falar, mas ele não me deu espaço — Você pode me encontrar? Por favor.

— Estamos a caminho — desliguei e mantive o olhar em Cedrico por dois segundos. Eu não tinha entendido tudo, mas ele, sim.

— Oh, *Scheisse!* — praguejei ao correr a uma velocidade humana até Eva, que estava encolhida de costas no escuro, nua. Cassandra foi mais rápida que eu e foi até ela, cobrindo-a com um pedaço branco de tecido; mais inteligente, também, ao pensar que ela precisaria de alguma coisa para vestir quando voltasse a sua forma humana.

Em torno de Eva, seis caçadores estavam mortos no chão, com suas armas em torno deles, mas enquanto Cedrico ia até as duas, Alex, Renée e eu concentramo-nos em Amanda, que estava ao lado dela em sua forma de loba, desacordada. Eva estava tinha uma árvore atrás dela e Amanda estava muito perto dela, que estava bastante machucada. De frente para a árvore, havia outra, e entre as duas, o espaço de dois metros que as separava; outro lobo estava caído perto da outra, vivo.

Eu não era tão boa em identificar lobisomens em suas formas animais quanto Rafael, que até os entendia, mas podia determinar que se ele era um lobo, estava do mesmo lado que Eva naquela briga.

Ele estava machucado, mas consciente, e soltou ganidos de um animal ferido quando me ajoelhei diante dele, fitando seus olhos amarelos; algo se apertou em meu peito diante daquele olhar de quem pedia por ajuda e, boquiaberta, ergui os olhos para Renée, que se aproximava: — Tem alguma coisa que possamos fazer? — ela ajoelhou do outro lado do lobo e fez que sim, erguendo seu queixo.

— Feitiço de cura. Não vai curá-lo completamente, mas vai ajudar a acelerar o processo natural de cura dos lobisomens — ela ergueu a mão e balancei a cabeça quase que automaticamente, aceitando sua mão ao sair do meu estado catatônico e afetado.

Renée fechou os olhos e fiz o mesmo, concentrando-me e erguendo a outra mão acima do lobo. Não tinha certeza sobre o que deveria fazer, aquilo de cura era novo para mim, assim, apenas repeti as palavras que Renée recitou, sentindo sua forte magia fluindo através de mim, ao nosso redor, e sentindo minhas forças indo na direção do lobo.

Sunt corporis sanitatem
spiritum tuum directa praestare
ut sit satis resistere

et vivet

— Funcionou? — soltamos as mãos e afundei os dedos no pelo do lobo, ao que ele ergueu a cabeça com um suave ganido, como que um agradecimento, e testou suas forças.

— Acho que sim — era aparente a hesitação de Renée. Ela também não parecia estar muito segura de que aquilo funcionaria quando tentou, mas o lobo parecia melhor, embora não exatamente curado, o que me levou a girar e me ergui para ir até Eva. Ela estava com um vestido, a primeira peça que Cassandra encontrara em seu caminho. O rosto dela estava arranhado e cortes profundos começavam em seu maxilar e desciam até alguns centímetros abaixo de suas clavículas. Quatro cortes. Garras, sem sombra de dúvidas.

Seu cabelo loiro-acinzentado estava coberto de sangue e terra, o vestido branco foi rapidamente manchado com o sangue de uma cicatriz em sua barriga. Seu braço esquerdo também sangrava no local onde uma flecha o havia perfurado quando ela se debruçou sobre Amanda ao seu lado, afundando os dedos em seu pelo, soluçando copiosamente.

— Não… Mãe? — ela se inclinou ainda mais,

repousando seu rosto no pescoço da mão, agarrando seu pelo entre os dedos com toda a força da qual dispunha naquele momento — Não, mãe, acorde… Mãe, por favor… — o som do choro era a única que se fez ouvir e ecoou pela floresta como um eco sombrio, me fez dar um passo para trás e cobrir os lábios por um momento, muito além de qualquer reação.

O lobo que eu julgara ser Jack, levantou-se e fez um lento caminho até onde Eva e Amanda e tocou o braço de Eva com o focinho, ganindo suavemente para indicar sua presença, indicando o quanto levantava. Eva, no entanto, permaneceu imóvel; seu choro diminuiu, mas ela se deitou no chão e ficou ali enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto, agarrando os pelos da loba como se qualquer coisa fosse trazê-la de volta.

Cassandra se afastou, abalada, e fez seu caminho até onde Alex estava para abraçá-lo; enquanto isso, sob o choro convulsivo de Eva, Cedrico segurou-a pelos ombros e afastou-a, contra a sua vontade, do corpo da mãe. Ela não resistiu, no fim das contas, pois estava tão abalada e fraca, que tudo que fez foi abraçá-lo, agarrando a camisa dele como sua salvação.

— Você está bem? — perguntei com cuidado ao entregar a camisa Jack, que a vestiu com um rápido movimento.

— Vou sobreviver — ele fechou os botões e mordi o lábio. Jackson passou por mim e foi até o carro de Cedrico, que tinha a porta aberta e onde Eva se recusava a entrar, mesmo mortalmente ferida, e deixar a mãe para trás, ali, no meio da floresta. Ela estava de costas, de frente para Cedrico, que tentava convencê-la, quando o irmão saiu do meio das árvores e puxou-a para um firme e intenso abraço.

Cedrico e eu entreolhamo-nos por um momento enquanto o carro de Cassandra se afastava, levando ela, Alex e a irmã de volta a mansão. Sabia que, depois da conversa que tivéramos, Cedrico estava me odiando, mas aquele não era um drama muito importante naquele momento, pois sob a luz da lua na mata aberta, eu não podia mais hesitar em dizer que Eva precisava de cuidados imediatos, assim como o irmão.

— Eva… — ela ergueu o rosto, mas não se afastou do irmão quando a chamei, apenas deslizou a mão pelo rosto e parei perto de Cedrico, que

estava atrás. Eva girou a cabeça e olhou para ele por um segundo, então se atentou a mim, com seus grandes olhos chorosos, mas ainda assim, fortes e ferozes como os de um lobo — Nós precisamos sair daqui — falei do modo mais delicado que pude, afinal, a vinte metros de onde pisávamos estava o corpo de Amanda. Envolvi-me com os braços diante da brisa cortante que atravessou meu corpo e se fez ouvir ao agitar ao agitar as copas altas das árvores.

Ela fez que não e se afastou de Jack, lançando luz sobre si mesma, permitindo-me vislumbrar a extensão dos seus ferimentos. Os cortes em seu pescoço pareciam-se piores do que eu poderia ter notado antes, no escuro, e não paravam de sangrar. Claramente, ela não estava se curando tão rápido quanto Jackson.

— Não vou deixar o corpo da minha mãe aqui — falou de maneira incisiva, convicta, de modo a não deixar nenhuma dúvida. Eva respirou fundo e tentou se recompor antes de continuar: — Você pode ir, eu vou ficar.

— Você está machucada — Cedrico interviu e ela se virou completamente para ele, passando seus braços em torno de si, demonstrando uma

fragilidade que não queria. Ela ergueu o queixo e engoliu em seco com dificuldade. Eu mesma não tinha certeza de como ela ainda estava de pé estando tão machucada, sangrando tanto, mas ela manteve sua decisão e não hesitou nem por um único segundo.

— Eu não sei como vocês bruxos fazem suas coisas, mas nós, lobos, não abandonamos os nossos, não importa sob quais circunstâncias — ela alternou o olhar entre nós. Jackson, que estava atrás dela, evidenciou em sua postura que estava totalmente do lado da sua irmã, que era a líder ali.

— Nem se for morrer por isso? — quando olhei para Cedrico, vi que lhe doía por dentro ser tão claro e duro com ela, mas eu também sabia e via como aquilo se fazia necessário.

— Mesmo se eu precisar morrer por isso. Obrigada por terem vindo — ela descruzou os braços, bateu a porta traseira do carro, que Cedrico tinha aberto para convidá-la a entrar, e abriu a porta da frente do lado do motorista — Mas nós vamos ficar bem.

Mas ela não ia. No momento em que o fez, Eva levou a mão ao pescoço e tocou o ferimento, apoiando-se na porta que tinha acabado de abrir

quando seus joelhos se dobraram. Jackson deu um passo na direção da irmã, mas Cedrico foi mais rápido ao apará-la em sua iminente queda e tomá-la em seus braços.

Ela franziu o rosto em evidente agonia; talvez aquele fosse o momento em que a adrenalina, ou qualquer equivalente para os lobisomens, estivesse deixando o seu corpo e ela começasse a sentir o efeito que a luta causara em seu corpo. Cedrico a pegou em seu colo e Eva piscou, esforçando-se para manter-se consciente.

— Eu não vou te deixar — ele prometeu com toda a convicção.

— Eu vou ficar — Cedrico se virou com um olhar entre "você tem certeza?" e "o que diabos você está fazendo?", mas o silêncio imperou entre nós, assim como o peso da conversa que tivéramos minutos antes de irmos parar ali, em meio a tanto sangue e morte — Não vamos deixar sua mãe aqui — evitei a palavra corpo e ela assentiu, erguendo mais uma vez a mão até o pescoço, que voltava a sangrar e roubava-lhe as forças.

— Obrigada — murmurou em um fio de voz e Cedrico a levou até o carro, pousando seu corpo com cuidado no bando de trás.

— Eu vou ficar com você — Jackson deu dois passos a frente e Cedrico fechou a porta e se voltou para nós antes de entrar.

— Não, você também precisa de cuidados, está tão machucado quanto sua irmã. Eu dou conta — acenei suavemente, fazendo-lhe uma silenciosa promessa. Vi nos seus olhos o quanto mais ele gostaria de insistir, o quanto ele gostaria de ficar e lutar ao meu lado, se aquele fosse o caso, mas também uma dominadora fraqueza quando ele concordou e foi com Cedrico. Eles entraram no carro, que se afastou e fiquei sozinha na floresta.

Desviando pela floresta o caminho para o inferno[21]

Deveria confessar a mim mesma que o silêncio que recaíra sobre a floresta quando carro de Cedrico desaparecera era assustador. Mas eu não estava assustada porque era uma predadora, e o cheiro de sangue sobrepunha os meus sentidos e a minha racionalidade. Entrei na floresta, em sua parte mais assustadora e obscura, sentindo o cheiro do sangue e farejando o rastro dele como se fosse uma trilha a ser seguida até os corpos estraçalhados dos caçadores, que só então pude observar.

Alguns tinham os membros separados do corpo, mas eu não podia dizer que me apiedava das circunstâncias da morte que eles tinham procurado

para si, afinal, se a mãe de Eva estava morta, eles não tinham mais direito de viver do que ela.

Repassei mentalmente o que sabia sobre ela enquanto esquadrinhava o perímetro, examinando tudo com cuidado em busca de possíveis ameaças a minha vida. A verdade é que tudo o que eu sabia sobre Amanda fora o que Joseph me dissera, e não era muito, só que ela era muito diferente do marido psicótico e maluco, que morrera anos antes.

— Isso tudo é uma pena — dei um salto para a esquerda e girei, assumindo uma posição de ataque, mas quando vi quem estava diante de mim, expirei todo o ar que inspirara de uma vez só e relaxei a minha postura. Meu coração demorou a normalizar conforme eu me aproximava — Eu gostava muito da Amanda — Joseph olhou para trás antes que eu me aproximasse, quase sem fôlego — Ela era boa de cama.

— Eu não estou escutando, porque você não está aqui — dei-lhe as costas e fingi que poderia ignorá-lo com aquele gesto.

— Ah, estou sim, querida — ele apressou seu passo para dentro da floresta para me seguir — Agora que você sabe que o verdadeiro eu está vivo, como se sente? Pensando muito sobre os últimos

anos? Remoendo sua decisão em ter se casado com Rafael? — respirei fundo e mordi o lábio com tanta força que sangrou, concentrando cada músculo meu para não responder. Quanto mais eu lhe desse corda, mais eu me enforcaria com ela.

Respirei fundo e virei à esquerda, fazendo meu caminho com cautela entre uma árvore e outra. Ao longe, escutei o som mínimo de um fragmento de galho quebrar sob o peso de um corpo que se movimentava como uma raposa e tentava não chamar a atenção, mas seu passo mal calculado o denunciou e assim que chegou a meus ouvidos, não precisei de dois segundos para desarmar o caçador de sua besta e acertar seu maxilar com ela, de cima para baixo, de modo que pude ouvir o som dos seus ossos quebrando quando ele encontrou o chão, ainda consciente.

Abaixei-me e pressionei o joelho contra seu peito, impossibilitando-o de levantar, mas, afinal, ele não poderia fazê-lo, pois seu rosto estava coberto de sangue e o homem parecia tão frágil quanto um inseto quando permitiu que sua cabeça pendesse para o lado. Ergui o queixo e abaixei a besta, mantendo-a rente a meu corpo para avaliar o homem.

— Vamos, acabe logo com isso — rosnou. Sua boca estava coberta de sangue e ele levou a mão a seu maxilar, que não estava quebrado, no fim das contas, mas sangrava mortalmente se passasse pela minha cabeça a ideia descabida de deixá-lo ali.

Talvez as alucinações tivessem me feito surtar de vez, pois mordi o pulso direito e fi-lo beber. O homem empurrou meu braço com toda a sua força humana, mas bebeu o suficiente para que os cortes começassem a curar.

— Você vem comigo — coloquei-me de pé rapidamente — Levante.

Ele pareceu atordoado com minha decisão. Parecia que misericórdia não era algo que demonstravam muito pela sua espécie, mas lentamente se colocou de pé, permitindo avaliá-lo da cabeça aos pés. Como os outros, vestia preto da cabeça aos pés, mas seus traços, embora retorcesse seu rosto em um misto de dor remanescente e fúria contida, eram suaves e eu poderia dizer, correndo o sério risco de estar louca de verdade, que ele era bonito.

Seus cabelos castanho-claros estavam espetados em uma harmoniosa arrumação, seus olhos eram de um azul-escuro que me dava a impressão de estar

encarando um oceano congelado que poderia gelar até meus ossos. Mordi o lábio inferior de modo sutil e olhei por sobre seu ombro, capaz de jurar que vira um vulto cruzar o espaço entre duas árvores a dez metros de onde eu ergui a besta, me sentindo estranhamente capaz de usá-la.

Passei pelo homem, tendo-o agora à minhas costas enquanto arrastava meus pés pelo chão de terra. Havia mais alguém ali, mas aquele sabia se esconder melhor do que o homem que estava atrás de mim, provavelmente armando para me atacar quando eu estivesse desatenta com a faca de caça que ele tinha em sua cintura, a qual levou a mão.

— Se você tentar me atacar, eu vou te matar. Entendido? — falei sem tirar os olhos de onde o vulto continuava a se mover. O homem anuiu em entendimento e seu braço caiu ao lado do corpo.

Larguei a besta no chão e fui até o segundo homem, pegando-o completamente desprevenido. Dei-lhe uma gravata e imobilizei-o sem dificuldade, o que, em poucos segundos, diminuiu o fluxo sanguíneo em seu corpo e o fez largar sua besta, que caiu aos meus pés: — Quantos mais? — aquele se parecia com o outro, que observava tudo a distância enquanto o que eu tinha sob meu

controle emitia sons de estrangulamento.

— Somos só nós — falou quase sem voz — Os lobos… Mataram o resto de nós — sua voz me implorava e agitei a cabeça de modo sutil em entendimento — Por favor…

— Shh… Está tudo bem — murmurei com os lábios perto da sua orelha, permitindo que um rastro de esperança se alastrasse pelo seu corpo antes que eu quebrasse o seu pescoço e jogasse o seu corpo ao chão.

O homem que eu curara estava boquiaberto, com o queixo caído em choque quando retornei até onde ele estava e agarrei seu braço sem dificuldade; não pela minha força, mas porque ele não apresentou resistência alguma. Aquele era o que eu podia chamar de caçador em potencial que talvez nunca se tornasse um, de fato.

— Eu trouxe um convidado — falei quando passei pelas portas da mansão, uma hora depois, depois de deixar o corpo de Amanda na enorme mansão onde ela morava. Soltei o cotovelo do caçador e empurrei-o, fazendo com que o pobre homem cambaleasse e tivesse que buscar apoio na porta detrás do sofá — Espero que não se importem.

A camisa de Rafael que eu estava usando eventualmente fora suja de sangue, mas aquilo não era tão relevante como o homem que estava a minha frente quando até o centro da sala, agarrando o braço do homem e fazendo-o sentar-se na poltrona. Ele parecia chocado, como se alguém lhe houvesse roubado a fala ou como se esperasse ser amarrado e amordaçado quando tudo que fiz foi sentá-lo na confortável poltrona antes de tomar lugar no sofá onde Renée fazia um complexo curativo no abdome de Jackson e Cedrico fazia o mesmo com o horrível ferimento no pescoço de Eva. Ambos me olhando como se eu tivesse surtado quando terminaram.

— Mas o que diabos é isso? — Cedrico foi o primeiro a falar — Enlouqueceu, Juliette? — não respondi, pois senti que se tratava mais de uma pergunta retórica, assim, ele prosseguiu: — Quando você encontra alguém que tenta te matar, você o mata primeiro, não o trás para casa.

— Por acaso esse pobre diabo parece ter a capacidade de me matar, Cedrico? — ele franziu o cenho e Eva me encarou no sofá diante do qual eu me sentara, ao lado de Renée e Jackson. Renée se levantou e ergueu o queixo, não demorando muito a

erguer o queixo e encarar o homem diante de nós.

— Juliette está certa. Esse homem parece ser mais inofensivo que uma mosca e ele vai nos dar a localização de Leonard — ela olhou para Cedrico para ter certeza que ele entendera, mas ele não disse nada. Olhei em volta, mas não encontrei Cassie ou Alex em lugar algum.

Eva se levantou com certa dificuldade, com a mão sobre o curativo em seu pescoço: — Vocês podem ficar aqui traçando seus planos imaginários — quando o fez, dava para perceber que ela mal podia ficar de pé quando se afastou dois passos do sofá — Eu vou atrás daquele desgraçado…

— Calminha aí, olha o seu estado — Cedrico a fez sentar novamente, contra a sua vontade, naturalmente. Com o esforço, agora o sangue era visível através da gaze — Estamos juntos, nós vamos encontrá-lo e fazê-lo pagar por tudo… — Cedrico a fez afastar a mão e avaliou seu curativo com o olhar de um médico que estava acostumado a ver aquele tipo de coisa, assim como costurar os membros de pessoas no lugar todos os dias — Mas você precisa estar recuperada para isso.

— Não fui eu quem matou aquela loba — todos nos surpreendemos e nos viramos para o caçador.

Estranhamente, ele não parecia barganhar pela sua vida, parecia que aquela era a sua maneira de dizer que sentia muito e me perguntei de onde diabos saíra aquele homem, porque ele, obviamente, não era como os outros.

— Então você vai, gentilmente, nos dizer onde Leonard está — inclinei-me sutilmente, tentando soar tão ameaçadora quanto fosse possível para o tamanho que eu tinha — Sem que precisamos torturá-lo.

— Em troca da minha vida — ele manteve meu olhar e ergui o queixo. Queria ter o poder de ler o que se passava pelos pensamentos, mas como não podia fazê-lo, limitei-me a assentir positivamente, sentindo o olhar dos outros sobre mim.

— Certo. Você não morre hoje.

Livra-me[22]

No momento em que coloquei a cabeça no travesseiro, adormeci por exatos cinco minutos. Meus olhos se abriram ao som da voz de Joseph, que estava deitado na cama ao meu lado. Como ainda estava tentando fingir que não tinha ninguém ali, fiquei quieta e fechei os olhos. Eu podia voltar a dormir, podia bloqueá-lo.

— Dormir nesse quarto te faz sentir melhor? — abri os olhos para vê-lo observar o ambiente a sua volta com cuidado, atentando-se aos detalhes — Ou você só se deita aqui porque não tem coragem o suficiente para ir para casa, sozinha?

— Cale a boca — falei entre dentes. Daquela vez, desisti de tentar dormir e livrei-me dos cobertores. Em uma coisa ele me fez pensar: seria melhor se eu

ficasse longe de todos, pois aquilo estava começando a ficar fora de controle e eu não sabia por quanto tempo mais poderia manter o tênue controle.

— Você já vai? — consertei o cabelo e saí pela porta a um passo firme, indo na direção das escadas.

— Ignore o meu pai, ele não sabe o que diz — dei um instintivo passo para trás quando Rafael surgiu diante de mim, daquela vez, com um sorriso pretensioso; ele ergueu a mão e acariciou meu rosto com delicadeza e eu podia jurar por Deus que sentira o seu toque quando ele o fizera, o que me fez dar mais um passo para trás. Ele deu um passo na minha direção e senti as mãos de Joseph em meus ombros, em seguida, sua mão direita afastou meu cabelo e ele mordiscou meu pescoço enquanto Rafael sorria e seus dedos subiam pelo outro lado do meu pescoço, guiando seus lábios até meu pescoço para um beijo suave.

Contra a minha vontade, completamente rendida e vulnerável, inclinei a cabeça para trás conforme Rafael foi me guiando. O que havia de errado comigo para que eu não conseguisse me livrar sabendo que aquilo era coisa da minha cabeça?

Pisquei e balancei a cabeça, dando um quase salto para a esquerda, livrando-me dos dois ao mesmo tempo. Meus pés foram se movendo para trás, para mais perto da escada.

— Não, isso só está na minha cabeça — agitei a cabeça, paranoica, com a sensação de que não estava ou de que, repetir aquilo não os faria sumir. Eles começaram a andar na minha direção e girei em meus calcanhares, dando de cara com Friedrich.

— Querida… Como eu senti a sua falta — cobri os olhos com os punhos das mãos, inclinando meu rosto e balançando a cabeça com veemência.

— Não… — murmurei com desespero, a ponto de chorar ou implodir. O que quer que viesse primeiro seria bem-vindo desde que tirasse aquilo da minha cabeça. Abaixei os braços e meu avô sorriu — Você também está morto — falei com convicção — Eu o vi queimar.

— Sempre tem um jeito, *Schatz*.

— Não tem jeito nenhum, você está morto. *Morto!* Para sempre — passei por ele esquivando-me para não tocá-lo, pois sentir seu toque, mesmo que aquilo também estivesse na minha mente, me faria questionar os limites que eu estabelecera na minha cabeça. Desci as escadas e ergui os olhos

para ver Alice na frente da mesa de centro.

— Juliette, você parece… Horrível.

— Já chega — gritei fora de mim e, do penúltimo degrau da escada, me atirei sobre aquele fantasma, saltando sobre Alice e atirando-nos sobre a mesa de centro, que quebrou em mil pedaços, e ataque seu pescoço. Embora seus gritos parecessem reais e humanos, eu sabia que ela não era, eu a vira morrer naquele mesmo lugar, e com aquele em mente e mais nada, ataque o seu pescoço.

Suas mãos tentaram fracamente me empurrar, mas ela parecia fraca. Claro, ela não existia, de fato, por isso não tinha forças o suficiente para me afastar.

— Juliette, pare… — sua voz enfraquecida chegou a meus ouvidos como um breve sussurro. Seus braços magros caíram ao lado do corpo enquanto ela empalidecia e eu drenava o seu sangue.

— Juliette! — só escutei a voz de Cedrico quando ele me empurrou de onde eu estava, sem tê-lo ouvido chegar. Escorreguei até os pés sofá e ele me lançou um rápido olhar enquanto mordia o pulso; eu queria poder falar que aquele era um fantasma, mas as palavras não saíram na minha boca, pois

quando guiei meus olhos para onde Alice estivera, vi apenas o corpo desfalecido de Eva — Eva, acorde, vamos lá… — ele murmurou enquanto tentava fazê-la beber seu sangue.

— *Mein Gott*… — murmurei e me aproximei dela, que estava cadavericamente pálida. Cedrico estendeu o braço direito, impondo uma distância entre nós, ainda tentando acordá-la.

— Fique longe dela — ele rosnou com raiva, como se eu fosse a inimiga ali e talvez eu fosse, de fato, afinal, o sangue dela escorria pelo meu rosto e estava em minhas mãos. Levantei-me, tendo lágrimas culpadas em meus olhos, embaçando a minha visão, e não consegui me mover, não consegui sair dali, mesmo que fosse o que eu sentisse que precisasse fazer — *Eva, por favor… Acorde!* — ele implorou e segurou-a pelos ombros, a ponto do desespero — Por favor, acorda — ele agitou seus ombros — *Acorda*… — eu tinha a mais plena convicção de que ele poderia chorar a qualquer momento, contudo, Eva abriu os olhos e piscou, atordoada e confusa.

Eu queria desesperadamente me certificar se ela estava bem, mas tinha a impressão de que não era exatamente bem-vinda ali.

— Você tem certeza disso?

— Tenho — confirmei com um aceno enquanto Cassandra envolvia meus pulsos com pesadas algemas de ferro que se estendiam por correntes e estas, por sua vez, estavam presas ao chão. Eu estava sentada na cama do porão, esperando que ela terminasse e me deixasse só, mas Cass não parecia certa se aquela era a coisa certa a se fazer. Eu, sim.

Depois de ter deliberadamente atacado Cedrico e Eva, minha melhor opção fora um pouco de altruísmo. Eu ficaria ali embaixo se aquilo significasse que as pessoas a minha volta estariam seguras. Cassie terminou com meu pulso direito, agachada a minha frente com uma expressão perturbada.

— Eva está bem? — ela ergueu os ombros suavemente ao se colocar de pé.

— Ela vai ficar com Cedrico cuidando dela com tanto afinco. Só não tenho certeza se *você* vai. Olha, nós precisamos de você. Meu pai precisa, o meu irmão precisa… — ela balançou a cabeça e apoiou as mãos na altura dos quadris, exatamente como seu gêmeo faria com aquela frustração toda — Não podemos fazer isso sem você.

Joguei minhas pernas para a cama e estiquei-as ao longo dela com minhas costas contra a cabeceira de ferro: — E eu não posso machucar mais ninguém, então… É melhor assim — ajeitei-me para ficar o mais confortável possível e mordi o lábio, obrigando-me a olhar para a parede a minha frente, o que obrigou Cassandra a sair dali.

A minha esquerda, no canto da adorável cela, o caçador estava sentado atrás da porta. Não confortável, eu poderia dizer, mas a vontade, como se aceitasse seu destino seu relutar. Ergui o queixo e encarei-o com cuidado.

Aquele homem, sem sombra de dúvidas, era uma incógnita e agora eu tinha tempo o suficiente para descobrir sobre ele.

Sumário

Parte 3 — O dia destrói a noite

Sobreviva
Cubra meus olhos com as suas mãos
Apenas finja que estamos melhores
O agridoce de cada nova derrota
Significa que estou mais forte do que antes
E esperanças se ergueram das ruínas
No momento estamos perdidos e achados

PERIGOSAS

Eu apenas queria estar ao seu lado
Como um rio, sempre em movimento
Eu continuo perdendo você
Como uma chama, sempre queimando
Eu estarei aqui por você

NACIONAIS - ACHERON

Parte 3

O dia destrói a noite[23]

Sobreviva[24]

QUATRO DIAS DEPOIS

Quando arrastei as mãos, o som da corrente se fez ouvir ao mesmo tempo em que eu erguia minhas pernas e pressionava-as contra o meu peito, deitada de lado quase que como uma bola, completamente enrolada, porém trêmula. O porão era abafado e uma fina camada de suor se formava sobre minha pele, que estava fraca, quase como se tivesse ficado mais fina, e eu *sentia* as olheiras abaixo dos meus olhos, que queimavam por conta da falta de sono.

Nunca me sentira tão mal em toda a minha vida, e mesmo assim, quando a porta pesada se moveu, formei-me a abrir os olhos, agradecendo aos seus pela abertura não vir acompanhada de luz do sol, pois eu sabia que aquilo era algo que eu não

conseguiria suportar. Ergui a mão por conta da luz que foi acesa e o tilintar das correntes me fez piscar duas vezes ao fitar aquela silhueta caminhando na minha direção. Estava zonza, não podia afirmar quem era, de fato.

— Qual o seu problema? — escutei uma voz ligeiramente presunçosa e forte, porém forçadamente suavizada e senti os dedos de Alaric em meus cabelos, tirando os fios que caíam desordenados por ele.

— Ric, o que você… O que está fazendo? — ergui a cabeça com dificuldade e ele me fez deitar novamente, agachado ao meu lado, deslizando seus dedos pelo meu rosto antes de afastá-los abruptamente.

— Você não pode ficar aqui, dissecando, só porque você quer — pisquei, aturdida. Achei que ele estava ali para falar qualquer outra coisa, para me culpar. Qualquer coisa, exceto concordar com o resto dos Hamilton, que repentinamente se importava se eu estava dissecando abaixo deles — Tem pessoas que precisam de você. *Rafael* precisa de você — sem me pedir permissão, ele agarrou a corrente e puxou-a com força, puxando também meu braço esquerdo e machucando meu pulso.

— Ei! — gemi em reação automática a dor e foquei no que ele estava fazendo, vendo-o segurar meu pulso magro entre os dedos da mão esquerda e segurar a corrente com a direita para que uma esfera de fogo se formasse entre seus dedos e Alaric aproximou a chama da algema, derretendo-a e me queimando no processo, porém, me livrando contra a minha vontade — Você não deveria estar aqui — o vermelho suave em meu pulso se curou rapidamente quando me sentei, com a mão apoiada no colchão para fitar Ric — *Eu* não pedi que você estivesse aqui.

— Eu sei disso, mas você pediu — ele balançou a cabeça, como que para me confundir quando se sentou ao meu lado; ergui o queixo e olhei-o com cuidado, com atenção — Você precisa de ajuda e precisa estar bem para ajudar as pessoas que precisam de você. Então pare de ser uma covarde, levante-se e lute.

— *Covarde?* — uma risada estranha saiu de mim sem que eu pudesse evitar. Deslizei as costas da minha mão livre pelos lábios — Tem certeza que veio ao lugar certo? Tem certeza que sabe o que aconteceu? Que eu ataquei Cedrico e Eva? Que eu quase *a matei*?

— Pare de se fazer de vítima — ele agarrou meu pulso direito sem nenhuma intenção em ser gentil — Isso me dá nojo — engoli para o mais fundo dentro de mim uma resposta mal-humorada enquanto ele colocava fogo perto do meu pulso e me libertava.

— Ai! — libertei-me do seu toque e fuzilei-o com o olhar no momento em que ele se colocou de pé com um olhar incisivo, duro, frio de um modo que eu não conhecia. Alaric geralmente era o irmão menos sério, mais charmoso e presunçoso, como se soubesse exatamente o efeito que ele tinha sobre as pessoas e não hesitava em usá-las quando necessário — Eu não vou sair daqui, eu não posso…

— Vai deixar Joseph onde ele está? — ele me interrompeu de maneira brusca, com uma raiva evidente em seu tom; uma que me fez ficar quieta, enfiando os dedos nas bordas do colchão e retorcendo os dedos dos pés inquietantemente — Vai abandoná-lo? Vai virar as costas para Rafael depois de colocá-lo no mundo prisão? — certo. Talvez ele soubesse demais sobre mim e sobre tudo aquilo e estava começando a me irritar, mas não por estar jogando aquilo sobre mim, e sim, pelo

fato de eu não ter respostas para ele, que me encarava de modo incisivo, clamando por elas.

— Eu não posso fazer isso — falei mais alto e enrijeci meus ombros, com vontade de jogar alguma coisa nele enquanto minhas veias imploravam por sangue e sua jugular pulsava onde eu podia ouvir — Alguém me disse que eu não posso salvar o mundo, *principalmente* se não pude *me* ajudar. E eu aprendi isso. E nesse momento, eu não posso nem ao menos me ajudar — umedeci os lábios e funguei — Eu nem ao menos sei se você é real, se isso também não é uma alucinação…

Sem esperar que eu continuasse, Alaric colocou a mão direita em meu ombro e, mal me dando tempo para franzir o cenho e me perguntar o que diabos ele estava fazendo, Ric me deu um soco no estômago com tanta força que me jogou no colchão. Com o corpo parcialmente dobrado, levei as mãos instintivamente ao meu abdome, permitindo que um gemido contido escapasse dos meus lábios. Eu estava fraca o suficiente para sentir dor e Alaric era muito, muito, definitivamente *muito* mais forte do que eu poderia prever.

— Está vendo? Eu sou real, agora levante e venha comigo — absorvi a dor com dificuldade antes de

erguer o olhar.

— Você ficou maluco? — gemi e movi meus dedos. Com cuidado, pisquei e respirei fundo — Eu não vou sair daqui.

— Me escute com atenção, Juliette — ele se inclinou e apoiou as mãos nos joelhos, fitando meus olhos com atenção — Cedrico me contou o que aconteceu, com sobra de detalhes, e me pediu ajuda. Ao contrário dele, eu não vou ter pena de você, não vou me importar em te machucar se eu precisar. Estou te dando uma escolha: você vem comigo por bem ou por mal?

Alaric segurava meu cotovelo com força quando entramos na sala, onde todos estavam reunidos e amontoados no sofá. Cedrico se virou e levantou quando Ric me fez parar no centro, como uma prisioneira sendo levada em direção a sua execução. Eu ainda usava a camisa de Rafael e o mesmo jeans; não lavava o cabelo há dias, por isso estava irritantemente oleoso. Minha barriga ainda doía do lado direito e eu podia jurar que sentia o formato dos punhos de Alaric mesmo após longos minutos.

Recusei-me a falar, desde que eu estava ali contra

a minha vontade, e Alaric me fez sentar na poltrona no meio da sala, não se movendo do meu lado: — Você precisa de um banho — foi Cedrico quem falou, quebrando o silêncio que recaíra sobre nós. Ele era um vampiro, podia sentir que eu estava fedendo.

Sim, eu precisava desesperadamente de um banho, mas não daria o braço a torcer porque ainda não estava faminta o suficiente a ponto de fazer as alucinações sumirem; ocasionalmente, eles ainda podiam tomar o controle da minha mente.

— Eu quero voltar para o porão — falei em tom firme ao fitá-lo, não permitindo que minha fome fosse perceptível. Eu estava a ponto de arrancar meus olhos com as unhas somente pela sensação conflituosa que eu tinha por dentro; algo queimava, queria sair de dentro de mim — Se já tivermos terminado…

— Juliette, você não pode voltar para o porão — meus olhos se moveram até o outro sofá quando Cassandra falou, tentando ser a voz da razão — Nós precisamos de você…

— Vocês não podem me obrigar a fazer coisas que eu não quero — falei, séria, e o queixo de Cass caiu. Instintivamente, ergui os olhos para Ric, do

outro lado como um guarda, deixando claro que ele estava me obrigando a fazer algo que eu não queria.

— É isso? Vai simplesmente se entregar sem lutar?

— Eu já estou lutando — coloquei-me de pé e encarei-a enquanto Cass buscava por explicações na expressão que via em meu rosto — Comigo mesma. A cada segundo — expirei lentamente e ergui o queixo — Estou cansada, então, é, eu estou oficialmente desistindo disso, Cassandra.

Antes que alguém pudesse me impedir, usei as forças que me restavam para correr dali de volta ao porão, onde era escuro e seguro. A escuridão quase que começara a soar reconfortante, familiar. Quando me sentei, no entanto, Alaric surgiu na porta, mas não passou dela, mesmo assim me fazendo erguer o queixo.

— Você não pode me forçar a sair daqui…

— Eu não vim até aqui fazer isso. Concordei em ajudar — ele apoiou a mão na porta e franziu as sobrancelhas, demonstrando uma estranha fragilidade: — Mas pra mim, chega. Acho que a julguei errado. Quando nos conhecemos, você era corajosa, tinha coragem para salvar o mundo inteiro se ele precisasse ser salvo, sobretudo, tinha forças

para salvar as pessoas com as quais se importava. Mas eu estava errado. Você é fraca e covarde. Está com medo da luz do dia, então eu não vou insistir. Você quer ficar, fique. Cubra seu rosto com as mãos e se esconda da luz — ele começou a puxar a porta para fechá-la. Lentamente.

E tudo se tornou sombrio novamente.

Cubra meus olhos com suas mãos[25]

Talvez Alaric estivesse certo no fim das contas. Eu estava fugindo, desistindo da responsabilidade para trancafiar a mim mesma em um porão imundo. O caçador não estava mais lá, naturalmente, e tudo o que eu podia fazer era o que eu queria: deitar ali e pensar.

Eu queria um banho, precisava de um, mas não daria o braço a torcer para que os Hamilton achassem que eu podia fazer o que eles queriam que eu fizesse. De jeito nenhum. Dissecar, no entanto, era incômodo, e fazia o tempo se arrastar de um jeito doloroso como se formigas caminhassem sob a minha pele para me fazer

levantar dali e tomar uma crucial decisão.

Pensei em Rafael, em Joseph e passei o dia inteiro me martirizando, assumindo que toda aquela situação era culpa minha enquanto os dois se sentavam aos pés da cama. As molas rangeram com veracidade na minha cabeça quando isso aconteceu e ergui as penas, depois os braços. Desde que Alaric derretera as algemas, nada físico me prendia ali, senão a minha paranoia e as alucinações.

Gostaria de poder dizer que eu poderia lidar com aquilo quando estivera na sala mais cedo, mas mentir não me levaria a lugar algum e eu precisava, por algum motivo sórdido, descansar minhas forças. Embora tivesse me curado das suaves queimaduras, minha barriga doeu o dia inteiro onde Ric tinha me socado e meus desceram até lá, apertando onde latejava para despertar alguma dor, em algum lugar de consciência e insanidade. Meus olhos se moveram para os pés da cama e pisquei, vendo tudo borrado, com a boca seca e a garganta ainda mais.

E eles sumiram. Suas imagens tremularam como se se tratassem de hologramas; meus dedos, como se possuíssem vida própria, fizeram pressão sobre minha fonte de dor e os dois desapareceram no

momento em que ouvi o ranger da porta sendo arrastada. Respirando pesadamente, vi Alaric entrar e me jogar uma bolsa de sangue.

— Achei que tivesse desistido — murmurei e peguei a bolsa. Minha autodeterminação se esvaíra depois daquela tortura psicológica, mental, e ele apoiou o ombro na parede ao lado da minha cama com os braços cruzados na altura do peito, com os ombros rígidos e o olhar pesado enquanto eu tomava o sangue com uma precária avidez.

— Não de você — quando terminei, fechei os olhos por meio segundo e me sentei, sentindo-me irremediavelmente melhor ao erguer o queixo — Me desculpe por mais cedo…

— Não — fiz que não de maneira quase que imperceptível. O olhar de Alaric se desfez, seus braços foram descruzados, e ele me encarou com uma revigorante curiosidade quando sorri — Obrigada — meu sorriso se alargou com cuidado, porém, precisão — Obrigada por ter me batido. Você me ajudou, agora eu estou pronta…

— *O quê?* — um junco se formou entre suas sobrancelhas enquanto meus olhos se moviam pelo seu semblante confuso. Mordi o lábio e tentei ficar séria, mas um sorriso ainda se pronunciava em

meus lábios, tímido. Eu gostaria de poder explicar a sensação, de pela primeira vez poder controlar o que eu via ou *quando* os via, mas não conseguia. Era um alívio, certamente, mas não podia colocar tal peso em palavras mais elaboradas, mais concretas.

— Eu quero que você faça de novo — meus dentes deslizaram pelo meu lábio e consertei meu cabelo para trás da orelha — Quero que me bata de novo.

— Ficou maluca? Eu não vou te bater de novo. Também não vim aqui para te convencer a sair, só trouxe a bolsa porque você está horrível — ele fez menção em se virar para sair, mas, ligeiramente melhor e quase recuperada, alcancei a porta antes dele e fiquei no caminho entre os dois, bem perto de Alaric, mas mais baixa que ele.

— Você me ajudou mais cedo. Me ajudou a descobrir o que eu tenho que fazer para controlar isso, me fez perceber que eu não posso desistir de pessoas que não desistiriam de mim, então, por favor… — minha voz soara rápida demais, carregada de esperança; os olhos de Alaric se moviam pelo meu rosto, sérios, não mais achando que eu tinha ficado louca, ao menos. De algum

modo, ele parecia entender o que eu estava falando. Parecia entender que aquilo fazia, sim, todo o sentido do mundo — Eu sou uma vampira, eu vou me curar. *Ocasionalmente* — engoli em seco e ele anuiu, me fazendo dar um passo para trás, já no corredor estreito.

— Está bem. Que fique claro que estou fazendo isso pelos meus amigos — anuí. Como eu sabia que ele podia ser bem forte, e acho que ele também sabia, Ric, tal como se fosse uma garantia, apagou a luz da cela e fechou a porta.

Girei devagar e fiquei parada no meio do corredor mal iluminado, encarando Alaric por longos cinco segundos: — Tudo certo, eu posso aguentar — garanti com um breve aceno, lentamente dizendo o mesmo para mim e me preparando por dentro para o pior que fosse.

— Isso vai doer.

— Eu sei — foi a última coisa que murmurei antes que o punho de Alaric encontrasse meu rosto com tanta força que fora o suficiente para que eu inclinasse meu corpo para frente e tocasse meu rosto com a mão direita, tentando sentir se meu maxilar ainda estava no lugar enquanto o gosto metálico de sangue tomava conta da minha boca de

maneira dolorosa.

— *Scheisse!* — murmurei e fechei os olhos, recostando minhas costas na parede enquanto meu cabelo desalinhado e bagunçado cobria meu rosto.

— *O que diabos* está havendo aqui? — ergui lentamente a cabeça e senti os dedos de Cedrico tocando o meu ombro.

— Você está bem? — Alaric se aproximou pelo lado oposto.

— Vou ficar — movi o queixo e abaixei os braços para fitar Cedrico, que estava completamente boquiaberto — Aconteceu alguma coisa?

— Além *disso aqui*? Não, não aconteceu.

— Ótimo, então. Vamos começar a armar a nossa estratégia — ergui o queixo. O lado direito do meu rosto doía e eu sentia minha bochecha latejar, assim como meu maxilar, minha boca e o resto por conta do breve cansaço. Escolhi ignorar tudo para passar por Cedrico — Eu preciso de um banho, vamos nos reunir na sala.

— O que diabos aconteceu entre você e o Ric? — eu estava no quarto de Rafael, onde tinha me hospedado, enrolada em uma toalha enquanto pegava algumas roupas na bolsa que estava sobre a

cama. Cedrico estava atrás de mim e seguia cada passo que eu dava, em busca de uma explicação que fizesse sentido, pois nada estava fazendo nos últimos dias.

— Ele me ajudou com as alucinações. Acho que ao menos por hora — peguei as roupas e me virei para ele. Meu cabelo estava molhado e eu esperava que ao menos pudesse conseguir alguma privacidade para me vestir, mas parecia que o interrogatório de Cedrico não podia esperar até termos algumas camadas de roupas entre nós.

— Te batendo? — retorci os lábios. O canto do meu lábio estava meio inchado e minha boca doía, mas nem chegava perto do meu maxilar, que podia muito bem ter sido deslocado e quebrado, pela dor que eu sentia após ter interrompido o processo de cura com magia.

— É. Agora eu posso me concentrar no que importa…

Dei-lhe as costas e fingi que fechar o zíper da minha bolsa era mais importante do que olhar em seus olhos.

— Você sabe que nada disso está fazendo sentido, não sabe?

— Eu preciso me vestir — virei-me

abruptamente, erguendo o tom da minha voz. Senti-a sendo acusada de algo e estava cansada de responder às suas perguntas infundadas de que *nada fazia sentido*. Mas ele cruzou os braços na altura do peito e deixou claro que não sairia dali até ter o que queria — Saia. Por favor — suavizei meu tom.

— Está bem. Estou te esperando na sala — fiz que sim e lhe ofereci um sorriso quando Cedrico se virou e saiu.

Coloquei uma calça preta e uma camiseta por debaixo de uma camisa xadrez e familiar de Rafael, por conta do frio que fazia naquela noite. Antes de descer, chequei as chamadas perdidas no meu celular, anotando mentalmente que precisava ligar para Harriet, mas que não tinha estabilidade mental o suficiente para conseguir fazê-lo.

Acabei largando o celular ali para calçar minhas botas e descer. Cassandra e Cedrico eram os únicos na sala quando desci as escadas. Renée surgiu da cozinha com uma bandeja, que colocou sobre a nova mesa de centro, oferecendo a todos uma xícara de chocolate quente fumegante quando cruzei meus braços, meio deslocada, e fiquei parada entre os dois sofás, recebendo olhares de Cass e

Cedrico, cada um em um sofá.

Renée se sentou ao lado de Cedrico e tomei lugar ao lado de Cassandra, onde parecia mais seguro, e peguei uma das canecas com chocolate, faminta: — O que aconteceu com você? — Cass perguntou ao mover seus olhos pelo meu rosto.

— Nada — tomei um gole da bebida e relaxei minimamente meus ombros — A que pé estamos?

— Reagrupando. Eva e o bando dela encontraram Leonard e o galpão onde você viu o meu pai — Cassandra respirou fundo antes de continuar — Eu achei que precisávamos de você. *Nós* achamos — ela olhou para Cedrico por um breve momento e ergui o queixo, sem ter certeza sobre o que dizer — Enfim… Precisamos de um bom plano. É um lugar cercado, tanto de caçadores quanto de tecnologia, então não poderemos simplesmente entrar e sair — mordi o lábio por um momento, segurando a caneca de porcelana entre as duas mãos.

— Que tipo de tecnologia?

— Um forte sistema de alarme. As portas são bem trancadas e a abertura delas é feita a partir da leitura de impressões digitais do próprio Leonard e de alguns poucos caçadores. O nosso não se encaixa no círculo de confiança dele — fiz que sim,

deixando claro que entendia o que ela dizia e processava aquilo lentamente.

— Eu posso desarmar, só preciso… Do meu computador — Cassandra me olhou como se não confiasse cem por cento na minha capacidade, e inclinou o rosto, ajeitando uma mecha do seu cabelo loiro e sedoso detrás da orelha — Eu fazia isso o tempo inteiro na CIA, Cass. Posso lidar com um alarmezinho de um bruxo velho. O que mais temos que fazer?

— Não é isso. É que… — quando me virei para Renée e Cedrico, que pareciam estranhamente calados e pensativos, Cassandra me fez voltar o olhar para ela — Eu estava certa. Nós precisamos de você.

Apenas finja que estamos melhores[26]

Usei o diário de Joseph, ou um deles, para fazer anotações nas páginas em branco. De 1992 até o momento em que ele morara ali, seus diários tinham mudado, seu estilo fora profundamente alterado e o que me encarava de volta a cada página que eu passava eram anotações sobre feitiços. Mais um indício do quanto as pessoas poderiam mudar.

Antes, ele tinha um grande amor impossível, emoções e sentimentos sobre as páginas. Anos depois, apenas feitiços eram de importância ali. Da metade até o fim, as páginas estavam em branco, de modo que usei um lápis para desenhar um feitiço. Literalmente desenhar, sentada no sofá da

biblioteca com as pernas erguidas até o peito e o diário apoiado sobre os joelhos. Podia não ser a melhor desenhista que eu conhecia, mas aquilo definitivamente serviria.

Era um bom lápis, no fim das contas.

Eu tinha uma ideia. Talvez, se eu conseguisse absorver magia o suficiente para um objeto, este fosse possível neutralizar o poder de Leonard. Embora tivesse alguma expectativa, não tinha certeza se o plano funcionaria, então as boas e velhas ervas para neutralizar a magia fossem a melhor opção, mesmo que não permanentes e voláteis.

Sozinha ali, iluminada somente pela luz do abajur atrás da mim, percebi que não tinha sido muito *bruxa* nos últimos anos e agora, precisava ser uma, querendo ou não. Respirei fundo, emocionalmente esgotada, fechei o diário, apaguei a luz do abajur e me acomodei no sofá, fazendo-me confortável ali. Deslizei o dedo pelo corte na maça do meu rosto, encontrando algum pacifico conforto na dor.

Algumas horas depois, pisquei, sonolenta, e movi o braço, sentindo que havia uma manta sobre mim e que a luz do abajur estava acesa. Não senti como

se precisasse temer pela minha vida, devido ao fato de não estar mais sozinha, apenas olhei em volta de maneira soturna, tentando identificar o que estava havendo. Apoiei-me em meu cotovelo e esquadrinhei a biblioteca, procurando por alguém.

Alguém familiar.

— Shh… — uma mão, surgida do absoluto nada, cobriu minha boca e meu nariz, ao que arregalei os olhos e ergui-os, tentando levantar-me. Porém, Alaric era muito mais forte do que eu e me fez permanecer deitada, apenas com o cotovelo apoiando o meu peso de modo precário — Não faça barulho — ele murmurou com o rosto extremamente perto do meu.

Perigosamente perto, e com os dedos enfiados em meus cabelos; se ele movesse a sua mão o suficiente para longe da minha boca, seus lábios estiam colados aos meus. Minha respiração e meu coração se aceleraram e fiquei imóvel enquanto ele afastava o cobertor com a mão esquerda e abaixava a direita do meu rosto muito lentamente, sem desviar os olhos dos meus por um sequer.

— Venha comigo — sua voz mal saiu quando ele se colocou de pé e caminhou na direção da porta.

Olhei rapidamente pela janela para notar que o sol

ainda começava a nascer, que era cedo demais para alguém ir me acordar, que eu ainda estava sonolenta quando terminei de me livrar do cobertor que eu não fazia a menor ideia de como fora parar ali, e ajeitei a camisa que usava para ir atrás de Ric, alcançando-o na porta enquanto consertava o cabelo.

Ele abriu a porta e gesticulou para que eu tomasse a frente, o que fiz com certo receio. Não que eu acreditasse que Ric fosse me esfaquear pelas costas, apenas pelo fato de que ele não me fazia sentir segura, sua presença transmitia uma silenciosa ameaça, uma a qual eu não sabia se deveria me preocupar.

— Para onde quer que eu vá com você? — ele passou por mim e colocou o indicador sobre os lábios por um momento breve, então segurou meu cotovelo e me puxou com ele até a porta.

— Aqui, não — murmurou, olhando em volta para se esperasse que alguém nos impedisse de sair. Quando me soltou, tirei a camisa xadrez e deixei sobre o sofá, ficando somente com a camiseta sem mangas — Venha comigo.

Saímos do carro de Ric sob os primeiros raios da

manhã para entrarmos em sua academia, a que não se parecia mais muito real, só algo que ele usava para abrigar a entrada do bunker, pois eu nunca vira ninguém treinando ali. Ele deixou a porta aberta quando entramos e caminhei soturnamente, com o passo arrastado, até o centro, onde ficava um ringue de boxe. Do lado esquerdo, mais perto de mim, havia um saco de areia com uma imponência ameaçadora e um lugar onde ficavam luvas e cajados de madeira, assim como outros tipos de instrumento de luta dos quais desviei os olhos para me virar para Ric, perigosamente posicionado atrás de mim.

— Você me trouxe aqui para uma luta justa? — cruzei os braços na altura do peito e estreitei os olhos, desafiando-o a uma resposta mais conclusiva do que aquele olhar permitia.

— Nunca haveria uma luta justa entre nós, Juliette — ele cruzou os braços também, erguendo o queixo com uma presunção que eu desejava desesperadamente poder arrancar daquele rostinho bonito e enigmático — Eu só te trouxe aqui para conversar.

— Conversar? Não poderia ter me esperado acordar para essa *conversa*? — apertei os braços

com firmeza, porém falhado miseravelmente ao tentar soar ameaçadora — O que foi agora? Seu irmão sumiu e você tomou o lugar dele no quesito desconfiança?

— Ele sumiu, só precisa de tempo. Eu sei que ele vai voltar — minha dúvida parecer irritá-lo. Ótimo. Mas eu não estava tão certa se Markos voltaria para nos ajudar a resgatar o homem que deixara Maria morrer, de qualquer modo. O entendia, mesmo não esperando aquilo dele. Eu também quase desistira de tudo por quatro minutos. Ou quatro dias — E eu não te chamei para falar sobre Markos, e sim, sobre você. Na verdade, sobre os Hamilton e essa coisa toda.

— Seja claro, por favor.

— Eu falei com Cedrico sobre Joseph. Simplesmente tem algo errado acontecendo — agitei a cabeça suavemente e mordi o lábio de modo abrupto.

— Eu sei que tem. Joseph estava morto, agora não está mais… Leonard quer nos fazer pensar que ele está e Esme jurou tê-lo matado…

— Exato. E se ela não soubesse que não era ele? — franzi o cenho diante da sua pergunta, sem entendê-lo por completo, erguendo suavemente

meus ombros enquanto pensava, procurando respostas claras em seus olhos — Tudo faz sentido, Julies… — ele passou por mim e se sentou na borda do ringue, o que me fez girar para ficar de frente para ele, que pensava e pensava e concluía coisas mais rápido do que eu poderia sonhar em fazer.

— O que faz sentido para você?

— Leonard usou a raiva da Esme contra os Hamilton e as habilidades dela, a entregou a vocês e depois a matou. Rafael nunca foi o alvo — ele arregalou ligeiramente os olhos ao me olhar, esperando que eu concordasse com ele — Faz *todo* o sentido se olhar por um novo ângulo.

Balancei a cabeça, ainda confusa: — Eles estavam do mesmo lado, por que ele mataria sua bruxa/caçadora mais habilidosa? E por que ele mentiria para ela ao invés de simplesmente prender Joseph?

— Porque vocês o procurariam se soubessem que ele está vivo, como estão fazendo agora — Alaric empertigou os ombros e franzi o cenho, realmente avaliando a possibilidade de ele estar certo, mas me recusando a acreditar naquilo que parecia ser um enorme absurdo — Cedrico me contou o que vocês

viram — ele continuou quando mordi a parte interna da minha bochecha e desviei o olhar — E depois do que você viu na minha cabeça… — ele inclinou o rosto, buscando meu olhar com avidez. Era como se me ofertasse um óculos para que eu visse direito e eu me recusasse a usá-lo — É pessoal. Joseph o amaldiçoou, o condenou a uma vida eterna para ser o que ele mais odiava — Ric deu de ombros e olhei-o com cuidado quando ele relaxou os ombros, lançando um olhar casual — O resto foi dano colateral.

— *Dano colateral?* — entreabri os lábios, perplexa por um momento, erguendo meus ombros ao balançar suavemente a cabeça. Desviei o olhar para os meus pés e permiti que meus braços caíssem ao lado do corpo ao erguer os olhos — Ele matou Cedrico, Rafael, Esme, que a seu modo era só mais uma vítima nessa história toda…

— Eu sinto muito, mas é a verdade. Ele nunca teria ido atrás de vocês se não fosse o passado dele com Joseph — ele balançou a cabeça e vi algo parecido com um resquício de piedade em seu olhar, e encontrei algum consolo nele — Nada disso teria acontecido, você sabe disso.

— Ele é um caçador… — minha voz se ergueu

um quarto acima do normal.

— Que renega a sua natureza. Ele quer vingança, não matar bruxos ou…

— Mas ele fez — minha voz não passou de um murmuro, mas foi convicta, rascante, e junto a meu olhar, fez com que Ric se calasse — Ele fez. Ele matou bruxos *e* lobos.

— É, eu entendo — olhamo-nos de modo breve por um momento antes de Ric erguer o queixo, tentando parecer imune a tudo a sua volta — Caçadores mataram os meus pais, eu entendo o sentimento — Alaric não falava sobre sentimentos, parecia sentir repulsa deles, e quando resolveu se abrir um pouco, eu queria poder dizer que sentia muito e abri a boca para fazê-lo, mas Ric se levantou e passou por mim, me deixando sozinha. Girei nos calcanhares e envolvi meu corpo frio com os braços para acompanhar seus movimentos calculados.

— Eu sinto muito… — apertei meus braços ao fitá-lo de costas; seus músculos se movendo sob sua camisa cinza de mangas curtas — Markos uma vez me falou… — minha frase foi bruscamente interrompida quando precisei erguer a mão, esquivando-me pela ação do reflexo, para pegar o

cajado que Alaric atirou na minha direção — Ficou maluco? — agarrei o cajado e pousei-o no chão ao meu lado.

— Seus problemas estão me deixando… — com outro cajado, ele passou por mim — *Tenso* — girei e segui-o na direção do ringue — Nada mais justo que você me ajudar com os meus — com um movimento, eu estava no ringue diante dele.

— Agora eu te devo alguma coisa? — um sorriso de pronunciou em meus lábios de modo involuntário e Ric ergueu os ombros.

— Não estou cobrando nada — ele fez um movimento com os ombros, como se se preparasse para me atacar, e imitei-o com os olhos ligeiramente estreitados, o bastão de aparência antiga na altura do meu peito — Primeiro as damas.

O agridoce de cada nova derrota[27]

Depois de vinte segundos ficara difícil acompanhar os movimentos de Alaric, golpear seus golpes rápidos, hábeis e vorazes, como se quisesse me explorar ao limite, explorar meu máximo. Se tivesse uma espada em punho, eu certamente estaria no chão, mas com um cajado não se parecia menos imponente ou menos letal.

Em menos de um minuto, vi-me encurralada em um dos quatro cantos do ringue, com as costas precariamente apoiadas no que quer que estivesse atrás de mim e os braços erguidos para apoiar o cajado e bloquear o poderoso golpe de Alaric. Sem fôlego, meus olhos encontraram os seus, que me

transmitiram ferocidade e magnetismo do tipo letal; suas palavras de poucos minutos antes passaram pela minha camisa.

Sim, ele estivera certo e eu não podia negar nem para mim mesma. *Nunca* haveria uma luta justa entre nós. Ele não precisara nem de um minuto inteiro para me derrotar e imaginei o que ele poderia com mais deles. Mas afinal, eu era uma vampira, não podia me deixar derrotar daquele jeito. Se aquele homem queria me ensinar alguma lição deturpada sobre eu não poder derrotar o mundo, o que ele constantemente me acusava de tentar fazer, *eu* teria que ensiná-lo uma também.

Empurrei o cajado com mais força, não muita, mas o suficiente para afastá-lo minimamente de mim. Ric ergueu o cajado na altura do meu rosto, mas ergui o meu rápido o suficiente para bloquear seu ataque e me esquivar, girando para sair do canto onde ele me encurralara, dando a mim mesma mais chances de defesa quando Ric soltou, libertando-me do peso que jogara sobre mim, e o peso era imenso, para me golpear, oferecendo-me praticamente nenhuma chance. Ele girou habilmente aquele simples, porém letal, pedaço de madeira, e um som forte se fez ouvir quando

coloquei o bastão na frente do meu corpo para impedir que ele arrancasse a minha cabeça, talvez, com os olhos parcialmente arregalados e o peito inflado.

Desde que começara a me atacar, eu mal respirara, apenas me defendera, bastante consciente de que aquilo não era uma mera bobagem para acabar com a tensão dele. Ou ele estava tenso demais ou eu simplesmente precisava lutar melhor. Para o meu azar, não me ensinaram a lutar daquele jeito na CIA, ou a combater dragões, certamente.

Ofegante, não pude fazer nada, senão caminhar para trás, defendendo-me de uma centena de golpes rápidos e letais dele. Seus olhos, ao encontrarem os meus, não eram mortais, somente pragmáticos, densos, e expirei com uma força humana, já do outro lado do ringue, encurralada entre seu corpo, que me pareceu ainda maior naquele momento, mais monstruoso e assustador, e aquela coisa elástica, a qual eu, obviamente, não podia me apoiar sem ser jogada de volta para ele, e só os cajados estavam entre nossos corpos, impedindo-me do que quer que passasse pela sua cabeça.

Em um último golpe, um que eu não podia ter previsto, ele bateu com a parte central do cajado na

minha mão direita, o ponto de apoio, onde eu segurava firme meu bastão para não deixar que ele me vencesse; Alaric o fez com tanta força que eu tinha certeza que quebrara algum osso da minha mão; com um grito de dor, deixei que o bastão caísse no chão para colocar minha mão esquerda sobre a parte de cima da minha mão, entre o polegar e o indicador. Este parecia ter seu osso esmagado, pois minha mão estava tão roxa que a força dele ainda me era impressionante. Ofeguei com força antes de erguer os olhos para ele, mal podendo respirar, consolada somente pelo fato de que eu me curaria.

Scheisse!

Ric parecia ter ficado completamente maluco de uma hora para a outra. Mas eu não estava disposta a deixá-lo me vencer daquele jeito, pois havia uma parte em mim que ainda era orgulhosa e odiava perder, por isso, mesmo que ele, em parte, não tivesse usado nenhum *truque de dragão* para me vencer de forma injusta, além da sua *extrema* força, usei os *truques vampiros* que eu tinha na manga.

Quando ele achou que tinha me vencido, rapidamente me desvencilhei dele, abaixando-me em um movimento que *ele* não pode prever. Peguei

o cajado que eu tinha deixado cair e, deslizando habilmente pelo piso liso, ligeiramente escorregadio, fiquei atrás dele, passando o cajado pela sua garganta, tão perto dele quanto era seguro ficar para ter certeza que aquilo tinha acabado por ali.

— Boa — ele riu e virou a cabeça, fazendo com que nossos olhares se encontrassem, perto demais um do outro. Não me movi, apenas permiti que um sorriso convencido dominasse meu rosto; havia algo por detrás que eu não quis nomear naquele momento, mas, de algum modo, meu coração não estava tão acelerado por conta da ação, e sim, pelo modo como seus olhos cor de avelã se moviam pelo meu rosto.

O sorriso de Alaric se desfez lentamente, assim como os meus. A pressão dos meus dedos se afrouxou no bastão que eu ainda mantinha em sua garganta, meu queixo quase podia tocar seu ombro e expirei lentamente, fitando seus cabelos caírem pela sua testa de maneira monumental e senti minha garganta ficar seca, tornando difícil a tarefa de engolir o nó que se formara na minha garganta e me afastar.

— Mas isso ainda não acabou, querida — um

sorriso presunçoso se formou em seus lindos lábios. Abri a boca, tentando processar o significado das suas palavras, mas Ric foi vinte vezes mais rápido do que eu. Ele agarrou meus antebraços, que, naquela posição, estavam sobre seus ombros, e me puxou com tamanha força e velocidade, me fazendo passar por cima dele para aterrissar no chão, batendo contra ele com tanta força que fechei os olhos por um segundo, absorvendo a dor do intenso impacto.

Quando os abri, Alaric estava chutando o cajado para longe de mim, montado sobre meu corpo e com o antebraço pressionado contra meu pescoço.

— Onde estavam todas essas habilidades em 1692? — murmurei sem fôlego, minha voz saindo estrangulada, porém com um toque de humor.

— Eu só tinha dezenove anos em 1692, não sabia como derrotar meus inimigos como agora — deslizei a língua pelos lábios e meu sorriso se tornou mais largo.

— *Eu* sou a sua inimiga agora?

— De modo algum, eu só… — Alaric interrompeu suas palavras para soltar um suave som surpreso quando acertei um poderoso soco na lateral do seu corpo, na altura das costelas, forte do

suficiente para me libertar do seu toque e jogá-lo ao chão e assumir o controle, trocando as posições ali. Sobre seu corpo, pressionei o antebraço em sua garganta e me inclinei sobre ele, com o rosto suficientemente do dele, o qual eu não conseguia arrancar aquele sorriso audacioso, mas naquele ponto, não sabia mais se queria.

— Eu posso fazer isso o dia inteiro — empurrei o braço para cima, fazendo-o erguer o queixo com um sorriso.

— Eu sei que pode — Ric murmurou, ergueu o braço esquerdo e deu dois toques no meu braço, indicando que se rendia. Empertiguei-me e movi meu braço da sua garganta, porém não saí imediatamente de cima dele, que também não se moveu, apenas expirou pesadamente — Algum problema?

— Não, é que… — por algum motivo, o sorriso não abandonou meu rosto enquanto eu buscava por palavras que explicassem adequadamente o motivo de eu ainda estar *em cima* dele — Obrigada. Por ter me trazido aqui. Isso me fez sentir melhor do que qualquer coisa nos últimos dias.

— De nada — ele se sentou, de modo que eu ficasse constrangedoramente perto e no colo dele,

mas Alaric se limitou a me pegar pela cintura e me colocar de pé ao mesmo em que ele o fez antes que a coisa ficasse ainda mais vergonhosa — Foi bom para mim também — mantivemo-nos próximos, porém, como ele era mais alto, tive que erguer suavemente o queixo e aproveitei para colocar uma desconcertante mecha do meu cabelo, que devia estar uma bagunça, por cima do ombro — Vou tomar um banho, quer vir?

— É, claro… — eu provavelmente estava vermelha, por isso me virei para ficar de costas para ele, e quando o fiz, dei de cara com Cedrico parado diante de mim, a poucos metros e mais baixo, fora do ringue. Ele tinha os braços cruzados na altura do peito e uma expressão estranha enquanto seus olhos se moviam se Alaric para mim. Parecia tentar entender o que exatamente estava acontecendo ali. Nem eu sabia, na verdade.

— Preciso falar com você — sua expressão foi dura quando me olhou. Engoli em seco para não parecer um animal encurralado antes de assentir.

— Claro — desnecessariamente, balancei a cabeça antes de ter forças o suficiente para me mover para longe de Alaric.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Significa que estou mais forte do que antes[28]

A*lguma coisa* na postura de Cedrico indicava que ele estava furioso. Comigo. Quando entrei em seu carro, ele saiu sem dizer uma palavra e permitimos que um silêncio assombroso recaísse sobre nós. Através do espelho retrovisor, que dois fantasmas estavam no banco de trás do carro, mas como nenhum falou nada, fingi que eles não estavam lá. Respirei fundo, sentindo o vento gelado do ar condicionado ligado no máximo em meu rosto e cruzei os braços.

— O que aconteceu?

— O que está rolando entre você e Alaric? — seu tom saiu incrédulo, cético, e Cedrico se virou para

me olhar por somente um segundo, apertando o volante com toda a sua força.

— O que você quer dizer? — perguntei com cuidado, olhando-o com firmeza, esperando que ele dissesse que sua pergunta não significava o que eu acha que tinha entendido, senão eu teria que socá-lo com bastante força. Para evitar isso, cruzei os braços na altura do peito e estreitei os olhos ao olhar para ele.

— Você não é boba. É uma pergunta simples — ele olhou para mim de novo com as sobrancelhas erguidas e uma expressão interrogatória que me fez descruzar os braços e deixar o ar que estava a ponto de me sufocar sair do meu peito lentamente conforme meus ombros tesos se relaxavam quase que contra a minha vontade — Vocês estão dormindo juntos?

— É claro que não — meu tom saiu impaciente, surpreso, magoado. Meu sotaque, acentuado, tornando as palavras quase incompreensíveis. Engoli em seco e ergui o queixo ao mesmo tempo em que Cedrico se voltou para a estrada a sua frente, de algum modo, nem um pouco convencido com a minha resposta — Cedrico, não pense nem por um segundo… — coloquei uma incômoda

mecha do meu cabelo para trás da orelha, buscando seu olhar.

— Até parece que nenhum de nós viu isso acontecer antes — ele me interrompeu com a voz dura, rascante, e fez com gesto desdenhoso para que eu me calasse de uma vez por todas — Me poupe.

— Viu acontecer antes? *Não ouse* dizer que *eu* fiz isso com você e Rafael antes, porque você sabe que isso não é verdade…

— Eu não sei. É *claro* que eu não sei — ele me olhou novamente com uma expressão de fúria contida enquanto meu queixo caia lentamente ao som das suas acusações, que saíam tão rápido que eu não podia processá-las na mesma velocidade — O que *eu* sei é que o meu irmão morreu e eu tenho que lidar com tudo isso. Com você. Sinceramente, eu estou cheio. Eu tento te ajudar, você se afasta e faz alguma merda… É sempre a mesma coisa.

— Então para a porra desse carro. O que há de errado com você? Se está cansado das *minhas merdas*, por que veio atrás de mim? — ele se virou para a estrada quando precisou atentar-se a ela em uma curva, perto demais da mansão. Cedrico inclinou o rosto para o outro lado, como se sentisse

uma intensa agonia interna — Me fala.

— Porque Rafael ainda precisa da sua ajuda — ele me olhou com raiva, pressionando os lábios um contra o outro ao parar diante da mansão — Porque precisamos de você para ajudá-lo — ele olhou para frente e balançou a cabeça. Durante meio segundo, meus olhos foram automaticamente para o banco de trás, onde Rafael ainda estava sentado, com os braços cruzados e um debochado sorriso de vitória — Não me diga que tem um fantasma aí atrás.

— Não, não tem — cruzei os braços na altura do peito e fingi que não estava vendo nada, que estávamos sozinhos ali enquanto o fantasma, ou o que quer que aquela *coisa* fossa, cantarolava *Heat at The Moment* e eu me controlava para manter minha posição de que não tinha nada de errado acontecendo — Está bem, se você quer agir assim, ótimo…

Ele abriu a boca para falar, mas abri a porta do carro e encaminhei-me até a mansão, abrindo a porta com o passo pesado, disposta a acabar com tudo aquilo. Cedrico, no entanto, me parou na porta e me impediu de entrar.

— O que você está vendo?

— Me deixe em paz — tentei passar por ele, mas

ele me impediu. Ergui os olhos para ele, começando a me irritar.

— Você está enlouquecendo, não vou *te deixar em paz*.

— Ah, não? Eu sou a louca agora, não sou? — dei um passo para trás. O modo como eu falava certamente me fazia parecer louca, pois eu estava me alterando e queria que Cedrico parasse com aquela conversa fiada — Porque em todas as vezes, eu estava errada, não estava? Sobre *tudo* — quase gritei para ser ouvida, mas era gritar para o nada.

— É, você estava, mas olhe a sua volta. As coisas que você tem feito — ele deu um passo cauteloso e pousou ambas as mãos em meus braços, acima dos cotovelos — Para por cinco minutos. Nós vamos salvar Rafael e Joseph e lidamos com *isso*.

— Eu não estou louca, Cedrico — desvencilhei-me do seu toque e ele expirou profundamente, balançando a cabeça em clara desaprovação — E se eu fosse precisar de ajuda, seria de qualquer pessoa, exceto sua — girei, novamente na porta da mansão, mas daquela vez irritada ao extremo, falando coisas desprovidas de qualquer raciocínio — Aliás… Você deveria tentar manter suas mãos longe de mim para o caso de eu estar tentando *te seduzir* de

novo, não acha?

— Esqueça o que eu disse — ele caminhou na minha direção com o passo decidido, deixando claro que não queria mais conversar — Você precisa de ajuda *agora*.

— Vá para o inferno, Cedrico — como a porta já estava aberta, Cedrico passou por mim e nós dois entramos. A porta bateu atrás de mim e Cass, Renée e Eva se viraram para nós. Eva tinha os braços cruzados e estava de pé diante da mesa de centro, semelhante a que eu quebrara, e Cassandra e Renée ajoelhadas no chão, misturando ervas e coisas que eu não sabia exatamente o que era em uma tigela de pedra, como em um ritual assustador.

— Está tudo bem? — Renée perguntou sem nos olhar, como se não se interessasse com a resposta, mas estivesse ciente de que alguém precisava fazer aquela pergunta e decidiu que fosse ela.

— Não — a voz de Cedrico foi forte, sem lançar sombras a clareza delas. Se ele dissera que não estava, então não estava. Eva ergueu os olhos para nós com curiosidade, mas nunca disposta a se meter no que quer que estivesse acontecendo e eu ainda não pensara o suficiente para decidir se aquele era ou não bom — Eu sei que precisamos trazer Rafael

de volta, libertar Joseph… — embora estivesse ao meu lado, cruzei meus braços e tentei fingir que ele não existia. Até que eu precisasse falar, ao menos — Mas Juliette precisa de uma intervenção mais imediata.

— O quê? — arregalei os olhos ao olhar para ele, de queixo caído — O que há de errado com você hoje? Me deixe em paz, eu posso lidar com os meus próprios problemas.

— Eu não disse que não pode, disse que não pode *sozinha* — seu tom suavizado foi o suficiente para me fazer respirar fundo e relaxar.

— Certo, mas nossa prioridade aqui é outra — voltei-me para o que Cassandra e Renée estavam fazendo ao mesmo tempo em que as duas se levantaram, cada uma com um pequeno frasco, como os de laboratório, com um líquido de cor âmbar e aparência nem um pouco boa; nojento, na verdade.

— Nossa prioridade número um é lidar com seu pequeno *dom da visão*…

— Tudo bem, vocês dois… Já chega — Eva se manifestou, deixando clara a sua desaprovação com relação àquelas brigas sem sentido entre nós dois. Ela saiu de onde estava e parou dois passos a frente

de Cassandra e Renée — Temos um inimigo em comum para derrotar e não vamos fazer isso se vocês dois…

— Só mais uma coisa — interrompi suas palavras de paz ao girar e acertar um soco no belo e presunçoso rosto do vampiro ao meu lado, fazendo-o quase cair pela força do impacto. Inclinado e com o rosto parcialmente virado para o lado, chutei-o na altura do abdome e joguei-o no chão.

— O que há de errado com você? — ele apoiou o cotovelo direito no chão e tocou o lábio com a mão esquerda para ver que estava sangrando enquanto exibia uma expressão de dor.

— Eu *nunca* te enganei — falei entre dentes, o mais calma que conseguia naquele ponto.

— Se esse é o seu ponto… — ele ergueu o olhar com algo entre divertimento e escárnio passando pelo seu rosto, que se contorceu em um sorriso torto e sensual — Os vencedores escrevem a história.

E esperanças se ergueram das ruínas[29]

Depois de acercar Cedrico, e ele rapidamente se curar, tive que entrar em um carro com ele. Eva insistia em não entrar em um veiculo e se transformou, correndo por dentro da mata para nos encontrar na hora do nosso *plano final*. Em meu peito predominava uma sensação de medo, excitação, ansiedade; um crescente misto de saudades de Rafael, a quem me foi anunciado que estava no porta-malas no meio do caminho até a minha casa, nervosismo ao pensar em Joseph e em tudo o que ele tinha passado no último mês.

Eu não queria conversar com ninguém, por isso, fui no banco de trás com Renée, que também não

queria conversar. Depois de tudo o que acontecera, ainda não gostávamos uma da outra nem nada, mas havia uma trégua silenciosa em nosso ódio mútuo e aproveitei aquele tempo. Mesmo não gostando dela, eu sabia escolher os meus inimigos e Renée não era uma deles.

Não levei nem dois minutos ao entrar em casa, pegar meu computador e voltar para o carro, digitando rapidamente. Na verdade, eu não poderia fazer muito antes de ver as fechaduras, determinar um modo de abri-las sem acionar o alarme, mas fingi que eu tinha algo muito importante e devia ter alguma coisa para ajudar. Cedrico dirigiu até o centro da cidade enquanto um silêncio incômodo recaía sobre nós, envolvendo-nos com enorme densidade. Ele parou e Cassandra saiu do carro para comprar comida e café.

— Vamos ficar de tocaia? — fui a primeira a perguntar quando Cassandra empurrou um hambúrguer na minha direção. Algo gorduroso que não recusei, obviamente, apenas ergui uma sobrancelha quando ela deu de ombros e se virou novamente para frente; Cedrico voltou a dirigir para fora da cidade e chequei as horas pouco antes de fechar o computador para comer, faminta.

10h32. Se planejávamos atacar ao cair da noite como eu teria feito, aquele seria um longo dia, sem sombra de dúvidas.

Cedrico continuou dirigindo para fora da cidade enquanto eu comia, sem deixar de observar por um segundo sequer a direção para onde seguíamos. Até que ele finalmente jogou o carro para fora dela e entrou em uma mata, dirigindo devagar em uma estrada de terra batida, onde parou. Bem no meio dela. No meio do nada.

— Qual o plano? — eu não tinha um, naturalmente. *Minha coisa* era chegar lá matando todos os malditos caçadores e seus comparsas que eu visse pela frente. Parecia algo que um homem das cavernas faria, mas no que mais eu poderia pensar?

— Nós precisamos que você desative os alarmes para podermos entrar lá, então usaremos grandes quantidades de sálvia para neutralizar a magia daquele bruxo. O resto, você sabe — Renée se inclinou ligeiramente na minha direção para olhar pela janela, estreitando um pouco os olhos, e fiz o mesmo. Do meu lado, havia muito ao longe um galpão bem no meio daquela densa floresta.

Por fora, dava para perceber que era algo mais

luxuoso do que os galpões abandonados que se podia encontrar em determinadas partes da cidade. Era bem desenhado e tinha mais de um andar. Ali, vendo somente a frente do lugar, eu podia ver dois fortões guardando a entrada no lugar armados de bestas. O portão de entrada era enorme, porém não muito alto, aberto pelo dispositivo que ficava do lado esquerdo, onde o primeiro homem estava. O segundo ficava do outro lado e segurava sua besta pronto para o ataque iminente, perceptivelmente mais atento que o primeiro e maior, também. Mas aquilo era tudo o que eu podia ver a duzentos metros.

Aceitei a batata chips que Cassandra me ofereceu e comecei a comê-la distraidamente enquanto montava um plano na minha cabeça. Eu começaria atacando pela direita. Mataria o primeiro e atacaria o segundo antes mesmo que ele pudesse ver meu vulto. Em seguida, desarmaria o alarme e entraria com cuidado, porque era certo que tinham muito mais caçadores além dos que estavam ali se aquela era mesmo a *Sede dos Caçadores,* ou como quer que chamassem o lugar onde o chefão ficava.

Mas não dava para atacar e ao menos em meus pensamentos que não coloquei em palavras, eu

estava certa. Tinha muito espaço para cobrir e lobisomens eram uma ajudinha a mais para acabar com caçadores indesejados. Naquele momento, quando achei que estava pensando demais, abri inadvertidamente a porta do carro.

— Juliette, o que você está fazendo? — a pergunta partiu de Renée, porém, limitei-me a jogar as batatinhas pela metade ao lado dela antes de fechar a porta e tomar o caminho pela esquerda, embrenhando-me pela mata com o maior cuidado possível para não fazer silêncio.

Como ainda não estávamos no verão, os dias ficavam em um meio-termo entre sol e chuva. Aquele dia estava nublado, com uma permanente nuvem de incógnitas pairando sobre a minha cabeça, assim como dúvidas, aberturas naquele plano horrível, preocupações. Joseph, sem sombra de dúvidas. Sempre que eu pensava nele era no que Leonard fizera e no que mais estaria fazendo enquanto eu esquadrinhava o lugar.

Em seu rosto machucado e coisa pior que podia ter acontecido a ele. Nas ameaças de Leonard que eu sabia que ele tinha a intenção de cumprir… Se ao menos ser um xamã desse a Joseph a chance de lutar, ou qualquer habilidade que ele pudesse usar

para se defender eu poderia ao menos pensar em respirar sem sentir um doloroso aperto de culpa no peito com relação ao fato de que as palavras de Leonard talvez estivessem certas. Eu não queria que estivessem, mas não podia ignorá-las simplesmente. Comprimi os lábios e prendi a respiração ao dar um giro quando meus olhos captaram a movimentação do Caçador 2, o mais inteligente. Escondi-me detrás de uma árvore, onde ninguém podia me ver. Nem o caçador, nem Cedrico.

Somente após um longo minuto, em pude ouvir com clareza os movimentos do caçador mesmo que ao longe, foi que consegui expirar o ar que estava preso. Virei lentamente meu corpo ao escutar os passos se afastarem e dei de cara com um enorme lobo rosnando na minha direção. Era enorme, ainda maior do que Eva, e tinha os pelos entre castanho e cinza que eram demasiado assustadores, grandes olhos amarelos furiosos que se estreitavam conforme ele cortava os dois metros que nos separavam e ia na minha direção, arrastando a pata gigante no chão.

Apoiei-me na árvore, fincando minhas unhas no tronco atrás de mim enquanto calculava se minhas

chances de sobrevida seriam maiores se eu lutasse ou corresse. Arregalei os olhos e engoli em seco, fechando a boca, mas não tive a chance de executar nenhum plano mirabolante que estivesse se passando pela minha cabeça, pois quando o lobo rosnou mais alto, um vulto cinzento se lançou sobre ele. Os dois lobos atingiram o chão com um feroz impacto e eles rolaram pesadamente, mordendo e cravando suas garras ao som de poderosos rosnados, numa luta tão violenta que eu tinha certeza que aquilo acabaria com um dos dois mortos.

Eu só torcia para que não fosse o que me salvara, mesmo ser poder ter certeza se era mesmo Eva, como eu achava que era. Parecia-se com ela, mas, para mim, todos eles eram iguais sob aquela forma.

Ambos os animais se levantaram, caminhando em um pequeno círculo, deixando as marcas de suas garras no chão conforme rosnavam e mostravam seus dentes afiados um para o outro, um esperando pelo ataque do outro. Eu deveria ajudar Eva ou aproveitar a chance e fugir o mais rápido que eu pudesse correr? Deslizei o lábio inferior pelos dentes, preocupada com os caçadores a duzentos metros dali e dei um passo a frente. Antes que

pudesse dar outro, alguém agarrou meu braço e me puxou. Meu primeiro instinto foi gritar, mas me virei primeiro, conseguindo pensar antes, pois os dois brutamontes poderiam me escutar. Virei pronta para atacar, mas acabei batendo com a mão direita no peito bronzeado de Jackson.

— Jack… — minha voz saiu com um sopro de alívio e escutei os sons de rosnados de novo, me voltando para os lobisomens, que recomeçavam sua briga mortal, puxando meu braço — Você tem que fazer alguma coisa… — movi os olhos novamente para ele em desespero, mas Jackson limitou-se a balançar negativamente a cabeça.

Ele não usava nada além de um jeans surrado. Estava sujo de terra e descalço, permitindo-me concluir que ele estivera em sua forma de lobisomem. Dei um passo na direção de Eva e do outro lobo, que tinha os olhos brilhando com uma fúria assassina, mas Jack agarrou meu braço firmemente e me puxou, impedindo-me de ajudar sua irmã.

— Isso é coisa de alfa, não podemos nos meter — ele estreitou os olhos suavemente, falando em um rosnado brusco, ao que ergui meus ombros, permitindo que meu queixo caísse enquanto aquele

lobo se debruçava sobre mim.

— O quê? — tentei soltar meu braço com um puxão, mas ele era mais forte do que eu previra e acabou me agarrando com mais força — Não! Me solte, ele vai matá-la — gesticulei precariamente com meu braço livre na direção dos lobos. De fato, ele iria. O enorme lobo estava sobre ele, impedindo sua defesa enquanto mirava em sua garganta — Jackson, me solte! — falei mais alto, por um momento me esquecendo dos nossos inimigos ao lado e batendo com força em seu peito — Me solte…

— Solte-a! — escutei uma voz firme e rascante atravessar meu corpo, me fazendo tremer e engolir em seco. Virei-me ao mesmo tempo em que Jackson para ver Markos mirar no lobo a alguns metros de nós e lançar-lhe uma pequena esfera de fogo, suficiente para fazê-lo largar Eva com um ganido e fugir para a floresta — Eu disse para soltá-la… — Markos se virou para Jack com outra esfera de fogo se formando em sua mão direita, crescendo a cada passo que ele dava em nossa direção.

Jackson me soltou com um brusco solavanco e engoli em seco, vendo-o afastar-se para que meu

amigo colocasse o braço em meu ombro para me apoiar quando meu corpo se inclinou para frente e minha mão direita bateu na árvore. Não fora Jackson, mas não me sentia cem por cento, apenas precisava de um pouco de ar fresco para processar o que acabara de acontecer.

E foi o que fiz. Markos colocou as mãos em meu antebraço e me apoiei completamente nele antes de erguer meu rosto, exalando um suspiro de alívio ao fitar seus olhos escuros, seu cabelo ligeiramente desalinhado e a camisa cinza-escuro que se adequava a ele como uma segunda pele.

— Você está bem? — seus olhos se moveram com cuidado pelo meu rosto e seus braços foram hábeis em me apoiar, como se ele esperasse que eu pudesse cair a qualquer momento enquanto via uma espécie de deslumbre e encantamento em meu rosto.

— Você voltou… — suspirei e me virei completamente, ficando de frente para ele e concentrando-me em mais nada. Eu tinha alguma fé em Markos, mas não imaginava que ele fosse voltar, menos ainda no momento em que eu precisara dele.

— Não podia deixar minha parceira sozinha —

um sorriso tímido surgiu em seus lábios de modo sutil. Markos olhou por sobre meu ombro, para além da árvore que se encontrava atrás de mim: para o forte dos caçadores, para onde realmente deveríamos nos ater — Venha — ele segurou meu braço dolorido suavemente e me convidou a segui-lo ao repousar seu olhar novamente sobre os meus — É melhor irmos antes que descubram que estamos aqui antes da hora — assenti e segui-o.

No momento estamos perdidos e achados[30]

Minha primeira visão ao chegar onde o carro de Cedrico estava estacionado foi Eva sendo remendada por ele. Não exatamente remendada, mas Cedrico tinha agulha e linha em mãos e Eva, um belo corte vertical que descia do seu ombro até o seio esquerdo, coberto por um top preto. Suas roupas, aliás, eram constituídas somente por aquele top e uma calça preta; seu corpo estava apoiado na lateral do carro e ela se recusava a ser costurada.

— Apenas estanque o sangue, eu vou ficar bem — sua voz saiu estrangulada e ela forçou-se a abrir os olhos quando ouviu o som dos nossos passos se aproximando. Jackson estava parado perto dela e

Cedrico a sua frente. Renée e Cassandra, atrás dele, perto do porta-malas — Obrigada por me ajudar lá, a propósito — ela gemeu de dor quando Cedrico fez o que ela pediu e tentou estancar o sangue com algumas gazes.

— O que aconteceu exatamente? — Cedrico ficou de costas e colocou ambas as mãos sobre ela para parar o sangramento.

— Você podia ter morrido lá — Markos se limitou a falar, pulando as explicações como se não as devesse a Cedrico. Ou como se fosse Eva a ter que dá-las a ele, mesmo sem parecer apta a tanto. O kit de primeiros socorros estavam sobre o carro e Cedrico pegou mais gaze, fazendo o melhor que podia.

Revirei os olhos, contrariada, e me aproximei dela. Mordi o pulso e estendi na sua direção, ao que ela simplesmente ergueu o olhar para mim e estreitou minimamente os olhos: — Não, obrigada.

— Achei que quisesse aqueles caçadores malditos quanto eu — ela ficou em silêncio por um momento e mordeu o lábio, contrariada — Você pode aceitar o meu sangue, que estará livre do seu organismo antes que você perceba, ou pode sangrar até a morte enquanto eu acabo com aqueles

bastardos. A escolha é sua.

Eva ergueu o queixo e apertou os lábios em uma complexa e irritada linha: — É melhor me matar com suas próprias mãos se eu voltar como uma vampira — e aceitou meu sangue sem relutar mais.

Quando ela terminou, segundos depois, dei um passo para trás e ergui o queixo.

— Temos que sair daqui, nos afastar. É provável que tenham escutado alguma coisa e irão varrer o perímetro — dei mais alguns passos para trás, inconscientemente me aproximando de Markos, que acabou dando o passo final para ficar ao meu lado.

— Nos afastar, quanto? — virei um pouco a cabeça quando Cassandra perguntou, torcendo nervosamente os dedos.

— Dois quilômetros — Markos falou, exercitando seu lado de líder da operação e me fazendo dar um passinho para trás com um misero sorriso que tentei esconder ao abaixar a cabeça. Tinha de admitir que sentira a falta dele. Sentira muito — Eles estão ocupados se preparando para partir amanhã, arrumando armas e essas coisas. E não tem pessoal o suficiente para cobrir mais da floresta sem atrasar a viagem. Vamos recuar e

observá-los.

Cedrico concordou e ajudou Eva a entrar no carro, o que os outros fizeram sem relutar enquanto Markos se voltava para mim: — Você deveria fazer o mesmo — com as mãos firmemente enfiadas em seus bolsos, ele maneou a cabeça na direção do carro. Por um momento, tive a sensação de que ele não sabia o que me dizer ou não sabia se queria estar perto de mim naquele momento.

— Não, eu vou com você — seus olhos se estreitaram minimamente e encarei-o, tentando ler sua expressão — A não ser que não queira…

— Tudo bem, querida, venha — antes que eu pudesse rebater aquele "*querida*", ele girou e esperou que eu fizesse o mesmo, o que fiz, vendo Cedrico dirigir para longe enquanto eu acelerava meus passos para acompanhar os de Markos — Precisamos mesmo conversar.

Havia uma rocha, uma enorme e imponente rocha, bem no meio daquela floresta esquisita, e nos sentamos aos pés dela, em silêncio, porém vigilantes. Ergui meus joelhos e envolvi-me com meus próprios pensamentos durante um longo minuto.

— Me desculpe — me virei para Markos, que estava bem perto de mim ao meu lado — Desculpe pelo que eu disse naquele bar e… Na minha casa — ele agitou a cabeça e olhou no fundo dos meus olhos, deixando-me levemente embaraçada com a intensidade e força do olhar que ele tinha sobre mim — Eu nem sei por quê ficou tão feliz em me ver depois de eu ser um babaca detestável. Eu sinto muito por tê-la afastado enquanto você tentava me ajudar — um junco doloroso se formou entre suas sobrancelhas, evidenciando o pesar que ele sentia ao falar. Não por ter que dizer, mas por tudo aquilo ser verdade.

— Está tudo bem. Acho que… — engoli em seco e mordi o lábio inferior antes de respirar tão profundamente quando meus pulmões eram capazes — Você precisava de espaço. Talvez até de tempo. De mim.

— Não, de você, não — ele balançou a cabeça e vi que tentava encontrar as palavras adequadas quando seu olhar se perdeu no horizonte das árvores infindáveis e o silêncio preencheu tudo por um momento, sendo quebrado somente pela brisa fresca que agitava as copas das árvores que estavam em, literalmente, todos os lugares — De

tudo isso — ele me olhou de novo — Me desculpe de novo…

— Quem disse que eu fiquei feliz em te ver? — interrompi o tom fúnebre da conversa com um sorriso e cruzei meus braços, estreitei os olhos, esperando por uma resposta convincente.

— Seus olhos. É claro que sentiu a minha falta, bobinha, você não vive sem mim. Por isso vai voltar comigo para Langley — Markos devolveu no mesmo tom bem humorado, o que, por dentro, me deixou imensamente feliz. Simplesmente odiara ver triste, principalmente na noite em que nos encontráramos no bar.

— Você tem o seu valor, agente — dei o braço a torcer e ele balançou a cabeça com um sorriso. Um minuto se passou antes que eu torcesse os dedos e tomasse um sopro de coragem e me voltasse para Markos, que tinha o olhar sereno, mesmo que atentos — Onde você esteve? — ele se voltou na minha direção com certa curiosidade ao inclinar o rosto calmamente — O que aconteceu para fazê-lo mudar de ideia assim?

— Em casa. Em Langley — estreitei os olhos, rapidamente interessada — Para ser sincero, *passei* por lá. Pela sua casa, também. Lembrei-me do dia

em que você me convidou para conhecer sua família, *somente* após míseros quatro anos trabalhando comigo — ele ficou mais sério, como se vislumbrasse as imagens enquanto falava — Lembrei-me de tudo pelo que passamos nos últimos anos e me passou pela cabeça que você podia morrer se eu simplesmente virasse as costas. É, você ainda pode morrer agora, eu estar aqui não faz de nós uma dupla de invencíveis, eu sei. Mas se você morrer hoje — ele ergueu as sobrancelhas com suavidade, como uma ligeira ênfase —, eu vou saber que estive aqui para cuidar de você e que eu fiz tudo que podia para evitar que isso acontecesse. Não poderia fazer isso do outro lado do país.

Meu sorriso foi suave, porque, no fundo, eu não queria demonstrar o quanto suas palavras fizeram a diferença para mim, o quanto me afetaram, assim, limitei-me a tocar seu ombro com o meu.

— Obrigada — mordi o lábio. Ah, não, droga. Sentia como se estivesse prestes a chorar com aquela emotividade toda, mas engoli as lágrimas — Por vir cuidar de mim. Mas eu prefiro não morrer, se estiver tudo bem para você.

Ele diminuiu a voz: — Eu também prefiro que você não morra.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Eu apenas queria estar ao seu lado[31]

PASSAMOS BOA PARTE DA TARDE NOS ESGUEIRANDO, esperando pelo cair da noite ou que caçadores viessem atrás de nós para que pudéssemos matá-los primeiro, o que não se mostrou necessário. Ao menos até às quatro da tarde, quando voltamos a nos reunir com Cedrico e os outros, o plano estava caminhando como o planejado. Cassandra e Renée estavam conversando sentada sobre o capô do carro de frente para Jack; ninguém parecia muito feliz, claro.

Eva estava no banco de trás do carro com a porta aberta e as pernas para o lado de fora, as mãos unidas e os cotovelos apoiados nos joelhos

enquanto Cedrico estava do outro lado da porta aberta, com uma aparente frustração. Eles também não pareciam muito bem, não somente com aquela situação toda, mas um com o outro; como se estivessem tendo aquele momento estranho depois de uma discussão, onde ambos tinham falado coisas que não deviam no calor do momento, e agora nenhum dos dois conseguisse ser aquele que começava a se desculpar.

— Eu vou falar com eles — disse a Markos, que assentiu, mas caminhou comigo e puxou Cedrico de lado, dizendo que precisava falar com ele, de modo que os dois se afastaram e fiquei onde Cedrico estivera antes, mas sem me encostar ao carro — Você está bem? — perguntei com cuidado, avaliando mentalmente tudo pelo que ela tinha passado nos últimos dias.

— Eu vou sobreviver, sempre sobrevivo — ela não me olhou nos olhos, pois eles estavam fixos no chão. Seus cabelos loiros estavam presos em um rabo de cavalo e ela usava uma camiseta por cima do que estivera usando mais cedo, na última vez em que eu a vira.

Ficamos em silêncio e acabei abaixando meus olhos para minhas mãos, mexendo nelas e no anel

que eu poderia ter esquecido em meu dedo. Um anel de praça entrelaçado que Joseph me dera e que ficava ao lado do meu anel do dia; minha mente vagou pelo momento em que ele me dera meu último, o que Esme derretera naquele galpão em Nova Orleans. Minha mão direita não tinha curado completamente graças ao feitiço que eu fizera, mas doía se eu tocasse aplicando um pouco mais de pressão e havia uma marca enegrecida em força de circulo entre a metade do osso do indicador e do polegar, a qual contornei com o indicador esquerdo lentamente, usando de uma rítmica cadência.

— Eu fui fraca.

— O quê? — ergui os olhos para Eva, fitando-a através do vidro abaixado da porta. Franzi as sobrancelhas com cuidado, perguntando-me se ela dissera antes algo que eu não escutara.

— Eu deveria tê-lo matado por ter se associado a esses caçadores desgraçados e por ter matado a minha mãe — ela ergueu os olhos cheios de agonia para mim, pressionando o polegar contra sua palma esquerda, comprimiu os lábios em uma linha durante alguns segundos.

— Está falando do lobo que você atacou na floresta? — ela anuiu debilmente e respirou fundo,

empertigando os ombros tanto quanto podia naquela posição — Ele era maior e mais forte que você, não se culpe.

— Isso não é uma desculpa — Eva correu a mão direita pelo rosto e ofereceu um cruel sorriso a si mesma — Agora, Cedrico quer se afastar e ele provavelmente está certo — ela desviou os olhos dos meus para olhar para o chão de terra a sua frente; por um momento, tive a impressão de que ela estava prestes a chorar, mas Eva inflou o peito e se conteve.

— Ele gosta de você — não falei aquilo para consolá-la, pois não era meu estilo consolar as pessoas, falei apenas porque era verdade. Eva balançou a cabeça e encolheu os ombros — De verdade — apoiei meus cotovelos na porta do carro e olhei para ela além dela — Cedrico foi a primeira pessoa que eu vi depois de tanto tempo, e quando nos encontramos, ele estava magoado, sofrendo do jeito dele. Não é fácil para nenhum de vocês; Cedrico só quer te proteger como ele pode e você quer que os responsáveis pela morte da sua mãe paguem. Não se pode culpar nenhum de vocês por isso — ela ergueu os olhos e limpou a garganta, ligeiramente frustrada.

— Cedrico e eu nos conhecemos desde que eu me entendo por gente. Nunca fomos amigos, mas… — ela fez uma pausa para reorganizar suas palavras — O que estou tentando dizer é que ele me conhece. Quando meu pai morreu, ninguém queria o trabalho. Minha mãe foi a primeira a cair fora, depois foi o Jack, e aí o meu tio… E eu sabia que eu era a única que podia fazer isso, mas uma coisa virou outra e a paz acabou se tornando… Outra coisa. Agora, eu tenho uma matilha esperando coisas de mim, esperando que eu mande nas coisas. Cedrico sabe disso. Quando isso acabar, vocês estão fora. Para mim não é assim, essa é a minha vida e vai continuar sendo.

— Você não pode culpá-lo por tentar proteger você, te poupar dessa situação. É o instinto dele, sempre foi — respirei fundo e deslizei a língua pelos lábios — O que eu te falei na mansão naquele dia… Eu sinto muito, nem sei por quê disse aquelas coisas, mas ambas sabemos o fundo de verdade que aquilo tinha — Eva inclinou o rosto suavemente, sem entender exatamente onde eu queria chegar — Não sobre você se afastar dele por isso, é claro, estou falando que… Todas as pessoas que ele já amou morreram. A mãe que ele nunca conheceu, o

pai desapareceu, depois a namorada que virou vampira, até eu… Depois Jessica e, até então, Joseph… Rafael, Alice… — deixei o ar sair lentamente, como se estivesse contando os cadáveres das pessoas com as quais eu me importava.

— Eu entendo isso. Mas… — Eva respirou fundo e tentou parecer mais controlada, de um jeito que eu sabia que ela não estava pronta para ser, ao ajeitar os ombros — Se eu pedisse a qualquer um de vocês para abandonar a sua família. Se eu pedisse a *ele* para abandonar a família, ele não seria capaz e tendo em mente que todos nós podemos acabar mortos por ter subestimado aquele bruxo, eu não quero perder meu tempo com isso.

— Nós não vamos morrer — falei imediatamente depois dela, sem ter tempo o suficiente para pensar.

— Não finja como se soubesse prever isso, Menina Superpoderosa — Eva se levantou com habilidade e ficou de frente para mim, consertando com sutileza alguns fios do seu cabelo que caíam em torno do seu rosto angelical — Eu vou falar com ele — ela deu um tapinha no meu ombro e passou por mim, o que me fez girar e meus olhos encontraram os de Markos, que conversava com

Cedrico, de costas para mim, a alguns metros dali. Ele deu um tapinha amigável no ombro de Cedrico, interrompendo o que ele dizia quando Eva se aproximou.

Eu realmente queria ver meu amigo feliz, mesmo que não estivéssemos caminhando no campo da amizade nos últimos tempos, mas entendia as reservas dele com Eva, além do fato de que eu tinha a sensação de que ele não tinha exatamente seguido em frente. O vampirismo o tinha mudado, simplesmente, e talvez eu não fosse capaz de lê-lo tão bem quanto antes.

Markos caminhou na minha direção, mais rápido do que poderia, pois eu pisquei e ele estava diante de mim com a mão em meu ombro, girando-me e me levando para longe de todos: — Venha, vamos dar um tempo a eles — franzi o cenho, mas concordei.

Como um rio, sempre em movimento[32]

JOSEPH

NÃO ESTAVA CERTO COM RELAÇÃO AO TEMPO. Se era dia ou noite, ou até mesmo quanto teria se passado entre o momento em que eu acordara naquele lugar desconhecido até o momento em que recobrei minha consciência, novamente amarrado firmemente naquela maca. Graças a Deus, as fortes lâmpadas de LED não estavam mais acesas, me cegando, assim pude observar o local onde me encontrava.

Suas paredes tinham tons estéreis entre cinza e branco gelo, o teto era algo e pude avistar uma porta, permitindo que esperanças tolas

preenchessem meu peito, que doía, aliás. Levantei a cabeça enquanto as memórias voltavam lentamente. Uma conversa com Leo sobre a necromancia de Juliette, mas há quanto tempo? O que diabos teria acontecido entre uma coisa e outra e *por que* eu não podia me lembrar de nada?

Eram muitas perguntas que eu não podia responder a mim mesmo, por isso, descansei a cabeça novamente na maca, puxando meus pulsos das amarras e sentindo dor não só ali, mas também nas agulhas que me picavam, como antes. O que quer que Leonard planejasse fazer, não podia ser uma coisa boa, mas depois de tudo aquilo, meus pensamentos se voltaram para Juliette, para o fato de eu tê-la tentado alertar tanto, mas nunca tendo a certeza se ela captara a mensagem; até mesmo se captara a real mensagem.

— Veja que está acordado — agitei a cabeça de um lado a outro em busca da voz que falava comigo. Como antes, de um lado havia um soro, do outro, meu sangue. Leonard surgiu da única porta no lugar, que ficava a minha frente, um pouco mais à esquerda e por onde eu pretendia escapar depois de acabar com aquele desgraçado.

Olhando daquele ângulo, parecia-se com um lorde

inglês. Seus dedos estavam gentilmente entrelaçados na frente do corpo e seu ar de nobreza era evidenciado mesmo diante de seus trajes: uma camiseta branca de algodão, deixando a mostra algumas das cicatrizes que se estendiam pelos seus ombros e desapareciam em seu peito dentro da camisa, e uma calça de dormir xadrez. Seus cabelos, que tinham um indeciso tom entre castanho e loiro, estavam elegantemente despenteados, os fios desgrenhados, os ombros relaxados o suficiente para indicarem que ele me tinha como uma ameaça neutralizada.

Meu pescoço doeu ao sustentar aquela posição por longos segundos, seguindo com cuidado cada passo que Leonard dava, cada lento e cadente passo; assim, ele fez o caminho até mim com um calmo, porém denso, sorriso aristocrático.

— Devo dizer que me sinto um convidado muito bem tratado aqui — escondi minha repulsa por aquele homem bem em minhas palavras, mas a verdade era que, sendo o humano que era, me sentia drenado, desprovido de qualquer energia, e se muito tempo tinha se passado, eu não sabia. Também não sabia quando fora a última vez em que comera.

— Eu faço o melhor que posso, amigo — examinei-o da cabeça aos pés quando ele se sentou no banquinho em que sempre se sentava ao meu lado. Mais sério, os olhos de Leo percorreram o meu corpo, visivelmente emagrecido: — Ouvi barulhos na floresta — falou para ninguém em especial, talvez fosse uma anotação para si mesmo, um lembrete. Qualquer coisa, menos algo a que eu devesse te ater, mas foi a que me ative, imaginando o que diabos seria para ele dar tanta importância a ponto de abandonar sua postura audaciosa para algo mais sério. Ou *quem* seria — Briga de lobos — capturei seu olhar e sua atenção e o homem deu de ombros, como que para me fazer pensar que fosse a coisa mais irrelevante do mundo. E talvez fosse, mas eu manteria aquilo em mente.

— Vai me deixar preso aqui até quando?

— Até você me dar o que eu quero, mas como fui atacado por benevolência hoje, resolvi preparar um almoço apropriado para meu querido amigo de longa data — ele sorriu, exibindo seus dentes brancos de modo contido ao dar um tapinha em meu ombro.

— Café da manhã está bom — eu não queria ter que comer da comida daquele homem, mas como

estava preso ali, não tinha escolha. Além disso, eu estava ali há vários dias, talvez algumas semanas, e entre o momento em que acordara e os de breve consciência, era provável que já tivesse comido algo sólido.

— Não se preocupe, Joseph, não vou te envenenar — olhei bem para a sua mão, que permaneceu em meu ombro por mais tempo do que o necessário, por mais tempo do que deveria, e Leo a afastou.

— O que é isso, então? A última refeição de um homem? — estreitei meus olhos e descansei a cabeça sem tirá-los dele, que fez que não e deslizou os dedos pelos cabelos, bagunçando-os um pouco mais.

— Está longe de ser sua última refeição… — ele desviou do meu.

— Eu quero perguntar uma coisa — interrompi-o e Leonard me olhou imediatamente com um acometido toque de curiosidade em seu olhar, ao que me remexi, movendo milimetricamente minhas mãos e novamente recebendo aquela picada de dor provocado pelas agulhas. Engoli em seco e ergui meu queixo — Por que você não viveu? — um junco se formou entre suas sobrancelhas e o sorriso de Leo desapareceu lentamente até que sua face se

tornasse uma sombra misteriosa e intrigada — Por que não aproveitou a eternidade que eu te dei? — estreitei um pouco mais os olhos, movendo-os pelo seu rosto em busca de uma resposta silenciosa — Você poderia ter feito tanta coisa se tivesse…

— Cale a boca! — arregalei os olhos de maneira abrupta e virei a cabeça quando, em um surto repentino, Leonard se colocou de pé, tão rápido que o banquinho de madeira em que ele estivera sentado caiu atrás dele, e esmurrou a mesa ao lado da cama. Alguns instrumentos caíram no chão e ele se voltou para mim, pairando acima da maca como uma sombra assustadora e maligna, fuzilando-me com seu olhar de ira por um breve instante antes de me agarrar pelo pescoço, direcionando toda a raiva de séculos até sua mão direita, que me estrangulava — Você acha que eu *queria isso*? Que você me deu algum presente, seu demônio desgraçado? Eu só queria ser humano, nunca te pedi que me fizesse imortal! — ele tremia em sua fúria descontrolada enquanto eu cerrava meus pulsos com força, lutando para conseguir respirar.

— Você não pediu — minha voz saiu baixa, difícil, enfraquecida e estrangulada —, mas poderia ter feito com a sua vida algo melhor do que você

fez. Você poderia ter sido *melhor* do que eu, mas não foi — ele apertou as unhas na parte lateral do meu pescoço, penetrando minha pele sensível com elas, e jogou minha cabeça com violência contra a maca.

— Você é um bastardo desgraçado, não merece viver, mas não serei eu o idiota a te matar — Leonard se recompôs rapidamente deslizando os dedos pelos cabelos e abaixou-se em um hábil movimento para pegar o banco que caíra em seu acesso de raiva, porém não voltou a se sentar. Não que aquilo fosse exatamente um problema, claro. Naturalmente, minha própria companhia solitária era melhor do que suportar a de Leonard, isso quando ele decidia que não era uma hora apropriada para espancamentos.

— Quem será, então?

— Ainda não tenho certeza, só descobriremos quando eu tiver acesso à magia da sua querida mulher. Só aí poderei me livrar de você…

— Você sabe que *minha querida mulher* é inteligente o suficiente para estar bem longe de você nesse momento, não sabe? — e Deus, eu esperava que não a estivesse superestimando quando Leonard fixou os olhos nos meus,

recomposto e próximo o suficiente para que eu observasse as nuances em seu olhar.

— Disso eu não tenho dúvidas, amigo — ele parou ao lado da maca, próximo o suficiente para soar assustador com um sorriso sinistro que se pronunciava timidamente em sua boca bem desenhada — Mas sabe o que mais ela é? *Leal*... — ele quase soprou as palavras, murmurando-as a título de ter o efeito desejado sobre mim. Sobre meu corpo, que se arrepiou de uma maneira que eu não o deixaria perceber, mas, e *se* ele estivesse certo? Eu esperava com toda a minha força remanescente que não — Ela pode não te amar o suficiente, mas também não vai te deixar. E eu sei que você andou mandando bilhetinhos para sua amada…

— Para deixar claro a ela com quem ela estava lidando, não para que viesse ao meu resgate — apertei meus punhos e cerrei o maxilar, simplesmente enfurecido, mas Leonard se limitou a sorrir e acenar, dando três tapinhas camaradas no meu ombro esquerdo para que eu me acalmasse, pois, ao abaixar meus olhos, pude ver que havia sangue onde a agulha perfurava a minha veia.

— Se acalme, amigo, isso só vai fazer doer ainda

mais — respirei pesadamente. Ainda queria socá-lo, mas naquela posição só iria me machucar — Eu sei que ao descobrir sobre Harriet, seu primeiro instinto foi fazer com que Juliette soubesse, e ela sabe, mas tudo foi feito com uma finalidade maior. Eu quero *Juliette*, não você, mas como os fins justificam os meios… — delicadamente, ele correu os dedos aquecidos pelo meu braço e se virou, de modo que ficasse de frente para mim, e não mais ao meu lado, e retirou a agulha com cuidado do meu braço — Ela é tão bonita, não é?! — murmurou extremamente baixo enquanto o fazia, mais para si mesmo do que para mim, ao que respondi com nada além de silêncio.

Eu continuo perdendo você[33]

JULIETTE

— VOCÊ ESTÁ COM MEDO? — MURMUREI MUITO BAIXO quando parei ao lado de Cedrico. Eram sete da noite e já estava escuro enquanto nos escondíamos detrás de um enorme carvalho, largo o suficiente para nos ocultar enquanto observávamos os caçadores, os mesmos de mais cedo que tinham acabado de retornar em uma sucinta troca de turnos.

— Do quê? — ele evitou meu olhar ao se virar e espiar os caçadores. Minhas mãos estavam bem fincadas no tronco e minhas palmas suavam de um jeito que eu não queria deixar transparecer;

enquanto Cedrico estava de costas, tentei me recompor e limpei a garganta.

— De morrer, talvez — murmurei, quase sem voz.

— Não — ele me olhou com mais cuidado, mas algo em seu rosto sugeria pressa, como se quisesse dizer que não tínhamos tempo para aquilo, mas não tivesse coragem o suficiente — Você está?

— Um pouco — ergui as sobrancelhas timidamente e nos encaramos por um longo momento. Cedrico inclinou o rosto, prestes a falar alguma coisa.

— Juliette, abaixe! — quando escutei a voz de Markos, meu primeiro e imediato reflexo foi me abaixar de modo hábil para ver uma flecha acertar o tronco da árvore onde minha cabeça estivera meio segundo antes.

Antes mesmo que o desgraçado pudesse mirar de novo, eu estava atrás dele quebrando seu pescoço. Seu corpo caiu no chão no mesmo segundo em que outro caçador mirava em mim pelas costas, mas me virei rápido o suficiente para agarrar a flecha disparada pela besta nas mãos do homem enorme a três metros de mim e jogá-la no chão. O homem jogou sua besta e me atacou sem delongas ou

cerimônias, como os suecos, que gostavam mais de conversa do que de ação. Esquivei-me do seu primeiro golpe e com um giro bem executado, acertei-lhe um chute no peito que o fez cambalear para trás, mas o grandalhão foi na minha direção com um urro em demonstração de toda a sua força humana, ao que desviei novamente e, com minha velocidade vampira, não foi difícil me colocar atrás dele, dar uma joelhada em sua coluna e fazê-lo cair, ficando completamente equilibrado em minhas mãos.

Estava com tanta fome que não resisti a tentação de morder seu pescoço e me alimentar do homem antes de deixar que seu corpo caísse no chão com um som oco. Ergui os olhos e deslizei a língua pelos lábios para me certificar de que não tivesse sangue em minha boca; meus olhos se moveram pela densa floresta até a construção a vários metros a frente. Os dois homens que eu matara definitivamente não eram os mesmos que estavam de guarda, o que só reforçava a minha ideia de que minha ideia era uma droga, pois nem ao menos fazíamos ideia de quantos deles poderíamos encontrar lá dentro.

— Ei — virei rapidamente ao ouvir a voz de

Markos e ele agarrou meu cotovelo, me virando de um lado para o outro enquanto movia seu olhar preocupado pelo meu corpo — Você está bem? O que deu em você?

— Eu estou bem — ele tirou as mãos de mim, não muito convencido, mas era o melhor que podíamos fazer. Logo, Eva se juntou a nós e através da escuridão pude ver os olhos amarelos de Jack por entre algumas árvores — Onde Cass e Renée estão?

— Cuidando da segunda parte do plano. Em neutralizar a magia de Leonard — Markos esclareceu.

— E pegar o sangue dele para o antídoto quando derrotarmos aquele bastardo — Cedrico falou entre dentes, observando a construção a nossa frente.

— Não deveríamos falar alguma coisa agora? — meus olhos foram de Markos a Eva e até Cedrico se virou para me olhar, completamente confuso sobre o que diabos eu queria dizer com aquilo. Engoli em seco — Algo corajoso, talvez… — minha voz tremulou e todo o medo que percorria o meu corpo se fez presente em meu tom aterrorizado.

— Um por todos e todos por um — girei em meus calcanhares e inesperadamente, dei de cara com Alaric diante de mim, saindo de dentro da floresta

com o mesmo sorriso audacioso do qual eu me lembrava — E tentem não morrer, é claro — Eva deu um leve rosnado para ele e abriu caminho, como se aquilo fosse algum *cumprimento*. Ric anuiu e passou os olhos por Markos, do meu lado esquerdo, e por Cedrico, do direito e alguns passos atrás de mim; por fim, só quando estava a minha frente foi que seus olhos encontraram os meus — Isso foi entusiasmado o suficiente para você, querida? — falou de maneira espontânea, sincera e desinteressada o suficiente para que eu, mais uma vez, deixasse passar a oportunidade de perguntá-lo por que ele sempre me chamava de querida.

— O que… O que você está fazendo aqui? — havia um sorriso esquisito em meus lábios; tão inexplicável quando descrente. De fato, Alaric era a última pessoa que eu esperava ver ali, mas Markos também era e ele estava bem ao meu lado. Aliás, ele estava bem ao meu lado com os punhos cerrados, lutando contra si mesmo e a vontade de socar o irmão.

— O que parece que estou fazendo aqui?! — ele ergueu as sobrancelhas, sutil e sedutor, convencido, e me esperou dizer — Parece que a tinta loira não saiu de você…

— Bem…

— Não temos tempo para romance, temos que ir — Cedrico interrompeu meus pensamentos, fazendo com que eu me voltasse para ele com a minha melhor cara de poucos amigos.

— E parece que você *já é* loiro o suficiente — Alaric falou entre dentes e Cedrico estreitou os olhos, os dois dando um passo a frente ao mesmo tempo. Pousei o braço no peito de Cedrico e inclinei o rosto.

— Por favor… — um rosnado furioso se fez ouvir e olhei para Eva, parada aos pés de Alaric rosnando para Cedrico.

— Vamos fazer o que precisamos fazer — Cedrico foi na frente, contrariado e o seguimos.

Eu estava atenta enquanto caminhava entre Ric e Markos, mantendo-me em alerta ao mesmo tempo em que os mantinha longe um do outro ao menos até eu chegássemos a construção.

— Juliette? — me virei completamente atenta, com as sobrancelhas erguidas quando Alaric me chamou e parou de andar, forçando-me a fazer o mesmo para encará-lo — Eu preciso de dez minutos, fique segura com o meu irmão e tente ficar viva até eu voltar — a seriedade em meu tom

me assustou mais do que as palavras em si.

— Não diga que vai fazer uma coisa estúpida, por favor… — meu tom foi reduzido e ele fez que não com um passo para trás — Tem alguma coisa errada?

— Eu… — Markos segurou meu cotovelo quando fiz menção em alcançar Ric, que deu mais dois passos para trás — Não quero te assustar, mas é preciso.

— Está tudo bem, Julies — Markos falou, mais controlado que o irmão — O Ric vai ficar bem — acabei concordando, mesmo sem acreditar completamente. Odiava ser deixada no escuro, odiava não saber, mas a afirmação de Markos *teria* que ser o suficiente para acalmar o pânico crescente em meu peito que vinha junto à sensação de que algo não ficaria bem. Inclusive Alaric.

Mas como precisava continuar lutando, segui em frente e finalmente chegamos ao galpão. A primeira coisa que Cedrico e Markos fizeram foi matar os dois guardas; Eva e Jack ficaram *vigiando* enquanto eu me abaixava para destrancar a porta, temendo disparar qualquer coisa que indicasse a nossa presença antes da hora. Mas com indicador ou não, a verdade é que quando aquele portão abrisse,

estaríamos ferrados, pois a probabilidade de ter vinte caçadores com armas apontadas para nós era definitivamente muito; não queria ser a pessimista, mas também não me enganaria.

Cuidadosamente, decidi que não precisava do meu computador, mesmo tendo previsto que sim, apenas liguei alguns fios extremamente finos, que demandavam excessivo cuidado. Enquanto o fazia, completamente concentrada, vi os fantasmas de Rafael e Joseph, cada um de um lado, apoiados à parede a minha frente, tagarelando sobre como o nosso plano era uma merda; pareciam um reflexo dos meus próprios pensamentos, somente tirando a minha concentração. Terminei com os fios e fechei a caixa, esperando pela contagem de cinco segundos quando Markos parou ao meu lado e meus se fixaram nos dois a minha frente.

— Tudo bem? — ele viu que eu olhava para o nada e fiz que sim, sem querer parecer mais louca do que já me fazia ser, apenas pressionei o polegar na marca enegrecida em minha mão direita e os dois tremularam, desaparecendo no mesmo momento que o portão começou a abrir.

Aquela coisa era alta e correu com um som

insuportável de metal se arrastando. A abertura tinha cerca de quatro metros de largura e conforme abria, eu podia ver algumas mesas do lado de dentro tomadas por armas, de bestas a revolveres. Não demorou muito para que eu visse caçadores, mas contra minhas expectativas, somente três deles. O que não significava que não tivessem mais, foi o que mantive em mente enquanto os brutamontes passavam a mão em algumas armas que estavam sobre a mesa.

Não me dei tempo para pensar, ou esperar que o primeiro atirasse, escolhi meu alvo e ataquei, desarmando-o e batendo em seu rosto furiosamente com sua própria besta até que seu corpo atingisse o chão com um baque surdo e eu pudesse me virar para Cedrico, a três metros de mim. Antes de calcular se ele precisava de ajuda, e enquanto Markos jogava o corpo de um caçador no chão, Eva saltou sobre o homem com tamanha violência que o arrancou dos braços de Cedrico; suas presas rasgaram-lhe o peito em golpes rápidos e letais, em movimentos claramente irados. Eva ergueu o olhar para mim quando terminou e rosnou, fazendo seus olhos amarelos brilharem e seus dentes exibirem sangue.

Não tinha a intenção de falar nada, mas quando me virei, vi mais caçadores surgirem de uma porta lateral que fora aberta, cada vez mais e mais, como um exército. Expirei com força. Eu só tinha uma besta em minhas mãos e uma mesa de armas a minha direita, então comecei a atirar; acertei as cinco flechas das quais dispunha antes de partir para o corpo-a-corpo. Larguei a besta no chão, tendo em mente que cerca de quinze homens e eu era uma só, e me defendi do que me atacou primeiro, mas não tão rápido quanto eu gostaria, pois o homem não precisou de muito para me dar uma gravata e me jogar no chão, não sei com que habilidade, colocando joelho direito entre minhas costelas e com uma estaca de madeira apontada para o meu coração.

Mesmo no chão, pude ver enquanto os caçadores cercavam Cedrico e Markos e apontavam suas bestas para Eva e Jack, que rosnavam em posição de ataque, mesmo que um ataque que eles sabiam que não funcionaria.

É, aquele fora um plano de merda.

Como uma chama, sempre queimando[34]

MEU PEITO SUBIU E DESCEU EM BUSCA DE AR. Eu estava prestes a erguer as mãos e dizer que me rendia quando uma *coisa azul* surgiu no meu campo de visão; não pude ver o que era em sua totalidade, pois eu estava caída no chão de costas para a saída, mas estava voando. E não era um personagem de *Avatar*, com toda a certeza. Entreabri os lábios e o homem acima de mim vacilou, o suficiente para que eu golpeasse sua mão com a lateral da minha direita, que ainda doía como o inferno, e sua arma caiu.

No momento em que precisei lutar com um homem, acertando uma joelhada em seu peito e

tirando-o de cima de mim, tive de desviar a minha atenção da coisa azul voando por cima do galpão soprando fogo nos caçadores. O caçador e eu rolamos no chão enquanto ele apertava meu pescoço, tentando me estrangular, e consegui jogá-lo no chão, perguntando-me como diabos aquele homem podia ser tão forte, e quebrei seu pescoço, com dificuldade naquela posição.

E me coloquei de pé mal podendo respirar. Os caçadores estavam todos caídos no chão, alguns em chamas e outros tinham se transformado em cinzas, mas meu olhar foi deles até a criatura azul e enorme que aterrissou com um som profundo e sonoro no piso liso. O ar ainda estava preso em meu peito quando meus olhos encontraram os de Alaric, que ainda eram os mesmos mesmo sob aquela forma e de outra cor, uma mais densa e assustadora que estremeceu cada centímetro da minha pele. O ar saiu devagar do meu peito, como se algo o comprimisse, e eu queria fechar os olhos, pois não conseguia dar comandos ao meu cérebro enquanto via um dragão diante de mim.

Um dragão de verdade, não como os dos filmes.

Já tinha visto muito, mas nada que não tivesse a forma humana, fosse bom ou mal; o mais perto de

forma sobrenatural que eu chegara fora com Lauren e as escamas que surgiam em seus braços enquanto ela cantava, mas eu estava com medo daquela criatura. Por que ele nunca me dissera que podia se transformar? Poderia ter evitado tudo aquilo, todo aquele choque que me dominou.

Ele devia ter três metros de altura, de onde eu podia ver, e seus olhos eram amarelos e malignos. Sua pele, grossa, azul-cobalto, seu pescoço era longo e com aberturas que se pareciam com brânquias, se movendo no mesmo ritmo com que seu peito quando suas patas maiores do que todo o meu corpo se arrastaram lentamente pelo chão, emitindo barulho pelo contato de suas garras afiadas no piso escorregadio. Eva ganiu e recuou, eu, que tinha meu corpo anestesiado pelo mais puro e primitivo pânico, os olhos mais arregalados do que achei que fosse possível e o queixo caído, dei um passo para trás e mais um quando aquela criatura se moveu na minha direção.

Eu não sabia explicar minha reação. Bem fundo na minha mente, eu sabia que aquele era o Ric, que ele estava do nosso lado, que ele não iria me machucar, mas meu corpo me dizia para eu não ter tanta certeza, por isso, dei mais dois passos para

trás e esbarrei na mesa de armas atrás de mim, escorando minha mão direita nela e sentindo a dor mais uma vez com um gemido fraco e inconsciente.

— Eu sabia que nos encontraríamos de novo, querida — virei-me para ver Leonard surgindo da mesma porta que fora aberta pelos caçadores. E mais deles foram surgindo, aglomerando-se em torno dele, como que para ter certeza que ele permaneceria intacto — É bom vê-la de novo.

Respirei fundo e semicerrei os olhos, erguendo minha mão direita de baixo para cima, fazendo com que Leonard dobrasse seus joelhos com um riso incompreensível.

— Esse é o melhor que você pode fazer? — ele era um filho da puta convencido, isso sim, e talvez fosse aquela presunção e autoconfiança toda que acabassem com ele, no fim das contas — Joseph acredita no seu potencial — coloquei toda a minha força, concentrado-me no poder da magia que fluía através de mim e esquentava o meu corpo. De jeito nenhum eu deixaria suas palavras me afetarem.

Por algum motivo, os caçadores não atacaram de imediato, apenas se armaram e esperaram; talvez por algum comando de Leonard. Leonard fez um movimento, fechando o punho, e cortou a conexão,

a espécie de ponte entre nós que era formada através da minha magia, inutilizando meus esforços para atacá-lo. Foi como se, de algum modo, erguesse um escudo entre nós enquanto ia na minha direção, com um passo de cada vez. Peguei uma besta e mirei nele, percebendo que seu *escudo mágico* só funcionava efetivamente contra a minha magia, pois a flecha o acertou no ombro e Leonard gemeu de dor.

— Droga, Juliette! — ele arrancou a flecha do ombro com um gemido de dor e um vulto cinzento se lançou sobre o bruxo, lançando-o ao chão sob ataque. Era Jack. Ele mordeu o antebraço que Leonard colocou entre as presas afiadas e seu belo rosto enquanto o cheiro forte de sálvia dominava o ambiente.

Um dos caçadores foi na minha direção, enquanto Leonard e Jackson rolavam para longe de mim, e girei em torno dele, dando-lhe uma gravata e jogando o homem ao chão. O segundo atacou, mas Cedrico foi mais rápido em agarrá-lo e quebrar seu pescoço: — Vá — ele maneou a cabeça na direção da porta que estava aberta — Encontre Joseph, nós cuidamos dos caçadores. Rápido — ele largou o corpo do homem no chão. Atrás dele, Markos

acabava com um dos caçadores, Alaric lançava fogo em quatro deles e Eva juntou-se ao irmão para atacar o pobre Leonard, que não tinha mais sua superestimada magia a seu alcance.

Renée e Cassandra buscavam uma chance para tomar o sangue do bruxo e calculei que, ao menos por ora, tivéssemos a situação sob controle. Mordi o lábio e assenti, ainda chutando um dos caçadores, que voou pelos ares até que seu corpo sem vida caísse perto do portão de saída, antes de entrar na toca dos coelhos.

O corredor de onde os caçadores saíram era muito estreito e mal iluminado e, se tantos tinham saído dali, eu podia chutar que havia mais de onde aqueles vieram, por isso levei a besta comigo, mantendo-a apontada e pronta para entrar em ação conforme eu fazia meu caminho até o fim do corredor. Que dava em nada. Era sem saída, mas tinham muitas portas ali, então eu simplesmente teria que tentar cada uma. Joseph *tinha* que estar ali. Ele estava.

Em algum lugar.

A primeira porta era uma sala vazia com caixas empilhadas, que fechei rapidamente, tentando

cumprir aquilo o mais rápido possível. Primeiro, para encontrar e tirar Joseph tão rápido quanto eu pudesse daquele lugar horrível, e segundo, porque meus amigos podiam estar precisando de mim enquanto tantos caçadores os atacavam ao mesmo tempo. Empurrei a segunda porta, exatamente no meio do corredor, e ela revelou um segundo corredor, ligeiramente mais largo, o qual penetrei com uma insólita palpitação no peito, pensando em Ric e em como tudo aquilo era uma loucura.

Meu Deus, eu ficava chocada quando ele me contara que era um dragão, mas *ver* um dragão de verdade diante de mim era uma coisa completamente diferente. Era real e era assustador. Suspirei. Aquele corredor não tinha portas, somente uma no fim, para a qual segui, sempre atenta por onde seguia e onde pisava e prestando atenção em qualquer coisa que pudesse surgir, não importando de que lado. Arfei ao conseguir chegar ao fim dos três metros e meio sem ter um ataque cardíaco, e coloquei a mão na maçaneta da porta metálica, exalando um suspiro que não pude controlar.

Tudo ali era silencioso e assustador demais para mim; eu tinha até medo de respirar com muita força, eu tinha medo do que aconteceria ali, eu

tinha medo do que aconteceria depois. Tinha medo de que Joseph não estivesse ali ao mesmo tempo em que tinha medo de encontrá-lo. Tudo dentro de mim era um pânico crescente e incontrolável, mas eu precisava ser forte daquela vez. Não só por mim.

Abri a porta e encontrei-me em um grande galpão. Alguns minutos se passaram desde que eu deixara a parte principal do lugar e agora, meus pensamentos não paravam quietos quando abaixei a besta e esquadrinhei o lugar em busca de mais caçadores malucos enquanto me aproximava do centro. Era tudo um assustador silêncio, o cheiro metálico misturado a limpeza me atingiu em cheio. No meio do cômodo imenso e praticamente vazio, estavam duas macas, entre elas, estava uma luminária cirúrgica apagada e uma mesinha de madeira simples com alguns instrumentos básico, como um kit de primeiros socorros. Como gaze, kit de sutura, tesouras e esparadrapo.

E na segunda maca, era onde Joseph estava deitado; parecia adormecido, ou era o que eu esperava, não morto. Corri até lá em menos de meio segundo e coloquei a besta sobre o banco de madeira ao lado da luminária, observando com cuidado. Embora não estivesse tão diferente de

como eu me lembrava dele, muita coisa tinha acontecido, eu diria demais, e nenhum de nós era mais o mesmo. Ele estava preso, mas aparentemente bem quando chequei se estava respirando e vivo. Usava calça e camisa de algodão, o que causava uma estranha harmonia em sua aparência, pois seus cabelos também pareciam mais claros, embora seu rosto estivesse coberto de hematomas, alguns mais recentes, outros começando um lento processo que os faria desaparecer por completo.

Seu rosto estava virado para a esquerda, de modo que pude vê-lo por completo, embora a luz ali fosse fraca. Eu podia sentir meu coração afundando no peito com a culpa e minha mão direita fez um caminho involuntário até a lateral do seu rosto empalidecido, onde a ponta dos meus dedos tocou sua barba por fazer, subindo até seus cabelos, maiores do que eu me lembrava, onde se formava ondas suaves. Arquejei com um suspiro débil, com o corpo enfraquecido pelos sentimentos, principalmente a culpa.

Todo o tempo em que eu estivera com Rafael, ele estava ali, sendo torturado. Sofrendo por minha causa. Porque eu fora egoísta por estar com outro

homem. Meus dedos afundaram completamente em seus cabelos e cobri o nariz durante cinco segundos com a mão esquerda, abafando e controlando o choro que emergia no mais fundo em meu peito. Eu não queria chorar, mas tudo aquilo, de repente, me pareceu horrível demais para suportar; meu coração pesado carecia de algum alívio e eu precisava deixar aquilo ir para ter força o suficiente para seguir em frente, fosse como fosse. Isso se ele não me odiasse, claro.

— Juliette? — afastei minha mão e um som surpreso saiu da minha garganta sem que eu tivesse algum controle. Meus pés foram para trás em uma reação instantânea ao ver seus olhos azuis abertos, olhando para mim — Você não está aqui — ele fechou os olhos durante um momento, então os abriu, certamente esperando que eu não estivesse mais lá quando o fizesse — *Você não está aqui!*

Limpei a garganta e umedeci meus lábios surpreendentemente secos ao me aproximar dele, reunindo toda a minha coragem em um único fôlego.

— Eu estou aqui. Estou aqui por você… — minha saiu fraca, mas aquele era o melhor que eu conseguia fazer naquele momento. Sentia como se

mal tivesse forças para permanecer de pé, então rapidamente consertei uma mecha do meu cabelo que estava atrapalhando ao cair em meu rosto e fui até o fim da cama, arrancando as algemas de couro que envolviam seus tornozelos, um por um, então dei a volta pelo outro lado da maca, vendo-o erguer o pescoço tanto quanto podia naquela posição precária.

E, por último, usei minha velocidade vampira para voltar para o lado esquerdo e libertar do seu pulso a última. Joseph ainda me olhava com cuidado, como se se perguntasse se podia confiar em mim ou se eu era *eu*. Expirei lentamente, imaginando o que dizer a ele enquanto o ar se tornava cada vez denso e pesado a nossa volta. Meu Deus, havia tanta coisa que eu nem sabia por onde deveria começar, sabia apenas que tínhamos que sair logo dali, e foi o que abri a boca para dizer. Não tinha certeza se ele podia andar, pois me pareceu machucado, mas foi interrompida.

— Você é *você* — murmurou lentamente, descobrindo o sentido em suas próprias palavras, piscando lentamente como se acordasse de um pesadelo. Ou como se estivesse drogado. Seus olhos desceram dos meus até o colar em meu

pescoço.

— É, sou eu — Joseph se sentou devagar e não o apressei, dei-lhe o tempo necessário para que descobrisse como usar seu corpo — Você está bem? Consegue andar? — um junco de preocupação se formou entre minhas sobrancelhas; pousei a mão direita em seu ombro e movi os olhos pelo seu corpo, já que seus olhos foram, confusos, para o chão — Joseph?

— Você deveria estar segura, querida — ele colocou a mão sobre a minha e fechou os olhos. Parecia sentir dor, eu não sabia se era física ou emocional, mas não falou nada e eu ainda não tinha certeza com relação ao uso de palavras. Em um segundo, ele me puxou e levantou, ao mesmo tempo, e me abraçou. Eu não pude impedir a mim mesma de fechar os olhos e suspirar, com o rosto apoiado em seu ombro — Harriet está bem? — ele murmurou, correndo os dedos pelos meus cabelos.

— Sim, ela está.

Agarrei-o com mais força, com alguma coisa entre alívio e desespero inundando meu peito e senti seu braço direito envolver minha cintura. Fechei os olhos e deixei que as lágrimas saíssem sem nenhum controle.

PERIGOSAS

Emocionalmente, eu estava completamente destruída.

NACIONAIS - ACHERON

Eu estarei aqui por você[35]

— EI... ESTÁ TUDO BEM, QUERIDA — SUA MÃO direita acariciou minhas costas gentilmente, me acalmando. Eu estava a ponto de rasgar sua camisa, de tanto que a agarrava, de algum modo, tentando chegar até ele, querendo estar mais perto, penetrar sua pele. Eu não queria estar chorando daquele jeito, como uma criança, mas também não conseguia parar as lágrimas de saltarem dos meus olhos firmemente fechados ou os soluços. Joseph ergueu a mão até meus cabelos e funguei, abrindo os olhos e tentando me recompor; afastei-me e sequei o rosto com as duas mãos.

— Você está machucado? — meus olhos se

moveram pelo seu corpo. Eu não saberia dizer se estava ou não, por isso voltei os olhos até os dele.

— Estou bem; talvez um pouco tonto. O que está acontecendo? — ele olhou para a besta, depois para a saída.

— É uma longa história, temos que sair daqui.

Ele estava meio confuso quando me virei e peguei a besta, por isso, e *só por isso*, peguei sua mão e caminhamos na direção da saída. O caminho através do primeiro corredor foi longo e me coloquei na frente de Joseph, para o caso de encontrarmos algum caçador, mas estava tudo estranho e vazio. A porta que levava ao corredor por onde eu entrara tinha se fechado, assim, tive que soltar sua mão para apertar o botão que destravava a porta.

Assim que o fiz, no entanto, um enorme brutamonte que estava no corredor se virou na direção da porta antes que eu desse outro passo e foi na minha direção. Ele me pegou completamente desprevenida, pois quando foi na minha direção com os punhos firmemente fechados, mal deu tempo para eu me abaixar e acertar uma joelhada nele. O homem enorme se dobrou, ainda não vencido, e me agarrou pela cintura, lançando-nos

sobre o chão e caindo por cima de mim; agarrou meus braços e fincou-os no chão enquanto eu lutava para me soltar. Quando ele ergueu o punho, seus olhos se arregalaram, seu corpo ficou instantaneamente frio e vi Joseph atrás dele.

Ele matou aquele homem.

Matou aquele homem simplesmente ao colocar a mão nele. O corpo pesado caiu sobre mim e empurrei-o, esforçando-me para levantar, com os olhos arregalados ao movê-los do homem morto no chão para Joseph, que colocou as mãos em meus antebraços com uma evidente preocupação em seus olhos, que pareciam incrivelmente mais azuis do que eu me lembrava.

— Você está bem?

— Sim, como você… — deslizei os dedos pelos cabelos, jogando-os para trás, e soltei lentamente o ar preso em meu peito — Como você fez isso?

— Eu sou um xamã, esqueceu? — ele ainda me inspecionava com cuidado, mas não mais me tocava quando ergui as sobrancelhas com suavidade — Aquelas coisas que me prendiam tinham uma espécie de *símbolo mágico* que me impedia de usar qualquer habilidade mágica.

— Mas… — suspirei aturdida, pois aquilo não

fazia todo o sentido como ele fazia parecer — A magia está neutralizada…

— Por favor… — ele franziu o cenho e deu um passo para trás, repentinamente exibindo uma expressão transtornada — Me diga que você não contava com isso para acabar com Leonard… — Joseph inclinou o rosto e esperei que explicasse.

— Bem, os meios tradicionais funcionaram. Até onde eu vi, ele estava fora de combate — meu coração acelerou e comecei a pensar, comecei a me desesperar.

— Não, isso não vai funcionar, ele não é um *bruxo* como os outros. Só *eu* posso detê-lo…

— Oh… *Scheisse.*

Saí do corredor sem esperar por Joseph, já que agora ele podia se virar sozinho, e corri até a área principal do galpão, onde, primeiramente, vi uma pilha de corpos, depois vi Alaric, *Alaric-humano*, Cedrico e Markos lado a lado, Renée e Cassie ao lado e Ric e perto da porta e Jack parado diante de Leonard, que tinha a mão estendida em sua direção e entendi que formava uma espécie de barreira para impedir que o lobo se aproximasse.

Parei de correr e arregalei os olhos ao me deparar

com o corpo de Eva caído atrás dele e ao perceber, também, que todos estavam parados; todos os caçadores, a exceção do bruxo, estavam mortos e todos os olhares se voltaram para mim.

— Ahh, Juliette — ele fechou a mão e abaixou-a, mas o escudo continuou erguido a sua volta enquanto ele girava na minha direção e ria. Meu sangue se tornou gelado em minhas veias e Joseph se aproximou, parando ao meu lado por um segundo antes de dar mais um passo. Só então notei que Rafael estava ali também e tudo começou a entrar em colapso dentro de mim. Os olhos de Leonard se arrastaram de Joseph para mim e movi os meus até ele, sem saber qual seria o meu próximo passo. Se eu corria para Rafael ou se permanecia ao lado de Joseph — Eu te disse — ele falava com Joseph, mas seus olhos estavam fixos nos meus com um perverso sorriso — que essa bela criatura tendia a ser leal — ele ergueu o queixo e seu sorriso se tornou mais amplo.

— Isso acaba agora, Leo — Joseph se afastou de mim, caminhando com o passo decidido na direção daquele homem. Ele ergueu a mão e o escudo de Leonard se fragmentou a sua volta, fazendo-o cair de joelhos com um grito agonizante.

Eu poderia dizer que Joseph estava lidando bem com a situação, que, por mais estranho que pudesse parecer, ele tinha aquele bruxo na palma da mão, por isso, antes que eu pudesse pensar duas vezes se era seguro me aproximar, eu já estava de joelhos ao lado de Eva, apenas para me dar conta de que era tarde demais com um terrível choque de realidade. Expirei com força, sentindo minhas mãos tremerem cobertas pelo sangue dela; meu lábio inferior começou a tremer e não era só pelo fato de eu me dar conta de que ela estava morta. Tudo dentro de mim começou a entrar em colapso, a desabar de uma maneira que eu não conseguia mais lidar.

Bem perto de mim, a um metro ou um pouco mais, Joseph ficou diante de Leonard, fitando-o duramente, e reposou a mão sobre sua cabeça. Seus gritos se fizeram ouvir enquanto uma chama intensa surgia em seu peito, queimando-o de dentro para fora enquanto meus dedos afundavam, involuntariamente, no pelo de Eva. Meus olhos se fecharam contra a minha vontade e imagens começaram a surgir desordenadamente a minha frente. Imagens de Eva nos vários estágios da sua vida, e uma magia poderosa invadiu-me, sem pedir licença, parecendo ter vida própria.

Quando olhei para baixo, onde minha mão tocava o corpo dela, vi as veias enegrecidas subindo da minha mão, serpenteando meu pulso e dominando o meu antebraço de maneira assustadora, na mesma velocidade com que aquela poderosa magia atingia meu corpo e se apossava dele, como um demônio. Eu tinha certeza de que aquele não era o tipo bom de magia; talvez se tratasse de magia negra ou coisa pior e foi me hipnotizando.

De início, tentei me afastar, mas meu corpo não obedeceu meus comandos, depois, aquela coisa maligna foi derrubando minhas defesas e o poder foi possuindo o meu corpo, subindo pelo meu braço até o pescoço e pisquei; minhas pálpebras estavam pesadas e, mesmo sem saber o que estava fazendo, afundei meus dedos ainda mais nos pelos macios de Eva, adorando a sensação que se apossava do meu corpo. Então desapareceu. Meus braços voltaram ao normal quando fui arrancada para longe do corpo de Eva por Joseph, que agarrou meus ombros e me puxou para longe para que eu me levantasse.

— Ei! Olhe para mim — ele falou de modo brusco e duro, tentando me olhar nos olhos, mas a sensação que eu tinha era que tudo estava girando, meu corpo estava entrando em combustão, pois não

podia aguentar aquela quantidade insuportável de magia, como se duas forças se chocassem dentro de mim e tentassem, em golpes violentos e sucessivos, aniquilar uma a outra. Eu estava tremendo e meus joelhos se dobraram, mas Joseph me agarrou e me pegou no colo.

— O que está acontecendo comigo? — forcei as palavras com dificuldade e soltei um grito de agonia. Joseph franziu o cenho, como se não suportasse me ver daquele jeito, mas me segurava com firmeza.

— Necromancia, querida.

— O quê? Como…

— Não se preocupe, eu estou aqui — ele soprou aquelas palavras e fechei os olhos, finalmente encontrando alívio na falta de consciência. Ao fechar os olhos, senti os lábios de Joseph depositar um beijo na minha testa e mergulhei, então, na densa e sombria escuridão da minha mente.

Sumário

Parte 4 — A noite divide o dia

E agora todo o seu amor é desperdiçado
Então quem diabos fui eu?
Porque estou quebrando todas as pontes, e no fim de todas as suas linhas…
Quem vai te amar?
Quem vai lutar?
E quem irá cair para trás?
Vamos amor frágil, o que aconteceu

aqui?
Nossos corações humanos se esquecem
do quanto são fortes
E se perdem ao longo do caminho
Se não consigo mudar sua decisão
Continuo pensando que este é o nosso
último adeus
Tem sido uma viagem e tanto

Parte 4

A noite divide o dia[36]

E agora todo o seu amor é desperdiçado[37]

NÃO FAZIA IDEIA DE TANTO TEMPO SE PASSARA quando acordei, mas a sensação que eu tive é que estava sufocando, me afogando, sendo estrangulada e incapacitada. Tudo junto, e foi assim que me sentei. Levei a mão ao peito de maneira instintiva, sentindo meu peito subir e descer rápido demais enquanto meus olhos esquadrinhavam o local. Não me lembrava com exatidão do que tinha acontecido antes, minhas memórias estavam confusas, minha visão estava borrada e minha cabeça girava.

Quando tentei me colocar de pé, estava tão tonta que voltei a me deitar, mantendo meus olhos fechados por alguns segundos até passar.

— Você está bem? — a voz dele era suave como veludo, macia, e acalmava os batimentos acelerados do meu coração como se o fato de caminhar na minha direção fosse um marca-passo, controlando-o.

— Não exatamente — pisquei com força. Não me lembrava com detalhes o que tinha acontecido, mas forçava minha mente com tanto afinco que levei a mão à têmpora na tentativa tola de refrear a dor. Joseph estava encostado ao lado da janela antes de caminhar na minha direção, com passadas lentas e ritmadas, as mãos enfiadas nos bolsos de sua calça social escura, voltando a ser um pouquinho do Joseph do qual eu me lembrava. Não totalmente.

Apoiei-me nos travesseiros e vi que era dia; talvez estivéssemos na metade da manhã, e vi que era o quarto de Rafael, o que me deixou confusa, para ser sincera. Aquilo não devia importar, considerando tudo o que acontecera, mas importava, pois era como se ele estivesse impregnado ali. Eu nem ao menos me lembrava se tínhamos conseguido concluir nossa tarefa. Toda a noite tornara-se uma lacuna na minha mente.

Mas tínhamos que ir por partes, adicionar aquelas à longa lista de perguntas do interrogatório mental

que eu preparara para Joseph. Ele se sentou na borda da cama e fixei meus olhos nos seus com uma lenta e densa respiração.

— Quanto tempo eu fiquei… — ergui o queixo suavemente. *Adormecida? Desmaiada?* Apagada*?* Não tinha certeza, afinal, era tudo semântica e eu não consegui finalizar minha frase ao pronunciar nenhuma.

— Um dia e meio. Eu drenei a magia antes que sobrecarregasse o seu corpo, mas não achei que tivesse… — ele parou de falar e desviou os olhos dos meus para a colcha, para minhas mãos; para qualquer coisa, exceto meus olhos, e eu podia dizer que havia algo errado enquanto buscava seu olhar. Joseph nunca fazia aquela coisa de desviar o olhar para conseguir falar, não importando sob que situação nos encontrássemos.

— O quê? — minha voz saiu mais baixa.

— Não achei que tivesse te salvado — ele me olhou de novo, com uma expressão perturbada que me afetou. Antes que pudéssemos ter a conversa importante, eu precisava entender o que tinha acontecido, juntar os fragmentos das memórias perdidas, e estava começando — Eu canalizei a magia, mas não consegui te acordar.

— O que aconteceu naquela noite?

— Do que você se lembra?

— Eu me lembro… — forcei minha mente a voltar naquela noite, a acessar a memória bem escondida, mas acabei frustrada — Lembro-me de ter, de algum modo, absorvido as memórias da Eva. Não sei exatamente como isso aconteceu…

— Provavelmente porque ela morreu e você a tocou…

— O quê? — minha voz saiu com um suspiro, meu queixo caiu lentamente — Ela… Ela está morta? — Joseph assentiu sucintamente e joguei meus ombros para trás — Como isso foi acontecer? — mordi o lábio. A pergunta não fora para ele, e eu não olhava mais em seus olhos, fora única e exclusivamente para mim, que tentei me lembrar do que deveríamos fazer. O que diabos tinha dado errado?

— Eu lamento.

— Rafael… — comecei e ergui novamente os olhos para Joseph, mas mais uma vez, não consegui concluir a frase.

— Ele está bem, todos estão — soltei a respiração em meu peito e afundei nos travesseiros. Não sabia se aquele era o momento em que começávamos a

falar sobre *nós*, pois eu ainda absorvia tudo aquilo, bem devagar — Temos que conversar.

— Eu sei, só me dê um minuto… — ele esperou pacientemente até que eu inflasse meu peito com todo o ar disponível ali e me voltasse para ele — O que aconteceu com você durante esse tempo em que esteve… *Preso?* — a palavra saiu com certa dificuldade. Joseph ergueu o queixo.

Seu rosto parecia melhor do que eu me lembrava, mas como sua pele estava pálida, poderia parecer pior, contudo, o roxo em seu olho desaparecia em breve, assim como o que ele tinha no canto da boca. Ele ainda não fizera a barba, nem tampouco cortara o cabelo, e, estranhamente, quase que contra a minha própria vontade, me peguei pensando em como tinha gostado daquilo.

— Acho que você viu o suficiente — sua voz não passou de um murmúrio e assenti. Sim, aquela visão horrível tinha sido o suficiente para que meus pelos se arrepiassem mesmo que ele estivesse diante de mim, bem e seguro — Mais alguma pergunta? — eu tinha milhares, era o que queria dizer, mas fiz que não com a cabeça. Joseph se remexeu milimetricamente, claramente desconfortável naquela posição, e suas feições se

endureceram.

— Ótimo, então é a minha vez — de algum ponto deturpado, aquilo poderia ser considerado *justo*, mas do meu, quem tinha passado por um inferno nas últimas semanas e nem acreditava que tudo tinha acabado, não era. Ao longo do caminho, eu tinha descoberto muitas coisas sobre ele, coisas que me fizeram questionar minhas escolhas, e eu estava em uma posição precária e vulnerável ali, então não, nada daquilo poderia ser considerado justo. Eu queria atirar tudo aquilo na cara dele — O que aconteceu com você durante esse tempo em que eu estive preso? — tinha que confessar que seu tom acusatório e sarcástico me pegava completamente desprevenida, então empertiguei os ombros.

Ele também podia jogar coisas na minha cara, aliás, mas isso não significava que ele tinha o direito de fazê-lo, por isso, empertiguei meus ombros e estreitei os olhos. Ainda não me lembrava de tudo com clareza, estava confusa, mas não me defenderia no meu papel de vítima.

— Eu estava tentando arrumar a sua bagunça, caso não esteja por dentro das atualizações — devolvi a ele no mesmo tom — Estava tentando manter a *nossa* filha segura, estava lidando com

todas as merdas que você fez ao longo da sua *longa* existência.

Joseph ergueu as sobrancelhas claras, surpreso.

— Está dizendo que isso *minha* culpa? Que eu fui amarrado e torturado…

— Estou dizendo que, indiretamente, você é responsável por tudo isso — interrompi-o ao erguer minha voz e me livrei do cobertor sem tirar os olhos dele — Se Leonard estava vivo para fazer tudo o que fez, sim, foi *sua* culpa.

— Não acredito que está me dizendo isso! — ele se levantou de modo repentino e rapidamente joguei minhas pernas para fora da cama, ficando de pé com um salto. Não sabia como, mas usando um pijama preto de tecido mole e confortável: camiseta e um curto short preto quando fui atrás de Joseph, que fez a volta na cama, e paramos um de frente para o outro. Ele estava com raiva porque eu o estava acusando de algo, mas eu estava ainda mais.

— Eu tenho mais uma pergunta — minha voz saiu alterada — Quando nos casamos, o que significou para você? — inclinei o rosto, buscando pelo seu olhar — Só… Um pedaço de papel no qual você colocou o seu nome? Ou… — estava começando a gaguejar ao me deparar com *aquele*

olhar dele — Um juramento idiota que você fez diante de pessoas que não conhecia? Só por fazer? — ele caminhou na minha direção como uma tempestade torrencial e ficamos de frente um para o outro, perigosamente próximos.

Ele queria gritar comigo, mas ele nunca gritava, e eu estava apertando meus punhos com força, permitindo, deliberadamente, que minhas unhas cortassem minhas palmas porque queria socá-lo, mas eu nunca o fazia.

— Do que está me acusando agora? De não ter sido fiel o suficiente? De não ter te respeitado? De não ter te *amado* o suficiente? — ele ergueu a voz na última frase, prestes a perder o controle e finalmente gritar comigo.

— De não ter sido sincero — interrompi-o antes que continuasse sua longa lista de coisas que o faziam ser o homem perfeito, porque, parte minha, ainda não achava aquilo certo. *Parte minha*, e era uma parte com uma força poderosa, só queria abraçá-lo para sempre, queria dizer o quanto tinha sentido a falta dele e estava feliz por ele estar vivo. *Parte minha* queria tocá-lo e beijá-lo e não abandoná-lo nunca mais. Mas aquela parte era boba, estúpida, masoquista e irracional — De ter

mentido para mim. Meu Deus, você faz alguma ideia do que *eu* passei? — gesticulei para mim mesma em um gesto involuntário ao dar dois passos para trás.

Eu estava gritando, porque *eu* era sempre descontrolada, é claro. Sentia-me incompreendida, na verdade. Só porque ele fora fisicamente torturado não significava que estava *mais certo* do que eu que, psicológica e emocionalmente, estivera um desastre.

— Não, eu não faço — ele respondeu calmamente e meu braço caiu ao lado do corpo.

Eu queria que ele gritasse comigo, assim, eu não seria a mulher louca e descontrolada que continuava gritando com o homem que nunca perdia a razão ou a compostura. Eu queria que ele me agredisse tão brutal e cruelmente com suas palavras quanto eu queria fazer com ele. Queria que ele me magoasse como eu queria que ele se sentisse magoado. Queria partir o coração do dele e despedaçar sua confiança como ele tinha feito comigo. Mordi o lábio enquanto meu nariz queimava, enquanto a absurda vontade de chorar incendiava o meu peito.

Cortei os exatos cinco passos que nos separavam

e esmurrei seu peito, pegando-o de surpresa e fazendo cambalear para trás.

— Eu te odeio, seu desgraçado. Eu te odeio! — Joseph agarrou meus pulsos com força e puxei-os para me soltar, descobrindo que ele era inesperadamente forte, o suficiente para me conter.

— Pare com isso, Juliette — algo em seu tom denunciou alguma magoa, mas sua voz era fria, sua expressão, contida. Ergui os olhos até os dele, tremendo em minha fúria — Pare, por favor… — ele se rendeu. Foi me soltando devagar e meus cotovelos descansaram em seu peito enquanto minha respiração se estabilizava, as lágrimas desciam pelo meu rosto.

Fechei os olhos, completamente alquebrada por dentro, e finalmente cedi ao meu corpo, lançando meus braços em torno dele e encontrando um inesperado conforto em meu ato. Queria me afastar, mas não podia me manter longe, apenas mantê-lo perto, cada vez mais, como se só em meus braços eu fosse ter certeza de que tudo aquilo era real. Que ele estava realmente comigo, pois ainda tinha medo de que pudesse desaparecer depois do meu surto psicótico.

Não sabia o que estava acontecendo ali, só me dei

conta que chorava em seu ombro e que minha cabeça doeu conforme os longos e assustadores segundos se transformaram em minutos.

— Eu te amo, mas não estou mais apaixonada por você — as palavras saíram da minha boca como se não fosse eu quem as dissesse. Os dedos de Joseph percorreram meus cabelos com carinho e suavidade, senti que seu braço esquerdo envolvia a minha cintura, mas algo em seu toque revelou a melancolia. Denunciando que eu o conhecia bem.

Bem demais. Não que aquilo fosse ruim, eu só gostaria que ter a ciência daquele conhecimento não doesse tanto: — Eu sei, querida — ele murmurou ao depositar um beijo em meus cabelos.

Então quem diabos fui eu?[38]

RAFAEL

NÃO TINHA AUTOCONTROLE O SUFICIENTE NO MEU CORPO para dar as costas e me afastar. Escutar conversas detrás da porta não era exatamente o que meus pais tinham me ensinado, nem o que meu caráter me dizia ser correto, mas quando se tratava daquela mulher, as coisas não precisavam fazer sentido ou serem aceitáveis. Apenas eram.

— Você deveria sair antes que algum deles decida terminar a conversa — arregalei os olhos ao ver Renée surgir no corredor.

— Meu Deus… — arregalei os olhos sem, contudo, perder um segundo da conversa que se

passava do outro lado da porta. Renée segurava uma caneca com café e parou do outro lado da porta com uma expressão casual — O que está fazendo aqui, Renée? — ela deu de ombros e maneou a cabeça na direção da porta.

Nem precisávamos estar tão perto da porta para escutar os gritos de Juliette, mas precisávamos para escutar a voz sempre razoável e contida do meu pai. Renée pareceu-me repentinamente atenta à conversa e dividi minha atenção entre Juliette e meu pai e minha irmã; uma vida inteira e eu nunca a entendera. Renée Hamilton era uma completa e indecifrável incógnita.

— Ei… — ela inclinou a cabeça na direção da porta e mordeu o lábio, segurando a caneca com as duas mãos antes de passá-la para a direita e agarrar meu pulso esquerdo, me fazendo atravessar o corredor e me virar de costas para o meu quarto; de frente para ele, ficava o antigo quarto de Cedrico. No mesmo segundo, a porta do meu quarto se abriu com um suave rangido e um som alto estalou no ar quando a mão de Renée encontrou meu rosto, depositando toda a sua força em um pesado golpe que me fez virar o rosto — Você é um idiota, Rafael — arregalei os olhos e massageei meu rosto.

— Au! Renée… — comecei a falar, mas minha irmã me olhou como se estivéssemos tendo uma acirrada discussão, e eu tivesse dito algo potencialmente imbecil, que a levara a dar um tapa na minha cara. De fato, eu não conhecia minha irmã, mas agora ao menos sabia que ela era uma excelente atriz, pois até eu acreditara nela.

Nem precisei me virar para ver que meu pai estava atrás de mim, mas o fiz assim mesmo. Não conversáramos desde que ele voltara, desde que *eu* voltara, mas eu simplesmente não sabia o que dizer a ele. Estava feliz por ele estar vivo, mas não sabia se queria que ele soubesse que ele estava, pois sempre que pensava naquele momento, e eu tivera poucas horas para fazê-lo, sempre via os anos de mentiras entre nós. Sempre via, principalmente, *Juliette* entre nós. E tinha certeza que ele também a via. Era como uma sensação, mesmo que ela não estivesse fisicamente presente, estava sempre lá. Quando não estava, se fazia presente em meu coração e eu sabia que se fazia presente no dele.

— Filho… — não me chamou pelo nome e aquela pequena palavra me causou uma sensação estranha, algo que eu queria evitar sentir.

Antes que eu pudesse continuar a inventar

desculpar infundadas na minha cabeça, já estava cortando os três passos que nos separavam e abraçando meu pai.

— Eu sinto muito por tudo isso. Por Leonard e por tudo o que você passou com Jeremy — ele expirou com força e nos afastamos; ele parecia afetado, como se as palavras de Juliette o tivessem feito se dar conta do que dizia — Foi minha culpa.

Eu ainda não tinha certeza sobre aquilo tudo, não tivera tempo para processar, por isso, apoiei a mão direita em seu ombro para que meu olhar encontrasse o seu, e me poupei das conclusões precipitadas.

— Está tudo bem, pai — não o chamava daquele jeito desde que eu conseguia me lembrar, mas parecia haver um estranho entendimento entre nós. Em nossos olhares, finalmente entendemos que Juliette não deveria estar entre nós.

JULIETTE

Todos evaporaram. Eu queria ir atrás de Cedrico para me certificar de que ele estava bem, mas não sabia onde ele estava e não podia simplesmente correr de um lado a outro naquele estado. Minhas

forças tinham se esgotado e fui obrigada a me deitar.

Tinha me apossado do quarto de Rafael há algum tempo, mas agora ele estava de volta e não pareceu se importar, pois eu nem ao menos o tinha visto. Mais um que estava me evitando e eu me culpava. Parecia que tudo estava indo bem para nós dois, que trazê-lo de volta a vida seria o único empecilho que nos separavam do que queríamos, mas Joseph estar de volta, tudo mudara. Eu também não sabia como seria e ainda estava pensando muito em tudo o que acontecera para ir atrás dele.

Simplesmente entendi que ambos precisávamos de tempo, então apenas me deitei para recuperar as forças. O dia rapidamente se transformou em noite e o que era para ser uma espécie de descanso se transformou em mal estar, pois fiquei tanto tempo deitada, sozinha com meus pensamentos sufocantes, que estava cheia. Precisava falar com alguém, mesmo com a sensação de que ninguém me entendia; acima de tudo, tinha que sair daquele quarto.

Chutei as cobertas e a porta se abriu enquanto eu me colocava de pé, rapidamente passando os olhos pela minha mão para me dar conta de que estava

completamente curada. Droga! Outra coisa com a qual eu teria que me preocupar, mas naquele momento, limitei-me a erguer os olhos e suspirar. Rafael estava parado na porta, com uma expressão indecisa de quem não sabia se entrava ou saía.

— Só quis ver se você estava bem — ele falou com cuidado e ficamos nos encarando a distância, mantendo o olhar sem nenhuma palavra a ser dita — Você está? — permaneci em silêncio, olhando-o de cima a baixo com cuidado. Eu queria acreditar que ele estava ali porque se importava comigo, porque estivera preocupado enquanto eu estivera adormecida, mas minha mente encontrava coisas que indicavam que tudo aquilo estava errado.

O modo como ele me olhava, como seus olhos verde-musgo passeavam pelo meu corpo e pelo quarto a minha volta. O modo como segurava a porta, a indecisão em seu olhar e aquela conversa de *ver se eu estava bem*. Parecia algo surreal e impossível de acontecer. Ou eu simplesmente estava ficando maluca. Estreitei os olhos e comecei a dar a volta em torno da cama, muito lentamente, tão devagar que meus pés se arrastavam pelo chão.

— Por quê?

— *O quê?* — ele balançou a cabeça sem entender.

Ou fingindo não entender.

— Por quê você veio aqui, Rafael? — inclinei o rosto. Ele não gostava do que estava vendo no meu rosto e deu um passo para trás, largando a porta, que rangeu e abriu completamente — Por quê?

— Julies, olhe, o que quer que esteja se passando pela sua cabeça… — ele estava com medo de mim. O Rafael de verdade nunca tivera medo de mim. E nem nunca teria. Por isso eu sabia que estava vendo coisas.

— Não… — balancei a cabeça devagar com os lábios entreabertos — Você não é… *Você* — ergui as mãos e enfiei os dedos nos cabelos, frustrada, tremendo — Isso não pode estar acontecendo de novo…

— Ei, do que você está falando?

— A essa altura — joguei meus cabelos para trás e ri, sem entender por que o estava fazendo, somente consegui balançar a cabeça. Rafael deu outro passo para trás, alcançando o correndo. Ele estava com medo de mim de verdade — vocês deveriam saber que eu entendi. Eu sei quando é real e quando não é…

— Você está me assustando, do que você está falando? — um junco se formou entre suas

sobrancelhas e me virei, vendo outro Rafael atrás de mim — Juliette… — seu tom sugeriu cautela e o segundo Rafael, o que estava dentro do quarto, me alcançou, puxando meu cotovelo para que eu ficasse perto dele.

— Juliette, *eu* sou real, querida. Não acredite nele — ele maneou a cabeça para o outro Rafael, o do corredor, e soltei-me dele, dando vários passos para trás, presa entre os dois — Olhe para mim. Você sentiu o meu toque, eu sou real, eu estou aqui…

— Não — enfiei os dedos nos cabelos a ponto de arrancá-los. Eu não sabia qual deles era real e aquela falta de discernimento já me fizera cometer erros mortais — Por favor, saia da minha cabeça… — cobri os olhos com os punhos, sentindo as lágrimas quentes rolando pelo meu rosto — *Por favor… Vá embora!*

— Julies, eu quero te ajudar — o Rafael do corredor se aproximou, mas eu sentia que o outro ainda estava suficientemente perto de mim para que eu sentisse o calor do seu corpo — Por favor, me diz o que está acontecendo, querida.

— Não… — um suspiro escapou dos meus lábios e encostei-me a parede ao lado da porta — Nenhum de vocês é real — engoli em seco, levando as

lágrimas junto, secando meu rosto e abrindo meus olhos. Os dois pareciam bastante reais, mas nenhum dos dois era — Vocês dois vão desaparecer… — fiz o melhor que pude para enxugar meu rosto, mas os dois não sumiram, continuaram me encarando como se se perguntassem se eu tinha ficado louca, mas fizessem bastante esforço para não demonstrar aquele olhar.

— Eu sou real — o da direita falou e alcançou meu pulso esquerdo; era uma alucinação, mas eu não tinha forças suficientes para puxar meu braço, que ele puxou com toda a cautela do mundo e pressionou contra seu peito incandescente. Seu coração batia muito forte em seu peito, através da sua camisa azul-clara de botões — Está sentindo isso? Eu estou vivo, eu estou, Juliette — lentamente, ele deu um passo na minha direção e mordi o lábio.

De repente, senti meu braço direito sendo erguido pelo outro Rafael, que fez o mesmo que o primeiro. A sensação era *exata e precisamente* a mesma, e minha boca se entreabriu para que as palavras saíssem, mas elas não saíram, pois eu não conseguia falar, então comecei a chorar.

— Eu estou aqui, Juliette. *Eu* sou real — o segundo falou e arregalei os olhos, com os olhos fixos nos dele — Lembre-se de tudo pelo que passamos juntos, bem aqui nesse quarto — engoli em seco e ergui o queixo com o lábio inferior trêmulo.

— Julies, eu não sei o que você está vendo — voltei meus olhos arregalados e assustados para o primeiro, completamente paralisada e anestesiada — Mas… — ele colocou a mão sobre a minha em seu peito, correndo o polegar pela minha mão com carinho. Aquilo era real ou também era coisa da minha cabeça? O toque dos dois parecia real para mim, como diabos eu ia saber qual deles era real?

Porque estou quebrando todas as suas pontes, e no fim de todas as suas linhas…[39]

LARGUEI OS DOIS DE MODO ABRUPTO E SAÍ CORRENDO do quarto, em prantos. Para onde corria, não fazia a menor ideia, mas atravessei o corredor e fui na direção das escadas. Os dois fantasmas me perseguiram e um deles agarrou meu cotovelo e me fez parar da beira da escada; Rafael era bem mais alto que eu e se inclinou sobre mim, fazendo com que eu me sentisse estranhamente diminuída: — Já chega, Juliette, pare com isso

agora mesmo. Pare de fugir e falar coisas desconexas e me diga o que está acontecendo — o outro Rafael desceu o primeiro degrau da escada de modo casual — Julies…

— Não acredite nele, Julies, ele está na sua cabeça — ele estendeu a mão, que fiquei tentada a aceitar, e inclinei o rosto, alternando o olhar entre os dois — Eu vou te ajudar. Tenho certeza que essas alucinações que você anda tendo podem ser curadas, com um feitiço… Eu não sei, não vou fazer promessas, mas eu te amo — um junco se formou entre suas sobrancelhas e ele se aproximou, mantendo seu corpo perto do meu um degrau abaixo de mim —, *você* me ama. Vamos resolver isso juntos…

— Juliette, olhe para mim — o outro, o que me segurava pelo cotovelo, chamou minha atenção de volta para o seu rosto — Me conte o que está havendo, por favor… — ele lutou para suavizar seu tom e puxei meu braço, agitando a cabeça com veemência, e desci um degrau.

— *Você* não é real. Apenas desapareça, saia da minha cabeça… — implorei e ele me seguiu.

— Apenas me fale, a gente pode resolver isso. Olhe só pelo que passamos — seu tom sugeriu

desespero, assim como sua expressão.

— Prove que é você — estendi o braço para manter a distância entre nós. O outro Rafael, da lateral da escada, desceu um passo — Você também, fique parado, bem longe de mim.

O primeiro Rafael, que estava de frente para mim, dois degraus e meio acima, vacilou, pensativo. O outro também parecia pensar em como comprovar sua existência.

— Quando nos reencontramos — o que estava na minha frente falou primeiro, com a voz apressada: — eu te algemei e Esme colocou fogo no meu carro. Eu me senti tão culpado depois disso, me culpava tanto, que mal conseguia te encarar. Eu poderia ter te matado e essa possibilidade acabou comigo.

Suas palavras me afetaram, acertaram o meu coração com toda a força e o peso que elas tinham, mas tentei pensar com a cabeça.

— Você está na minha cabeça e essa é uma das minhas memórias. Isso não prova nada — fiz que não e mordi o lábio, tendo minha atenção atraída para o outro.

— Julies, olha, eu não sei como provar isso para você, mas a sensação que eu tive quando passamos

aquela noite juntos em Nova Orleans foi estar vivo de novo. E não me sentia assim há anos…

— O que vocês estão fazendo aí? — virei-me para ver Joseph entrar na sala de estar, saído da biblioteca, com uma cara intrigada. Finalmente, alguém para me ajudar com o meu dilema e para me dizer quem era real ali. Virei-me e desci as escadas.

— Eu preciso da sua ajuda — os dois Rafael também desceram enquanto eu corria para um frustrado Joseph, que espiou por cima do meu ombro antes de me olhar, consertando uma mecha do meu cabelo com delicadeza — Por favor, eu preciso da sua ajuda…

— O que está acontecendo, querida? — um junco suave se formou entre suas sobrancelhas e me virei.

— Preciso que me diga qual dos dois é real — alternei o olhar deles até Joseph, que dei um passo para longe de mim.

— O que você está tentando fazer comigo? — ele começou a me olhar estranho, como se visse o próprio diabo diante de si. Eu, que já não entendia as alucinações, entendia menos ainda as reações dele, assim, inclinei o rosto.

— O que você quer dizer?

— Seus olhos, Juliette. Seus olhos estão dourados, como na noite em que a magia necromântica se apossou de você e não sei se é a sua intenção, mas está lançando um feitiço com essa mesma magia em mim agora mesmo e estou vendo o meu filho duplicado. Então… O que você está fazendo e o que está acontecendo?

— Não, Joseph, por favor… — cortei o espaço entre nós e coloquei as mãos em seus ombros, encarando-o com descomunal desespero — Você precisa me ajudar, precisa me dizer qual deles é real. Por favor… Eu não sei mais o que real e o que não é — ele me apoiou, me estabilizou e me manteve firme de pé.

— Desculpe, querida, mas enquanto não deixar isso ir, eu não faço a menor ideia de qual deles é real — um deles deu um passo a frente e Joseph colocou-me atrás dele, envolvendo-o com o braço de modo protetor.

— Pai, sou eu — ele fez um gesto na direção do peito. Assim como eu, Joseph não era facilmente convencível e não cedeu — Olhe, deve ter algum livro na biblioteca que nos ensine como neutralizar esse tipo de magia — ele manteve distância, aceitando as desconfianças. Será que meus olhos

realmente tinham mudado de cor? Mudado de verde para dourado?

— Não sei se você é o meu filho e não confio em você, mas você pode estar certo — ele estreitou os olhos com cuidado e aquele Rafael deu um passo para trás, aceitando as desconfianças com uma passividade incomum, algo que *eu sabia* que o *meu* Rafael não teria feito.

— Espere… — afastei-me lentamente de Joseph e dei um passo a frente — *Você* é uma coisa da minha cabeça…

— Juliette, ei… — Joseph estendeu a mão para me tocar, mas desvencilhei-me, mesmo de costas. Eu não sabia o que estava se passando pela minha cabeça, não tinha nenhum controle sob o meu corpo e minhas ações eram desordenadas — Querida, pare, não é ele…

Não esperei que Joseph falasse, pois empurrei o Rafael que estava a minha frente e joguei-o no chão. Meu antebraço estava contra a sua garganta e meu corpo perigosamente sobre o seu quando ele ergueu a mão para usar magia, não funcionou. Mais uma prova de que ele não era real, pois o Rafael de verdade era forte o suficiente para me deter se assim precisasse. Ergui o braço na direção de

Joseph e formei uma barreira invisível entre nós.

— Querida, não faça isso, você não sabe se ele é ou não o Rafael.

— Eu sei — eu era uma lunática, isso sim, e voltei meus olhos para Rafael abaixo de mim — E quando eu matá-lo, tudo isso vai ter acabado. Eu estarei livre e vai ficar tudo bem.

— Julies, por favor, eu sou — ele ergueu as sobrancelhas, implorando já que não podia se libertar — Olhe para mim, olhe nos meus olhos…

— Você está tentando me enganar. *Você é uma alucinação!* — rosnei entre dentes antes de alongar minhas presas e cravar em seu pescoço. Ele colocou as mãos em meus ombros, tentando me afastar, mas eu era forte o suficiente para que não conseguisse. Além disso, ele não existia. Quando ele morresse, as alucinações iriam juntos e eu e Rafael, o verdadeiro Rafael, o homem que eu amava, estaríamos finalmente livres de qualquer empecilho; finalmente poderíamos ficar juntos sem nada nem ninguém entre nós.

— Juliette, pare! — Joseph gritou para mim, tentando desfazer a barreira. E ele estava, aos poucos, derrubando-a; ele era forte o suficiente e não demorou muito para conseguir. Para me agarrar

pelos ombros e me colocar de pé — O que você fez? — ele era uma alucinação. Deveria desaparecer, voltar para o inferno de onde viera, para o mais fundo em meu subconsciente onde estivera adormecido.

— Ele não é real.

— Ele é *muito* real — quando ele falou aquilo e checou os sinais vitais de Rafael, comecei a acreditar nele.

Aquele Rafael era de verdade.

Eu sempre escolhia errado.

Quem vai te amar?[40]

— NÃO, NÃO, NÃO… — A CONSCIÊNCIA RECAIU SOBRE O MEU CORPO de forma dolorosa quando me dei conta do que *eu* acabara de fazer, mas a estranha sensação que me dominara é que não era eu. Era que algum ser se apossara do meu corpo e agora que eu era eu de novo, caí de joelhos no chão, com as lágrimas acumuladas em meus olhos — Não, por favor… Você não está morto, você não pode morrer… — arquejei e segurei o rosto dele, mal podendo respirar.

— Juliette, fique longe dele — Joseph falou calmamente e ergui meus olhos para ele sem conseguir esconder o choque que dominava o meu rosto, mas principalmente o meu corpo — Você vai absorver a magia da morte dele — ele segurou

meus pulsos e me afastou — E você não pode fazer isso, senão não poderemos trazê-lo de volta.

— Não! — aceitei quando ele me puxou para longe e me colocou sentada no sofá, agachando a minha frente. Meu lábio estava tremendo e meu corpo se encontrava anestesiado, além de qualquer reação — Ele não está morto… — falei entre soluços, por entre um choro forte, que chacoalhava o meu peito, o fazia tremer com força — Joseph, ele não está morto, ele não pode morrer… — as palavras saíam confusas, atropeladas, e poderiam nem fazer sentido, pois ele se sentou ao meu lado e puxou meu rosto, recostando-o em seu ombro.

— Está tudo bem — ele correu os dedos pelos meus cabelos, mas meus olhos não saíam de Rafael, do seu corpo pálido estirado no chão — Nós vamos dar um jeito nisso, vamos trazê-lo de volta — não me apeguei ao que ele dizia, era como se não falasse nada, ou murmurasse coisas incoerentes em um idioma que eu não conhecia. A única coisa que fazia sentido na minha cabeça era o fato de eu ter acabado de matar o amor da minha vida e, de uma maneira inexplicável, mal me lembrava de ter feito aquilo.

— Isso é tudo minha culpa — murmurei em um

alemão confuso e atropelado. As lágrimas continuavam rolando pelo meu rosto, incontroláveis. Não saberia dizer quanto tempo ficamos daquele jeito, mas Joseph me segurou perto dele até que eu conseguisse parar de chorar e me acalmasse.

— Isso não é sua culpa. Escute — ele segurou meu rosto entre as mãos e terminou de enxugar minhas lágrimas, que corriam silenciosas pelo meu rosto — os espíritos querem que eu te dê um recado. Eles têm uma proposta para você, querida — pelo tom fúnebre que empunhara em sua voz, eu poderia afirmar que não era uma boa proposta.

— *Espíritos?* Como ancestrais? — meu rosto se retorceu diante daquela palavra. Eu não via nenhum ali, mas ele era o xamã todo poderoso.

— Não, os espíritos dos antigos, eles não são como os ancestrais. São minha fonte de magia e querem *te ajudar* — e eu sabia que aquela *ajuda* viria com um preço alto. Talvez alto demais — a lidar com as alucinações e trarão Rafael de volta.

— O que querem em troca? — eu estava disposta a dar qualquer coisa. Joseph abaixou as mãos e ergui o queixo.

— Eles querem… Um amor puro. Querem que

você fique longe de Rafael quando ele voltar a vida. Para sempre — meu coração parou, o tempo congelou a minha volta; meus braços caíam sobre meu colo e respirei fundo.

Sim, sim, sim. Eu ficaria longe dele se aquilo fosse trazê-lo de volta.

— E se eu não aceitar?

— Eu posso trazê-lo de volta com um ritual de magia — Joseph hesitou e deslizou a língua brevemente pelo lábio inferior — Mas ainda teríamos que lidar com essas alucinações. Seu poder continuaria crescendo, cada vez pior, e isso poderia acontecer de novo.

— Eu… — engoli em seco e me levantei — Você pode trazê-lo de volta sem esses *espíritos*? — ele fez que sim e me voltei para o corpo de Rafael, e fiz meu caminho até ele com o passo lerdo, ajoelhando-me. Joseph dissera que eu não deveria tocá-lo, pois absorveria a poderosa magia da sua morte, que estalava a minha volta com poderosas ondas. Provavelmente fora o que eu fizera com Eva. Eu não podia nem sonhar em controlar a necromancia, pois isso, tomei cuidado para não chegar perto demais — Eu amo você. Prometo que vai ficar tudo bem. Não se esqueça disso sob

nenhuma circunstância, não importa o que aconteça… — murmurei tola e emotiva, ciente que ele não me ouvia, pois estava morto.

Porque eu o tinha matado.

Levantei-me, internamente mais forte e respirei fundo.

— Eu tenho uma ideia melhor.

— Não faça uma idiotice, por favor. Vamos dar um jeito na sua magia, Juliette… — fiz que não.

— Não, não vamos. *Eu* vou.

Quem vai lutar?[41]

— ME AJUDE... EU NÃO TENHO MAIS NINGUÉM A QUEM recorrer — eu aprendera o caminho através do escuro infinito até o bunker e quando a luz me atingiu, foi que percebi que estava de pijama, mas, graças a Deus, Alaric estava sentado no sofá com um copo de uísque e deu um pulo ao me ver entrar, afinal, eu estava horrível. De pijama e com o rosto vermelho e inchado de tanto chorar.

— O que aconteceu? — ele largou o uísque ao lado do abajur e me ajudou a caminhar, sentando-me cuidadosamente no sofá. Ele se sentou na mesa de centro diante de mim e esperou.

— Eu não sou eu mesma… Não sei por quanto vou continuar sendo eu, porque posso surtar a qualquer momento — atropelei as palavras e ao ver

a expressão confusa de Ric, forcei-me a respirar fundo para *tentar* falar — Eu fiz uma coisa horrível, Ric, e eu… — mais lágrimas surgiram dos meus olhos e ergui o queixo. Mal conseguia terminar aquela frase — Eu fiz uma coisa horrível e eu não… — ele estendeu o braço e pegou o copo com uma dose dupla de uísque onde deixara, entregando-me.

— Toma isso, vai se sentir melhor — segurei o copo com as duas mãos, pois se não o fizesse corria o risco de deixá-lo cair, e virei todo o conteúdo de uma vez. Por um momento, a sensação de queimação foi horrível, mas depois de um segundo, o líquido meio que me anestesiou, ajudou com a dor que eu sentia dentro de mim — Melhor? — fiz que sim debilmente e ele devolveu o copo a seu local de origem — Certo, me conte o que aconteceu.

— Não posso — fiz que não com uma implacável veemência — Tudo que você tem que saber é que eu fiz algo terrível e não consigo viver comigo mesma depois de ter feito isso. E eu não posso te contar para que isso não se torne emocional, para que você não se importe comigo — parei de falar por tempo o suficiente apenas para respirar — Eu

só vim aqui porque não conheço ninguém que aceitaria fazer isso, então… — inspirei profundamente e ergui o queixo, mantendo o meu olhar na mesma altura do que o dele.

— Então… O que precisa que eu faça, Juliette?

Engoli em seco e limpei a garganta.

— Preciso que me mate.

Ric franziu o cenho com evidente desconforto.

— Você ficou simplesmente louca?

— Sim. Literalmente. Por isso preciso que me mate, para que eu não machuque mais ninguém — inclinei-me em sua direção, com evidente súplica em meu olhar — Não posso mais fazer isso, Ric, por favor…

— Eu sei o que você precisa. Controle.

— Eu sei, mas eu não tenho. E está tudo muito confuso agora…

— Me escute — ele me interrompeu ao erguer a voz — Você precisa de controle e eu preciso de duas semanas. É tudo que peço — inicialmente não entendi, assim, abri a boca para perguntar, mas Ric continuou: — Duas semanas. Se eu não conseguir te ajudar, eu mesmo te mato — aquilo soara como uma promessa.

— Você não quer saber o que eu fiz? Ou quem eu machuquei? — franzi o cenho. Quando chegara ali, eu tinha uma proposta clara a fazer, a coisa seria rápida; eu não queria falar. E de uma hora para a outra, tudo mudara. Eu *queria* falar, mas principalmente queria que ele quisesse saber. No entanto, Alaric fez que não com a cabeça.

— Não, não me interessa saber. Como você disse, se você não falar, será mais fácil quando eu precisar te matar — ele parecia ter certeza que precisaria quando se levantou. Alaric deu a volta no sofá, mas não o segui com o olhar, concentrei-me no fogo.

Então senti uma picada de agulha no pescoço. Rápida. Toquei o local onde a sentira por um breve segundo e fechei os olhos, tonta. Alaric deu a volta no sofá e se sentou do meu lado direito: — Deite-se — ordenou e colocou minhas pernas sobre o sofá. Não falei nada, nenhum protesto, pois não consegui. O que quer que ele tivesse acabado de injetar em mim foi o suficiente para me derrubar, assim, deitei no sofá e Ric ajeitou uma almofada sob minha cabeça.

— O que você fez comigo? — meus olhos se fecharam e minha voz saiu num único fio frágil.

— Injetei um veneno em você — esforcei-me para abrir os olhos. Queria gritar, mas nem para isso eu tinha forças, assim, limitei-me a entreabrir os lábios. Ric ajoelhou-se no chão perto e ajeitou a almofada, como cuidasse para que eu ficasse o mais confortável possível, mesmo tendo acabado de confessar que me envenenara.

— Achei que tivesse acabado de se voluntariar para… *Me ajudar* — ele teve que inclinar o rosto para me ouvir e esticou o braço esquerdo para tirar uma mecha de cabelo que caía em meu rosto. Meus olhos se fecharam novamente e fiquei parada; poderia estar morta a qualquer segundo.

— E eu vou te ajudar, querida — a ponta dos seus dedos percorreu meu pescoço até minha clavícula. Queria perguntar o que ele estava fazendo, mas nem podia ver o que era — Vou te ajudar a controlar a sua mente, por isso, enfraqueci seu corpo — sua mão esquerda estava em meu ombro, eu podia sentir, e a direita pegou minha mão esquerda. Ric diminuiu o tom da sua voz, que se tornou terrivelmente melancólica: — Preciso que lute com a sua mente. E, por favor, não morra, querida.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

E quem irá cair para trás?

[42]

ALARIC

EU NÃO SÓ ESPERAVA QUE ELA SOBREVIVESSE COMO *QUERIA* desesperadamente que ela sobrevisse. Que ideia de merda eu tivera, não era a toa que meu irmão me achava um babaca. Mas quando a garota pela qual se estava apaixonado aparecia na sua casa de pijama no meio da noite, te pedindo para matá-la, o que mais se podia dizer? A alternativa, por pior que fosse, era sempre melhor.

— Por favor, não morra, querida — sua respiração se estabilizou e observei com toda a calma do mundo enquanto seu peito subia e descia com tranquilidade. Sua boca bem desenhada estava suavemente entreaberta, seus cabelos negros caíam pelos seus ombros e os fios ondulados se esparramavam pela almofada. Seu corpo estava

gelado antes mesmo do veneno, por isso, permaneci perto dela, aquecendo seu corpo com o calor mítico que me possuía.

Eu queria ver seus olhos de novo, faria qualquer coisa para ver aquele verde incrível de novo, mas por enquanto, não podia ajudá-la, ela teria que fazer aquilo sozinha. Puxei uma fina mecha do seu cabelo e enrolei em meus dedos, fazendo anéis nele enquanto olhava para seu rosto, tomado por uma densa calma, perdido em meus próprios pensamentos.

Eu não queria saber o que ela tinha feito, a quem ela tinha machucado, mas não era porque não me importava, e sim, porque o fato de ela amar tanto outra pessoa a ponto de querer morrer ao machucá-la me afetava mais do que eu admitiria em mil anos. Eu era um dragão e desde que meus pais morreram, eu protegia o meu irmão. Meu ingênuo irmão. Ele sim, era o apaixonado. Eu era o irmão que fazia os planos, quem via o pior lado das coisas, quem as consertava quando alguém estragava tudo.

Podia até dizer que era inexperiente em alguma coisa, pois nunca, durante toda a minha existência, amara alguém. Até aquele momento. Markos dizia

que era bom, mas a sensação que eu tinha a cada vez em que a via era que estava saltando de paraquedas. Sem o paraquedas. E eu caía.

Eu caía todas às vezes quando tentava me afastar.

Caía todas às vezes porque não tinha opções.

Caía a cada segundo por sentia que ela precisava cada vez mais da minha ajuda.

Mas principalmente, eu morria um pouco a cada vez em que ela recorria a mim, pois sabia que ela amava outra pessoa. Que sempre amaria. Era masoquista e altruísta demais? Certamente. Mas aparentemente, segundo minha única fonte, que era o meu irmão mais novo, o amor não precisava ser muito racional, então tudo bem. Parecia que eu continuaria tomando decisões que me machucariam enquanto ela aquela mulher estivesse em minha vida.

Poderia ser muito tempo ou poderiam ser cinco minutos. Eu poderia ter acabado de matar a única mulher que me fizera amar em toda a minha vida. Era um longo, *longo* tiro no escuro.

Assim, mergulhei na escuridão da sua mente.

Ela estava em uma espécie de boate quando consegui acessar seus pensamentos. Suas

memórias, para ser mais exato. Será que era aquele o lugar onde Juliette encontrava refugiu? Porque, sinceramente, eu imaginara que ela fosse do tipo mais romântica e aquela era praticamente uma boate de strip-tease. Era uma boate alemã, pude ver pelo letreiro, e era um local relativamente pequeno, transmitindo a sensação de que todo mundo deveria se espremer.

O espaço era retangular e tinha um palco onde uma mulher dançava pole dance e homens jogavam euros na sua direção, além dos homens que nunca pareciam ter visto uma mulher seminua durante toda a vida, um bar com todas as possíveis variedades de bebidas se estendia pelo lado esquerdo do local, tomando três metros ou mais, com bancos dispostos ao longo dele onde as pessoas se aglomeravam, agitando dinheiro e pedindo por bebidas, berrando coisas em alemão. O que me surpreendeu, na verdade, não foi o local para onde a mente de Juliette me levara, e sim, perceber que eu entendia as palavras em alemão que eles falavam.

Do lado oposto ao bar, encostada em uma pilastra, estava Juliette acompanhada do meu irmão. Seus cabelos caíam com cachos leves e

soltos pelos seus ombros. Seus braços estavam cobertos por uma blusa preta e transparente que exibia o sutiã meia-taça da mesma cor que ela usava por baixo. Meus olhos foram descendo até sua saia curta e rodada, depois, pela meia-calça e suas botas de salto quadrado; o único tom de cor nela era o dos seus olhos, que esquadrinhava a multidão com uma pericia assustadora. Suas costas estavam contra a pilastra e meu irmão estava ao lado dela, também todo de preto, e falava em seu ouvido.

Juliette assentiu e me aproximei, fitando seu rosto sob as luzes multicoloridas, para escutar o que ele tanto falava com ela.

"Quero que você vá até lá e faça aquele homem te pagar uma bebida", ele maneou a cabeça na direção de um homem que estava sentado no bar tomando distraidamente um martini.

"Por que eu iria querer que aquele homem me pagasse uma bebida?", ela finalmente ergueu os olhos para ele, com uma expressão inflexível e centrada, falando em alemão. Eu não imaginava como ela poderia ser mais linda, mas enquanto a ouvia falar alemão, só conseguia pensar que ela continuava excedendo todas as minhas

expectativas. "Ele parece só um babaca qualquer em um bar".

"Não faça perguntas, senhorita Hohenfels. Ordens são ordens", ele deu um tapinha no ombro dela e empertigou os ombros. "Vá até lá e faça, eu explico depois", e deu-lhe um empurrãozinho.

Ela não estava nem um pouco feliz com a ideia, mas atravessou a pista de dança e fez seu caminho até o bar com uma expressão decidida. Ela era uma vampira, poderia simplesmente ter compelido o homem e considerado o trabalho concluído, mas ela parecia aproveitar um desafio.

Como tinha muita gente ali, ela encostou-se ao balcão ao lado do homem e puxou uma mecha do cabelo, deslizando-o sensualmente pelos lábios enquanto erguia o braço esquerdo para chamar o barman, que estava ocupado demais para atendê-la imediatamente.

O alvo, um homem de aparentes quarenta e poucos anos e nem um pouco atraente, usava terno e parecia esperar por alguém, mas algo me dizia que a parte do esperar não o agradara muito, ergueu dois dedos e gesticulou para o homem atrás do balcão em direção a seu martini. O barman assentiu no mesmo segundo e pouco depois, o

homem de terno deslizou a taça de martini na direção de Juliette.

"Por minha conta", ela ergueu os olhos e mordeu os lábios.

"Obrigada, Homem misterioso", ela soltou o cabelo com um sorriso discreto, mas sensual o suficiente para que o homem não tirasse mais os olhos dela, que encostou a taça no lábio inferior, também não tirando os olhos dele. Ela não bebeu.

"Albrechto Otto Bähr". Era um nome muito longo para quem estava flertando em um bar. Ele estendeu a mão e ela largou a taça sobre o balcão, estreitando os olhos por um momento antes de aceitar.

"Juliette Isabelle Von der Hohenfels", ela retrucou com um sorriso atraente, certamente atraindo a atenção do homem para algo além da beleza.

"É um sobrenome incomum. Interessante", agora ele a olhava de cima a baixo enquanto terminava seu martini a goles curtos, como se a imaginasse nua e aquilo me incomodava profundamente. Gostaria que aquilo fosse real, e não uma lembrança dele, para que eu pudesse socar aquele babaca. Quando eu me tornara aquela pessoa que

socava outros por flertarem em um bar com alguém que eu não devia, não podia*, sentir ciúme, não sabia dizer. Nem saber que tinha acontecido até acontecer e eu simplesmente odiava aquilo.*

Odiava a mim mesmo quando estava perto dela.

Odiava a pessoa que eu me tornava quando tudo começava a girar em torno dela.

Sobretudo, odiava aquele instinto primitivo que eu sentia, aquele que me fazia correr para salvá-la sempre que ela precisava ser salva. Mas Juliette não precisava ser salva daquele imbecil. Ao menos daquela vez, eu podia dar um passo para trás.

De repente, toda a cena desapareceu. O bar e suas luzes escuras se dissolveram em uma luz branca, que atingiu meu rosto, me cegou por um momento. Então, me vi em sua casa, onde Juliette estava sentada no sofá com as costas pressionadas contra o braço dele e as pernas pressionadas contra o sue peito em uma posição frágil, como se algo a abatesse e tirasse suas forças. Havia olheiras abaixo dos seus lindos olhos verdes e uma ruga de preocupação em sua testa enquanto ela olhava para a outra metade do sofá a sua frente.

"Ric?", ela me viu. Ao contrário do bar, ela me viu. Viu que eu estava lá e me aproximei dela, me

sentei no sofá perto dela. "Eu estou vendo coisas, não estou?", ela agitou a cabeça, confusa e fiz que não.

"Não, você não está, mas isso não significa que isso tenha acabado", ela piscou e olhou para os joelhos. Era perceptível em seu semblante que ela forçava a sua memória a se lembrar de alguma coisa difícil e parecia doloroso para ela quando ergueu os olhos até os meus.

"Eu sei, eu me lembro do que aconteceu", Juliette mordeu o lábio e fez que não gentilmente, como se negasse algo. "Você disse que não se importava, então não vou complicar para você. não vou te contar quem eu matei".

"Eu preciso te deixar agora", ela assentiu tristemente quando me levantei. "Boa sorte, querida".

JOSEPH

— Todo o esforço que tivemos para nada — Renée deixou que seus braços caíssem ao lado do corpo com um suspiro. Ela queria ir embora. Ela sempre queria ir embora, mas daquela vez, ao olhar para o corpo do irmão, ela *não podia* ir embora, pois se

sentia na obrigação de ajudar e sabia que precisaríamos dela.

Aliás, só tínhamos Renée e Cassie. Cedrico era um vampiro, Rafael estava morto, Elena estava fora de jogo e Juliette sumira na noite sem dizer para onde ia.

— Eu odeio isso, odeio essa família — ela se sentou e enfiou o rosto entre as mãos. Talvez ela se sentisse mais segura salvando pessoas desconhecidas no Oriente Médio do que salvando a própria família. Questionei-me se aquela não era a circunstância maluca em que eu ligava para todos os Hamilton na minha lista de contatos e implorava por ajuda.

Provavelmente era.

Vamos amor frágil, o que aconteceu aqui?[43]

O FATO DE QUE EU PRECISAVA MOVER A TERRA SOB NOSSOS PÉS não era exatamente um ponto negativo da coisa toda, pois me mantinha ocupado e evitava que eu pensasse em Juliette durante todo o tempo do qual eu dispunha. Na verdade, só até o pôr do sol e a ideia de me ver livre daquilo tudo me causava estranha ansiedade e expectativa.

Eu não era tão altruísta assim, mas estava na hora de me livrar daquilo tudo e aquela parecia ser uma boa oportunidade. Tudo que eu precisava foi feito. Colocamos o corpo dentro de um círculo, a única coisa que eu precisava que minhas filhas fizessem, só para garantir, e cortei minha palma para que meu

sangue estivesse ligado ao círculo e me sentei do lado de fora dele em posição de lótus.

Não gostava de feitiços, nem de magia, nem daqueles conflitos todos que vinham acontecendo desde que eu estivera de volta; Cedrico sumira, de luto pela garota loba que ele gostava, e o silêncio do fim da tarde era bom. Ao mesmo tempo em que ensurdecedor, pois eu nem ao menos fazia a menor ideia de onde Juliette estava.

— O que você vai fazer? — Cassie se sentou perto de mim, mas não perto o suficiente, apenas pegou a mão de Renée, que me encarava sem nem se esforçar para esconder sua falta de vontade em estar ali.

— Trazer Rafael de volta a vida, ora — Cassandra estava naturalmente mais empolgada em ajudar a salvar seu irmão. Não queria dar detalhes para que ninguém tentasse me impedir; eu não discutir até que estivesse feito e não pudesse mais ser desfeito.

Aquele fora o dia em que eu me cansara de viver.

Comecei a recitar as palavras com lentidão, com uma cadência estranha como se entoasse um cântico, mas praticar magia me causava uma

estranha nostalgia. As chamadas as velas em torno do círculo se ergueram, mas não pela minha magia, mas pela magia de Cassie e Renée, pois minhas palavras eram somente murmúrios irrelevantes que não causavam qualquer efeito a minha volta, somente dentro de mim.

Fechei os olhos com força enquanto a magia dos espíritos deixava meu corpo e os sussurros deles preenchiam meus pensamentos: — Você acha que está fazendo a coisa certa, Joseph? — uma voz se fez nítida e, na minha mente, confirmei.

Sim, estou.

Os espíritos não eram como os ancestrais, eles não exatamente interviam em minhas escolhas, em minhas decisões. Ofereciam conselhos e barganhas, mas nunca forçavam nada além do seu alcance. Levou apenas alguns segundos, então eles concordaram e abri meus olhos, com uma pontada breve no peito, ao mesmo tempo em que Rafael o fez, sentando-se com a mão no peito.

As marcas em seu pescoço se curaram e a cor começou a voltar a seu rosto, que era pura confusão. Ele piscou e levou a mão ao pescoço, olhando em volta. Seus olhos encontraram os meus e Rafael me encarou completamente perturbado por

longos segundos.

— O que aconteceu? — ele falava comigo. Direitamente comigo, mesmo que talvez eu não fosse exatamente a pessoa mais indicada para lhe explicar o que acontecera. Não seria se ele se referia ao motivo se estar deitado no chão da sala ou se se lembrava da noite anterior.

— Filho… — virei as palmas para baixo e pressionei-as contra os joelhos — Temos que conversar.

ALARIC

Fazia dez dias.

Ela estava agonizando de uma maneira dolorosa e eu queria acabar com a sua dor, mas não podia. E me doía vê-la sofrer daquele modo, intenso, profundo e inconsciente. Markos apareceu um dia depois dela e coloquei-o a par de tudo, mas não estávamos nos falando e ele fez questão de deixar claro que não tinha superado nada, nem tampouco me perdoado. A única coisa em comum entre meu irmão e eu era a garota no meu quarto.

Eu também não queria falar. Não queria pedir desculpas, porque não fora eu a matar Maria, mas

mesmo assim, disse que estava tudo bem quando ele perguntou se podia passar a noite ali. Ele queria ficar com ela, não comigo, mas ele também sabia que nós dois estávamos ferrados ao nos importarmos com aquela garota. De maneiras diferentes, pois Markos não estava apaixonado por ela, até onde eu sabia, mas estávamos, de fato, um tanto quites.

Dei a ela uma dose mínima do antídoto, mas sua magia ainda estava completamente fora de controle; quando eu checara, seus olhos eram dourados, *muito* dourados. Eu não tinha mais nada além de esperança, mas estava perdendo aquilo também. Necromancia podia ser perigosa, geral e potencialmente fatal, e era muito provável que ela morresse ou que me fizesse cumprir minha promessa.

— Por que você gosta dela? — estava na cozinha quando ouvi a voz de Markos, que entrou sem fazer barulho. Virei-me completamente para ele, sem ter certeza se entendera realmente a sua pergunta — Você gosta dela, não é? Por quê? — vi em seu olhar que ele não queria falar comigo, mas que aquela pergunta era mais forte do que ele, e Markos simplesmente tinha que perguntá-la. *Precisava*

saber a resposta.

— O que quer dizer?

— Cara, você entendeu — naquele ponto, ele estava diante de mim com nada além do balcão entre nós. Era óbvio que eu tinha entendido, pois eu sempre entendia as frases simples de Markos — Não tem nenhum idiota aqui e eu te conheço mais do que você mesmo. Você nunca ajudou ninguém em toda a sua vida e agora… Arriscaria até a sua cabeça por ela. Você não gosta de pessoas — exalei todo o ar do meu peito.

— Por quê eu preciso de motivos? — ele ergueu os ombros fracamente e abaixou os olhos — Achei que tinha sido você a me dizer que se apaixonar por alguém não faz nenhum sentido — Markos ergueu os olhos, arregalando-os.

— *Apaixonar?* — em seus lábios, as palavras pareciam irreais, como se fosse proibido dizê-las e eu tivesse feito — Achei que quisesse a amizade dela. Ric… Não me diga que está apaixonado pela mulher que você ajudou a salvar o homem que ela ama.

— Acredite, é pior pra mim do que pra você — desvencilhei-me do seu olhar e saí do seu campo de visão para abrir a geladeira e pegar uma caixa de

suco de laranja — Eu fiz uma promessa a ela — alcancei a porta do armário para pegar um copo, depois peguei outro, quando achei que seria educado oferecer uma bebida ao meu convidado.

— Que tipo de promessa? — servi o suco nos dois copos com uma propositalmente demora, remoendo coisas dentro de mim enquanto isso.

— De que eu a mataria se não pudesse ajudá-la.

— E pretende cumprir? — empurrei o copo da direção dele e Markos tomou um gole do suco ao mesmo tempo em que eu. Ele sabia que eu nunca quebrava as minhas promessas.

— Minha palavra, minha honra, irmão.

— Essas palavras são inglesas, senhor Lockwood — ouvi uma voz extremamente séria e me virei para a porta. Embora séria, era doce. Juliette estava parada na porta, usando uma calça de ioga que eu a tinha feito vestir porque era muito frio ali, e uma camiseta preta, não exatamente diferente do seu pijama *sexy*.

— Apropriação cultural, *senhor Lockwood* — Markos falou no mesmo tom brincalhão. Juliette se aproximou devagar, ainda descobrindo exatamente como usar as pernas depois de tanto tempo — Poderíamos prender o senhor.

— Aconteceu alguma coisa… Ruim?

— Não está indo embora? — estranhei que as palavras saíssem da minha boca, pois eu não queria que ela fosse embora, muito menos tão cedo. Ela acabara de acordar, provavelmente — Talvez o mundo precise ser salvo de novo — ela exibiu um sorriso com o canto dos lábios, um sorriso demasiado suave, e se sentou ao lado de Markos, que permanecera de pé aquele tempo todo, mas se sentou quando ela o fez.

Peguei mais um copo e empurrei-o na direção dela, preenchendo-o com o suco de laranja: — Pode ser um pouco egoísta, mas me sinto bem, me sinto em paz aqui, e não quero salvar o mundo agora — ela aceitou o suco e Markos assentiu, compreendendo completamente o que ela dizia. Eu não disse nada, apenas os observei em silêncio e bebi o suco com calma.

— Talvez você vá querer saber como Rafael está — Markos falou com cuidado e manteve o olhar dela, que ainda se adaptava, ainda olhava em volta cheia de dúvidas — Se ele ainda está morto…

— Joseph me fez uma promessa de que o traria de volta, então se não estiver me expulsando… — ela deixou a frase no ar.

— Não estamos — meu tom foi enfático e repreendi meu irmão com o olhar.

— É, *nós* não estamos — Juliette alternou o olhar entre nós dois por um longo e silencioso minuto.

— Vocês estão bem? Tipo… Se falando de novo?

— Não exatamente — respondi antes de Markos, um pouco seco, e Juliette fez um leve movimento afirmativo com a cabeça, indicando que entendia, mas não falou nada. passei longos momentos analisando o que Markos dissera. Não havia margens para dúvidas em suas palavras, mas o resto era difícil adivinhar sozinho.

Ela simplesmente chegara ali no meio da noite com a roupa respingada de sangue, dizendo que não conseguia mais viver consigo mesma depois de fazer algo horrível demais para suportar. Talvez matar Rafael fosse algo terrível o suficiente para que ela chegasse àquele ponto, afinal, Juliette também afirmara que não era exatamente *ela mesma*. Era informação demais, mas eu tentava processar do melhor modo possível.

— Eu não sei se quero fazer isso, mas tenho que ir. Tenho que falar com Cedrico — naquilo ela estava certa.

— Precisa de uma carona? — ainda era noite, não

achei que ela quisesse ver como Cedrico estava tão tarde, por isso fora Markos a perguntar, não eu.

— Acho melhor eu ligar antes, nem sei onde ele está. Foi tudo muito confuso e abrupto; para todos nós, mas Cedrico… Ele perdeu o suficiente há muito tempo — foi como se falasse para si mesma, fizesse uma nostálgica anotação a qual nenhum de nós se deu ao trabalho de interromper.

JULIETTE

Peguei as flores e encaminhei-me até os portões de Essex, onde eu esperava encontrar Cedrico. Pouco a pouco, eu estava me atualizando dos acontecimentos, mas ainda era muito cedo para saber tudo; só sabia que a primeira pessoa com quem eu precisava falar estava em um cemitério, lamentando ter enterrado alguém importante para ele poucos dias antes.

Na verdade, era onde ele tinha enterrado todas as pessoas que ele amava ao longo de sua vida, pois as inscrições nas lápides indicavam que não restara muito mais a perder. Mordi o lábio e parei ao lado dele. Cedrico não estava pronto para me ver, nem tampouco estava pronto para falar, assim, apenas

parei ao seu lado e deixei as peônias brancas ao lado da lápide de formas recentes e tristes.

— Você está bem? — não achei que ele fosse falar comigo, mas falou. Como estava frio, ele usava uma jaqueta de couro marrom que, estranhamente, parecia ter sido feita para ele; eu, que não tivera tempo para me vestir adequadamente, usava uma camiseta e estava tremendo de frio.

— Acho que está tudo sob controle agora — consegui dizer, trêmula.

— Por ora ou permanentemente? — ergui o olhar e mordi o lábio. Ele me encarava e o encarei de volta, por um segundo hesitando.

— Para sempre — Cedrico sorriu e, inesperadamente, pousou a mão em meu ombro direito, ao que nos viramos ao mesmo tempo e ficamos de frente um para o outro — Você está bem? Eu sinto muito que as coisas tenham…

— O que você vai fazer? — engoli em seco, sentindo uma incômoda brisa gelada em meu nariz, indicando que o tempo só esfriaria naquela manhã e era provável que chovesse. Que chovesse muito — Deixar a cidade?

— Sim. Como Rafael está?

— Tem coisas que só ele pode te contar — franzi o cenho sem entender. Eu precisava muito falar com ele agora que as alucinações tinham ido embora, mas o que eu diria? *Olha, eu sinto muito por tê-lo matado enquanto você implorava para mim que não o fizesse, mas eu te amo demais, vamos embora comigo dessa maldita cidade*. Não achava que fosse funcionar — Olha, eu sei que vocês dois me acham um pé no saco com essa conversa toda… — ele removeu cuidadosamente a mão do meu ombro.

— Eu não acho.

— Mas se eu tivesse a chance… Se Jessica ou Eva estivessem vivas, eu não perderia o meu tempo. Então não faça isso, por favor — respirei fundo e meus ombros chacoalharam quando fechei os olhos. Lenta e gentilmente, senti algo quente me envolver e abri os olhos para ver que Cedrico colocava sua jaqueta por cima dos meus ombros.

— Você vai ficar bem? — *por favor, diga que sim, só então eu poderei sair correndo daqui e ir atrás de Rafael. Diga que sim, isso também é importante para mim*.

— Claro. Nos falamos depois, antes de partir — ele segurou meus ombros para depositar um beijo

em minha testa e agarrei-o, abraçando-o firmemente.

— Prometa que não passaremos mais oito anos sem nos vermos. Você é um vampiro agora, vamos passar a eternidade perto um do outro — afundei o rosto em sua camisa preta de algodão e mangas, imaginando se ele não ficaria com frio agora que me dera sua jaqueta — Prometa, por favor.

— Eu vou para a Síria em duas semanas, então, se eu não morrer, eu mando notícias quando voltar — ele murmurou e nos afastamos. Ao menos ele seguiria com a vida dele e concluí que aquele era o melhor que eu conseguiria dele — Tenho a impressão de que nos veremos em breve, Juliette.

— Onde Rafael…

— No chalé. Te esperando. Vocês têm muito que conversar. — ele ergueu as sobrancelhas suavemente. Eu sabia que Rafael e eu tínhamos um mundo inteiro entre nós naquele momento, que aquela conversa seria longa, mas o modo como Cedrico colocava que seria *uma longa conversa* me assustava. Assenti e sorri antes de me virar e ir atrás do que eu queria.

No meio do caminho, no entanto, Joseph me ligou e me mandou correr para a mansão. Não precisou

de muito mais para que eu começasse a pensar que estávamos mais uma vez sob risco iminente e fosse para lá.

Abri a porta quando cheguei e empurrei devagar a espera de um ataque que não chegou, apenas um ser humano pequenino e ruivo se jogou nos meus braços: — Mãe! — peguei-a em meus braços e ergui-a do chão, depositando um beijo em seu rosto — Senti sua falta.

— *Schatz*, há quanto tempo está aqui? — sim, eu sabia que tinha sumido, mas aquilo fora necessário para que eu pudesse voltar inteira para ela. Coloquei-a no chão e Joseph adentrou a sala exibindo um enorme sorriso. Mordi o lábio e encarei-o, fitando sua beleza etérea como se estivesse permanentemente em um estado de embriaguez, mas daquela vez era só o que era: uma beleza angelical e descomedida que não fez meu coração querer saltar do peito.

— Dois dias. Estou tão feliz que o papai está vivo de novo — ela correu até ele, cheia de energia, e Joseph pegou-a no colo, aproximando-se de mim. Seu sorriso era leve, mas foi diminuído conforme chegava perto de mim.

— Eu também, querida — acariciei seus cabelos e

sorri.

— Harriet, querida — Joseph captou rapidamente a atenção da filha —, por que não vai ficar um pouco com a sua irmã? Eu tenho que falar com a sua mãe por um minuto — ele beijou sua mão com a reverência de um lorde antes de colocá-la no chão. Com Joseph, era muito fácil para ela concordar com tudo, e ela desapareceu na direção da cozinha.

— O que mais aconteceu e eu não sei?

— Muito — ele gesticulou na direção do sofá, onde nos sentamos um de frente para o outro. O olhar de Joseph parecia mais sincero do que nunca, mas também incomunmente ferido — Eu sinto muito por tudo o que aconteceu com você por minha causa… — ele suspirou longamente sem tirar os olhos dos meus — Cedrico me contou o que aconteceu enquanto estive ausente. Eu sinto muito que tenha magoado os seus sentimentos, que tenha se livrado da sua humanidade e se fechado por minha causa.

— Nem tudo isso foi culpa sua — falei simplesmente para aliviar o peso da culpa em sua voz. A verdade é que uma coisa acabara desenrolando outra; ele podia ter criado o monstro,

mas não se podia depositar nele toda a culpa.

— Me deixe terminar, querida — ele pegou minhas mãos e segurou-as em seu colo — Quando eu disse que tinha um jeito de trazer Rafael de volta… Talvez não fosse tão simples quanto eu fiz parecer. A verdade é que… Eu estou aqui há muito tempo e cheguei à conclusão de que ninguém deve viver tanto, nem um xamã.

— *O que você*... — as palavras saíram fracas. De certo modo, eu entendia o que ele estava me dizendo, só não tinha entendido onde Rafael entrava naquilo tudo.

— Então eu decidi abrir mão disso e oferecer o posto a outro.

— Você está dizendo… Rafael agora é… — gaguejei. A palavra não saiu da minha boca.

— Um xamã. E imortal, é claro.

Nossos corações humanos se esquecem do

quão fortes são[44]

PEGUEI O CARRO E CORRI. CORRI MUITO PARA chegar ao chalé de Rafael antes que começasse a chover, mas não deu tempo, por mais que eu acelerasse aquele carro. Saí dele ao estacioná-lo, ou melhor, deixá-lo parado de qualquer jeito na frente da construção, e corri na chuva até a cobertura para bater à porta. E esperei.

Parecia que o mundo congelara de tanto que ele demorou. Decorei os detalhes na madeira da porta, decorei o formato da madeira no piso e o ângulo com que o teto se inclinava; até a cadência da chuva. Meu coração saltava no peito enquanto minhas mãos estavam bem protegidas nos bolsos do casaco de Cedrico. Aquele era o sinal.

Fechei os olhos e a porta se abriu. Rafael estava lá, usando uma calça folgada e camisa de algodão e mangas longas, o tom claro combinando com sua pele e contrastando com o tom selvagem dos seus

olhos, que exibiram um brilho genuíno ao ver que era eu. Respirei fundo e fiquei olhando para ele com a boca aberta. Eu tremia de frio e de medo, porque ainda achava que ele podia bater com a porta na minha cara por mais que não parecesse estar inclinado a fazê-lo.

— Se você demorasse mais, eu teria que procurá-la — ele abriu mais a porta e meu coração afundou no peito, mas não se controlou. Aquilo significava que ele não me odiava completamente, mesmo que eu o tivesse matado, mesmo que eu fosse maluca, complexa e instável. Rafael bateu a porta quando entre e girou para me encarar, mas aquele não era o momento.

Eu não conseguia usar as palavras, elas pareciam ter desaparecido junto ao calor do meu corpo, por isso, apenas tirei as mãos dos bolsos do casaco, segurei seu rosto quente entre minhas mãos geladas e o beijei. Rafael logo se virou por completo e enlaçou meu corpo com os braços, me puxando para mais perto, desejando tornar aquilo possível, mesmo que já estivéssemos colados um ao outro. Meus pés estavam igualmente gelados quando me equilibrei na pontinha dos dedos para ficar na sua

altura, contudo, antes que começassem a doer, Rafael me puxou para o seu colo e me levou para o sofá, onde tinha uma manta muito quente, e me deitou lá.

Mas parou de me beijar para me cobrir, dizendo que eu estava muito fria: — Nós temos que conversar — arfei e aceitei o cobertor, afinal, ele puxou uma parte e cobriu a si mesmo. Era muito frio ali, mas parecia adequado que fosse, assim eu tinha uma desculpa para entrelaçar meus pés aos dele, mesmo tremendo.

Rafael me puxou, encostado ao braço do sofá, e me girou, de modo que minhas costas ficassem pressionadas contra seu peito sólido e quente e que seus braços ficassem a minha volta, tão firmemente que eu não poderia me soltar nem se quisesse. E eu não queria jamais, é claro.

— Me desculpe por tudo o que aconteceu — eu deveria estar olhando em seus olhos ao dizer aquelas palavras, mas a proximidade as tornava mais fáceis de encontrar uma saída — Me desculpe por tê-lo matado e obrigada por não me odiar — segurei seus dedos e os entrelacei aos meus.

— Eu não posso te odiar completamente, você

sabe disso. Demorei um tempo para pensar a respeito e me dei conta do inferno pelo qual você estava passando naquele momento; eu teria surtado muito antes, mas isso nos leva a parte difícil — ele me girou um pouco, de modo que eu pudesse olhar em seus olhos. E olhei.

— Sua imortalidade? — ele assentiu, não parecendo muito confortável com aquela palavra.

— Eu não sei o que *ser um xamã* significa, não sei o que posso e o que não posso fazer agora, mas tenho certeza de uma coisa muito simples: eu não preciso de uma eternidade se não for para passá-la ao seu lado — havia lágrimas em meus olhos e Rafael as notou antes de mim, pois quando escorreram pelo meu rosto, ele as secou gentil e docemente.

— Nós somos tão disfuncionais, mas eu te amo tanto. Quero passar toda a minha existência com você, mas achei que pedir que desperdiçasse sua nova imortalidade comigo fosse mais egoísmo do que você conseguiria suportar…

— Não diga isso — mordi o lábio para controlar as lágrimas que ele continuava a secar. Seu dedo era mais macio do que eu me lembrava, toda a sua

mão; pensando bem, seus lábios também eram.

Ergui o mindinho: — Quero ficar com você pra sempre — ele sorriu suavemente e enganchou seu mindinho no meu.

— Também quero ficar com você para sempre — Rafael se inclinou, me beijou e comecei a desconfiar daquela felicidade toda que eu estava sentindo. Estava começando a se formar um nó dentro do meu peito, bem pequeno, mas crescendo — Tem umas coisas que precisamos resolver — ele ficou sério de novo e nos entreolhamos — Coisas sérias.

— Como, o quê?

— Sobre a CIA, sobre a Harriet e como vamos contar essa confusão toda a ela… — interrompi-o com uma risada — O que foi?

— Está mesmo preocupado com a Harriet?

— É claro. Olha, não quero que mude toda a sua vida, toda a vida que a Harriet tem, mas… Desde que você disse que iria sair da CIA, eu gostaria de pedir para você dar uma chance à Charlotte — ele pronunciou cada palavra com cuidado e ficamos em silêncio por um tempo, apenas nos olhando; seus dedos entrelaçaram os meus e apertaram a minha

mão — Você gostaria de morar em Charlotte comigo, senhorita Hohenfels?

— Quero. Estou falando sério, não só por você, por *nós*… Mas quando eu estive em Charlotte, foi amor à primeira vista. Parece que o sol sempre brilha. Tudo é incrível e o céu é impressionantemente azul; eu tenho certeza de que a Harriet vai amar — ele sorriu e inclinou o rosto, de modo a enfiar o rosto em meus cabelos, que tinham sido molhados no caminho até sua casa.

— Juliette Hohenfels… — ele afastou o rosto para olhar em meus olhos — Você está com cheiro de cachorro molhado.

— Eu sei — retorci o nariz e soltei sua mão — Eu só vim aqui falar com você, eu tenho que voltar…

— Espere um pouco — ele pegou minha mão mais uma vez e encarei sua expressão séria; séria demais. Sua preocupação foi transmitida a mim e franzi o cenho — Tenho que falar uma coisa…

— Oh, não — soltei sua mão e me afastei um pouco dele com um junco entre minhas sobrancelhas. Claro que tinha alguma coisa errada. Nada podia ser tão perfeito como estava naquele momento, alguma coisa sempre acabava errada no

meio do caminho — O que há de errado?

— Bem… Sobre o meu pai — me virei completamente e fiquei sentada de frente para ele em posição de lótus, porém, desci a perna esquerda e mordi o lábio. Pela expressão em seu rosto, eu podia dizer que havia algo muito errado. Aliás, eu ainda não tivera tempo de perguntar como ia a relação dele com Joseph, coisa que era demasiada importante, já que eu me sentia péssima por estar entre os dois, como um empecilho para que os dois ficassem *de bem* depois daquilo tudo.

— *O quê?* — perguntei um pouco mais alterada, um pouco desesperada.

— Eu o entendi quando ele disse que não achava que deveria viver muito mais, que ele *já viveu* demais… Mas… Isso significa que ele não abriu mão somente de uma eternidade, mas também da vida dele…

— Oh, não… Rafael… — deslizei para ficar mais perto dele, boquiaberta — O que você está dizendo? — ele não respondeu imediatamente, mas também não desviou o olhar do meu — Eu acabei de ver Joseph, ele estava… *Bem* — a palavra saiu estranha da minha boca. Ele estava bem quando nos

viramos, não estava? Um pouco pálido, mas estava bem.

— Eu lamento dizer, mas ele não está, Juliette.

— Não. Você não está dizendo o que acho que está… — minha voz desapareceu de modo gradual e Rafael desviou o olhar do meu para olhar para suas próprias mãos. Ele não olhava para as próprias mãos quando estava falando comigo, olhava nos meus olhos.

— Quando ele me contou… — ele retorceu os lábios por um segundo, então ergueu os olhos para mim. O alívio que eu queria sentir ao encontrar seus olhos não veio, apenas mais pânico e uma coisa na minha garganta me impedindo de falar; de respirar, até — Eu quis muito me culpar, me odiar… Ou culpar e odiar você. E foi o que eu fiz, fiz *muito* isso até conseguir enxergar as coisas. Meu pai não fez isso por mim, não fez porque *precisava* fazer, porque *precisava* me salvar. Ele fez por ele, porque ele não suporta mais esse lugar, essa vida. Então eu o entendi.

— Eu ainda não entendo… — afundei meu corpo no sofá e pressionei as costas da mão contra os lábios. A ideia de que Joseph morresse era tão

terrível que eu mal podia imaginar. Depois de tudo pelo que tínhamos passado, depois de eu tê-lo imaginado morto por tanto tempo e agora aquilo se tornar real, de fato era doloroso demais — Por que ele faria isso? — eu não estava fazendo aquela pergunta a Rafael, estava fazendo a mim mesma.

— Vem aqui — ele notou o meu estado, mas não esperou que eu fosse até ele, me puxou pelos ombros e me abraçou.

— Como isso foi acontecer? — apoiei a mão direita em seu ombro e engoli em seco — Como tudo foi dar tão errado? — Rafael não falou nada, pois nós dois sabíamos a resposta.

Por *minha* causa as coisas tinham dado errado.

E se perdem ao longo do caminho[45]

EU NÃO QUERIA TRANSMITIR A IMPRESSÃO DE QUE Joseph e eu éramos tão emocionalmente ligados, mas abracei-o firmemente na frente de Rafael quando ele abriu a porta. Em parte, acho que para afastar a distância que tinha se estabelecido entre nós naquele tempo, em parte, porque não suportava a ideia de viver em um mundo em que ele não fizesse parte, nem que fosse não ao meu lado.

— Por que não me contou? — ele vacilou. Entreabriu os lábios e levou alguns segundos para envolver meu corpo frágil e molhado pela chuva.

— Essa conversa não era entre eu e você — afastei-me dele, seguindo o olhar de Joseph, que

espiava Rafael por cima do meu ombro. Os dois estavam sérios, encarando-se como se existisse entre eles o mundo que eu sabia que existia. Mordi o lábio e dei um passo para trás, dando-me conta da estranheza da situação.

— Onde a Harriet está?

— Na cozinha, com Cass e Cedrico — Joseph deu outro passo para trás. Ele não tirava os olhos dos meus, mas prestava mais atenção em Rafael do que necessariamente em mim. Eu deveria deixá-los conversar, mas sentia como se não quisessem, por mais que precisassem. Não achei que nenhum deles conseguiria ter aquela conversa naquele momento.

— Eu vou… — dei um passo para o lado, afastando-me de Rafael e alternando o olhar entre eles — Deixar vocês conversarem, tem muito que preciso falar com a Harriet — Joseph fez um tímido gesto afirmativo, mas as coisas não seriam fáceis de consertar entre ele e o filho quanto todos nós queríamos.

Segui para a cozinha e ainda no meio da sala senti o cheiro de algo queimado. Quando entrei, Cassandra e Harriet encaravam uma forma preta com macarrão com queijo que tinham torrado tanto que não se sabia mais o que a comida queimada e o

que era o recipiente. Provavelmente nem dava mais para usar de novo, pois seria impossível tirar aquilo. Cedrico estava de costas para ela, vasculhando a geladeira, mas se virou por meio segundo quanto me viu. Ainda havia um clima fúnebre em todos nós, mas senti pela primeira vez que poderíamos superar aquilo com um pouco de esforço e tempo para curar as feridas.

— Vamos pedir pizza — Cassandra anunciou como se fosse a pior coisa do mundo a se fazer.

— Papai diz que podemos comer pizza às vezes, mas não todos os dias — mordi o lábio e me aproximei devagar enquanto Cassandra lavava as mãos.

— Seu pai… — ela revirou os olhos e fechou a torneira enquanto movia os olhos pelo cômodo em busca de um pano — Crianças não tem que comer pizza, é o que eu sempre digo ao meu filho — ela se virou e puxou Cedrico.

— Pizza não é o fim do mundo, Cass — e abaixou a voz para que só ela escutasse, ou para que *Harriet* não escutasse; ele sabia que eu podia ouvir, pois deu uma olhada em mim por cima do ombro dela — Nós derrotamos o mal, nós merecemos uma boa pizza — ela se soltou do toque

dele e apoiei os cotovelos no balcão.

— Cassandra, por que não me disse que você tem um filho? — ela parecia indignada, o que era engraçado, e ficou de costas para mim enquanto pegava uma caixa de suco de laranja e alguns copos.

— Você nunca perguntou — e começou a colocar copos sobre o balcão. Cedrico pegou a forma e jogou-a no lixo sem nem ao menos tentar tirar a comida do fundo, em seguida, deu um tapinha amigável no meu ombro.

— Boa sorte — murmurou com um meio sorriso e saiu.

— Meu Deus, eu não acredito que não me contou que tem um filho — ela deu um copo com suco para Harriet.

— Ela contou para mim — Harriet falou casualmente enquanto tomava seu suco — O nome dele é Henry.

Depois de uma longa conversa, finalmente descobri o que queria sobre a criança misteriosa. Ele tinha quatro anos e estava com Alex na casa dos pais dele em Nova York enquanto Cassie estava no meio daquela confusão toda. Demorou um pouco, mas Rafael entrou na cozinha, só depois

de a pizza ter chegado e quando estávamos todos sentados à mesa. Ele se sentou de frente para mim e a partir daquele momento não consegui mais comer em paz. A cada dois segundos, eu o olhava ou sentia seu olhar queimando em minha pele, sentindo como se pudesse fazer um buraco nela de tão quente.

Uau. Como podia? Eu queria que ele me tocasse, queria muito que ele me tocasse; queria poder beijá-lo. *Naquele. Exato. Segundo.* Mas sabia que era algo que eu não podia fazer, então passamos alguns momentos agradáveis *em família*. Quando terminamos de comer, no entanto, consegui me levantar e me desvencilhar dele, livrar-me do efeito que tinha sobre mim, pois a sensação que eu tinha perto dele é que não conseguia respirar, que não havia ar o suficiente no ambiente.

E ainda havia coisas que precisavam ser feitas.

— Vem cá, quero falar com você um minuto — Joseph agarrou o meu cotovelo e me puxou na direção da biblioteca. Meio desconfiada, segui-o e ele fechou a porta atrás de si.

— Algum problema?

— Talvez para você… Eu quero ficar com a

Harriet — franzi as sobrancelhas por um momento e inclinei o rosto, sem ter certeza se tinha entendido suas estranhas palavras — Quero dizer… Eu vou morrer, então quero passar esses últimos meses com a Harriet.

— Por que isso seria um problema para mim? — relaxei os ombros que nem tinha percebido que erguera. Joseph apoiou-se completamente na porta e suspirou, desviou os olhos dos meus; movi os olhos por todo o seu corpo enquanto ele buscava as *palavras certas* para me falar o que quer que precisasse me falar — Joseph…

— Quero ficar *com ela* — ele enfatizou as palavras e franziu as sobrancelhas claras. De algum modo, ele parecia ainda mais loiro, ainda mais bonito, seus olhos pareciam ainda mais azuis, ainda mais radiantes — Não com você. Quero que você vá embora.

— O quê? — dei um exasperado passo na sua direção e ergui o queixo, boquiaberta — Quer que eu vá embora e largue minha filha com você?

— Primeiro… — ele também ergueu o queixo e me encarou duramente. Estávamos perto demais e eu não iria recuar porque suas palavras eram demasiadas absurdas — *Nossa* filha, não *sua.* E

segundo, não estou te pedindo para abandoná-la, estou pedindo para deixá-la passar meus últimos meses de vida comigo, o que não acho que seja tão terrível assim, certo? Ela está de férias da escola e eu sou a pessoa que mais quer protegê-la no mundo — não falei nada por um longo momento — Pode não parecer a ideia mais atraente no mundo, mas você não viu o olhar da Harriet quando ela me viu.

— Então eu fico aqui. Até tudo isso… Acabar — a palavra saiu com dificuldade da minha boca e percebi que não tinha dado o passo para trás, mesmo que não estivéssemos mais travando uma batalha. Que não estivéssemos gritando um com o outro. Foi o que fiz, cruzando meus braços.

— Não, você não fica — franzi as sobrancelhas com uma cara de indignação. Por que ele não podia facilitar as coisas ao menos uma vez? Eu estava concordando em manter Harriet perto dele — Não te pedi para ficar.

— Mas eu estou dizendo…

— Eu *não quero* que você fique. Não a quero perto de mim.

— Joseph. Isso é um absurdo!

— Eu posso não estar lamentando pelos cantos como um pobre coitado, mas você meio que partiu

o meu coração — ele ergueu ligeiramente o tom da voz e me calei de uma vez. Eu o encarei e ele não ousou desviar o olhar do meu. Joseph simplesmente esperava que eu cedesse, concordasse e lhe desse as costas para sempre.

E foi exatamente o que eu fiz.

Se não consigo mudar sua decisão[46]

DEPOIS DE ME LIVRAR DA INSANIDADE NA MINHA CABEÇA, provavelmente restara algum resquício dela, pois eu não sabia o que estava fazendo ou *por quê* estava fazendo, mas estava na mansão de Jon onde tinha vivido durante aquele pesadelo horrível. Não que eu me importasse, ou que a informação fosse, de fato, relevante, mas era uma sexta-feira a noite. Não muito tarde depois de eu ter concordado com a ideia maluca de Joseph, o que só confirmava o fato de eu ser louca, com ou sem uma magia antiga, maligna e necromantica tomando conta do meu corpo e da minha mente.

Por um lado, eu sabia que aquele era o melhor a

se fazer, mas por outro, estava dolorosamente ciente que aquela estava longe de ser o melhor *para mim*. E também para Rafael. Ele certamente ficaria melhor sem mim e me doía saber daquilo.

Ele. Ficaria. *Melhor*. Sem mim. Inicialmente, talvez não feliz, mas eu tinha certeza que passaria com o tempo. Eu esperava que passasse enquanto enfiava minhas coisas em uma mala que encontrara no antigo *closet* de Jon.

Estava tudo bagunçado. Tanto no quarto enquanto eu o revirava em busca das coisas que estavam espalhadas por todo o lado durante a minha estádia ali, quanto em meu coração e em meus pensamentos. Pareciam pertencer a duas pessoas diferentes e as duas lutavam dentro de mim, enfraquecendo minha determinação e meu pseudoaltruísmo. Na minha cabeça, eu acreditava estar fazendo a coisa certa, mas em meu coração, a coisa certa parecia ser ficar. Em meu coração egoísta, eu *tinha* que ficar, porque não podia mais viver daquele jeito, longe de Rafael.

Isso se viver longe dele fosse mesmo viver. Era como se eu estivesse deixando uma parte e doía demais só de pensar no que eu faria nos meses que estavam a minha frente, nos anos. Na miserável

eternidade. Estava tudo desorganizado na mala que tive que socar duas camisetas para que elas fechassem e, quando consegui, ajeitei uma mecha do cabelo atrás da orelha, olhando para o meu orgulhoso trabalho como se merecesse um Pulitzer.

— Me diga agora mesmo que isso não é o que eu estou pensando que é — girei lentamente em meus calcanhares e entreabri os lábios, sem ter nada a dizer. "*Não é o que você está pensando"* seria a resposta mais inadequada do mundo e, no entanto, era a única que eu tinha.

Rafael estava parado na porta do meu quarto, olhando para as coisas a sua volta antes que seus olhos finalmente encontrassem os meus. Ele cerrou o maxilar e suas mãos se fecharam lentamente em punhos, como se ele quisesse enfiá-los em alguma coisa. Fechei os olhos por um misero segundo e me virei lenta e completamente para ele.

— Rafael… — sua voz saiu baixa e trêmula dos meus lábios; eu mesmo estava tremendo. O que eu poderia dizer a ele, afinal de contas? Que eu estava indo embora sem mais nem menos depois de tudo o que tínhamos dito um ao outro mais cedo? Assim, sem mais nem menos? — Olha, eu… — comecei a cortar a distância entre nós dois — Eu… —

gaguejei e ele estendeu o braço, parando minha aproximação. Rafael deu um passo para trás.

— Não. Não tente explicar. Não tente explicar o fato de que mais cedo — ele gesticulou, dando outro passo para trás, na direção do corredor, frustrado e com a decepção mais do que clara em seu olhar —, você estava fazendo planos comigo e agora está fugindo Deus sabe do quê…

— Eu não estou fugindo — minha voz saiu embargada. Eu podia cortar aquela em meio segundo, sem que ele nem ao menos pudesse se esquivar, mas não o fiz. Ele impôs aquela distância e ambos precisávamos dela; eu precisava que ela existisse para que não corresse na direção dele e o agarrasse. Senão, tudo aquilo teria sido para nada. Senão, eu me daria conta de que não podia viver sem ele e atiraria tudo para o alto alegremente — Por favor… Só me escute um pouco. Eu sei…

— Isso parece mais um *flashback* ruim. Uma conversa que nós não tivemos quando você decidiu que Salém *e eu* não éramos bons o suficiente para você. E agora está fazendo de novo…

— E eu te matei! — interrompi-o com a voz alterada, embargada pelas lágrimas que se acumularam em meus olhos; sem que ele pudesse

calcular, eu já estava diante dele, deixando que meus braços caíssem ao lado do meu corpo tremulo — Eu te matei, eu… Machuquei outras pessoas. Quantas vezes mais quer que isso aconteça antes de perceber que eu não sirvo para você? Eu simplesmente não sou a pessoa que você precisa que eu seja…

— Eu nunca exigi isso de novo — ele controlou seu tom mais do que eu poderia fazer com o meu e me olhou fundo nos olhos, como se enxergasse a minha alma, e eu acreditava que pudesse — *Nunca* pedi que fosse nada do que já não é — ele foi à minha direção de novo, quase como se não pudesse impedir a si mesmo e ergueu ligeiramente a voz para que eu as gravasse, para que me ativesse ao significado delas: — *Eu nunca* impus a você expectativas malucas esperando que as superasse. Eu conheço você; conheço todos os seus defeitos e falhas e isso foi o que me fez te amar.

— Então pare de me amar.

— Acha que se eu pudesse parar essa droga eu já não teria feito? — ele se afastou novamente e respirou fundo, acalmando-se, e ficou parado no meio do corredor me olhando.

— Você merece alguém melhor do que eu — as

palavras saíram antes que eu pudesse pensar no significado delas, antes que pudesse pesá-las, mas, no fundo, mesmo que doesse, eu sabia que eram verdadeiras. Mas Rafael ficou em silêncio, simplesmente manteve o meu olhar e aquele silêncio, aquela falta de palavras, me matava, porque o que ele me dizia com o olhar era brusco e doloroso demais — Você sabe disso, você só *não quer* saber, mas você sabe — minha voz foi diminuindo até desaparecer.

— Eu te odeio completamente. Acho que agora finalmente descobri como — ele me deu as costas e deixei-o ir embora antes de me sentar no chão e começar a chorar.

Não fui embora naquela noite. Não tinha condições físicas ou emocionais, então joguei a mala no chão e me deitei na cama, mas não consegui dormir, apenas chorei e esperei pelo amanhecer. Nem eu entendia o que estava acontecendo comigo, ou como um pseudo ser humano podia fazer tanta merda sem nem ao menos entender o motivo.

Levantei muito cedo da cama com alguém tocando a campainha, e, em seguida, batendo furiosamente na porta como se o mundo

dependesse da velocidade com que eu conseguisse chegar até ela. Quando abri, contudo, limitei-me a arregalar os olhos e esfregar o rosto, sonolenta; talvez eu ainda estivesse dormindo e aquele fosse um sonho.

— *Renée?* O que está fazendo aqui? — ela tinha uma mochila sobre um dos ombros e entrou sem responder a minha pergunta inicial e me virei para ela, ainda segurando a maçaneta da porta.

— Alguém tinha que fazer isso — antes de eu perguntar do que ela estava falando, pois na minha cabeça aquela aparição era muito confusa, o punho de Renée encontrou o meu rosto com uma tremenda força, o suficiente para me jogar no chão, pois eu também não estava muito segura. Meu corpo se dobrou para frente e toquei meu nariz cheio de sangue.

— Mas que porra é essa? — pisquei, aturdida, e levantei a cabeça, boquiaberta — Enlouqueceu? — ela me encarou calmamente.

— Isso foi por magoar o meu pai *e* o meu irmão. Eu nunca me meti nessa bobagem romântica de vocês, mas depois de tudo que fez com Rafael, isso é exatamente o que você merece.

— Eu não fiz nada com ele — o sangue

continuava saindo do meu nariz e pisquei, vendo que Renée me estendia um lenço. Ela só podia ser bipolar! Ela me esmurrava, depois me ofereceu um lenço; hesitei, mas, por fim, aceitei-o, pois tinha muito sangue.

— Você enganou Cedrico, meu pai e Rafael. Foi uma viagem e tanto, Juliette. Agora, se você não for burra, como eu acho que você não é, meu irmão está indo embora para Charlotte nesse exato momento — ela deu um passo para trás e o sangue finalmente parou de sair do meu nariz, assim, abaixei o lenço branco tingido de vermelho.

— Nós terminamos, Renée — aquela verdade era dolorosa, mas era a verdade.

— Vocês nunca terminam de verdade — os olhos incrivelmente verdes de Renée se moveram pelo meu corpo, pela roupa que eu usava e até pelo meu cabelo bagunçado — Você está vestida, vá logo atrás dele.

— Eu decidi isso, não vou voltar atrás. Agora, é melhor você ir embora — a julgar pela sua mochila, eu julgava que Rafael não era o único a estar prestes a deixar Salém. Eu não podia ir atrás dele, mas o fato de eu saber onde ele estava fazia meu coração bater com um pequeno resquício de

esperança.

— Não seja mais idiota do que você já foi antes — ela caminhou na direção da porta sem me esperar responder.

Continuo pensando que este é o nosso último adeus[47]

LAVEI O ROSTO COMPLETAMENTE E APOIEI-ME NA BANCADA da cozinha enquanto bebia café. Eu não queria, mas estava pensando nas palavras de Renée. O que exatamente havia de errado comigo? Onde estava aquela pessoa altruísta da noite anterior que se convencera que Rafael ficaria melhor sem mim? Que eu não era boa para ele?

RAFAEL

Tinha muita gente no aeroporto de Boston, como se

todas as pessoas do estado inteiro tivessem decidido viajar naquele dia específico, assim, sentei-me com um café e meus fones e esperei pacientemente que anunciasse meu voo, pensando em como as coisas tinham dado errado.

Ao chegar ali, eu tinha um casamento estável, era apenas um bruxo e tinha a vida inteira pela frente, completamente traçada; nada podia dar errado. E naquele momento, prestes a voltar para casa, eu era um xamã imortal e tinha acabado de perder Juliette. Eu devia saber que não daríamos certo desde o início; talvez a culpa então fosse minha por me permitir a ter esperanças quando a coisa começou a acontecer.

Quando dormimos juntos em Nova Orleans. Foi lá que tudo deu errado. Quando ela começou a entrar na vida minha, quando se fez presente em cada parte dela; quando conheceu até minha amante. Quando permiti que ela percebesse que eu a amava com todo o meu ser, com toda a minha alma. Tudo aquilo era uma droga enorme.

Larguei meus fones quando escutei a voz nos alto-falantes anunciando o voo para Charlotte. Mal via a hora de estar em casa, apesar de não estar certo se ainda *tinha* uma casa depois de tudo o que

Lauren e eu conversáramos; eu fora categórico ao afirmar a ela que podia ficar com o apartamento, mas enquanto esperava na fila, não estava mais tão certo se aquela fora uma boa escolha. Mordi o lábio e tentei permanecer firme, pois estava nervoso com tanta gente perto de mim. Minhas palmas estavam suadas e tomei um gole do café.

Escutei o som de passos apressados contra o piso liso e escorregadio, indicando que, quem quer que estivesse correndo em pleno aeroporto, precisava de muito equilíbrio para não escorregar e cair de cara no chão. Lentamente, me virei para a direita e imediatamente pisquei, pois certamente minha fobia de estar em lugares abertos estava se transformando em coisas que não existiam. Juliette estava correndo pelo aeroporto na minha direção. Ela parecia ter corrido uma maratona, ao que a esquadrinhei lentamente, com o queixo caído. Ela usava calça e botas de salto pretas, o que me fazia questionar todos os limites da física, pois como diabos alguém conseguia correr de saltos?, e camiseta branca da mesma cor que sua pele de quem não tomava sol há muito tempo.

Meus olhos subiram e vi como seus olhos pareciam faiscar, quentes, como duas esmeraldas

em chamas. Seus cabelos negros e sedosos estavam presos em um rabo de cavalo alto e seus lábios estavam ligeiramente entreabertos, pois ela correra muito desde a entrada do aeroporto até onde eu estava; até onde fiquei, pois não podia me mover. Simplesmente paralisei ao encontrar seus olhos.

— Você não pode ir embora — ela falou a um metro de mim, me olhando como se não tivesse certeza se eu queria que ela se aproximasse. Quando ela falou e parou, recuperando o fôlego, todo mundo alternava o olhar entre nós dois, esperando por algum desfecho romântico, provavelmente — Rafael, por favor, não vá. Eu amo você, não vá embora…

— Juliette, você não pode… Não pode fazer isso… — só tinha uma mulher a minha frente e quando ela terminou de fazer o check-in, ela e a moça da companhia olharam para mim.

Embora soubesse o que fazer, havia parte minha que não tinha certeza. Na minha mão esquerda estava a minha bolsa, na direita, meu café praticamente intocado e meus documentos, que coloquei sobre o balcão ao dar um passo a frente; em seguida, voltei-me para Juliette enquanto a funcionaria fazia qualquer coisa com minha

passagem.

— Você deixou tudo claro ontem. Acho até que estava certa…

— Não — ela deixou sair todo o ar preso em seu peito e mordeu o lábio, prosseguindo rapidamente: — Eu estava errada. Você é o amor da minha vida, não importa o que aconteceu. Talvez eu esteja certa mesmo sobre não te merecer, sobre *você* merecer alguém melhor que eu, mas talvez eu não seja tão altruísta assim a ponto de abrir mão de você — ela falou tudo em um único fôlego.

Ela estava mesmo falando aquelas coisas na frente de dezenas de pessoas que estavam olhando para nós dois? Aquilo parecia mais um filme de romance ruim.

— Eu tenho que voltar para casa, Juliette… — tentei passar por ela, sem nem me lembrar do que eu deveria fazer, afinal, Juliette foi mais rápida do que eu e se colocou no meio do caminho.

— Não vá embora. Eu sei que você me ama também, então não vá para Charlotte.

— Eu não aguento mais essas suas mudanças de humor. Você muda de ideia a cada cinco segundos. Numa hora, você me ama, em outra, não é *boa o suficiente para mim* — retorci o nariz suavemente

ao falar aquilo. Eu queria acabar logo com aquilo, porque tinha muita gente por perto, porque eu estava a ponto de ter um ataque de pânico porque estávamos tendo aquela discussão em público.

— Eu fiquei confusa ontem — ela colocou a mão em meu peito e se virou quando tentei passar de novo, fixando seus olhos na funcionaria da companhia — Por favor, não deixe esse homem entrar no avião. Se ele tentar, chame a segurança — ela estava *mesmo* compelindo a mulher para não me deixar entrar no avião? Aquela era a maior confusão do mundo. Que inferno! Na noite anterior, ela estava com aquela conversa para que parasse de amá-la, agora, não queria que eu fosse embora.

— Sim, senhora.

— Não, o que você está fazendo? — Juliette passou a mão em meus documentos no balcão e rasgou minha passagem, afastando-se para permitir à mulher atrás de mim prosseguir com o check-in — Você não pode fazer isso. Não pode me obrigar a ficar aqui!

Ela se virou abruptamente, de repente tão perto de mim que seu peito tocava o meu. Ela respirou fundo e abaixou os braços, me olhando nos olhos. O resto das pessoas desviou a fila para que

pudéssemos ter o nosso *momento*.

— Eu amo você — Juliette ergueu as sobrancelhas para pontuar suas palavras com muito cuidado, e cada uma delas me estremeceu por dentro: — Você e o amor da minha vida e eu não posso mais viver sem você — ela deixou o ar sair devagar e, em seguida, puxou novamente. Parecia doer — Me diga que não sente o mesmo e eu mesma compro outra passagem para você.

— Você e o amor da vida — falei baixo, pois não havia motivos para falar alto, uma vez que estava bem de mim — Eu posso viver sem você — Juliette engoliu em seco e deixou todo o ar sair com tanta força que seus ombros tremeram com o movimento do seu peito — Mas não quero ter que viver.

Tem sido uma viagem e tanto[48]

DOIS MESES DEPOIS — JULIETTE

— EU SABIA QUE VOCÊ ERA RICA, MAS NÃO… Isso!

— É só uma sala, Rafael — eu o teria beijado, mas meu pai entrou na sala de reuniões e nos interrompeu. Rafael se afastou de mim rapidamente, completamente composto, já eu, tinha certeza que meu rosto estava vermelho. Jon usava gravata, todo formal, e depositou um contrato sobre a mesa diante de mim, sentando-se parcialmente sobre a mesa do meu lado.

Abri lentamente o contrato e comecei passar os olhos sobre as palavras. Ele tinha chamado Rafael e eu ali, na sede da empresa em Nova York, dizendo

que *precisávamos conversar*, mas sem me dizer o quê. Como na segunda, em dois dias, era o dia da independência, Rafael e eu pegáramos o voo e fomos até lá.

Harriet ainda estava morando com Joseph, em nossa antiga casa em Langley, onde eu ia uma vez por semana, mesmo que meio que contra a vontade ele. Joseph sabia que eu não podia ficar completamente longe dela. Umedeci os lábios com a língua e passei uma página do contrato em minhas mãos, erguendo os olhos para Rafael por um segundo.

Ao contrário de mim, ele estava muito calmo e parecia saber sobre o que era aquilo tudo. Eu, não. Eu tinha acabado de descobrir. Eu estava oficialmente separada de Joseph, então Rafael e eu nos casaríamos de verdade, simplesmente porque nos amávamos e queríamos ficar juntos. Eu sabia que ainda não estava cem por cento confiante sobre absolutamente tudo, mas aos poucos as coisas pareciam estar no lugar.

Sem inimigos. Sem precisar lutar contra o mal diariamente. Sem ter ninguém nos perseguindo, tentando nos matar. Eu ainda achava que aquilo tudo parecia fantasia, que eu podia acordar a

qualquer momento e perceber que estivera sonhando durante aqueles dois meses.

Mas aquilo não parecia um casamento simples. Nem amor.

— Jon? — joguei os papéis sobre a mesa e olhei para ele — O que diabos é isso?

— Um acordo pré-nupcial, caso não tenha conseguido ler — ele deu um meio sorriso sarcástico e inclinei o rosto, completamente descrente. Em seguida, quando Jon não falou nada, virei-me para Rafael, que estava sentado na cadeira ao lado.

— Você deveria ler tudo — ele leu meu olhar sem a menor dificuldade — Sim, eu li. Jon me mandou por e-mail no início da semana.

— Acho que foi *por isso* — girei a cadeira de modo que meu olhar encontrasse o de Jon — que não te convidei para o meu casamento. Talvez não devesse ter contado sobre esse também.

— Seu pai está certo. Leia o contrato e me diga se tem algo com que não concorda — alternei o olhar entre os dois. Eles se comunicavam de um modo estranho com o olhar, me dando a impressão que eu era uma minoria que fora facilmente vencida.

— Querida, Friedrich deixou tudo no seu nome

quando morreu, você sabe disso. Eu só estou aqui como um mero… Administrador. É muito dinheiro…

— Eu posso ver isso depois? — eu não estava disposta a pensar em contratos naquele momento, talvez menos ainda em casamento, mas se tinha que dar o braço a torcer em algum ponto, concordei com os dois que leria tudo depois e levei aquela cópia comigo.

— Será um feriado incrível — Rafael falava enquanto dirigia o conversível da direção de uma praia nos Hamptons. Não era o meu lugar favorito no mundo, ainda mais naquele feriado em específico, mas meu pai concordou em nos ceder sua bela casa de verão para passarmos o fim de semana.

— Eu sou inglesa, não vou comemorar a independência americana — falei sorrindo. Eu não tinha problemas com a independência americana, só não conseguia entender a importância que eles davam àquele dia e aquele patriotismo todo. Para mim, que crescera entre três países e passara boa parte da vida adulta entre mais alguns, era só um dia qualquer. Uma boa desculpa para beber

champanhe e hastear a bandeira, cantar o hino e fazer uma festa.

— Vai ser legal, você vai ver — foi tudo o que ele disse, sem tirar os olhos da estrada.

Sim, seria legal porque estaríamos em uma praia particular em Southampton o fim de semana inteiro, praticamente isolados. Parecia um sonho. Enquanto ele dirigia, acabamos caindo em um estranho silêncio e voltei a pensar no que acontecera. Repassei mentalmente tudo o que tinha acontecido desde que eu encontrara Cedrico, em Langley. Em como tudo dera errado e certo ao mesmo tempo, no que tínhamos perdido e ganhado ao longo do caminho, nas pessoas que tínhamos perdidos.

Cedrico tinha voltado da Síria e estava em casa, em Seattle, para o meu alívio. Eu queria dizer a ele para parar de arriscar sua vida naquele tipo de lugar onde não se tinha o mínimo de segurança, mas sabia que, mesmo se dissesse, não faria nenhuma diferença, porque ele precisava daquilo, precisava de alguma ação em sua vida; precisava continuar ajudando as pessoas.

Eu também sabia que Renée trabalhava com ele e, mesmo não gostando dela, pedi a ela que ficasse de

olho em Cedrico. Ela dissera que Cedrico não era uma criança para precisar de supervisão, mas eu sabia que ela também se importava com ele.

Harriet estava aceitando aos poucos a ideia de eu viver com Rafael e juntando tudo isso, eu não podia querer mais nada da vida. Estava tudo muito perfeito, mesmo que eu não soubesse se *queria* voltar para a CIA. Daquela vez, tive a convicção e a crença de que as coisas se ajeitariam.

Tudo ficaria bem.

PERIGOSAS

Mantenha contato com a autora através de suas redes sociais:


anneholtmuller9.webnode.com


instagram.com/ahmullerfc


facebook.com/anneholtmuller

amazon.com/author/anneholtmuller


skoob.com.br/autor/7924


goodreads.com/author/show/15449960.Anne_Holt_

Se gostou do livro, não esqueça de deixar sua avaliação ♥

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Se quiser receber informações e novidades por e-mail, basta assinar a newsletter acessando o site ou enviando um e-mail para anneholtmuller@gmail.com, até mesmo com suas dúvidas e impressões.

Mande um print com a sua avaliação da Amazon pelo instagram acima e receba um marcador fofo da saga VERFLUCHT.

Boa leitura!

---

[1] Referência ao trecho da canção “Delilah”, Florence + The Machine.

[2] Referência ao trecho da canção “Long & Lost”, Florence + The Machine.

[3] Referência ao episódio oito da oitava temporada de “The Vampire Diaries” (Diários De Um Vampiro).

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[4] Referência ao trecho da canção “Same Mistake”, James Blunt. Primeiro de um capítulo dividido em três partes.

[5] Referência ao trecho da canção “Same Mistake”, James Blunt. Segundo de um capítulo dividido em três partes.

[6] Referência ao trecho da canção “Same Mistake”, James Blunt. Terceiro de um capítulo dividido em três partes.

[7] Referência ao trecho da música “Strange Birds”, Birdy.

[8] Referência ao trecho da música “Strange Birds”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.

[9] Referência ao trecho da música “Memorials”, Laurel.

[10] Referência ao trecho da música “Life Worth Living”, Laurel.

[11] Referência ao trecho da música “Skinny Love”, Birdy.

[12] Referência ao trecho da canção “Delilah”, Florence + The Machine. Continuação da primeira parte.

[13] Referência à canção “I’m Not Calling You a Liar”, Florence + The Machine. Primeiro de um capítulo dividido em quatro partes.

[14] Referência ao trecho da canção “I’m Not Calling You a Liar”, Florence + The Machine. Segundo de um capítulo dividido em quatro partes.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[15] Referência ao trecho da canção “I’m Not Calling You a Liar”, Florence + The Machine. Terceiro de um capítulo dividido em quatro partes.

[16] Referência ao trecho da canção “I’m Not Calling You a Liar”, Florence + The Machine. Último de um capítulo dividido em quatro partes.

[17] Referência ao trecho da canção “I’m Not Calling You a Liar”, Florence + The Machine.

[18] Referência ao trecho da canção “See You Again”, Carrie Underwood.

[19] Referência ao trecho da canção “See You Again”, Carrie Underwood. Continuação do capítulo anterior.

[20] Referência ao décimo sétimo episódio da sétima temporada da série de TV “The Vampire Diaries” (Diários De Um Vampiro)

[21] Referência ao quinto episódio da oitava temporada da série de TV “The Vampire Diaries” (Diários De Um Vampiro)

[22] Referência à série de TV “Rescue Me”, 2007.

[23] Referência ao trecho da música “Break On Through (To The Other Side)”, The Doors.

[24] Referência ao álbum “Live Throught This”, Hole.

[25] Referência ao trecho da canção “Beautiful Lies”, Birdy.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[26] Referência ao trecho da canção “Beautiful Lies”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.

[27] Referência ao trecho da canção “Silhouette”, Birdy.

[28] Referência ao trecho da canção “Silhouette”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.

[29] Referência ao trecho da canção “Silhouette”, Birdy.

[30] Referência ao trecho da canção “Wings”, Birdy.

[31] Referência ao trecho da canção “Wings”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.

[32] Referência ao trecho da canção “Find Me”, Birdy. Primeiro de um capítulo dividido em quatro partes.

[33] Referência ao trecho da canção “Find Me”, Birdy. Segundo de um capítulo dividido em quatro partes.

[34] Referência ao trecho da canção “Find Me”, Birdy. Terceiro de um capítulo dividido em quatro partes.

[35] Referência ao trecho da canção “Find Me”, Birdy. Último de um capítulo dividido em quatro partes.

[36] Referência ao trecho da música “Break On Through (To The Other Side)”, The Doors. Continuação da terceira parte.

[37] Referência ao trecho da canção “Skinny Love”, Bon Iver.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[38] Referência ao trecho da canção “Skinny Love”, Bon Iver. Continuação do capítulo anterior.

[39] Referência ao trecho da canção “Skinny Love”, Bon Iver. Primeiro de um capítulo dividido em quatro partes

[40] Referência ao trecho da canção “Skinny Love”, Bon Iver. Segundo de um capítulo dividido em quatro partes

[41] Referência ao trecho da canção “Skinny Love”, Bon Iver. Terceiro de um capítulo dividido em quatro partes

[42] Referência ao trecho da canção “Skinny Love”, Bon Iver. Último de um capítulo dividido em quatro partes

[43] Referência ao trecho da canção “Skinny Love”, Bon Iver.

[44] Referência ao trecho da canção “Wild Horses”, Birdy.

[45] Referência ao trecho da canção “Wild Horses”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.

[46] Referência ao trecho da canção “Words”, Birdy.

[47] Referência ao trecho da canção “Words”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.

[48] Referência ao trecho da canção “Let Me Love You”, DJ Snake e Justin Bieber.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON